**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**
**MARIA AURA MARQUES AIDAR**

# Os Confins de Mário Palmério: História e Literatura Regional.

**UBERLÂNDIA**
**2008**

# Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

**MARIA AURA MARQUES AIDAR**

# Os Confins de Mário Palmério: História e Literatura Regional.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social - linha de pesquisa História e Cultura.

Sob orientação da Prof.ª **Drª Maria Clara Tomaz Machado.**

**UBERLÂNDIA**
**2008**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

A288c Aidar, Maria Aura Marques, 1956-
Os Confins de Mário Palmério : história e literatura regional /
Maria Aura Marques Aidar. – 2008.
218 f. : il.

Orientadora : Maria Clara Tomaz Machado.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlând

Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia.

1. História e literatura - Teses. 2. Palmério, Mário, 1916- Vila dos Confins - Crítica e interpretação - Teses. I. Machado Maria Clara Tomaz. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:82

---

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação
mg- 07/08

MARIA AURA MARQUES AIDAR

# OS CONFINS DE MÁRIO PALMÉRIO: HISTÓRIA E LITERATURA REGIONAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social - linha de pesquisa História e Cultura.

Sob orientação da Prof.ª **Drª Maria Clara Tomaz Machado.**

Uberlândia, 20 de agosto de 2008.

BANCA EXAMINADORA

_____

Professora Dra. Maria Clara Tomaz Machado
INHIS/ Universidade Federal de Uberlândia

_____

Professora Dra. Luciene Lehmkuhl
INHIS/ Universidade Federal de Uberlândia

_____

Professor Dr. Valdeci Rezende Borges
ICHL/ Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha pesquisa muitas pessoas me ajudaram e agradeço a todas elas do fundo do meu coração, no entanto algumas são especiais.

Agradeço:

À meus pais e meus irmãos que sempre acreditaram em mim, me ensinaram a ler e amar os livros.

À minha orientadora Professora Dra. Maria Clara Tomaz Machado, pela acolhida, pela bondade, disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos e, sobretudo por ter confiado em meu trabalho.

Aos amigos e companheiros, Eliane Mendonça Marquez de Rezende, Sandra Mara Dantas, Ana Cristina Borges, André Azevedo Fonseca, pelos conhecimentos compartilhados, pelos livros emprestados, pela ajuda com as imagens e pelo apoio emocional.

Às Professoras Doutoras Vera Lúcia Puga e Luciene Lehmkuhl pelas orientações na Banca de Qualificação.

À Universidade de Uberaba por ter disponibilizado o acervo documental do professor Mário Palmério e a Cristiane Ferreira de Moura, Coordenadora do Centro de Documentação e Informação Mário Palmério pela ajuda na localização dos documentos.

Às minhas filhas Marcela e Adriana, queridas companheiras, orgulhosas de sua mãe, agradeço o apoio, a torcida a cada etapa vencida, o colo todas as vezes que eu achava que não ia conseguir. A Adriana, minha ajudante, em especial agradeço pela companhia e ajuda nas pesquisas, nos dias de prova e por ter sido minha procuradora nos Departamentos burocráticos da Universidade. Sem vocês tudo teria sido mais difícil.

E enfim ao meu querido marido, companheiro de tantos anos, pelos livros que me deu de presente nos dias de natal, aniversário, dia das mães, dos namorados... Pela paciência com a quantidade de papel pela casa, pela ajuda com a revisão de textos, por todas as palavras de incentivo. Seu apoio foi fundamental.

OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

Esta dissertação enfoca História e Literatura regionais, utilizando para isso o livro *Vila dos Confins,* de Mário Palmério, editado pela Livraria José Olympio Editora, no ano de 1956. Buscou-se entender as condições em que foi escrito, o contexto histórico em que se inseria, qual foi a recepção ao livro de um deputado que tratava de política de forma ficcional. A matéria que Palmério mostrava em sua narrativa era historicamente formada e registrou de algum modo o tecido social de sua existência. O processo literário de *Vila dos Confins* foi abordado em dois momentos, o da escrita e o da leitura. O primeiro em relação ao momento da criação, que recebeu influências do contexto da época e da sociedade em que vivia Mário Palmério; o segundo em relação à recepção e à vitalidade da obra, o processo de leitura e interpretação de seus leitores e críticos. Nessa análise são pesquisados os Confins e suas raízes, situando a obra e pesquisando o regionalismo como movimento literário. *Vila dos Confins* apresenta fraudes e falcatruas políticas ocorridas em uma eleição para prefeito num lugarejo perdido no sertão de Minas Gerais. Palmério escreveu um livro de seu tempo, considerado por alguns críticos literários como um livro testemunho. Coerente com seu lugar social expôs, em forma de ficção, a política como os brasileiros conheciam. Escancarou a beleza da vida simples do interior para um Brasil que se achava em desenvolvimento, mas que possuía suas raízes e memória no campo. No entanto, apesar de a política ter sido tratada com verossimilhança, não houve envolvimento, não foi apresentada ideologia. Os leitores e críticos literários deram o sentido, conferiram ao livro a legibilidade reconhecida em si mesmos, atribuíram significados ao sistema de signos depois de decifrá-los. Leram o Brasil à sua volta e vislumbraram o que eram e onde estavam. Verificou-se a recepção no sentido do que ela provocou e desencadeou no receptor, por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade de reações por ela provocadas. O ano de lançamento do livro foi o ano da profissionalização da crítica literária em jornais e revistas e isso ajudou na grande vendagem do livro. A presença das análises críticas nos jornais, o advento dos suplementos literários foi altamente benéfico para a literatura como um todo nesse final de década.

ABSTRACT

This dissertation focuses on regional history and literature, using for this the book *Vila dos Confins*, Mario Palmério, published by Editora Bookstore Jose Olympio, in the year 1956. The aim was to understand the conditions under which it was written, the historical context in which they formed, what was the reception to the book of a politician who treated politics as fiction. The issue that Palmério showed in his narrative was historically formed and registered somehow the social context of its own existence. The literary process of *Vila dos Confins* was approached by two moments, the writing and the reading. The first one about the relation to the moment of creation, that received influences of the time and society context where Mário Palmério lived; and the second for the receipt and the vitality of the work, the process of reading and interpretation of its readers and critics. In this analysis will find the Confins and its roots, putting the work and researching regionalism as literary movement. *Vila dos Confins* politicians stratagems and presents frauds occurred in an election for mayor in a small town of Minas Gerais. Palmério wrote a book of his era, considered by some literary critics as a testimonial. Consistent with its social place explained, in the form of fiction, the politics as the Brazilians knew. He brought to the surface the simple life inside of Brazil that found itself in development, but still had its roots and memory. However, although the politics has been dealt with similarity, there was no involvement, was not given ideology. The readers and literary critics gave meaning, they confer on book the readability recognized in themselves and After decipher them, they attributed meaning to the system of signs. They looked to Brazil around them and thought about what they were and where they were. a reception was verified in the sense that it caused and triggered in the receiver, through the text, from simple understanding to the diversity of reactions provoked by it. The year to launch the book was the year of the professionalization of literary criticism in newspapers and magazines and this helped in the large selling of the book. The presence of critical analyses in newspapers and the appearence of literary supplements was highly beneficial to the literature as a whole in the end of this decade.

Lista de Ilustrações:

Fig.1 – BORGES, Ana Cristina. *Mapa do Brasil* com destaque para o Triângulo Mineiro. Desenho sobre papel. 2008, p.20.

Fig.2 - José Olympio e Mário Palmério. Fotografia, p&b, sem data. Acervo pessoal de Mário Palmério. Memorial Mário Palmério – UNIUBE, p.29.

Fig.3 – Logomarca da Livraria José Olympio Editora In: *Vila dos Confins*. 7ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, lombada. (Ilustração para a 1ª edição - 1956), p.30

Fig.4 – Capa e Contra Capa da sétima edição de *Vila dos Confins* – Livraria Editora José Olympio: 1963 . Desenho de Poty Lazarotto (reprodução da ilustração para a 1ª edição – 1956), p. 32

Fig.5 – Retrato de Mário Palmério. Desenho de Luis Jardim a bico de pena sobre papel, p&b, 11x 10 cm. 7 ed. *Vila dos Confins*, 1963, p. 32

Fig.6 – Capa e Contra capa de *Vila dos Confins* 22ªedição 1984. Desenho de Poty Lazarotto, ilustração para a 1ª edição, p. 33

Fig.7 – Fotografia de Mário Palmério, sem data, sem autoria, publicada na 22ª edição de *Vila dos Confins*. 1984, p. 33

Fig.8 – LAU, Percy. Desenhos a bico de pena sobre papel, p&b, publicados no Livro *Tipos e Aspectos do Brasil, p.35*

Fig.9 – Capa e contra capa de *Vila dos Confins*, 2003. Desenhos de Poty Lazarotto para a 1ª edição de 1956, p. 35

Fig. 10 – LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.3. (Ilustração para a 1ª edição.), p.51

Fig.11 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.9. (Ilustração para a 1ª edição.), p.52

Fig.12 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.15. (Ilustração para a 1ª edição.), p.53

Fig.13 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.28 (Ilustração para a 1ª edição.), p.54

Fig.14 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.245. (Ilustração para a 1ª edição.), p.56

Fig.15 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.51 (Ilustração para a 1ª edição.), p.58

Fig.16 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.61 (Ilustração para a 1ª edição.), p.60

Fig.17 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p. 116 (Ilustração para a 1ª edição.), p.61

Fig.18 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.103 (Ilustração para a 1ª edição.), p.63

Fig.19 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.136 (Ilustração para a 1ª edição.), p.64

Fig.20 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.93 (Ilustração para a 1ª edição.), p.67

Fig.21 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.97 (Ilustração para a 1ª edição.), p.70

Fig.22 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.235 (Ilustração para a 1ª edição.), p. 75

Fig.23 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.160 (Ilustração para a 1ª edição.), p.78

Fig.24 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.163 (Ilustração para a 1ª edição.), p. 79

Fig.25 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.170 (Ilustração para a 1ª edição.), p.80

Fig. 26 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.174(Ilustração para a 1ª edição.), p.82

Fig.27 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b,

6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.184 (Ilustração para a 1ª edição.), p.83

Fig.28 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.179(Ilustração para a 1ª edição.), p.84

Fig.29 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.196 (Ilustração para a 1ª edição.), p.85

Fig.30 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.213 (Ilustração para a 1ª edição.), p.86

Fig.31 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.224 (Ilustração para a 1ª edição.), p.92

Fig.32 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.22 (Ilustração para a 1ª edição.), p.95

Fig.33 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.40 (Ilustração para a 1ª edição.), p.96

Fig.34 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.279(Ilustração para a 1ª edição.), p.97

Fig.35 - LAU, Percy. Sem título. 1956. Desenho a bico de pena sobre papel, p&b, 6 x 10 cm. In: *Vila dos Confins* . 7ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora 1963, p.275 (Ilustração para a 1ª edição.), p.97

Fig.36 – Fotografia de Getúlio Vargas e Mário Palmério, p&b, sem data e sem autoria. Acervo de Mário Palmério – Memorial Mário Palmério.

Fig.37 – Folheto de propaganda política – Campanha de Mário Palmério para deputado federal pelo PTB (1950), p.104

Fig.38 - Folheto de propaganda política – Campanha de Mário Palmério para deputado federal pelo PTB (1950), p.105

Fig.39 - Folheto de propaganda política – Campanha de Mário Palmério para deputado federal pelo PTB (1950), p.105

Fig.40 – Folheto de propaganda política – Campanha de Mário Palmério para deputado federal pelo PTB (1950), p. 106

Fig.41 – Folheto de propaganda política – Campanha de Mário Palmério para deputado federal pelo PTB (1950), p. 107

Fig.42 – Fotografia de Getúlio Vargas e Mário Palmério – (1950), sem autoria, p. 107.

Fig.43 – Propaganda do Livro *Vila dos Confins* estampada no Jornal Correio da Manhã de 08. dez.1956

Fig.44 – Capa do Livro *Vila dos Confins* editado pela EDIOURO, sem créditos para o desenho, 1994. p.137

Fig.45 – Capa do livro *Vila dos Confins*. Coleção Grandes Sucessos – Editora Abril, 1983, p. 145.

Fig.46 – Capa do livro *Vila dos Confins* editado em coedição da Livraria José Olympio Editora, Editora Civilização Brasileira e Editora Três – Coleção Literatura Brasileira Contemporânea (1972 – 1976), p.145.

Fig.47 – Fotografia de Mário Palmério – Posse na Academia Brasileira de Letras – 1968, sem autoria, p.153.

Fig.48 – Capa da Revista Convergência da Academia de Letras do Triângulo Mineiro – Ano II nº 2, 1972, p. 159.

# SUMÁRIO

**Introdução**.....14

**Capítulo 1**: Os confins e suas raízes: regionalismo e literatura

1.1 - A obra – situando os confins: .....22

1.2 - Submetendo os Confins às teses sobre regionalismo: é possível confirmá-lo? .....46

1.3 - A trama e seus personagens: romance ou relatório? .....57

**Capítulo 2**: Os caminhos da política no sertão: os confins no Brasil ou o Brasil nos confins?

2.1 - Fazendo política na Vila dos Confins.....80

2.2 - No limiar das eleições.....93

2.3 - O político do sertão, nos confins.....107

2.4 - A Legislação eleitoral – os confins no Brasil.....120

**Capítulo 3:** Os confins, a crítica literária e a recepção: caminhos entrecruzados

3.1 - O Brasil dos Confins sob a mira da crítica.....128

3.2 - A recepção de norte a sul: elogios e críticas aos confins.....143

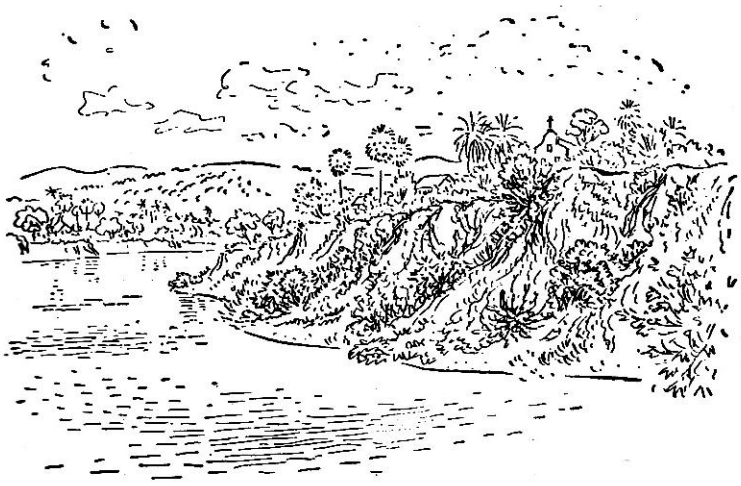
3.3 - Os confins de Palmério substituem os sertões e veredas de Rosa na Academia: mera coincidência?.....158

**Considerações Finais**.....169

**Referências**.....172

**Anexos**.....186

# VILA DOS CONFINS



# INTRODUÇÃO

Verdade Dividida
(Carlos Drummond de Andrade)

A porta da verdade estava aberta
Mas só deixava passar
Meia pessoa de cada vez
Assim não era possível atingir toda a verdade,
Porque a meia pessoa que entrava
Só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua metade
Voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
Onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

História e Literatura se identificam na questão narrativa, e muito se tem falado sobre a proximidade dos discursos de ambas, de tal forma que a comparação entre o historiador e o romancista tem sido freqüente. Em meados do século XX, os historiadores ainda consideravam a História como produto de um saber controlado, que se apoiava em técnicas investigativas, estatísticas e conceitos teóricos. Consideravam a narrativa histórica como instrumento da ficção e do imaginário. White, Ricoeur e Veyne, dentre outros[1] demonstraram que mesmo utilizando os métodos da literatura para sua escrita, o discurso do historiador é uma narrativa especial e exclusiva, pela forma de selecionar os temas, os eventos, os fatos: explicar o acontecido. História e romance selecionam, simplificam e se organizam de forma que o produto textual apresente a síntese pretendida. A história seria extraída da trama humana, da mistura de causas materiais, de achados que o historiador seleciona e que por sua vez também são perpassados por outros acontecimentos formando vários itinerários possíveis, por onde o historiador poderá percorrer. A narrativa histórica seria realizada mediante a inclusão e exclusão de acontecimentos, realçando alguns e minimizando outros. O historiador então define o recorte de seu trabalho, baseado em eventos acontecidos que estariam a sua disposição para ser narrados. Já o ficcionista inventaria sua história, podendo até se basear em fatos históricos, porém, livre para recriá-los, complementá-los como lhe

[1] Cf. Roger Chartier; Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Ligia Chiappini; Sandra Pesavento; Márcia Naxara, Carlos Vinicius Mendonça, Gabriela Santos Alves, Maria Tereza Freitas.

aprouvesse. No entanto, há no historiador, diferentemente do literato, uma necessidade de conseguir aproximar-se o mais perto possível do passado, de modo que seu discurso represente os acontecimentos da forma mais coerente com o real vivido, visto que só tem acesso a ele por intermédio de palavras, imagens, evidências. De acordo com Chartier, mesmo que escreva de uma "forma literária, o historiador não faz literatura",[2] isto pelo fato de sua dependência em relação ao arquivo, aos vestígios do passado do qual ele é refém.

Assim, a história, quando trabalhava somente com documentos oficiais não necessitava de outras áreas do saber, apenas as que lhe eram auxiliares, mas a partir do momento em que busca novos objetos, adentra em outras áreas do conhecimento em busca do verossímil. Por isso, e em virtude de que as fontes são representações do passado e não o próprio passado, a literatura se apresenta como uma fonte interessante para o historiador, na medida que, pelo enredo que traça e por uma especificidade sua em lidar com o imaginário social, permite entrever para além do seu processo criativo, uma linguagem que é capaz de redimensionar as experiências humanas.[3]

De acordo com Chiappini[4], na atualidade, os historiadores reconhecem que fato puro não existe na historiografia, porém seria ofensivo dizer que nos recortes que faz, nas escolhas, nas composições narrativas existe algo que não foi provado com base na investigação historiográfica.

Existem hoje diversos historiadores que utilizam a literatura como fonte de pesquisa[5]. Todavia, como nos indicam Chalhoub e Pereira,[6] é preciso historicizar a obra literária, investigar suas redes de interlocução verificando a forma como representa sua relação com a realidade social. Assim, ao buscar a historicidade de *Vila dos Confins*[7] de Mário Palmério, propus-me a analisar tal livro, observando no texto aspectos representativos da sociedade interiorana naquilo que é específico e entendido como regional. Para além disso, interessava-me perceber a relação entre essa obra e o seu público, seu destino, sua aceitação e a ação recíproca entre ambos. Nesse sentido, estão

---

[2] CHARTIER, Roger. História hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 7, n.13, 1994. p. 97 – 113.
[3] PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. COSTA, Cléria Botelho.
[4]CHIAPPINI, Ligia. *Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades*. **Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História,** realizado em Florianópolis (SC) em julho de 1999, p. 805 a 817.
[5] Cf. Ligia Chiappini, John Gledson, Valdeci Rezende Borges, Nicolau Sevcenko, entre outros.
[6] CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A.M (org). **A História contada – Capítulos de História Social da Literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998, p. 7
[7] PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

contempladas a produção e recepção da obra em si, tanto quanto a trajetória pessoal do autor como elemento para compor essa investigação. Investiguei o regionalismo como movimento literário, privilegiando obra e autor em seu contexto, mais do que o estudo dos aspectos formais do texto literário. Interessou-me ainda perceber como Palmério, um político, representava para si a relação entre o que dizia na ficção e as experiências que viveu em suas andanças fazendo política: o que testemunhava era intencional ou não? Quais teriam sido as interpretações ou análises provocadas pela leitura do livro, qual era a lógica social do texto? Morar em Uberaba e ter feito Graduação em História, na Universidade fundada por Mário Palmério, propiciou-me o interesse por seus livros e pelo que eles relatavam.

A narrativa literária, a ficção, o romance permitem ao autor da obra uma liberdade criativa que não é permitida ao historiador e à sua narrativa de representação do passado "real". Apesar de toda obra literária ser calcada na visão de mundo do escritor, encontramos, muitas vezes, obras em que realidade e ficção estão imbricadas de tal forma, que se torna difícil ao leitor distinguir as duas situações. O livro *Vila dos Confins* é considerado pelos críticos, leitores e historiadores[8] como testemunho histórico. A obra contém registros, que foram considerados históricos, sobre política e cultura do Brasil da época. A representação que Mário Palmério construiu sobre a política e o interior do Brasil corresponde à memória coletiva de seus leitores sobre o que consideram a realidade que foi apropriada e recriada enquanto literatura. Haja vista recente publicação no jornal Estado de Minas:

> (...) Dos sertões de Minas Gerais nasceu o livro que se tornou marco do romance político brasileiro. Lançado em 1956 a obra continua atual (...) Wilson Martins classificou a obra como um retrato do Brasil (...) o país é aquilo, e ainda será por muito tempo, acrescentou. As palavras de Wilson Martins permanecem atuais se for levado em conta que a política brasileira, 52 anos depois do lançamento do livro de Palmério, ainda se mantém por meio do clientelismo, troca de favores, miudezas e baixarias eleitorais[9].

---

[8] Ver SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: **de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964**). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 402. e ALENCAR, Chico. **História da Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1996, p. 258

[9] Ver jornal Estado de Minas (sábado 01 mar.2008). **Clássicos para todos – Vila dos Confins de Mário Palmério – retrato do Brasil.** Matéria assinada por Carlos Herculano Lopes.

Percebe-se que os leitores reconhecem a realidade na ficção, diferentemente do reverenciado e festejado *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, que foi lançado no mesmo ano de *Vila dos Confins* e continua sendo exaltado pela crítica, justamente pelo que tem de mágico, de ficção, de criação lingüística.

Talvez, Palmério tenha utilizado a ficção para revelar, informar sobre as falcatruas políticas de seu tempo; lugar insólito, diga-se de passagem, para tratar de tal assunto. Porém, seus leitores reconheceram no livro a realidade vivida por eles, seja na vida do interior, na sua cultura, ou mesmo na política, que de forma escancarada, confundia o público com o privado, privilegiando as elites no poder. A ficção entretém, mas também pode ser vista como uma forma de contar um acontecido como se fosse verdadeiro, ou, como muitos consideraram, "pura realidade". As análises literárias apresentavam algumas vezes dúvidas a respeito de que se em *Vila dos Confins* tudo seria verídico ou tudo seria ficção.

Ao utilizar a trama de *Vila dos Confins,* pretendi realizar, como diz Edgard de Decca, "leituras de fronteira, onde o literário dá lugar ao histórico com seus componentes narrativos".[10] Para isso, recorri à teoria da literatura, à legislação política e à cultura popular, cruzando algumas fronteiras que apresentam a Literatura como organizadora de temas ficcionais e a História como organizadora de representações do real. *Vila dos Confins* foi divulgado como um livro que teria se originado de um relatório sobre as questões da fraude eleitoral ocorridas na política do interior brasileiro. O autor daria o aval necessário para a trama, uma vez que ao escrever e lançar o livro era deputado federal, portanto conhecedor do que relatava. Os fatos narrados seriam verossímeis, comprovados pelas discussões que aconteciam sobre o tema no Congresso Nacional, desde a década de 1930, e presentes na memória coletiva brasileira. Nas análises da crítica especializada e entrevistas concedidas pelo autor, após o lançamento do livro, as descrições da geografia do interior, os usos e costumes e as personagens que representavam o homem do interior tiveram um estatuto de verdade, pois o autor, dispondo de suas anotações, apontamentos e vivências foi testemunha de situações muito próximas ao que ele havia ficcionado. Os fatos narrados em ficção poderiam ser e eram, em alguns casos, vivenciados pelo público leitor. Regina Zilberman nos aponta que:

---

[10] DECCA, Edgard de; LEMAIRE, Ria (org) **Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura.** Campinas, Porto Alegre: Ed. Da UNICAMP, Ed. Da Universidade UFRGS, 2000, contra-capa.

> A história é uma narrativa com fundo, o espelho em que verifica a sua existência, a refletir a própria imagem como verdade. À ficção é recusado esse fundo, o espelho que ela reflete é a vida que se desenrola fora dela, a sociedade a que pertencemos ou o indivíduo que somos e que reencontramos na ficção, mas que, ali, tem uma existência puramente imaginária. Filha de Mnemósine, a memória, Clio, a musa da história, tece os fios da narrativa que impede o esquecimento. Sua tela, contudo é o documento, marca de um pedaço de tempo transportado do passado para o presente[11].

Apesar de testemunha, Palmério optou pela narrativa literária ficcional. Foi um narrador onisciente neutro, inseriu capítulos com relatos sobre a vida no sertão, apresentando as peculiaridades locais. Ignorou a formação tradicional do romance que apresenta as características psicológicas das personagens. Não mostrou personagens complexos, apresentou, ao contrário, figuras simples, que boa parte da população urbana, recém imigrada do campo conhecia bem. A natureza, a fauna e a flora descritas despertavam a memória afetiva de muitos brasileiros. As questões políticas levantadas faziam parte de um cotidiano que o Brasil do período desenvolvimentista e que se queria moderno, precisava superar. As memórias de Mário Palmério trouxeram à luz acontecimentos que, segundo ele, foram vividos, mas não necessariamente como foram relatados em seu livro. *Vila dos Confins* foi um lugar de memória, teve um caráter de denúncia. Foi consenso entre a crítica, e acredito também entre o público leitor, que a narrativa de Palmério estaria muito próxima do real, visto ser possível identificar no Brasil contemporâneo situações políticas como as apresentadas no livro. *Vila dos Confins* não relata situações que seu autor teria vivenciado como observador, mas como ator. Todavia, como nos ensina Ligia Chiappini:

> (...) Os ficcionistas não precisam de álibi. E quem trabalha com textos literários tampouco. Podemos valorizar um texto por ser este pleno de possibilidades de sentido, porque reinventa a língua a cada linha, porque nos arrepia com seu ritmo ou nos comove com seu *pathos,* mesmo que contrarie as verdades investigadas pelo historiador. Por isso não cabe dizer que um ficcionista finge ou mente, embora caiba perguntar, sim, que verdade ele nos traz pelas suas meias verdades.[12]

---

[11] ZILBERMAN, Regina. O diabo e a terra de Santa Cruz; ou: quando a história se faz na voz de seus agentes. DECCA, Edgard de LEMAIRE, Ria (org) **Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura.** Campinas, Porto Alegre: Ed. Da UNICAMP, Ed. Da Universidade UFRGS, 2000, p. 122

[12] CHIAPPINI, Ligia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades hoje:perplexidades. **Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, realizado em Florianópolis (SC), em julho de 1999,** p.805.

Acredito que a trama do livro, assim como de toda obra literária, é evidência histórica situada no processo histórico, desse modo, me propus a utilizar *Vila dos Confins* como estimulador do diálogo entre Literatura e História.

Este trabalho foi construído principalmente com base nas críticas literárias – que não foram poucas – encontradas nos recortes de jornais colecionados por Mário Palmério e que se encontram no Memorial, em sua homenagem, na Universidade de Uberaba e em jornais da cidade e região pesquisados no Arquivo Público Municipal. Utilizei, também, Atas de reuniões, em que Mário Palmério compareceu durante seus três mandatos na Câmara Legislativa Federal; Diários do Congresso Nacional; Legislação Eleitoral; Constituições Federais; documentos referentes ao Movimento de Emancipação do Triângulo Mineiro; Jornais da cidade de Sacramento. Foram também utilizados como fonte de pesquisa o livro *Vila dos Confins,* em várias edições - como objeto material - e suas ilustrações, revistas, livros, propagandas políticas, imagens, fotografias da época, dissertações de mestrado, teses de doutorado, sítios na Internet, fitas de vídeo em que Mário Palmério é entrevistado por jornalistas autônomos e de programas de TV, documentos pessoais, dentre outros.

Utilizo, na abertura dos capítulos desta dissertação, reproduções dos desenhos de Percy Lau que aparecem na abertura do livro e ao longo dos capítulos à guisa de ilustração para seus leitores.

No primeiro capítulo, trato dos Confins e suas raízes, o regionalismo e a literatura, situando primeiramente a obra; em seguida, verifico questões sobre o regionalismo como movimento literário. Por fim, analisando se o livro pode ser enquadrado como literatura regionalista, apresento a trama e seus personagens.

O segundo capítulo versa sobre a política abordada no livro, sobre o autor, que era um político, e sobre a legislação eleitoral da época. A literatura se mostra um vasto campo para o trabalho do historiador e minha proposta foi seguir por ele. *Vila dos Confins* apresenta fraudes e falcatruas políticas ocorridas em uma eleição para prefeito num lugarejo perdido no sertão de Minas Gerais. O livro trata, muito de perto, da política praticada no interior brasileiro onde, nas relações entre político e eleitor, as posições de poder se alternam, visto que, apesar de teoricamente deterem o poder, os mandatários dependem do voto da população para se elegerem, e como o voto é secreto... dessa trama se abastece esse capítulo.

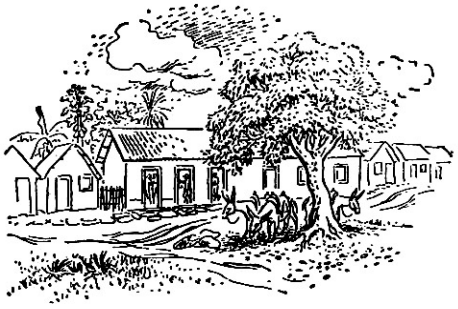
No terceiro capítulo, analiso o processo de recepção da obra, em que a mesma se mostra na multiplicidade de seus aspectos e não somente por sua análise isolada, ou por

sua relação com a realidade. Verifica-se a recepção no sentido do que ela provocou e desencadeou no receptor, por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade de reações por ela provocadas.

Capítulo 1

## Os Confins e suas raízes: regionalismo e literatura

VILA
DOS
CONFINS



## 1 – A obra – situando os Confins

> *À minha despedida, permiti-me manifestar a orgulhosa satisfação de minha cidade, em antes sertaneja como o era a cidadezinha serrana de João Guimarães Rosa: Monte Carmelo, minha terra, que, aqui, veio alinhar-se ao lado de Cordisburgo, ao lado da gaúcha Cachoeira, de João Neves da Fontoura, ao lado também da maranhense Caxias, de Coelho Netto. É o Brasil interiorano - genuíno de nascença e vibração - a ocupar, sem quebra de continuidade, a cadeira de Álvares de Azevedo, tradição que esta Casa houve por bem manter.*
> *São Paulo é quem virá saudar, por procuração desta Academia, o quarto ocupante da cadeira cujo patrono é também um paulista. Nós, os mineiros do Triângulo, gratamente cultivamos as boas relações de vizinhança e convivência com São Paulo, filhos de quem já fomos, no passado. Cândido Mota Filho, amigo muito querido, falar-me-á ao coração de forma especialíssima. Das mãos de Múcio Leão - prestigiosas mãos que tanto me ajudaram a chegar até a esta Casa - receberei o Colar Acadêmico, o que, também, sobremaneira, me comove.*[13]

Essas são palavras do discurso do escritor Mário Palmério quando assumiu, "mineiramente com aquele jeito de contar histórias das gentes das gerais, a cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, sucedendo ao também mineiro Guimarães Rosa"[14].

*Vila dos Confins e Chapadão do Bugre* foram as obras que possibilitaram o ingresso do escritor na Academia Brasileira de Letras. *Vila dos Confins* foi lançado em 1956, ano em que foram colocados no mercado mais três romances de escritores igualmente mineiros: *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, *Montanha* de Ciro dos Anjos e *Encontro Marcado* de Fernando Sabino. Com o primeiro há uma similaridade do cenário do sertão, da fartura de material regional e vocabulário. O segundo trata também de uma eleição mineira. O terceiro apresenta o encontro, pelas ruas de Belo Horizonte, de jovens da década de 1940. Romances de costumes. Lançamentos de "peso", fortes concorrentes para o público que o romance de Palmério alcançaria. O que se vê de diferente entre os romances, *Grande Sertão, Montanha e Vila dos Confins*, é que no de Guimarães o que atrai é o mágico, o religioso, o folclórico; o de Palmério traz práticas culturais cotidianas, jogos explícitos do poder - o sertão virou corrutela do interior. Em *Vila dos Confins,* a eleição tem importância primordial e vem entremeada de "causos" e interferências de outros personagens que dão leveza ao texto, não se fixando somente na fraude eleitoral.

---

[13] Parte final do discurso pronunciado por Mário Palmério, no dia da posse na Academia Brasileira de Letras, 21 nov.1968.

[14] **Mineirão Mário Palmério tomou posse na Academia**. *O Jornal*, Rio de Janeiro 23 nov.1968, recorte sem indicação de autoria, página ou caderno, acervo Memorial Mário Palmério – Universidade de Uberaba.

Em *Montanha,* as intrigas são de gabinete, a eleição e a caricatura política são essenciais. O livro de Mário Palmério foi lançado depois de *Grande Sertão Veredas*, o que poderia parecer uma temeridade, pois Guimarães, conhecido por sua competência literária, já havia publicado Sagarana, um excelente livro. No entanto, *Vila dos Confins* foi sucesso de vendas, festejado por críticos de todo o País.Vendeu uma média aproximada de cinco mil exemplares em cada uma de suas edições. Na 16ª, 17ª e 25ª foram mais de 20 mil exemplares em cada uma. Foi publicado ainda pela Editora Três na coleção Literatura Brasileira Contemporânea nos anos 1970 e pela Editora Abril como um dos livros da coleção "Grandes Sucessos", editada nos anos 1980, bem como pela EDIOURO nos anos 1990.

Palmério, que era um triangulino, nunca negou suas origens, mesmo tendo sido um viajante do mundo[15]. Exemplos disso são seus discursos na Academia Brasileira de Letras e discursos proferidos na Câmara dos Deputados. Neles, protagonizou a imagem de quem luta pela melhoria de sua região e pelo reconhecimento do interior do Brasil como gerador de progresso e não somente de atraso.

Do discurso proferido na Câmara dos Deputados, em 29 de junho de 1951, destaco o seguinte:

> (...) Devo declarar que sou triangulino nascido numa das cidades do Triângulo Mineiro, ali vivo, ali exerço minha modesta profissão de mestre escola, ali fiz toda a minha campanha eleitoral e estou inteiramente de acordo com o movimento que se alastra hoje pelo Triângulo, visando sua emancipação territorial. [...] Fiz campanha eleitoral de 13 meses, conheço posso dizer a casa, palmo a palmo, aquela região. Visitei, por diversas vezes, todas as suas cidades, fui a todos os seus lugarejos e pude conviver de perto com seus habitantes. [...] Em nossa região cria-se o zebu, existe uma larga faixa de terras de cultura que podem ser consideradas como as melhores do mundo. Há o potencial hidroelétrico poderosíssimo e suas cidades são progressistas[16].

Rachel de Queiroz, que prefaciou *Vila dos Confins,* diz que quando o telefone tocou em sua casa, estranhou que um deputado que não era de "sua bancada" quisesse falar com ela. Respondeu-lhe que o receberia com muito prazer. A hora era de crise

---

[15] Nasceu em Monte Carmelo, ainda bem criança, sua família mudou-se para Uberaba, de onde saiu para estudar no Rio de Janeiro. Mudou-se para São Paulo para trabalhar e estudar. Voltou a Uberaba, onde fixou residência, e dali viajou para todo país e exterior. Em alguns lugares demorou-se um pouco mais, como no Paraguai, quando foi embaixador, na África em viagem de estudos e na Amazônia, onde permaneceu por vários anos em temporada ecológica.

[16] Diário do Congresso Nacional 29 Jun.1951 – p.4568 – Cópia cedida pela Câmara dos Deputados – CEDI/CELEG/SEDOP, 29 set. 2004.

política, mas não era o deputado que vinha lhe procurar, era o escritor. Trazia debaixo do braço um original datilografado que queria que ela lesse. Palmério, como todo candidato a estreante, apresentou-se tímido, tratou-a como "medalhona", usou as cortesias de estilo, e logo a camaradagem se instalou ao conversarem sobre política. Deixou o livro e partiu. Segundo Queiroz:

> (...) A primeira qualidade que me impressionou no escritor Mário Palmério foi este cheiro de terra, que o seu livro traz, tão autêntico. A gente tem a impressão de que ele nos entrega para ver, na sua integridade primitiva aquele rio, aquela mata, aqueles bichos, aqueles caboclos, aquelas histórias de caçada e pescaria, que parecem história de mentiroso, de tão saborosas. Essa poesia de florestas e rio, tão difíceis de captar, sem cair na ênfase[17].

O termo regional parece encontrar seu antagonismo no que se denomina universal. Para alguns, o regional está contido no universal. Para Almeida, a universalidade da criação artística não se constitui à custa de seu caráter regional: com freqüência, torna-se um desdobramento harmonioso deste. Isso porque, atrás do homem de determinada região, com sua problemática específica, encontra-se uma essência que é comum a todos os homens. Compete ao criador saber revelá-la, não confundindo regionalismo com exotismo pitoresco, este sim grandemente imitado[18].

O regionalismo no Brasil surge no bojo do modernismo e o seu ponto de partida é demarcado no Manifesto Regionalista de 1926, lançado pelo Centro Regionalista do Nordeste, com sede em Recife[19]. Também se considera como precursor desse gênero o romance *A Bagaceira* de José Américo, publicado em 1928, cujo valor se expressa pela temática regional e pelo caráter social, mais do que pela sua estética.

Na conferência "Tendências do romance brasileiro", pronunciada em 1943, José Lins do Rego dá as pistas do que caracterizaria o romance regionalista brasileiro:

> (...) Nós, no Brasil, queremos acima de tudo, nos encontrar com o povo, que andava perdido. E podemos dizer que encontramos esse povo fabuloso, espalhado nos mais distantes recantos de nossa terra. O romance de nossos dias está todo batido nesta massa, está todo composto com a carne e o sangue de nossa gente. (...) o povo

---

[17] Desde a primeira edição até a mais recente, *Vila dos Confins* apresenta o prefácio de Raquel de Queiroz.

[18] ALMEIDA. José Mauricio Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 311.

[19] TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1973.

> é herói de nossos livros. Isto equivale a dizer que temos uma literatura[20].

Entre os escritores referenciados pela crítica literária destacam-se José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, especialmente por suas obras, que tinham como fio condutor a denúncia social – verdadeiro documento da realidade brasileira – em que as relações "eu / mundo" atingiam elevado grau de tensão. A partir de 1945, o regionalismo adquire uma nova dimensão e o seu ápice com Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.[21]

*Vila dos Confins* foi classificado por Alfredo Bosi, junto com outras obras, como "um regionalismo menor[22]", amante do típico, do exótico e vazado numa linguagem, que por seu apego a antigas convenções narrativas, não poderia ser chamada de moderna. Contudo, para esse crítico, no contexto mineiro/goiano pode ser considerado um romance de boa fatura. O regionalismo de Mário Palmério é situado pela crítica literária como um caso de permanência e transformação desse gênero e segundo Bosi contrapondo-se aos elementos tensos e críticos anteriores.

Encontramos no jornal *O Estado de São Paulo*, uma matéria escrita por Wilson Martins[23], na qual o crítico avalia que as diversas análises já publicadas em jornais nacionais que consideraram *Vila dos Confins* um romance do regionalismo mineiro estariam equivocadas, pois, segundo ele, a obra não é romance regionalista e ainda menos regionalismo mineiro. *Vila dos Confins* na análise de Martins é:

> (...) A transcrição universal de uma realidade local – mas, neste Brasil tão cioso de suas diversidades regionais, há uma coisa que é igual em toda parte: a vida política, ou antes, a vida eleitoral, em que a primeira se absorve quase toda. É sob este aspecto que Vila

---

[20] REGO, José Lins do. Tendências do romance brasileiro. **Temas Brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1968.

[21] BOSI, Alfredo.**História Concisa da Literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994, p. 441

[22] BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2003. p. 426 – 428.

[23] Considerado por muitos como o último crítico brasileiro por excelência, derradeiro representante de uma geração de críticos de literatura conhecidos como "militantes", Wilson Martins tem uma trajetória de mais de cinqüenta anos analisando, discutindo, polemizando, exaltando, rebaixando, em suma, criticando. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/osmelhoresautores/biografias/Wilson_Martins.htm> - Acesso em 03.jan.2007.

"Professor em diversas universidades européias e norte-americanas, Wilson Martins, diferente da maioria de seus pares, sempre esteve acima das academias e das questões ideológicas que dominaram este século, e é um dos exemplos mais notáveis daquilo que exemplarmente chamamos de humanista." (Affonso Romano de Sant'Anna, orelha de MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** São Paulo: Ed.Ática, 1996)

> dos Confins extravasa de seus limites municipais e alcança a condição romanesca geral e irreprochável[24].

Se Bosi considerou o livro no contexto de uma safra do regionalismo menor, Martins entendeu que a obra não se define como regionalismo e, ainda menos, regionalismo mineiro. Antonio Houaiss em um artigo intitulado *Sobre a linguagem de Vila dos Confins* analisa que as questões de relevo, fauna, flora e costumes são capazes de identificar essa região do Brasil em cujas fronteiras físicas abriga imigrantes de diversas regiões do interior do país. Tais aspectos, sintetizados no livro, caracterizam-no como literatura regional.

> (...) Estamos entre triangulinos, esses mineiros que são de origem, goianos, de provável cepa paulisto-nordestina, que continuam a receber de algumas décadas a esta parte forte influxo imigrantista de nordestinos e de uns quantos paulistas, não raro alçados a dirigentes – como o Neca Lourenço. Ademais entre eles, uma longa influência mato-grossense, via gadaria do pantanal, vale eventualmente dizer, influência gaúcha e fronteiriça se exerce. É uma extensa área de algumas centenas de milhares de quilômetros quadrados, em que se desenrola o fio da meada dessas vidas transfundidas em Vila dos Confins. [...] Goiano-mineiro-nordestino-paulisto-mato-grossense-gaúcho-bahiano-carioca, é o ambiente verbal de Vila dos Confins brasileiro, pois, com efeito, pouco há de Brasil que não se inclua naquela síntese, por via direta ou por via indireta[25].

---

[24] MARTINS, Wilson.**Um escritor de raça.** Coluna Últimos Livros. *O Estado de São Paulo*, 11 abr. 1957, recorte encontrado no acervo de Mário Palmério em Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba e reproduzido em algumas edições do livro a partir da nona edição.

[25] HOUAISS, Antonio. Sobre a Linguagem de "Vila dos Confins". **Revista do Livro.** Rio de Janeiro: Órgão do Instituto Nacional do Livro (MEC) – n. 9, ano III, mar. 1958, p.121 -153.

Figura 1 - Mapa do Brasil, com destaque para o Triângulo Mineiro.

A introdução do livro apresenta uma descrição da localidade de Vila dos Confins. Geografia mineira e do Triângulo Mineiro que vai do noroeste de Minas a Goiás e Mato Grosso. Na década de 1950, quando foi escrito o livro, o Triângulo ainda não era o plantador de soja e milho que é hoje e nem tampouco a referência nacional em gado Zebu:

> - O Sertão dos Confins é um mundo de chão arenoso e branco, que principia na Serra dos Ferreiros e acaba no Ribeirão das Palmas (...)
> -Terra boa mesmo, coisa escassa: mancha ou outra de massapé roxo (...) e a mataria das vertentes da serra do Fundão. E afora as baixadas de terra preta do pessoal dos Correias (...) o restinho de cultura são apenas as estreitas tiras de capoeirão que beiradeiam as águas.
> - Pouco mato e, por isso mesmo, madeira pouca. Nos confins – claro que à exceção das zonas de cultura de primeira – o pau de lei é vasqueiro.
> - Lavoura, lavoura mesmo, por ora nada: meia quarta de arroz aqui, litrinho ali de feijão comum; milho, cana e mandioca; e lá uma vez na vida, um canteirinho de algodão.
> - Gado há, e bastante. Quase tudo ainda gado de antigamente, o ordinaríssímo pé-duro. Progridem, todavia, algumas zonas, resultado da cruza do zebu. O gir, o nelore e o guzerá melhoram: o pé-duro e o curraleiro viram mestiço, mestiço vira meio-sangue, meio-sangue vai virando aos poucos gadão de muita caixa e peso, zebu inteirado, de cupim, barbela e gavião. É só não desanimar, que o cruzamento compensa[26].

[26] PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2003, p. 21-22.

Há que ressaltar, como nos lembra Amado, que as categorias região, sertão e nação se entrecruzam e não podem ser pensadas apenas da perspectiva espacial, pois se referem também às práticas culturais e ao imaginário constituído em torno de um lugar. Questiona essa historiadora: (...) "o que seria de Minas Gerais, Goiás ou Mato Grosso sem seus sertões? Como pensá-los?" Responde ela:

> (...) "grande parte da denominada literatura regionalista tem o sertão como lócus, ou se refere a ele (...) A literatura brasileira povoou os variados sertões que construía com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente o imaginário brasileiro[27].

Segundo Almeida,[28] o termo região implica uma parte dentro de um todo mais amplo, deste modo, a arte regionalista seria aquela que buscaria enfatizar os elementos diferenciais que caracterizariam uma região em oposição às demais ou à totalidade nacional. Existiria latente no posicionamento regionalista uma consciência orgulhosa dos valores locais e um desejo de vê-los afirmados, reconhecidos, no cenário nacional.
E, como confirmando a idéia de que o particular se encontra no geral:

> (...) - É muita gente vivendo nos Confins. Gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova: homens, mulheres, criançada. Gente igualzinha à de toda parte, morando na roça e na cidade.
> Cidade?!
> Sim senhor, cidade! A Vila tem igreja, farmácia, venda; escola particular, coletoria e cemitério. Ah! E também a sapataria-farmácia-armazém de Carrilho & Cia. Ltda. Casa de platibanda nova, de esquina, pintada de pouco.
> - Não senhor, não consta das cartas. Município novo, recém emancipado, mas com Prefeitura e Câmara de Vereadores já em funcionamento. Muito falada que foi essa primeira eleição municipal. Entretanto se a Vila dos Confins não aparece em mapa algum, a despeito de existir o lugarejo desde o tempo das sesmarias, a culpa não é da Vila e nem de ninguém de lá. Culpa mesmo do governo, que, afinal de contas, sempre foi, é e será ele o culpado de tudo o que acontece de errado e malfeito por esse mundo de Nosso Senhor[29].

Em *Coronelismo Enxada e Voto,* Victor Nunes Leal em nota de rodapé, fazendo citação de Domingos Velasco, chama atenção para a situação das pequenas cidades do

---

[27] AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, nº 15, 1995. p. 145-146
[28] ALMEIDA. 1999, p. 54.
[29] PALMÉRIO, 2003, p. 3-8

interior do Brasil, nas quais "é o fazendeiro, o coronel, quem assiste o jeca nas suas dificuldades de vida, é quem lhe dá um trecho de terra para cultivar, é quem lhe fornece remédios, é quem o protege das arbitrariedades dos governos, é o seu intermediário junto às autoridades."[30]

Ainda na introdução do livro, Palmério apresenta a fauna da região. O autor fala de jacus, jaós, patos, codornas, nhambus, sucuris de 59 palmos, emas, queixadas, capivaras, veados, onças, jacarés de papo-amarelo, peixes de vários tipos, tais como: dourados, matrinxãs, surubins, pacus, taguaras, piaus, jaús, piras, corvinas... "povo aquático de todas as categorias e tamanhos"[31].

Antonio Houaiss, em sua crítica, avalia que o livro *Vila dos Confins*, apesar de ser um bom livro, não apresenta a estrutura de um romance. Não traçou características psicológicas dos personagens, não deu conselhos para os leitores a respeito das eleições fraudulentas, enfim, foi um relato, com um escritor distante e sem envolvimento direto com a trama. Daí a dedução de que Mário Palmério, que não era um homem de letras como Guimarães Rosa, quis escrever um relatório de avaliação da situação política da época para apresentar na Câmara dos Deputados, transformando-o em "romance", em que a idéia central seria a da eleição, permeada com casos, pescarias, caçadas e pessoas com as quais ele, um apaixonado por sua região, conviveu em suas campanhas políticas[32].

Mas, se como cita Houaiss, *Vila dos Confins* não apresenta a estrutura de um romance por não traçar características psicológicas dos personagens e não dar conselhos aos leitores sobre eleições, como poderíamos classificar o livro? Romances se apresentam em linguagem narrativa sem muitas regras fixas e modelos. Seus personagens centrais são pessoas comuns que vivem dramas do cotidiano, no entanto apresentam certa complexidade psicológica, choques com o mundo e com as normas e preconceitos sociais. Diferentemente da epopéia, no romance triunfa o herói comum pela realização de seus ideais, satisfação de suas necessidades ou ascensão social. No romance há a tendência à verossimilhança[33], alternam-se e interagem personagens fictícios, acontecimentos reais, fatos imaginários, geografia real e espaço cotidiano real.

---

[30] LEAL ,Vitor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975, p.25

[31] PALMÉRIO. 2003, p. 3 -8

[32] Como declara em seu discurso na Câmara dos Deputados, publicado no Diário do Congresso Nacional de 29 jun.1951.

[33] Verossímil não é o verdadeiro, mas o que parece sê-lo.

Ao analisarmos como Bosi[34] dividiu o romance brasileiro em pelo menos quatro tendências: romances de tensão mínima; romances de tensão crítica; romances de tensão interiorizada e romances de tensão transfigurada; percebemos que *Vila dos Confins* se enquadra na categoria romance de tensão mínima – em que há conflito, mas este se configura em termos de oposição verbal, sentimental. As personagens não se destacam visceralmente da estrutura e paisagem que as condicionam, e nas quais, segundo ele, enquadra-se muito do "novo" regionalismo, onde há um aberto apelo a questões espaciais e históricas. Mário Palmério pesa a mão nas cores locais, tendo bastante cuidado com o verossímil que o leva ao realismo inclusive da linguagem coloquial que mistura com a literária.

Para Ricoeur:

> (...) O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.[35]

Ao longo do tempo, com o desenvolvimento do romance, as histórias narradas pelos homens foram se revestindo de complexidade e, de acordo com Chiappini, o narrador foi progressivamente se ocultando, ou por detrás de outros narradores ou por detrás dos fatos narrados, que parecem, cada vez mais, narrarem-se a si próprios, Assim para ela:

> (...) Mais recentemente, atrás de uma voz que nos fala, velando e desvelando, ao mesmo tempo, narrador e personagem, numa fusão que, se os apresenta diretamente ao leitor, também os distancia, enquanto os dilui. Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, narração e ficção praticamente nascem juntas[36].

Ainda, de acordo com a autora citada, Norman Friedman em seu trabalho de levantar as principais questões para que se entenda o narrador, observa:

> (...) Quem conta a história? Trata-se de um narrador em primeira pessoa? De uma personagem em primeira pessoa? Não há ninguém narrando? De que posição ou ângulo em relação à história o

---

[34]BOSI, 1994, p. 441.
[35] RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Tomo1. Campinas: Papirus, 1994, p.85
[36] CHIAPPINI, Ligia. **O Foco Narrativo** – ou a polêmica em torno da ilusão. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993. p.5.

> narrador conta? Que canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor, a que distância ele coloca o leitor da história? [37]

Colocadas as questões, Friedman fornece subsídios para a análise da narrativa de *Vila dos Confins*. Propõe para a compreensão do narrador uma divisão em categorias que são compostas de: autor onisciente intruso; narrador testemunha; narrador protagonista; onisciência seletiva múltipla, onisciência seletiva, modo dramático e, por fim, câmera e narrador onisciente neutro. Esta seria a categoria a se enquadrar Mário Palmério em *Vila dos Confins*. Esse narrador fala em terceira pessoa e tende ao sumário narrativo, que é um relato generalizado ou a exposição de uma série de eventos abrangendo certo período de tempo e uma variedade de locais. A cena imediata emerge assim que os detalhes específicos, sucessivos e contínuos de tempo, lugar, ação, personagem e diálogo começam a aparecer. A caracterização das personagens é feita pelo narrador que as descreve e as explica para o leitor. O autor tudo sabe, tudo vê, no entanto, diferentemente do autor onisciente intruso, não dá instruções, não faz comentários sobre o comportamento das personagens, embora sua presença entre o leitor e a história seja sempre clara.

Paulo Ronai[38] ressalta essa característica do livro e do autor:

> (...) Se, no entanto, o livro de Mário Palmério não pode ser qualificado de romance modelar, talvez isto se dê por não haver predominância nítida da trama principal sobre os episódios. (...) Mas a principal força de atração do volume, pelo menos para o autor destas linhas, está nas cenas intercaladas. De uma curiosidade aberta para todos os pormenores do mundo ambiente, abastecido de conhecimentos de extensão enciclopédica no que diz respeito a coisas do Brasil, o autor encontra tamanha densidade e suculência na realidade que parece inibido de torcê-la, de romanceá-la. E o fato é que infunde tamanha vida em tudo o que descreve que de bom grado o leitor se esquece dos cânones complexos de um gênero até hoje de impossível definição e deixa-se levar, sem a menor resistência, por aqueles desvios gostosos.[39]

Em *Vila dos Confins*, Palmério não se prendeu a uma definição estreita do político, isolando-o de outras dimensões da vida coletiva e dos outros aspectos da existência individual. Assim como René Remond, o autor percebeu que:

---

[37] CHAPPINI. 1993, p. 25

[38] Paulo Ronai, (1907-1992), escritor húngaro, tradutor, naturalizado brasileiro e especialista em Balzac.

[39] RONAI, Paulo. **Vila dos Confins.** Tribuna dos Livros – Rio de Janeiro, 19-20 jan. 1957. Recorte encontrado no acervo de Mário Palmério em Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> (...) O político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social[40].

Em entrevista ao jornal *Suplemento Literário,* Palmério comentou que "ninguém escreve sem ter vivido, se bem que em geral a gente aproveite coisas diferentes para enriquecer a história, (...) só se pode captar aquilo que realmente nos toca,"[41] e ressaltou que à medida que ia compondo o texto, vinha à lembrança uma série de fatos e de pessoas, as quais sempre achava um jeito de encaixar.

De acordo com Benjamin, o narrador é uma pessoa com experiência, que tanto pode ser representada por uma pessoa que muito viaja, quanto por aquele que conhece as tradições e histórias de sua gente. Leskov[42], escritor cuja obra é analisada por Benjamin em *O narrador*, viajou muito a serviço de uma firma inglesa, começando a escrever tarde:

> (...) Ou seja, com 29 anos, depois de suas viagens comerciais. Seu primeiro texto impresso se intitulava: *Por que são os livros caros em Kiev?* Seus contos foram precedidos por uma série de escritos sobre a classe operária, sobre o alcoolismo, sobre os médicos da polícia e sobre os vendedores desempregados[43].

Mário Palmério não se considerava um grande escritor, porém, se intitulava um grande "vivedor", o que segundo ele era muito melhor.[44] O autor de *Vila dos Confins,* que na data da publicação do livro, já era deputado federal em segundo mandato, fazendeiro e, também, administrava faculdades na cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro, escreveu seu livro já com quarenta anos e, segundo Houaiss[45]:

---

[40] RÉMOND, René. (Org) **Uma História Presente**. 2 ed. São Paulo: FGV, 2003. p.35.
[41] Jornal Suplemento Literário. São Paulo, 08 out.1972, Número 793, Ano XVII, sem número de página. Recorte do jornal disponível para pesquisa no Memorial em homenagem a Mário Palmério na Universidade de Uberaba.
[42]LESKOV, Nicolai – (1831-1895), escritor russo, que de acordo com Benjamin, tinha afinidades com Tolstoi e Dostoievski.
[43] BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
[44]Entrevista a Ary Quintella, publicada no Jornal do Commercio do Rio, e posteriormente reproduzida no livro Seleta de Mário Palmério da Coleção Brasil Moço, uma publicação da Livraria José Olympio em Convênio com o Instituto Nacional do Livro – editado em 1974 no Rio de Janeiro. p. X a XVI.
[45] HOUAISS, 1958. p.121-153.

> (...) Maduro nos seus meios de expressão quando se inicia, como poucos romancistas terão sido no Brasil ao coroarem sua obra de uma vida, Mário Palmério apenas principia, revelando recursos de rapsodo e de narrador e de descritor que podem apenas ser suspeitados. Lançando-se assim, vê-se-lhe quase virgem a fúria canora, prestes a lançar a novos cantos e seguramente, agora a vazá-los. Que programa de vida, de vida socialmente útil, de vida utilmente brasileira, se lhe depara, Deputado Mário Palmério? (...) Com isso, Vila dos Confins, enxertando-se no ciclo do declínio coronelista, enxertando-se no ciclo desenvolvimentista do interior do Brasil, *será documento a um tempo artístico, sociológico, histórico, ideológico dos mais altos que se terão podido gerar no Brasil de hoje.* E, assim, tanto os muitos valores romanescos positivos de Vila dos Confins crescerão com o tempo, como os poucos valores romanescos negativos decrescerão com o tempo – na inserção de um romance dentro de uma obra. (grifo meu)

Interessante notar que Luiz Costa Lima, ao analisar a obra de Euclides da Cunha, *Os sertões*, o avalia de uma forma bem próxima da que Houaiss avaliou *Vila dos Confins*. Lima menciona que pouco depois de lançado, em dezembro de 1902, Os Sertões recebeu apreciações consagradoras, dentre elas a de José Veríssimo e a de Araripe Júnior, nas quais afirma-se que o livro é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, geólogo, etnógrafo, um homem de pensamento, um sociólogo, um historiador, um romancista, um artista. Sertões foi também êxito inesperado de vendas e de crítica[46].

Dutra Oliveira, da Academia Nacional de Medicina, ao analisar, em 1957, *Vila dos Confins,* demonstra seu encantamento com a maneira como foi apresentada a narrativa:

> (...) Não somos críticos literários, mas não podemos ficar indiferentes, impassíveis, diante de um monumento cultural: Mário Palmério sagrou-se com a publicação de seu livro. É quase inacreditável possa um homem, professor e educador, realizando tantos empreendimentos em Uberaba, encontrar tempo para produzir esta coisa magnífica a que denominou Vila dos Confins (...) Mas o curioso é a maneira como soube transmitir impressões relacionadas a vários setores das atividades interioranas, como se os tivesse vivido intensamente[47].

---

[46] LIMA, Luiz Costa. **História - Ficção-Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 373.

[47] OLIVEIRA, Dutra. **Mário Palmério e Vila dos Confins.** Jornal *A Gazeta* – Rio de Janeiro – 03 set. 1957. Sem número de página. Recorte encontrado no acervo de Mário Palmério disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

A questão que fica diante de tal elogio é: não será por que os tenha de fato vivido, por que carregava com ele aquele sertão, aquela região, aquele lugar, aquelas pessoas?

Bhartes nos pergunta: "Nunca vos aconteceu, ao ler um livro, interromper constantemente a vossa leitura, não por desinteresse, mas, pelo contrário, por afluxo de idéias, de excitações, de associações? Numa palavra, não vos aconteceu de ler levantando a cabeça?" [48]

A isso e sobre *Vila dos Confins* nos responde Luiz Delgado:[49]

> (...) Mereceria um estudo circunstanciado o modo como o Sr. Mário Palmério transfigura em arte a realidade da eleição em Vila dos Confins. Emprego esses termos propositadamente, pois a transfiguração em arte não é nunca uma desfiguração: a realidade permanece íntegra em todo o processo artístico. Seria um fracasso se pudesse reconhecer no secretário Carvalhinho, este ou aquele indivíduo, Fulano ou Beltrano(...) Alguns livros recentes, desejosos de retratar nossos costumes políticos, têm as suas fraquezas evidenciadas agora, pela presença de Vila dos Confins: eles permaneceram perto demais do fato, do seu desejo de realismo. O Romance do Sr. Mário Palmério é que alcançou o grau de generalidade próprio da criação artística. Tanto que a cada passo pode levantar-se, dentro do leitor, o cidadão, o patriota, querendo saber onde vamos parar guiados por políticos daquela espécie.
> (...) Ao ler Vila dos Confins tenho a impressão de ouvir o encanto do mundo, a confusão da sociedade e o drama do destino. E é admirável como essas diferentes atmosferas erguem-se em torno de nós, cercam-nos e nos invadem, pela arte desse romancista estreante. [50]

Pela análise dos críticos, a literatura, além de representar o real, pode subverter o real, escancarar certas práticas adotadas em redutos sociais, colocar em discussão os preconceitos, as regras, as condutas, uma vez que lançada a obra o autor não tem mais domínio sobre a maneira como ela será recebida e reelaborada por seus leitores ou espectadores. A literatura seria, então, e também, uma leitora privilegiada dos acontecimentos históricos.

O Brasil foi sacudido, em 2005, por denúncias de um deputado do PTB, Roberto Jefferson, a respeito de esquemas de corrupção na política. O fato foi manchete de

---

[48] BHARTES, Roland. **O Rumor da Língua.** Lisboa: Edições 70, 1984. p. 27.

[49] Luiz Delgado (1906-1974) foi escritor, professor universitário de filosofia, acadêmico vinculado a Academia de Letras de Pernambuco e jornalista.

[50] DELGADO, Luiz.**"VILA DOS CONFINS".** Jornal do Comércio - Recife, 13 jan.1957. Sem número de página. Recorte encontrado no acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

jornais e revistas de circulação nacional. Transmissões ao vivo diretamente das salas de audiência foram constantes nas redes de TV. Sem falarmos nas rodas de bate-papo, nos bares, supermercados, ônibus e escolas.

O que estaria motivando tamanha movimentação? O teor das denúncias e o "corte na própria pele" ou a exposição pública do que todos sabiam, ou desconfiavam e não tinham coragem ou interesse em revelar? Questões de corrupção que hoje causam revolta, já foram motivo de denúncia de um outro deputado do PTB. As motivações eram outras, o veículo das denúncias diferente do atual.

Mário Palmério, deputado pelo PTB, de 1950 a 1962, deu seu testemunho ao escrever *Vila dos Confins,* em 1955. O livro, ao contar a história de uma eleição foi considerado como denúncia política, revelando também aspectos da cultura sertaneja que ele vivenciou por ser natural do interior de Minas Gerais e por suas campanhas políticas. Wilson Martins, em crítica literária, afirmou que Palmério escreveu o "romance de uma eleição". Fato é que, ao longo da narrativa, temos acesso a toda descrição das falcatruas e artimanhas que eram utilizadas para vencer uma eleição.

Em minhas pesquisas, tive acesso a críticas ao livro, escritas nos anos de 1956 e 1957, e entre análises literárias sobre a qualidade da obra percebe-se a indignação do brasileiro quanto aos rumos que à época tomou a política. Analisado por críticos de jornais do Sul ao Norte do Brasil, entre eles, *O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de São Paulo, Estado de Minas, Diário da Noite do Recife,* as críticas dividiam-se entre as questões políticas, textuais e culturais presentes no texto.

Levantaram-se questões tais como se a moralização política, administrativa e eleitoral não viria por intermédio da literatura, ou pelo menos ajudada por ela. E se o deputado trabalhista Mário Palmério não teria escrito sobre o que viu ou fez e que talvez por isso tenha romanceado a narrativa, tirando-a do frio descrever de um relatório e transformando-a em vida. Uma nota sobre o livro, na *Folha de S. Paulo*, relata que a personagem, deputado Paulo Santos, está trama como os políticos brasileiros, que não têm nada a ver com os problemas reais do país e muito menos representam qualquer aspiração real do povo brasileiro.[51]

A Literatura permite aos historiadores que trabalham com a História Cultural ter acesso a questões de época, pensamentos, valores e modos de ver o mundo. O texto literário nos apresenta representações desse real, indicando para o historiador como era

---

[51]*Folha de S.Paulo* 16 mar. 1957. Recorte do Jornal sem número de página e sem identificação, disponível para pesquisa no Memorial em homenagem a Mário Palmério, na Universidade de Uberaba.

o pensamento de uma época, o que causava estranhamento ou emoção, como o público recebia e elaborava o contido nos livros.

Nessa perspectiva, seria então a revelação das mazelas políticas o motivo da grande vendagem do livro de Palmério e do alvoroço ao redor das denúncias ali contidas?

Segundo Alvarez:

> (...) Quando você lê um romance, uma voz está lhe contando uma história, quando lê um poema, ele geralmente fala sobre o que o dono dessa voz está sentindo; mas nem o meio nem a mensagem são o principal aqui. O principal é que essa voz é diferente de qualquer outra que já se tenha escutado e ela está falando diretamente com você que lê, comungando com você em particular, bem no seu ouvido e no seu jeito todo peculiar (...) É um pacto de mão dupla: o escritor se faz ouvir e o leitor lhe dá ouvidos – ou, mais precisamente, o escritor trabalha para criar ou encontrar uma voz que irá alcançar o leitor, fazendo-o apurar os ouvidos e prestar atenção. (...) Mas encontrar uma voz implica que haja leitores por aí que saberão como escutar, e escutar é uma habilidade quase tão caprichosa quanto escrever[52].

Rachel de Queiroz, no prefácio de *Vila dos Confins*, conta-nos que ao ser procurada pelo deputado Mário Palmério pôs-se a pensar no motivo do encontro. Não era o político que ali se apresentava, mas o escritor iniciante com os originais de seu trabalho. Trabalho que, pelo exposto até aqui, tratava-se de um romance de cunho regionalista, de tensão mínima, com um narrador onisciente neutro. Obra em que as peculiaridades culturais e políticas transcenderam a narrativa e, desse modo, o escritor pôde falar a leitores de todos os matizes e regiões geográficas.

*Vila dos Confins* foi publicado pela Livraria José Olympio Editora[53], em novembro de 1956, sendo reeditado até a 25ª edição, em janeiro de 2004[54]. Foi publicado também pela Editora Três na *Coleção Literatura Brasileira Contemporânea nos anos 1970,* pela Editora Abril, na série *Grandes Sucessos,* em 1982 e 1983, e pela Ediouro (1994-1996). Estima-se que foram impressos no mínimo trezentos mil livros nesse período[55].

---

[52] ALVAREZ, Alfred. **A voz do escritor.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 18.
[53] A Livraria José Olympio Editora publicava os livros de Rachel de Queiroz que era também tradutora das publicações estrangeiras.
[54] A José Olympio foi comprada pela Editora Record em 2001.
[55] Chapadão do Bugre, outro livro de Palmério, publicado em 1965, apesar de ter sido transformado em série de Televisão, vendeu bem menos, cerca de 100 mil exemplares.

Como Palmério, que apesar de deputado, era natural do Triângulo Mineiro (região sem tradição literária nacional) conseguiu ser publicado pela editora mais importante do cenário editorial brasileiro?

Fig.2 - José Olympio e Mário Palmério.

A Livraria José Olympio foi fundada em 29 de novembro 1931. José Olympio, paulista de Batatais, foi um dos maiores editores do Brasil. Seu primeiro contato com o comércio de livros se deu por intermédio de um emprego conseguido em 1918 na Casa Garroux. A loja situava-se na capital paulista e vendia livros, vinhos, papel de parede e uniformes para a milícia estadual dentre outras mercadorias. Trabalhando no balcão dos livros, conheceu figuras importantes do estado e da cidade de São Paulo. Representantes da sociedade, da política e da vida intelectual paulista freqüentavam a seção de livros da Garroux como ponto da moda. A convivência com pessoas de destaque em áreas como o Direito, a Medicina, a Literatura proporcionou-lhe uma base sólida de conhecimento de livros e do gosto do público, que sedimentou seu êxito posterior como editor. Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo foram amizades valiosas que conquistou nesse período em São Paulo. Em julho de 1934 mudou-se para o Rio de Janeiro. São Paulo caminhava em ritmo lento devido à depressão econômica e cultural que havia sido intensificada pela Revolução Constitucionalista de 1932. Era interesse de José Olympio, distinguir-se na literatura nacional, pois o patriotismo altruísta reinante na primeira metade da década de 1930,

favorecia o mercado de obras brasileiras.[56] Até a publicação de *Vila dos Confins*, a José Olympio contava em seus quadros com nomes da mais alta qualidade literária, tais como: Humberto de Campos, José Lins do Rego, Rubem Braga, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Jorge Amado, Marques Rebelo, Guilherme Figueiredo, Lêdo Ivo, Dinah Silveira de Queiroz, Rachel de Queiroz, João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Antonio Callado. Desde que foi aberta, a José Olympio tornou-se animado ponto de encontro dos mais destacados escritores brasileiros. Ser editado pela Livraria José Olympio Editora passou a ser a glória[57].

Fig.3 – Logomarca da Livraria José Olympio Editora

Segundo Hallewell, o talento de José Olympio estava em localizar obras e autores de apelo constante[58]. Além da efervescência cultural literária, a livraria era também importante centro disseminador de ideais políticos, apesar de seu fundador ser avesso a ideologias. Em seus quadros estiveram juntos o comunista militante Jorge Amado (PCB), Plínio Salgado, (Ação Integralista), Gilberto Freyre (UDN), Gustavo Fontes (PR), Barbosa Lima Sobrinho e Gustavo Capanema (PSD). Apesar de gozar de um certo trânsito junto ao Presidente da República Getúlio Vargas, o que valeu a soltura de Graciliano Ramos (preso político), José Olympio passou por maus bocados quando da ditadura do Estado Novo. Foi impedido de publicar Graciliano Ramos, Jorge Amado dentre outros, por representarem posições contrárias ao governo, e, no entanto, também não pôde vender os exemplares dos discursos de Getúlio Vargas, pois o interventor de São Paulo, Ademar de Barros, reclamou ao presidente que estava sendo forçado por José Olympio a comprar os livros. Tempos difíceis.

Segundo Soares:

> (...) Para José Olympio, a ideologia importava realmente pouco. O que valia era a amizade. Esta sempre foi a lógica que norteou as

[56] Hallewell, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 1982, p. 417-481
[57] SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 53.
[58] HALLEWELL,1982. p.55

> suas relações – mesmo as movidas inicialmente por algum interesse. (...) As boas relações com o governo Vargas foram fundamentais na história empresarial da José Olympio. (...) Em relação à roda da livraria, a amizade estava no centro de tudo. J.O. preocupava-se com cada um e corria para ajudar sempre que havia uma dificuldade, pessoal ou financeira[59].

Os candidatos a escritor dificilmente apareciam sem ser convidados. Faziam um contato prévio com algum dos freqüentadores, a quem se procurava por meio de conhecidos ou amigos em comum[60]. Graciliano Ramos geralmente lia os originais que lhe eram entregues, apesar de ser bem duro em suas análises. Outros recebiam os originais, tratavam os candidatos com cortesia, mas em seguida, desfaziam-se de seus escritos sem muita cerimônia. Portanto, pode ter sido muito bom para Mário Palmério que Rachel de Queiroz tenha lido seu original e que o mesmo tenha sido editado com presteza, dentro de um ano. Guilherme Figueiredo ao entregar os originais de *Trinta anos sem paisagem*", por pouco não ficou sem eles. José Olympio, depois de muitos meses, disse-lhe não saber onde o havia colocado e pediu-lhe uma outra cópia, ocorre que não havia uma cópia! Passado um tempo, os originais foram descobertos com Graciliano e finalmente publicados[61].

Além de marcar época na literatura, a Livraria José Olympio Editora também inovou no tratamento gráfico dado a seus livros que se destacavam com capas e ilustrações encomendadas a artistas plásticos[62]. Inicialmente os livros eram de formato pequeno com capas coloridas e desenhos a bico de pena, reproduzidos na página de rosto e executados, a partir de 1940, por Luis Jardim e a partir de 1948, por Potty Lazzarotto. *Vila dos Confins*, da primeira à sexta edição teve o formato de 23x 15 cm e a partir da sétima edição, como o quinto livro da *Coleção Sagarana*, tomou o formato 19 x 14 cm.

O livro *Vila dos Confins* não fugiu à regra, teve sua capa ilustrada por Potty[63] e o retrato do autor desenhado a bico de pena por Luis Jardim[64].

---

[59] SOARES, 2006. p. 60.
[60] Ibid, p.76.
[61] Ibid, p.75.
[62]Dentre eles: Tomás Santa Rosa, Cícero Dias, Candido Portinari, Luis Jardim, Raul Brito,Oswaldo Goeldi, Axl Leskoschek , Potty Lazzarotto e Percy Lau que ilustrou somente *Vila dos Confins.*
[63] Potty, nascido em Curitiba, é um dos artistas mais valorizados do Paraná com obras espalhadas por toda capital conta inclusive com um museu em homenagem a sua obra.Aperfeiçoou-se em Paris entre 1946 e 1947, foi autor de murais que se encontram em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, bem como de ilustrações de capas e páginas de livros.

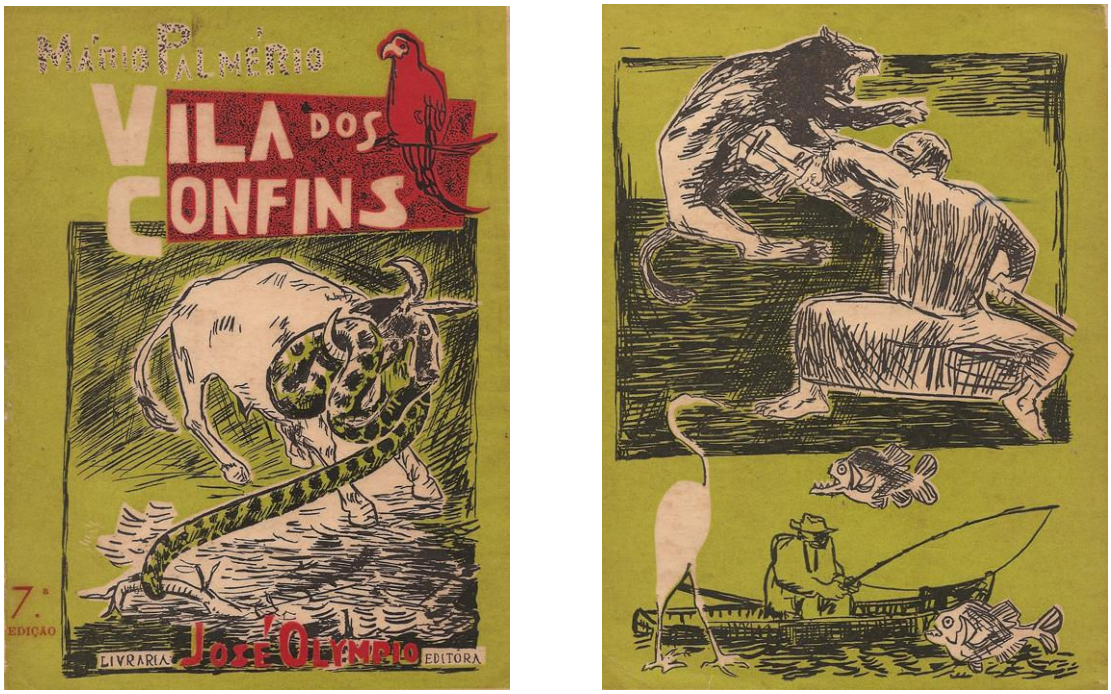



Fig.4 - Capa e contra capa da 7ª edição de *Vila dos Confins*. 1963. Criação de Potty Lazzarotto com desenho a bico de pena.

Fig.5 – Retrato de Mário Palmério a bico de pena por Luis Jardim publicado em *Vila dos Confins*.

[64] Jardim foi escritor e famoso capista da Livraria José Olympio no período de 1940 a 1960 – Os autores da Coleção Sagarana foram retratados por ele.

Pequenas alterações foram introduzidas ao longo das diversas edições. Dentre elas percebe-se que a partir da 9ª edição, a capa foi levemente alterada. Encontrei na 22ª edição, o retrato de Mário Palmério feito por Luis Jardim, trocado por uma fotografia.

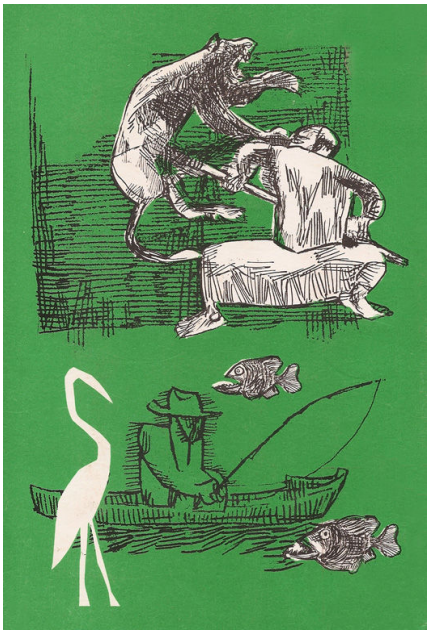


Fig. 6 – Capa e Contra Capa da 22ª edição de *Vila dos Confins* 1984. Criação de Poty Lazarotto.

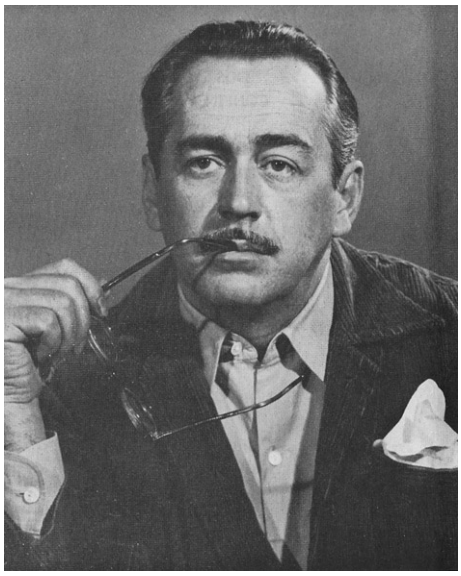


Fig. 7 – Fotografia de Mário Palmério, sem autoria e sem data – 22 ed. *Vila dos Confins* - 1984

A partir de 1950, a José Olympio editou coleções ilustradas, em sua maioria de autores estrangeiros, grandes clássicos da literatura e livros sobre o Brasil. O livro de

Palmério foi exceção. Dos romances brasileiros lançados pela Coleção Sagarana, somente *Vila dos Confins* foi todo ilustrado, os demais apresentavam pequenas ilustrações que se repetiam ao início dos capítulos. Na orelha da primeira edição de *Vila dos Confins* a editora faz a seguinte análise:

> (...) Seu estilo saboroso, espontâneo, colorido, cheio de vida e flexibilidade, é sem dúvida uma das mais importantes contribuições para a fixação de um futuro "estilo brasileiro" para a boa solução desse problema que nos vem desde o Romantismo. Por todos esses motivos, não haverá exagero em afirmar que a estréia do romancista mineiro é a mais importante do ano, e que seu livro representará um novo passo num *revival* da ficção contemporânea.

Por ser considerado pela editora um livro de estilo brasileiro, o ilustrador foi o mais adequado. Percy Lau, que da Coleção Sagarana só ilustrou *Vila dos Confins*, nasceu no Peru, veio para o Brasil (Pernambuco) com dezoito anos, ao final da década de 1930 mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou na Central do Brasil projetando maquetes. Em 1939 passou a compor a equipe de desenhistas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), onde trabalhou durante trinta anos dedicando-se a registrar a bico de pena e grafite sobre papel os costumes da vida do interior brasileiro. Fixou hábitos regionais, folclore, comportamento, trabalho e cotidiano das populações de cidades e vilarejos brasileiros, ilustrando para os livros editados pelo órgão[65] e para a Revista Brasileira de Geografia[66], paisagens e tipos humanos com rara maestria e sensibilidade. Trabalhou para várias editoras: José Olympio, São José, Zélio Valverde, Melhoramentos, entre outras. Além de ilustrador, Percy Lau participou de movimentos de vanguarda de sua geração com grandes nomes das artes plásticas do Brasil, tais como: Guinard, Milton da Costa, Portinari, Santa Rosa, Djanira e Augusto Rodrigues.

---

[65] "Tipos e aspectos do Brasil" série de 10 livros do IBGE, que serviram para ilustrar livros didáticos de Geografia.

[66] Disponível no sitio <www.ibge.gov.br> Acesso em: 13 de abr. de 2006.

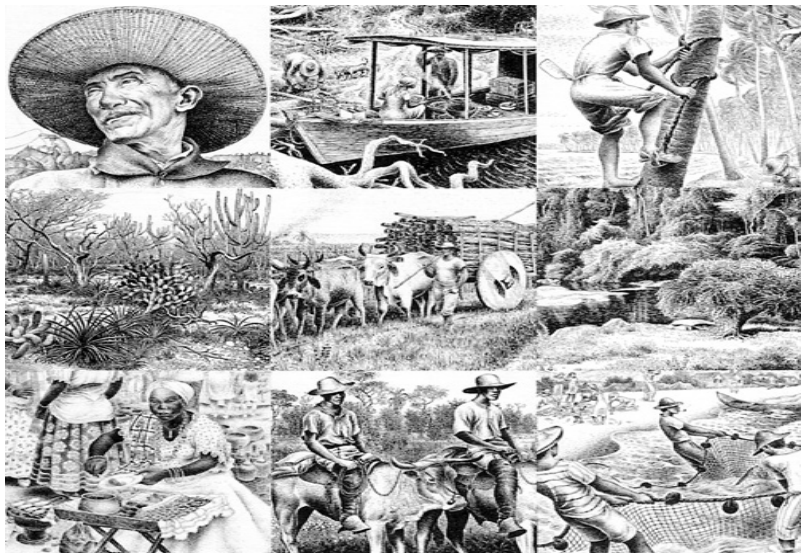


Fig. 8 - Desenhos de Percy Lau, publicados no livro "Tipos e Aspectos do Brasil"

Os desenhos de Percy Lau deixaram de figurar no livro, a partir da compra da José Olympio pela Record, em 2001, e nas edições publicadas pela Ediouro, Abri e Editora Três.

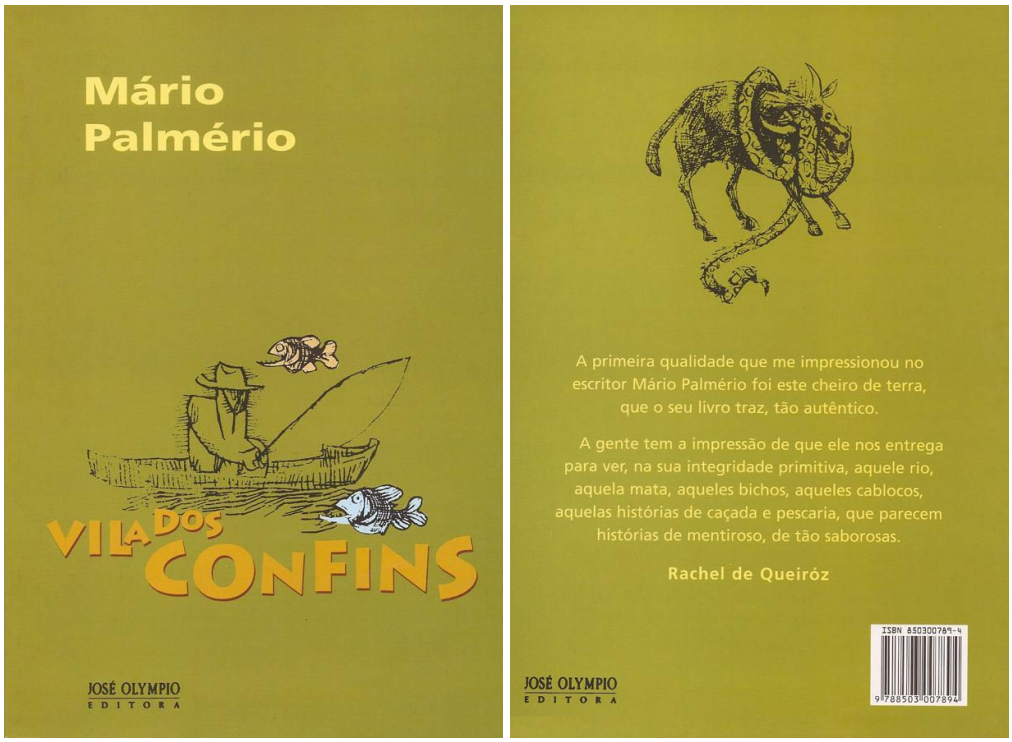



Fig. 9 – Capa e Contra capa da edição de Vila dos Confins de 2003 – Desenho de Poty Lazzarotto – Nota-se que os desenhos da capa do livro lançado pela Record, detentora do selo da José Olympio a partir de 2001, estão invertidos em relação às capas das edições anteriores.

Outra peculiaridade percebida em *Vila dos Confins,* ao longo de suas edições, foi a falta de um padrão fixo de apresentação do livro, a impressão que causa é que as edições eram elaboradas artesanalmente, com o toque pessoal dos diretores da editora. As edições não se sucediam como em uma linha de montagem, todas idênticas umas às outras. Em algumas edições não aparece o retrato do autor feito por Luis Jardim, em outras edições não encontramos a crítica de Wilson Martins e em outras, ainda, não aparece o retrato e tampouco a crítica. Mantêm-se o prefácio de Rachel de Queiroz e a nota da editora, que a cada edição era acrescida dos fatos novos da vida do autor – a Embaixada, novos netos, a Amazônia.

Na sétima edição, lançada em setembro de 1963, consta a seguinte dedicatória: "o autor, atual Embaixador do Brasil no Paraguai, dedica esta edição de *Vila dos Confins* ao grande e generoso povo guarani". Talvez uma forma de reconhecimento pelos laços políticos e culturais que estabeleceu no Paraguai. Homenageia o povo e não especificamente o amigo ditador Alfredo Stroessner, Presidente do país à época.

A décima primeira edição, publicada em maio de 1968, foi comemorativa da eleição de Mário Palmério para a Academia Brasileira de Letras.

Nas páginas finais do livro *Vila dos Confins,* o colofão demonstrava que as edições foram confeccionadas em diversas oficinas gráficas: Bisordi S.A, Gráfica e Editora Brasileira, Sedegra S.A Gráficos Editores, Oficina das Artes Guaru S.A, bem como trazia efemérides que coincidiam com o lançamento da vez. Como por exemplo, na 7ª edição (1963), ano do bicentenário do nascimento de José Bonifácio; 9ª edição (1966), ano do centenário de nascimento de Vicente Carvalho; 12ª edição (1969), ano do 250º aniversário da publicação do livro Robinson Crusoé, de Daniel Defoe, do 500º aniversário de nascimento de Maquiavel, do tricentenário da morte de Rembrandt, (...) do 50º aniversário de iniciação de Alceu do Amoroso Lima (Tristão de Athayde) - crítico literário - e de 38º ano de fundação desta casa editora (...). As datas eram pesquisadas e introduzidas por Daniel Pereira, irmão de José Olympio. Constavam também ao final do livro indicações de outras obras da editora:

> Leitor amigo: gostou de certo de *Vila dos Confins.* Esta sugestão se impõe, portanto, leia o novo romance de Mário Palmério, Chapadão do Bugre. Igual, ou melhor, que *Vila dos Confins* em

> bonita edição enriquecida com quarenta e duas ilustrações de Poty – 3 edições o consagraram[67].

Também como indicação de leitura, a editora apresentava os livros da Coleção Sagarana, que recebeu esse nome em homenagem a Guimarães Rosa, cujo livro *Sagarana* era o de número um da coleção. As obras vinham listadas, algumas vezes no início e outras no fim do livro, conforme a edição. A coleção, segundo a própria Livraria José Olympio Editora, compunha-se de "grandes sucessos populares e literários, uma série variada, de feição gráfica moderna e formato cômodo, reunindo livros escolhidos da literatura brasileira e estrangeira, livros de todos os gêneros, uma coleção organizada para distrair e instruir". Foi lançada na década de 1960 e a maioria de seus títulos eram reedições. Em 1963, na 7ª edição de *Vila dos Confins,* constavam onze títulos da coleção; na 9ª edição (1965) vamos encontrar cinqüenta e oito títulos; na 12ª (1969) oitenta e dois títulos; e, em 1976, na 17ª edição de *Vila dos Confins,* estavam elencados cento e seis títulos da Coleção Sagarana. A cada nova edição de *Vila dos Confins* mais livros eram listados, comprovando que a editora estava trabalhando a pleno vapor e demonstrando que era vantajoso inserir propaganda de seus produtos em livros de boas vendas como o de Palmério, que desde seu lançamento até 1974, teve praticamente uma edição por ano, além de e duas nos anos de 1957, 1958, 1973, e uma edição a cada dois anos de 1976 a 1984.

---

[67] PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966

## 1.2 - Submetendo os Confins às teses sobre regionalismo: é possível confirmá-lo?

Ligia Chiappini, professora titular de Teoria Literária e Literatura Comparada, na Universidade de São Paulo (USP), por intermédio de suas teses sobre o regionalismo na literatura, das quais algumas permitem a análise de *Vila dos Confins,* é quem vai nos fornecer subsídios para examinarmos a questão do regionalismo na literatura de Mário Palmério.

O regionalismo, segundo Chiappini, continua atual, inclusive como tema de pesquisas. Fenômeno universal como tendência literária, desde que tenha por ambiente, tema e tipos certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gosto dos citadinos. Verifica-se que o mal-estar em relação ao regionalismo se daria em virtude da divisão ocorrida nessa tendência literária, divisão entre as boas obras e aquelas que se mostram superficiais, estereotipadas e pitorescas. A questão a ser superada é a da própria dificuldade do projeto regionalista. As obras que conseguem superá-la "ganham estatuto de obras-primas tão ou mais significativas esteticamente do que qualquer romance ou conto urbano com pretensão cosmopolita[68]".

*Vila dos Confins* parece ter superado o projeto regionalista do pitoresco e da superficialidade. Conseguiu uma linguagem que supriu com verossimilhança a assimetria radical entre o escritor e o leitor citadino em relação ao homem rural[69].

De acordo com Martins:

> (...) Mário Palmério venceu o 'test' supremo do romance que é o de transformar o leitor em personagem da história. Ou melhor: que é fazê-lo perder a sua condição de leitor. A partir de um certo grau de perfeição, o romance anula, por assim dizer, a pessoa e a personalidade do leitor, desintegra-o da sua existência comum para integrá-lo na história imaginária. Enquanto nos 'sentirmos' leitores, podemos ter a certeza de que não estamos em face de um grande romance: a arte literária só conquista a sua verdadeira natureza pela superação de si mesma e o romance não é apenas a transposição do real para a pauta romanesca, mas também a transposição do leitor para um mundo fictício[70].

---

[68] CHIAPPINI, Ligia. **Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura.**Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1995, nº 15, p. 153-159.

[69]CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. São Paulo, nº 24, set, 1972, p.803.

[70] MARTINS, Wilson. Crítica Literária. "O Estado de São Paulo" 11 abr 1957. Recorte do jornal, sem número de página. Acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

Alvarez entende que quando lemos um romance, uma voz está nos contando uma história e essa voz é diferente de qualquer outra que se tenha escutado e ela está falando diretamente com quem lê, comungando com essa pessoa em particular, bem em seu ouvido e no seu jeito todo peculiar. Pode falar com você a partir de séculos atrás, ou como se estivesse ali, do outro lado da sala. Os escritores criam um momento da vida em si, se fazem ouvir e os leitores lhes dão ouvidos, trabalham para criar ou encontrar uma voz que irá alcançar os leitores, fazendo-os apurar os ouvidos e apurar a atenção[71].

Chiappini evoca George Sand, que em seu prefácio do romance "François le Champi", em meados do século XIX, nos alerta que a dificuldade para o autor é "a de fazer o narrador ou um personagem falar como se à sua direita estivessem um parisiense e à sua esquerda um camponês", ou seja, "que o único modo de não distanciar preconceituosamente o leitor do homem do campo que essa ficção quer retratar é estabelecer pela arte uma ponte amorosa que lhe permita sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se e aprendendo sobre outros tantos becos deste mundo[72]".

Uma boa parte da crítica especializada que pesquisei acreditava que *Vila dos Confins* alcançou o que Chiappini definiu como uma ponte que permite aos leitores sair dos seus guetos citadinos, comunicando-se e aprendendo sobre tantos outros becos do mundo. Mário Palmério conseguiu que os leitores do meio urbano não se distanciassem preconceituosamente do homem do campo. Em sua análise, feita em *O Jornal*, Newton Belleza[73] assim se manifestou:

> (...) Muito de bom se tem reconhecido e algumas coisas têm sido negadas no escritor Mário Palmério da Vila dos Confins, cujas edições se sucedem, afirmando-se um dos mais constantes best-sellers destes últimos tempos. De qualquer forma, consegue Mário Palmério a difícil conjugação dos aplausos da crítica com o invulgar acolhimento dos leitores brasileiros de literatura (...) através de uma linguagem pitoresca, desenvolta, nascente e adequada às situações, realiza o autor a mais profunda e mais difícil de todas as integrações numa obra de arte escrita ou falada, aquela que lhe dá o verdadeiro sentido da criação, uma vez que só pelo uso dinâmico e criador da palavra se pode realmente criar em literatura[74].

---

[71] ALVAREZ, 2006, p.18 - 19
[72] CHIAPPINI, 1995, p. 154.
[73] Newton Belleza – Escritor, dramaturgo e crítico literário.
[74] BELLEZA, Newton. ROMANCE SERTANEJO. *O Jornal* – Rio de Janeiro 01dez.1957 – Recorte sem referência ao número de página ou ao caderno de publicação, encontrado no acervo de Mário Palmério,disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba. Recorte de artigo de mesmo nome e autor foi localizado no jornal "A Província do Pará". Pará, 22 dez.1957.

Para Chiappini, obra literária regionalista tem sido definida como qualquer livro que intencionalmente ou não, traduza peculiaridades locais e vincule-as a uma área do país, regiões rurais e nelas situem ações e personagens, procurando expressar suas particularidades lingüísticas.

*Vila dos Confins* é ambientado conforme a introdução do livro: "no sertão dos confins", lugar esquecido da geografia e dos governos, lugar de pouca lavoura, muito gado e muita pesca. Lugar onde se caça e se proseia. Cidade de política disputada sem escrúpulos. Lugar que parece ser no Triângulo Mineiro, mas pode ser na região de Paracatu, ou mesmo em Goiás, ou quem sabe em Mato Grosso?

O trecho a seguir, de *Vila dos Confins*, exemplifica a tese de Chiappini:

> (...) Tantos diamantes famosos, tantas histórias que se contam! Horas a gente passa – principalmente em noites de chuva escutando bonitos casos e mais casos desses. O corpo se acomoda logo aos paus roliços do jirau, e a canequinha de cachaça bem que ajuda a espantar a friagem do tempo. E, se o fumo é bom – cachoeirinha ou goiano de Bela Vista – noite melhor só inventando.
> Claro que a noite de chuva, a pinga velha e o cheiroso e bom fuminho, tudo isso é sete de copas e espadilha, só. Zapete no pé, dono mesmo do truco, esse é contador de história. E se o cujo se chamar Raimundão, for mineiro de Fortaleza e mulato de nascença, a chuva emenda, vira inverno. A cachaça acaba, o fumo acaba, acaba o fogo também – mas as histórias do Raimundão não acabam nunca, que o tal é garimpeiro vivido e viajado, e memória boa assim pode ser que haja outra...[75]

Aqui a geografia do lugar fica explícita, especialmente pelos sujeitos sociais que a compõem. Sabemos que é uma região diamantífera, que apresenta um tempo chuvoso e não existem muitas distrações. Deduz-se que é o interior do país. As pessoas se reúnem em torno de um bom narrador e com as coisas simples como o sabor de uma cachaça, de um cigarro de palha e das histórias contadas, fazem da noite e das relações estabelecidas, memórias inesquecíveis. Não importa exatamente o local, importa a nostalgia de um tempo que tem muito mais a ver com o rural do que com o urbano. Como diz Benjamin, o narrador é de um tempo anterior ao romance, que inaugura um tempo do individualismo e da modernidade. Por isso, paradoxalmente, as experiências

[75] PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2003. p.129.

de um tempo perdido são inventariadas pelo romance que identifica uma época, um lugar[76].

Há quem vincule o regionalismo literário à tradição greco-latina do idílio e da pastoral[77]. Em meados do século XIX essa tradição é retomada e o romance regionalista começa a viver da tensão entre o idílio romântico e a representação realista, tentando progressivamente dar espaço ao homem pobre do campo, cuja voz se torna audível pela narrativa. Daí a possibilidade do seu reconhecimento pelo leitor da cidade, do diálogo entre realidades diferentes. À tensão entre idílio e realismo correspondem outras constitutivas do regionalismo: entre nação e região, oralidade e letra, campo e cidade, história romanesca e romance; entre a visão nostálgica do passado e a denúncia das misérias do presente.

Franklin de Oliveira[78] em sua coluna "Livros na Mesa", no Jornal *Correio da Manhã,* escreveu o artigo "Ficção Brasileira". Nesse artigo, o autor já havia percebido, em relação ao livro *Vila dos Confins,* a temática levantada por Chiappini em suas teses. Segundo ele, o naturalismo teológico dos romancistas do ciclo nordestino – secas, retirantes, cangaceiros, paroaras, misticismo – sobreviverá enquanto suas determinantes não forem removidas. De tal forma, não acreditava no encerramento definitivo do ciclo norte-nordeste, embora reconhecesse que a linha centro-oeste-sul vinha oferecendo maior contribuição ao desenvolvimento da novelística nacional:

> (...) Comprova-o entre outros, este Vila dos Confins, de um autor – Mário Palmério – que integra nossa mais expressiva ficção atual, a dos mineiros, paulistas e goianos. Vila dos Confins sustenta uma tradição – é fiel à linha centro-oeste. (...) No livro aparece um emocionado amor aos bichos, e uma ternura idílica pela natureza, o gosto santo da água - traços de parentesco em vez de simulação, por que veros. É autêntica a transcrição, a transposição literária do Sr. Mário Palmério. A insuficiência da sua novelística, de raízes tradicionais – cuja tradicionalidade reponta no seu tic realístico ao século XIX parece decorrer da forma equívoca pela qual o romancista toma o conceito de *mimesis*. Ele o entende no sentido de uma cópia, decalque, quando em seu senso exato *Arts simia naturae* significa que a arte imita a natureza, não reproduzindo-a,

---

[76] BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

[77] Idílio: poema curto, de tema bucólico ou pastoril, de natureza descritiva, narrativa, dramática, épica ou lírica. Pastoral: modalidade literária que se refere à vida dos pastores e seu contexto campestre.

[78] José Ribamar *Franklin de Oliveira* – Jornalista, crítico literário e autor de vários livros, entre eles Literatura e Civilização (1978).

> repetindo-a, arremedando-a, mas agindo por processo idêntico, isto é , cria formas como a natureza as cria[79].

De fato, em algumas passagens de *Vila dos Confins*, a trama que enreda as personagens perde lugar para uma narrativa idílica da natureza que, tal como uma tela do realismo, a descreve minuciosamente.

É assim que o idílico aparece em várias passagens do livro, tais como:

> O Rio Urucanã rolava sem pressa – calado, emburradão. Tão de manso, tão de manso rolava, que parecia dormir que nem o povoado nascido e crescido no barranco.
> Corrutela de lugar, a Vila: a igreja, um punhado de casas de adobo e de telhas, e uma porção de ranchos de taipa e folha de buriti. Rua mesmo, uma só: começando na igreja e acabando no cemitério, tal e qual a vidinha do povo que mora lá.[80].

Todavia, a tensão entre o idílio romântico e a representação realista, que tenta progressivamente dar espaço ao homem pobre do campo, também aparece em *Vila dos Confins* por meio das relações sociais em que a luta pela vida, o trabalho pesado e a expropriação do patrão culminam com as eleições. É nessa época que o pobre vira objeto de cobiça do sistema, é nessa época, denuncia Palmério, que o pobre vira pessoa:

> (...) João Soares estava com a razão: política só se ganha com muito dinheiro. A começar pelo alistamento, que é trabalhoso e caro: tem-se de ir atrás de eleitor por eleitor, convencê-los a se alistarem, e ensinar tudo, até a copiar requerimento. Cabo de enxada engrossa as mãos – e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado e foice também. Caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais. É marcar bezerro, é curar bicheira, é rachar pau de cerca, é esticar arame farpado; roçar invernada, arar chão, capinar, colher... E quem perdeu tempo com leitura e escrita, em menino, acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu. Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título de eleitor rende a estima do patrão, a gente vira pessoa[81] (...).

---

[79] OLIVEIRA, Franklin. Ficção Brasileira. Coluna Livros na Mesa. **Correio da Manhã** – Recorte de jornal sem data, sem número de página ou caderno. Encontrado no acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.
[80] PALMÉRIO, 2003. p. 30.
[81] Ibid, p.75.

Palmério em entrevista a Ary Quintella, jornalista do Jornal do Commércio do Rio de Janeiro, reproduzida no livro *Seleta de Mário Palmério*[82], comenta que *Vila dos Confins* é uma reportagem sobre sua experiência eleitoral, sintetizada numa pequena cidadezinha que dá nome ao livro e onde se passam acontecimentos reais de umas dez cidades. As personagens são as mesmas, sempre há um Dr. Paulo, um mascate, um dono de venda e um coronel. No entanto, tudo ali é pura ficção, visto que ganhou a eleição e, no romance, Dr. Paulo perdeu...

Ainda continuando a análise de Chiappini, percebemos a afirmação de que o regionalismo hoje tem um caráter universal e moderno que se re-atualiza como reação à chamada globalização. As particularidades locais se repõem com força como reação aos riscos de homogeneidade cultural, à destruição da natureza e às dificuldades de vida e trabalho. Um contraponto necessário da urbanização e da modernização do campo e da cidade sob o capitalismo.

Escrito em 1956, há 52 anos, portanto, o livro apresenta trechos muito interessantes, que confirmam as teses sobre o regionalismo, aqui apresentadas:

> (...) Era longe, do aeroporto à cidade. Mas a viagem de automóvel não enjoava mais. Ar, sol, chão firme – aquilo sim. O Osmírio é que continuava:
>
> - Não lhe falei coronel? Isso passa. Incomoda, eu sei, mas vale a pena. Se a gente tivesse vindo de automóvel, eram dois dias. De avião, o senhor viu: três horas e tico...
>
> Mas para Chico Belo bastava a experiência. Ia voltar de trem ou de jardineira. No tal avião, por dinheiro nenhum deste mundo!
>
> (...) Chico Belo gostava de ficar parado assim, à porta do hotel, olhando o movimento. Bonito o pisca-pisca dos anúncios luminosos – verde, vermelho, azul, amarelo - arco-íris a tremeluzir nas poças. Apesar da chuvinha miúda, insistente, o mesmo corre-corre cruzando-se no largo passeio da avenida.
>
> Quanta mulher! Sozinhas, a uma hora daquelas, a trançar pernas pelas ruas da cidade grande. Mulher – coisa boa! Elas faziam a gente sentir vontades engraçadas (...) Tudo nelas assentava: aqueles chapéus de soldado que a gente fazia nos tempos de menino(...) Na chuva viravam também bichinhos de tempo de chuva: aquela mocinha magra, alta de capa verde-clara – tal e qual louva-a-deus; a outra mais magra ainda e de óculos – gafanhotinha nervosa, pula-pula(...)
>
> Dr. Osmírio lia os jornais no saguão do hotel, enquanto esperava pelo Almeidinha. O Braulino, esse já subira para o quarto, havia que tempo! Chico Belo continuava olhando a chuva e o

[82] PROENÇA, Ivan Cavalcanti.(org.) **Seleta de Mário Palmério.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974. p. X a XVI.

> movimento. Automóvel, automóvel, gente, gente. Louva-a-deus, gafanhotas, joaninhas, Mulher, mulher, mulher...
> Vida boa, a vida de cidade grande[83]!

A cidade, a tecnologia, o avião, os luminosos, a aceleração dos movimentos e das pessoas, os novos hábitos femininos causam estranhamento para aqueles que vêm do mundo rural. A vontade primeira é a volta para o aconchego e de preferência com os pés no chão. Enquanto não fosse possível, melhor era buscar nesse outro, tão diferente, alguma semelhança ou referências com o que tivesse significado expresso num imaginário do interior, do sertão. Vale lembrar que à época do romance o Brasil se moderniza, e para tal, as fronteiras entre o campo e a metrópole terão que ser rompidas e o jeito caipira de viver se vê ameaçado de desaparecer.

O regionalismo, por ser uma tendência temática e formal que se afirma marginalmente à "grande literatura", é confundido freqüentemente com a etnologia, a pedagogia e o folclore. Para Chiappini, certos autores de textos de reconhecida qualidade estética não tinham a intenção de ir além do testemunho, do registro de contos e lendas orais, ou quando muito, de fazer história, visto que essas obras atravessam e são atravessadas por acontecimentos reais. O argumento da crítica seria de que a qualidade literária das obras regionalistas as elevaria do regional ao universal. No entanto, essa mesma crítica se esquece que é "o espaço histórico geográfico entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal"[84]. Ainda segundo a autora, o regionalismo como tendência literária evoluiu. Lê-lo como algo fechado em si mesmo é empobrecedor.

Afrânio Coutinho[85] reforça a tese de que ser regional não corresponde a ser antiuniversal, ou seja, o artista é universal na medida em que também é regional. Quanto mais integrado a seu meio, mais solidez e autenticidade apresenta. "Graças a isso torna-se-lhe possível oferecer ao público uma qualidade de personagens, uma estrutura de fatos, uma constelação de imagens e um estilo, que o fizeram reconhecível como uma genuína voz da tribo". Em *Vila dos Confins*, o autor aborda problemas regionais e adota o linguajar regional, porém sem os exageros tão comumente destacados pela literatura popular. Utiliza metáforas, figuras de linguagem, ironia, repetição, para enfatizar a força da fala.

---

[83] PALMÉRIO, 2003, p. 174
[84] CHIAPPINI, 1995. p. 157
[85] COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada – O espírito de nacionalidade na crítica brasileira.** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968. p. 189.

Em *O Globo,* Antonio Olinto[86] dava mostras de ter percebido o que nos apontam Chiapini e Coutinho:

> (...) Nossa literatura de ficção está passando por um seguro amadurecimento. Não queremos, com isto, dizer que qualquer livro agora publicado, seja como obra de arte, superior aos que foram antes. Ela, a obra de arte, é fechada sobre si mesma, inteiriça e, sob seus aspectos mais importantes, não admite comparações. Contudo, vivemos todos na correnteza do tempo e somos muito naturalmente, levados a comparar, a aproximar, explicar, medir. Daí, julgarmos que o romance do Sr. Mário Palmério, "Vila dos Confins", tem uma linhagem definida na literatura brasileira. Embora mineiro, sua escola de ficção é a nordestina. Apesar de, sob alguns ângulos, aproximar-se, no trato da coisa política, do "Esperidião", do Sr. Benedito Valadares, seu parentesco maior está com os romancistas do nordeste, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Herberto Sales, que revelam, não só nossos costumes e nossa gente, mas também cores de uma paisagem a que o escritor mineiro fica em geral alheio. (...) Outro forte do Sr. Mário Palmério é o da fixação de profissões, o que lhe mostra as qualidades de estudioso de nossos costumes. Descrever minuciosamente, muitas profissões descendo às manias a que algumas delas dão origem, é coisa de bom romancista. (...) Vila dos Confins tem outro lado importante, que é o de mostrar os hábitos e as usanças políticas de nosso interior. (...) É mesmo a obra de arte que exibe os lados escuros de um povo, levando-o a uma gradativa modificação de procedimento e uma tomada mais firme de posição diante da vida em comunidade, (...) é mais uma peça na educação do país e tem, para tanto, mais força do que a violência muitas vezes desumana do panfleto. È através da descrição pura e simples, quase neutra, que as realidades podem passar por um processo interno de aperfeiçoamento, de que participam em maior ou menor grau todos os comportamentos de um aglomerado humano[87].

Aqui Olinto explicita que mesmo que *Vila dos Confins* tenha parentesco com a ficção nordestina porque revela os costumes, as profissões – nossa gente, tudo isso parece pano de fundo para expor as nossas mazelas políticas. Ora, se o cenário é regionalista a lição educativa serve para todo o país na medida em que desvela os interesses, a incoerência da política coronelística. Para o jornalista, a literatura, dessa perspectiva, tem uma missão de denúncia e, ao mesmo tempo, proporciona uma conscientização sobre a necessidade da mudança. Assim, o contexto regional e a política nacional se cruzam para dizer de uma América Latina com pontos muito comuns.

Chiapini define que em qualquer situação:

---

[86] Antonio Olinto (1919 - ) – Acadêmico da ABL, foi crítico literário de O Globo durante 25 anos.

[87]OLINTO, Antonio. "**Vila dos Confins**". O Globo, – 05 jan.1957. Recorte sem número de página, disponível para consulta no memorial em homenagem a Mário Palmério na Universidade de Uberaba.

> (...) O grande escritor regionalista é aquele que sabe nomear; que sabe o nome exato das árvores, flores, pássaros, rios e montanhas. Mas a região descrita ou aludida não é apenas um lugar fisicamente localizável no mapa do país, supõe muito mais um compromisso entre referência geográfica e geografia ficcional[88].

Vejamos estes elementos de referência em *Vila dos Confins:*

> (...) Pouco mato e, por isso mesmo, madeira pouca. Nos Confins – claro que à exceção das zonas de cultura de primeira – o pau de lei é vasqueiro. Um isto que mal-mal dá para o gasto: canela, ipê (primos-irmãos, os dois: o ipê roxo e o ipê amarelo), a sucupira, o cedro. E a aroeira, que, apesar do madeirão respeitado que é, não padroniza, a rigor, cultura de primeira qualidade. Tirante essas bondades, terra pobre: cerrado de um pêlo, de dois, cerrado de três pêlos; campos de flechão, membeca, mimoso, capim-sapê. Ah, e a caatinga!
>
> (...) E mais: tabaranas – especialistas em ataques de superfície, e bicho de paladar delicado: comida só se for piabinhas, e os lambaris-do-rabo-amarelo, lambaris-do-rabo-verde, lambaris-do-rabo-vermelho, lambaris-do-rabo-maravilha...
> E mais,: pacuaçus, piaus-de-três-pintas, matrinxãs...
> E no fundo? Ah, no fundo! Lá estão eles, os peixes de couro, grandalhões e bigodudos: mandijubas e cascudões; picamãos, feiosos e sempre taciturnos; surubins, abotoados, jaús[89].

Para além do compromisso entre a geografia e a ficção há que se salientar a sensibilidade que não apenas olha, mas, antes, vê, observa, nomeia, descreve, explica, e tal é a composição e profusão da fauna e da flora que tanto para os que habitam o lugar como para o forasteiro é como se o visitasse pela primeira vez. E a sensação para o leitor talvez seja: "como eu não percebi isso!" – "quantos detalhes compõem este espaço!" E mais do que isso, ao demonstrar tais aspectos, a ficção permite uma identidade, um saber de si mesmo, do lugar onde as raízes se fincaram.

Palmério informava em entrevistas concedidas a jornais e revistas que nasceu com a paixão pelo sertão, sempre caçou e pescou muito, procurando conhecer as zonas e regiões por onde passava, sem predileção especial por nada, mais pelo contato homem-animal, homem-mata, homem-sertão. As passagens sobre a vida no sertão foram muito festejadas pela crítica, que destacava que alguns capítulos pareciam contos que

---

[88] CHIAPPINI, 1995, p. 158
[89] PALMÉRIO, 2003. p. 21 e 254.

separados do livro fariam sucesso por si mesmos: *A pesca do surubim; O padre e a onça preta; Vida de garimpeiro; O boi cego e a sucuri; Negócio de caboclo; Perfil de urubu roceiro e Uma lição de pesca.* Nesses capítulos, o autor utiliza metáforas, clímax, elipses e estilo de contador de "causos", do tipo que o faz à beira do fogo, inclusive tal como em *O padre e a onça preta*: " (...) todo mundo ouvia a história com atenção (...) nem um pio." Como que estimulando o clima de contador de histórias do padre Sommer, relata: (...) "tinha estilo, falava com calma – demorando-se em minúcias que sabia transformar em aventuras novas"[90]. Nesse conto a onça foi caracterizada com uma esperteza e calculismo quase humanos. Em *O boi cego e a sucuri* o autor detalha o fatalismo da morte do boi. No final da narrativa, ao demonstrar a dignidade do animal, que mesmo cego de um olho lutou até a morte, funde a fala tal como a do sertanejo com o pensamento do boi:

> (...) Esmoído de canseira, um bagaço, o curraleiro arria as cargas, repuxa, arrocha, dessarocha. Adianta mesmo mais não. Então é que o pobre boi de carro perde o respeito. Chora. Buezão desta grossura, choro triste, a coisa mais triste mesmo, de todas as desgraças deste mundo[91].

Em "*O perfil de urubu roceiro*" o autor personifica o urubu como o diabo em forma de animal e o "veste" de preto, casaca e cartola, e lembra que:

> (...) Não há bicho mais velhaco de que urubu roceiro, morador em zona de criação, mal acostumado pelo daninho vício de comer umbigo de bezerro recém-parido. Lá está o peste de plantão. Refestelado que só ele, no galho alto do pé de angico esquecido no meio do pasto (...)A gente dobra o corpo, deita mão em pedra. O urubu raciocina: mede o mal-inclinado do passante, calcula o tamanho e o peso da pedra, adivinha até aonde pode chegar aquele meio quilo de maldade. Pensa e repensa ligeiro, e continua pousado do mesmíssimo jeito. (...) Urubu tem cabeça boa e faz conta melhor do que gente. (...) Pode ser honesto um bicho dessa categoria? É criação do capeta ou não é?[92]

Segundo Fontes "a natureza é protagonista de *Vila dos Confins* e uma das razões do próprio livro. Se tudo é ficção ou ficcionado, a geografia, entretanto, é verdadeira,

---

[90] PALMÉRIO, 2003, 85 a 102
[91] Ibid, p.122.
[92] Ibid, p.192.

descrita com detalhes por um grande conhecedor".[93] O pesquisador descreve o estilo de Palmério como forte, marcante, apresentando riqueza de imagens e descrições precisas, "fazendo com que o leitor veja claramente os quadros que descreve". Na avaliação de Fontes, Palmério é profundo conhecedor do falar do povo, de sua região, "utilizando com precisão e elegância as expressões regionais, o que lhe confere originalidade".

Afrânio Coutinho entende que toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar desse fundo, retirando sua substância do clima, da topografia, da flora, da fauna como elementos que afetam a vida humana na região, bem como das maneiras peculiares da sociedade estabelecida naquela localidade e que a fizeram distinta de outras. A Literatura Brasileira, segundo Coutinho, é parte de uma cultura regionalmente diferenciada e inter-regionalmente relacionada de grande importância para a crítica e história literárias[94].

Em suma, pode-se concluir que o livro se enquadra na tendência regionalista, no entanto essa tendência, que poderia tê-lo confinado, foi a alavanca que o projetou para públicos diversos.

---

[93] FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério.** Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, no curso de Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000. 126p.

[94] COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil.** 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 202 e 203.

## 1.3 – A trama e seus personagens: romance ou relatório?

O jornal *Correio Católico* da cidade de Uberaba estampou várias notas sobre o lançamento do livro *Vila dos Confins*, entre elas:

(...) "O deputado Mário Palmério que agora também é escritor terá lançado seu livro *Vila dos Confins*. Do Rio de Janeiro vem a notícia que o parlamentar por ocasião do lançamento de seu primeiro livro dará um coquetel para os mais íntimos".[95]

(...) Depois de reproduzir a introdução de *Vila dos Confins* o autor da notícia diz que "sob nomes supostos, evidentemente, Mário Palmério retratará diversas figuras de nossa política".[96]

O *Correio Católico,* em onze de dezembro de 1956, traz na página oito de seu único caderno a manchete: "Segundo a *Tribuna da Imprensa* por causa da fraude eleitoral é que Palmério virou romancista", seguida da notícia:

> Segundo a Tribuna da Imprensa foi por causa da fraude eleitoral que o deputado Mário Palmério virou romancista. Conta o jornal numa reportagem a respeito do lançamento de Vila dos Confins que a fraude eleitoral foi um dos centros do debate do parlamentar após as eleições de 1954: "o deputado Mário Palmério do PTB Minas, e eleito pelo povo do Triângulo Mineiro e pela região de Paracatu, resolveu dar a seus pares um depoimento pessoal a respeito". Diz ainda a Tribuna que Mário Palmério "pensava em distribuir, num relatório mimeografado sua experiência pessoal de deputado eleito pela segunda vez, enfrentando a fraude, a violência e a corrupção e não podendo fazer campanha eleitoral em certas cidades onde a morte o esperava".
> Dois anos antes, em 1952 – é a Tribuna que ainda afirma – Palmério fora encarregado pela executiva do PTB mineiro para presidir as eleições municipais de quatro municípios recém criados na região do Triângulo Mineiro: Canápolis, Itapagipe, Santa Vitória e Iturama. Fora esta a sua primeira experiência eleitoral séria, uma vez que em 1950 não enfrentara grandes dificuldades ao entrar para a vida política elegendo-se deputado federal. Assim muito aprendera sobre os processos políticos das lutas municipais nessa ocasião. A isso juntou sua campanha para reeleger-se deputado.
> Nasce o romance.
> Adiante o que saiu publicado no jornal Tribuna: "Mário Palmério foi escrevendo à máquina suas evocações e observações. De fraude em fraude, de violência em violência, terminou reunindo umas oitenta páginas, que se revestiam do caráter de uma crônica da vida

[95]Coluna Chuvisco. Jornal *Correio Católico*, 23 nov.1956 p. 2
[96] Mural Político. Jornal *Correio Católico*, 24 nov.1956 –, p. 6.

> sertaneja, numa região não identificada. Desconfiou então que em lugar de um relatório, estava escrevendo um romance. Levou os originais a Rachel de Queiroz (que terminaria prefaciando o livro). Ela gostou e sugeriu que ele desse mais ênfase ao enredo e se aprofundasse na análise psicológica. A nova versão foi obtida em três meses de trabalho, era o romance Vila dos Confins que o editor José Olympio acaba de lançar.
> Sem contatos na vida literária Mário Palmério fez então amizades excelentes no setor das letras. Além de Rachel de Queiroz, tornaram-se seus amigos Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai que garantiram a excelência de seu livro. Aurélio Buarque de Holanda encontrou em Vila dos Confins nada menos que setecentas palavras não dicionarizadas, que já obtiveram guarida em seu dicionário. O estreante Mário Palmério surge aumentando o cabedal de nossos léxicos![97]

A afirmação de que o livro de Palmério teria sido resultado de um relatório inicialmente elaborado é constante em jornais, revistas, entrevistas dadas pelo autor e na nota de apresentação do livro. No entanto, na documentação pesquisada em seu acervo, na Câmara Federal, e em entrevistas com os familiares e antigas secretárias pessoais que trabalhavam com o deputado, nas faculdades que ele fundou, não foi confirmada a existência de tal relatório.

No livro, o fio condutor da narrativa, ao longo dos trinta e um capítulos, é a eleição para prefeito de localidades que, pela indicação geográfica do autor, se situam entre o Triângulo Mineiro, Mato Grosso, Goiás e Norte e Noroeste de Minas Gerais.

[97] Jornal *Correio Católico.* 11 dez. 1956. p.8

Fig. 10 – Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*. 1956, p.3

> (...) Sertão dos Confins é um mundo de chão arenoso e branco, que principia na serra dos Ferreiros e acaba no Ribeirão das Palmas. Esses, os limites que lhe dá o padre Somer, a pessoa mais abalizada daqueles fundos, no dizer geral. (...) Começando na serra dos Ferreiros ou na margem esquerda do rio Urucanã, findando no Ribeirão das Palmas ou no espigão-mestre da serra dos Papagaios, o fato é que o sertão dos Confins existe. E é um mundão largado de não acabar mais[98].

À história da eleição vão se juntando narrativas sobre o dia-a-dia do povo do interior. Cotidiano entremeado de pescarias, caçadas, lida de fazenda. Às narrativas vêm se juntar as ilustrações de Percy Lau, das quais reproduziremos algumas como referências. Os desenhos criam ao longo do livro uma linguagem que permite ao leitor citadino um conhecimento das questões rurais e regionais "humanizando o leitor, ao invés de aliená-lo em relação ao homem rural representado".[99]

Segundo Chartier,[100] existe um processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora de seus suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão, participam profundamente da

---

[98] PALMÉRIO, 2003, p.21
[99] CHIAPPINI, 1995. p. 154.
[100] CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia. A História Entre Certezas e Inquietudes.** Porto Alegre: Ed Universidade . UFRGS, 2002, p. 61.

construção de seus significados. O "mesmo" texto fixado em letras não é o "mesmo", caso mudem os dispositivos de sua escritura e de sua comunicação.

Fig. 11 – Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de Vila dos Confins. 1956, p.9

As personagens da trama de *Vila dos Confins* desfilam compondo não só tipos físicos, mas profissões, interesses, preferências, envolvimentos, expectativas de futuro:

> (...) Sol já meio de esguelha, sol das três horas. A areia, um borralho de quente. A caatinga, um mundo perdido. Tudo, tudo parado: parado e morto. Mas alguém cruza aquelas lonjuras com a mala nas costas. Quem será?[101]

Assim, o autor introduz a personagem Xixi Piriá – mascate que andava pelas bandas dos Confins levando ao povo das fazendas um pouco da cidade. Trazia de tudo: tesouras, relógios, perfume, sabonetes, corte de tecido, artigos de armarinho, baralhos, apito. Xixi Piriá era muito querido, fazenda nenhuma lhe cobrava pouso. Dava notícia de tudo e de todos, servia a muitos. Palmério refere-se à personagem de modo a causar-nos simpatia, pois ele mesmo demonstra satisfação ao relatar:

> (...) Lá vem ele. Ganjento, pilantra, roupinha de brim amarelo, vincado a ferro, chapéu tombado de banda, lenço e caneta no bolsinho do jaquetão abotoado (...) passinho miúdo, apressado. Botina chienta na areia que ringe também. Lá vem ele! (...) Xixi Piriá tinha lá suas manias: a predileta era brincar com a própria

[101] PALMÉRIO, 2003. p. 25.

> sombra, vigiar o espicha-encolhe provocado pelo sol a subir e descer.

Xixi Piriá terá um papel muito importante no final da trama, será o vingador involuntário que todos ao lerem o livro esperam encontrar.

O capítulo dois retoma a descrição da paisagem numa passagem idílica: "o rio Urucanã rolava sem pressa – calado, emburradão. Tão de manso rolava que parecia dormir que nem o povoado nascido e crescido no barranco". A descrição é tão boa que se fecharmos os olhos e fizermos um exercício de imaginação, poderemos até sentir o cheiro do rio. E para ajudar a imaginação, um desenho de Percy Lau.

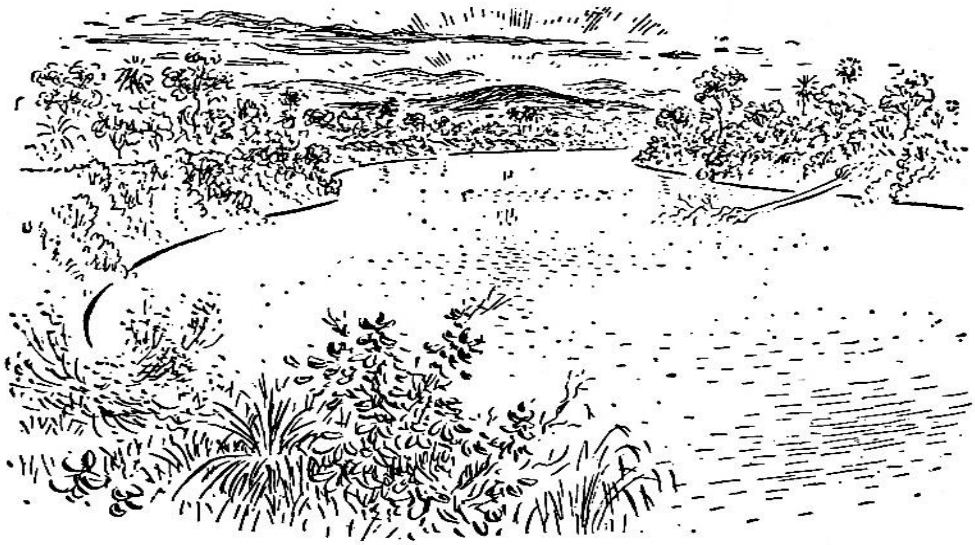


Fig. 12. Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*. 1956, p.15

Nesse capítulo, é introduzida a personagem do Deputado Paulo Santos, político ligado à região, que vem para o interior com a incumbência de articular a eleição para prefeito. João Soares é candidato pela União Cívica em oposição a Chico Belo, candidato da situação. Santos é a personagem que permite ao autor entremear política com costumes, pescarias e caçadas, que tanto encantaram o público. Em alguns trechos do livro, Santos, demonstrando cansaço com a corte que os políticos precisam fazer aos eleitores, escapole e vai se distrair com o que mais gosta de fazer, que é pescar. A pescaria é descrita de forma didática, inserindo o leitor nos mistérios da atividade.

> (...) Hora e tanto já, e nada de peixe. Mas o gostoso era ficar assim na canoa, pensando na vida, imaginando coisas. Passada aquela eleição, ia sossegar. A política matava, acabava com a pessoa. Depois que se metera nela, nunca mais pudera ter uma semana de

> descanso. Escravo dos outros, do partido, do eleitorado. E os adversários não dormiam, os concorrentes vigiavam. Todos os dias noticia má, nomeações que não saiam, chefes do interior que ameaçavam romper por causa de pedidos impossíveis...E ter de mentir, de prometer...[102]

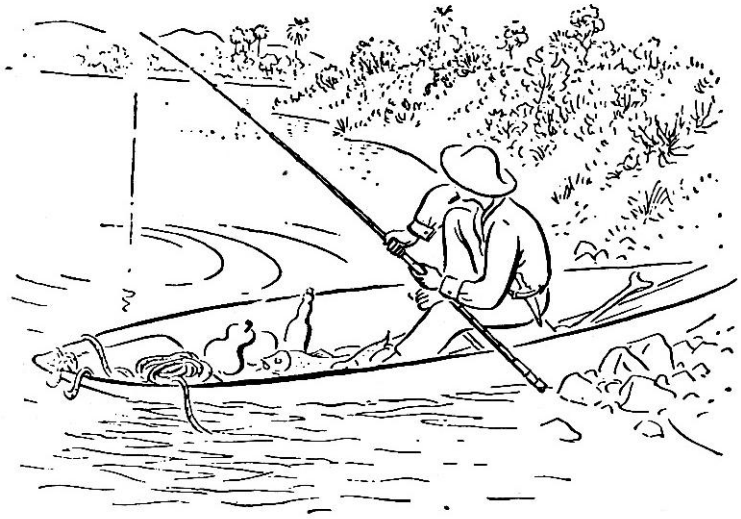


Fig. 13 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de Vila dos Confins. 1956, p.28

Jorge Turco, sírio, solteirão, dono de uma venda na Vila, era quem "hospedava" o deputado, e era em seu estabelecimento que ocorriam as reuniões com os companheiros de diretório, correligionários: João Soares, Antero, Tinoco, Jeová, Jerominho... As ausências também eram anotadas e revelavam como andava o apoio. Não vieram o Alcindo da coletoria, o Juvêncio, o Juiz de Paz. Intendente e delegado não compareciam mesmo. Agora que Paulo fundara o diretório da União Cívica, o Coronel Chico Belo não perdoaria aqueles que estavam apoiando a candidatura de João Soares. Ainda não era prefeito e Chico Belo mandava e desmandava. Grileiro de terras, chefe de uma tropa de jagunços, controlava tudo pela força, pela violência.

Entre relatos sobre o mal de Chagas, explicações sobre o perigo do barbeiro e a técnica a ser utilizada por um homem alto como o deputado para um banho de chuveiro feito de lata de querosene e bico de regador, o cotidiano da política é desenrolado.

Com a aproximação das eleições nos municípios recém emancipados – Vila dos Confins, Ipê Guaçu e São Benevenuto – a política estadual se agitava. Os chefes políticos do interior exigiam prestígio do governo.

---

[102] PALMÉRIO, 2003. p. 31.

> O governador tem compromisso comigo, João Soares. Comigo e com o partido.
> - Sei não deputado. Eleição se ganha, mas é com dinheiro e polícia (...)
> Não. Tinham que reagir, ganhar aquela eleição. A turma era boa, disposta (...). Depois, o voto era secreto!
> Um trabalho de qualificação bem feito, o esclarecimento de porta em porta de eleitor em eleitor, bons cabos para ensinar aos novatos, entregar marmitas já preparadas ao eleitorado, fornecer condução à vontade, quartel com fartura de churrasco e um bom pagode, um comício no largo da igreja (...) sem dinheiro é perder na certa – com menos de duzentos contos a gente não toca a política de Vila dos Confins.
> -Pois olhem: o jeito é ganhar a eleição de qualquer maneira, do contrário o Chico Belo acaba com a vida de vocês (...) em política vale quem vale, só é respeitado quem ganha.[103]

Vitor Nunes Leal[104] já chamava atenção para o fato de que à época, no interior do Brasil, o meio rural predominava sobre o urbano e nesse sentido os fazendeiros e chefes locais eram quem custeava as despesas do alistamento e da eleição. Segundo ele, sem interesse e sem dinheiro, o roceiro não faria o menor sacrifício para comparecer ao local de votação. Todas as despesas com documentos, transporte, alojamento, refeições, dias de trabalho perdidos, e até roupa, calçado, chapéu para o dia da eleição, tudo era pago pelos mentores políticos empenhados em sua qualificação e comparecimento. Dessa forma, para Leal, é perfeitamente compreensível que o eleitor da roça obedeça às orientações de quem tudo lhe paga, pois o ato de votar lhe é completamente indiferente. Ainda no livro de Leal, encontramos o depoimento dado por Juarez Távora na Constituinte de 1933-34, no qual ele se declara filho do sertão que fez peregrinação pelos recantos mais desconhecidos do país, onde os eleitores não dispõem de recursos para se transportar de sua casa à sede do município onde deveria depositar a cédula eleitoral. Diz ele: "se qualquer de vós pegar o lápis e fizer o cálculo do quanto custa esse transporte de mais de um milhão de eleitores no interior do país, ficará habilitado a justificar a degradação dos pleitos custeados outrora pelos cofres públicos".[105]

Tal situação se revela nos Confins*:*

> (...) Nelson chegou com dois caminhões apinhados. Entregou os títulos: cinqüenta e sete. Entrou na venda a correr, e levou Paulo para o quarto: compraram o meu pessoal deputado! Mais de trinta!

---

[103] PALMÉRIO, 2003, capítulo dezessete, passim.
[104] LEAL,Vitor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto – O município e o regime representativo no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975. p. 35.
[105] Anais – vol II, p.35.

> Quis acudir, mas foi tarde. Graças a Deus, eu tinha recolhido a maioria dos títulos. Se não ia tudo de embrulho... Deram dez contos para o Armando da Várzea Limpa. Dez contos por oito eleitores! Soltaram o dinheiro mesmo. Mas o pior foi que tive que prometer também; caso contrário, nem a metade embarcava nos caminhões. Estamos perdidos...[106]

**Fig. 14** Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de Vila dos Confins. 1956, p.245

No cenário da *Vila dos Confins*, encontramos referências expressas aos processos da eleição para prefeito da localidade. As alusões, a cor local, são sínteses da questão política no Brasil. José Murilo de Carvalho analisando a questão da cidadania no Brasil no período pós 1945 reforça esta afirmativa:

> (...) A fraude era facilitada por não haver cédula oficial para votar. Os próprios candidatos distribuíam suas cédulas. Isso permitia muita irregularidade. O eleitor com menos preparo podia ser facilmente enganado com a troca ou anulação de cédulas por cabos eleitorais. Coronéis mantinham várias práticas antigas de compra de voto e coerção de eleitores. A seu mando, cabos eleitorais ainda levavam os eleitores em bandos para a sede do município e os mantinham em "currais" sob vigilância constante até o momento do voto[107].

Continuando a apresentação das personagens, vamos encontrar Gerôncio, amigo e compadre de Paulo Santos, companheiro de pescarias, de goles de cachaça, dono da

---

[106] PALMÉRIO, 2003. p. 242.
[107] CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil.** 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 146-147.

balsa que fazia a travessia do Urucanã e que foi descrita por Mário Palmério da seguinte forma:

> (...) – Nada burro o sujeito que inventou a balsa – proseava o Aurélio – Dois canoões, tabuado por cima, cabo de aço e boa carretilha...
> - Engraçado – começou Paulo, até hoje não entendi direito como é que isto funciona. Sei que é só pela força da água. Mas o resto...
> - Pois é uma simplicidade, Paulo, - aproveitou o tio. Tudo por causa deste jeito meio torto das canoas: a correnteza vem, esbarra nelas, e força a balsa a andar de lado que nem caranguejo...O cabo de aço e a carretilha fazem o resto...
> - E para voltar?
> - A mesma coisa: vira-se a posição das canoas, o cabresto agora do outro lado. A correnteza em vez de bater do lado de cá, passa a fazer força do outro. O empuxo da água é o mesmo; só o entortado da balsa é que muda...[108]

Companheiro de estrada, Aurélio, tio de Paulo Santos, peão pantaneiro por profissão, era amizade antiga desde que o deputado era menino, e faz parte das reminiscências da juventude de Santos, acompanhando o deputado em suas andanças políticas. Bom de prosa e com muita experiência na região. Foi a conversa de Aurélio que salvou o encontro de Paulo com as pessoas de Carrapato, pois a malária achou de retornar para derrubar o deputado assim que chegaram na localidade. Cidadezinha que lembrava miséria e abandono, tristeza, falta de vida. Vejamos tal fato que a ilustração tem por missão recriar:

> O sol caía de ponta, brutal. Entorpecia e queimava tudo. A areia parecia polvilho de espelho socado no pilão. O ar, a gente podia vê-lo mover-se – lesma amarela, quente, pegajosa, a arrastar-se por sobre as ruas e telhados (...) dois anus agourentos, trepados na caveira de boi fincada no moirão alto da porteira. A caveira estava ali para espantar o mau olhado; mas aquelas duas assombrações – pretos os olhos, preto o bico, a cabeça, asas, pés, tudo, tudo preto inutilizavam o exorcismo. Fiasco de caveira: piavam agora os dois agourentos, como que chamando pela morte, perdidos de saudades dela. Não, anum não era passarinho: assombração mesmo, como morcegos. Encostados à cerca, os bois de carro cumpriam castigo, atrelados dois a dois, muda fila imóvel em frente ao cargueiro de sal; babavam, babavam... – quem sabe se a baba apagava o fogo que lhes subia pelas pernas, vindo do braseiro do chão![109]

---

[108] PALMÉRIO, 2003. p. 54
[109] Ibid, p. 64

Fig. 15 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*. 1956, p. 51

A malária derrubou o deputado, que com febre alta, desmaiou frente aos correligionários. Maneiroso, o tio Aurélio esquentou a conversa com os pobres, buscando saber se entre ele e os hospedeiros não havia algum ramo familiar em comum, afinal viviam na mesma região. Não seriam primos distantes?

Entre os visitantes encontrava-se Pé-de-Meia, cabo eleitoral, alistador de gente, pago por cabeça. "João Soares tinha razão, política só se ganha com muito dinheiro". É por intermédio de Pé-de-Meia que o autor nos presenteia com – a meu ver – a passagem mais bonita do livro. O trecho, descrito com poesia e sensibilidade, é um relato sobre o alistamento eleitoral e apresenta a dificuldade encontrada por um trabalhador rural, acostumado com as atividades da fazenda em escrever seu próprio nome com uma ferramenta tão singela quanto uma caneta tinteiro:

> (...) Tem-se de ir atrás de eleitor por eleitor, convencê-los a se alistarem, e ensinar tudo, até a copiar requerimento. Cabo de enxada engrossa as mãos (...) caneta e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra coisa: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e currais. É marcar bezerro, é curar bicheira (...) E quem perdeu tempo com leitura e escrita em menino, acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu. Ler o quê? Escrever o quê? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título rende a estima do patrão, a gente vira pessoa (...)
> -Minha vista anda que é uma barbaridade. E de tempos para cá, apanhei uma tremedeira que a mão não para mais quieta (...)
> O novato sua, desiste: Vai não Pé-de-Meia. Mas o cabo é jeitoso, não força, não insiste – espera. Tempo só de passar a gastura que a caneta sempre dá no principiante.

> (...) Depois do jantar, já menos afadigado, João Francisco tenta de novo. A mulher está perto, os filhos também. O roceiro lavou as mãos, a lamparina queima claridade dobrada, de bom pavio novo. "Sai da frente da luz menino! Me dá um copo de água ô Cota. Qual... minha vista não presta mesmo mais não. Besteira teimar."
> Pé-de-Meia não deixa afrouxar o embalo: "Me dá licença, seu João" E pega no mãozão cascudo, pesado tal um caminhão de tora. Vai choferando a bicha, para cima e para baixo, caminhando com ela sobre o papel. O rasto fica: primeiro, a foice espigada do jota, depois a laçada bamba do ó; em seguida, mais duas voltas grandes, repassadas e atreladas umas à outra. Mas ainda falta o remate: o urubuzinho do til que Pé-de-Meia fez João Francisco desenhar, bem saliente, por cima do primeiro trecho da tremida assinatura. "Já varamos um bom eito. Vamos descansar um pouco: falta ainda o Francisco, falta o de Oliveira… Não é fácil, não senhor, leva tempo. Mas aos poucos João Francisco aprende a relaxar a mão, descobre que não carece de fazer tanta força, já não molha de suor o papel (...) A pena ringe alto, mas risca bem grosso, bonito... Pelo meio do caminho, já dono de si, João Francisco acha até de conversar para mostrar desembaraço: "Este é o tal de gê? Gostei dele, uma simpatia de letra![110]

A beleza desta passagem reside em evocar o sofrimento e a humilhação de brasileiros pobres, de mão calejada, na ânsia de se sentirem cidadãos pelo voto. A aparência e a simples assinatura não lhes renderiam a possibilidade de mudar o seu destino, mas, no mínimo, o respeito entre seus amigos na comunidade em que viviam. Esse momento de tensão é registrado também pela ilustração, que representa João Francisco em primeiro plano, papel sobre a mesa e caneta na mão, com as pessoas à sua volta em expectativa. A lamparina acesa em cima da mesa, o pote d'água demonstram a simplicidade da casa e da família.

[110] PALMÉRIO, 2003. p. 74 -75.

Fig. 16 Ilustração de Percy lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 61

As mulheres pouco aparecem no livro. Ritinha, afilhada do deputado Paulo Santos, a esposa de um correligionário, a cozinheira do Jorge Turco e as moças que trabalham na eleição são apenas citadas e Maria da Penha é a única que tem algum envolvimento com a trama.

O autor tentou introduzir um ar de romance no livro, porém parece ter desistido. Maria da Penha, viúva, filha do seu Sebastião, dono da fazenda Boi Solto, resolve levar o deputado para se recuperar da malária em sua casa, fazenda pertinho de Carrapato, lugar tranqüilo, fresco, com muita fruta, espaço e gente para cuidar dele. Xixi Piriá era quem sabia da história da viúva. Moça nova, bonita, tinha uma paixão na juventude, no entanto casou-se com o dr. Luisinho, parente próximo, muito mais velho que ela por arrumação de seu pai, o Sebastião. O casamento acabou não dando certo, contava-se pela Vila que ela teve vários casos: o chofer de praça, um médico da casa de saúde, o rapaz do banco... "Dona Maria da Penha caíra mesmo na boca do povo".[111] O marido, em menos de um ano de casamento, suicidara-se com um tiro de carabina. Durante todo o período que Paulo Santos esteve hospedado na fazenda, Maria da Penha insinuou-se para o deputado. Ele quase cedeu. Moça bonita, não há homem que resista: "Vou deixar a porta do meu quarto encostada; à noite, depois que os outros se deitarem, você vem..." O encontro só não aconteceu em virtude de uma sucuri que atacou um boi da boiada de Nequinha capador e o pobre animal berrou tanto que acordou todo mundo na fazenda.

[111] PALMÉRIO, 2003, p. 117

Após o susto do deputado, o autor aproveita para passar uma mensagem moralista, comentando a insensatez de Maria da Penha, através do pensamento de Paulo Santos:

> (...) Louca e perigosa, forçar o encontro no próprio quarto, dentro de casa, com a fazenda cheia de gente(...) coitado de seu Sebastião! Tão bom homem, tão serviçal (...) uma indignidade, abusar da hospitalidade dele, aproveitar-se da falta de juízo da filha(...) uma sorte o boi curraleiro achar de ir beber água na lagoa, justo na hora em que ele iria entrar(...) e se o boi esperasse mais alguns minutos, todo pessoal da fazenda ia saber e com que cara os dois iam voltar? Ela de camisola, ainda por cima...Não, nem era bom pensar numa tragédia daquelas! (...) o certo era fugir de Maria da Penha, da tentação (...) não ficaria nem mais uma noite na fazenda. Era hora de visitar o garimpo.[112]

Fig. 17 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins,* 1956, p. 116.

Nos capítulos que tratam do garimpo, Palmério traça a lida do garimpeiro, como se fosse um profissional do ramo:

> Gentes olhem quem está aqui! Dr. Paulo em pessoa! Vai correndo soltar um foguete de rabo, ô Dito – meu garimpo bamburrou!
> Garimpo de monchão. Ilhas de cascalho espalhadas pelo terreno, umas aflorando à superfície, outras enterradas no solo.
> À falta de coisa melhor, chapéu de garimpeiro serve também de bateia – e, depois de lavado e bateado, o cascalho contou a raça: safira e pedro-da-costa, e pingo-d'água e marumbé!
> Raimundão voltou com a turma. Roçou capoeira e fincou a rancharia. E soltou a tatuzama – um zaré!
> O tal cascalho, mal cheios dúzia e pouco de carumbés, soltou de saída duas unhas-secas, e uma delas de grão e pico: e salceda, ainda mais! E lavada e peneirada a pururuca, deu cria a mais três irmãzinhas gêmeas, todas meio grão para cima.

[112] PALMÉRIO. 2003, p.127-128.

> No fundo do buraco, os alavanqueiros e enxadeiros, assistidos pelos chupeteiros que bombavam a água para fora. Nos barrancos as duas filas de ida e volta: a que subia os corumbés cheios de cascalho e a que os devolvia vazios.
> E ninguém mamparreava, que de tempo em tempo as duas filas se destrocavam.
> Assim, assim, seu doutor. Muita grisosta e fundo lascado. E Santana, lá uma vez... [113]

No Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, as cidades de Conceição das Alagoas (antes denominada Garimpo das Alagoas), Frutal, Coromandel, Tiros, Boa Vista, Lagoa Dourada, Estrela do Sul, Serrinha, Bocaiúva, Nazareno, São João da Chapada, Grão Mogol, Ferros, Patos de Minas, Monte Carmelo, entre outras, possuíam e algumas ainda possuem, garimpo de diamantes. Um dos maiores diamantes do Brasil, que pesou 254,5 quilates, e foi denominado *Estrela do Sul,* em homenagem à localidade onde foi encontrado, é citado no livro, bem como *Getúlio Vargas,* um dos maiores diamantes do Mundo – 926,60 quilates, que foi encontrado em Coromandel, pequena cidade no caminho de Paracatu e Goiás, onde Palmério fez campanhas políticas. O autor descreve a formação dos povoados em torno dos garimpos:

> (...) Se corre, porém, a notícia que a grupiara é rica, os ranchos de pau-a-pique arruam num instante a corrutela. Chega cachorro, chega mulher, toca a nascer menino – e o garimpo forma o arraial. Uns crescem ainda mais, e na pracinha deixada de propósito brota capela de adobo e telha, ajudada por todo o mundo. A igreja batiza o povo, batiza o lugar também. O nome pega – Gatinho, Areias, Bandeira... – e puxa venda, farmácia, pensão de cama e comida, onde hospeda padre, o viajante e tudo o que é capangueiro negociante de pedras, candidatos (praga que fareja atualmente todo lugar de categoria). Mas há grupiaras que secam, se esgotam, queimam. Morta a esperança, só fica o taperal. [114]

[113] PALMÉRIO, 2003. p. 129 – 131
[114] Ibid, p. 113.

Fig. 18 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p.103

Segundo Machado, a partir de 1853, com a decadência da mineração, a região do Triângulo Mineiro no Alto Paranaíba adquiriu importância na extração do diamante. Exploradores que migraram de velhas áreas exauridas utilizaram especialmente os municípios de Coromandel, Monte Carmelo, Abadia dos Dourados não só como caminho, ponto de passagem para Goiás e Paracatu, mas também como lugar de produção dessa riqueza mineral. E ao longo dessas vias foram fundados povoados e arraiais que, posteriormente, originaram vilas e cidades. Esta é uma fase conhecida pelos estudiosos como mineração tardia. Porém, a migração que facilitou o povoamento do interior de Minas Gerais, ao esgotar-se, trouxe dificuldades econômicas para a região e o conseqüente vazio demográfico, que foi preenchido pelas grandes propriedades, ocupadas por fazendas de gado, em economia de subsistência.[115]

Em pesquisas sobre as cidades da região, encontrei no sítio do IBGE a descrição de como se organizou o povoado de Garimpo das Alagoas, o que não difere muito da narrativa sobre a formação do povoado em torno do garimpo de Vila dos Confins:

> (...) Os primeiros brancos a desbravarem a região onde se situa o município de Conceição das Alagoas, foram os bandeirantes em busca de ouro e pedras preciosas. A descoberta atraiu para o local inúmeros garimpeiros que logo iniciaram a construção de uma capela em que ao seu redor, no alto da colina juntaram-se casas de primitiva construção. Com a divulgação de notícias sobre as riquezas minerais, novos garimpeiros foram atraídos e novas

[115] MACHADO, Maria Clara Tomaz. Na rota da (des) fortuna: a mineração tardia do diamante no sertão das minas Gerais. **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005.p 161-176

> moradias eram erguidas, alcançando época gloriosa, mas pouco duradoura na vida econômica da nova população. O declínio natural da mineração deu lugar às atividades agrícolas e pecuárias, tão antigas quanto o garimpo, porém mais solidamente fundamentadas para o desenvolvimento do lugarejo. [116]

Fig.19 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins,* 1956, p.136

Palmério dedicou dois capítulos do livro à personagem Neca Lourenço, fazendeiro que veio de São Paulo para trabalhar na região. Ecologista por instinto, Neca torna-se opositor ferrenho dos caboclos, que, segundo ele, são responsáveis pelo desmatamento e derrubada de bacuri[117] e guariroba.[118] Em suas terras, caboclo preguiçoso e derrubador de palmeira é tocado da fazenda à bala. O deputado Paulo Santos chega até sua fazenda para convidá-lo a candidatar-se como vereador pela União Cívica. Caso o amigo aceitasse seria uma ajuda de grande valia, pois Neca Lourenço era inimigo declarado dos Belo, família do Coronel candidato a prefeito pela oposição. Ante a negativa inicial: "não dou para isso, não, de jeito nenhum. Sou homem acostumado, mas é a fazer cerca de arame, rachar aroeira, curar frieira de gado – homem da roça, cavouqueiro, sem instrução", doutor Paulo sai com essa:

---

[116] Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/conceicaodasalagoas.pdf Documentação Territorial do Brasil: Registro 3396 – Conceição das Alagoas. Acesso em 13 de abr. 2006.

[117] Bacuri – Tipo de palmeira encontrada em terras muito férteis, servindo de padrão para classificá-las como terras de primeira qualidade.

[118] Guariroba - palmeira de até 20 m com cerca de 15 a 20 folhas, dispostas em espiral, nativa do Paraguai e do Brasil (BA ao PR, MS, GO) e muito cultivada como ornamental, pelos frutos verde-amarelados, comestíveis, e pelo palmito amargo, com propriedades medicinais e muito usada na culinária das regiões em que é originária.

> (...) O senhor pode até achar graça. Pode até pensar que estou querendo apenas ser-lhe agradável. Mas vou-lhe dizer a verdade: sou tão roceiro, tão sertanejo, tão fazendeiro quanto o senhor. Só que o senhor conseguiu fazer tudo isso, fincou toda essa madeira, realizou seu sonho. Eu ainda ando como o senhor andava nos seus tempos de peão de boiadeiro...Mas o diabo é que me botaram nas mãos, quando eu era menino, caderno e livro em vez de uma boa vara de ferrão. Sentaram-me em banco de escola em vez de me montarem em pêlo num poldro sem costeio. Meteram-me um freio de água-choca nos queixos e me puxaram de rastro para um caminho que não era o meu...[119]

Mário Palmério em várias oportunidades declarou que nasceu fazendeiro sem terras. Seu pai foi Juiz de Direito, nunca teve um palmo de chão. Sua mãe também não tinha origem fazendeira, mas ele gostava da vida do mato e tudo que pôde ver, viu e registrou. Nascido em Monte Carmelo, interior de Minas Gerais, em 1935, foi matriculado na Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro, desligando-se por "motivo de doença". Foi em seguida bancário, professor de Matemática, dono de escola e faculdades, para só então virar fazendeiro e político.

Os capítulos de Neca Lourenço tratam também do caboclo e de manifestações culturais como a folia de reis[120], "pedras no sapato" do fazendeiro que tinha verdadeira implicância com os caboclos e suas atividades. Palmério declarava-se fã de Monteiro Lobato,[121] que leu já adulto, e pode tê-lo influenciado na descrição e análise do caboclo em seu livro. Lobato, decepcionado com as experiências de administrador de fazenda, e indignado com as práticas agrícolas dos caboclos de sua propriedade, começa por colocar suas preocupações com o progresso e com os problemas brasileiros, inicialmente por suas publicações em jornais e depois em livros como *A velha praga* e *Urupês.* Segundo Aleixo,[122] a imagem do Jeca Tatu, criada por Monteiro Lobato, passou a povoar o imaginário social brasileiro, tornando-se uma figura emblemática,

---

[119] PALMÉRIO, 2003. p. 163

[120] Tradição no folclore sertanejo, vinculada ao meio rural, onde os foliões se organizavam para comemorar fartura, chuvas, etc, e saíam pelos caminhos das fazendas e sítios cantando versos religiosos, narrando a vida de Jesus e da jornada dos Reis Magos e pedindo esmolas. Carregada de simbologia e significados, na folia de reis predomina gente simples, humilde, que se reúne em grupos de 8 a 12 pessoas, que durante o período de vinte e quatro de dezembro até seis de janeiro, percorrem caminhos previamente combinados levando instrumentos musicais e um estandarte, a "bandeira" que traz a imagem de Santos Reis visitando a Sagrada Família (Cf. Caderno de Folclore número 4/ fevereiro de 2002 – Arquivo Público de Uberaba).

[121]PROENÇA, Ivan Cavalcanti.**Seleta de Mário Palmério.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974, p. XV.

[122] ALEIXO, Adriana Cristina Venturoso. Imagem literária de um sertão chamado Brasil. **Revista da UFG** – Publicação semestral da UFG, ISSN 1677-9037 – Ano VII, n.1 – Tema Brasil Rural – Junho, 2005, Disponível em <http://www.proec.ufg.br//revista_ufg/agro/sumario.html>. Acesso em 04 ago. 2007.

caricaturizada dos caboclos como feios, analfabetos, pobres, preguiçosos, sujos, inadaptáveis à civilização e aos tempos modernos. E, de certa forma, Jeca Tatu é a representação literária utilizada para pensar o homem nacional na primeira metade do século XX. Assim, como antítese do progresso, da nação de trabalhadores que se quer construir, "percebe-se que o caboclo pode ser caracterizado como um ser errante, um trabalhador em movimento, vivia a ser empurrado de um sertão que conquistou (...) até ser expulso através da força física usada pelos coronéis".Várias passagens de *Vila dos Confins* permitem identificar o leitor lobatiano, o homem que cresceu na primeira metade do século XX, na qual, segundo Aleixo, os intelectuais ansiavam por (re) descobrir o país, seus problemas, sua realidade e o potencial econômico e cultural. Vejamos algumas dessas passagens:

> (...) - Você viu aquela caboclada lá na venda, João Soares? Toda vez que me encontro com essa gente, chego a sentir até tristeza. Povinho difícil! Quando a gente pensa que já acabou a raça, sempre dá de aparecer um ou outro para dizer que não!. Praga mesmo!
> - Já lá envem você com a tal mania – resmungou Aurélio – Falta até de caridade... Deixe os pobres em paz!
> - Pobres? Você não viu o modo deles? A gente chegou, conversou, bebeu café. E nada... preguiça até de ter curiosidade. Se nem levantam a cabeça, o corpo então...
> - (...) o senhor vai combinar com o Neca; ninguém implica mais com o caboclo que ele.
> - Boiadeiro antigo ainda se lembra de uma raça de cachorro sertanejo que sempre aparecia nas comitivas. Eram gazetas – tipo ressabiado e sem serventia, e tão magro, e tão feio, e tão sem qualidade nenhuma, que de cachorro só tinha mesmo o jeito.
> (...) Assim também acontece com a raça do caboclo. È baixo: não sabe viver no meio de gente honesta. Perdão de Deus, até na amigação desrespeita a irmandade.Donde a parecença da filharada: tudo de carinha chupada, cabelinho ruim de milho encruado, orelha já em forquilha para enganchar o toco de cigarro de palha. E cuspindo de lado, de esguicho, que nem mijada de sapo. Cambada!
> - E guardando dia santo. Folhinha não traz, todo dia, o nome do padroeiro? Caboclo é fervoroso. Tanto que se ofende se alguém lhe pede adjutório – que seja maneiro, a toinha, o serviço: o santo não perdoa, fica afrontado, castiga. E ainda há quem insista, quem abuse dele, quem persiga povo tão piedoso assim! Quem abuse de sua crença e pouca saúde, que caboclo nasce sofrendo da dor do encontro, desgraçado mal que não larga o desinfeliz.
> - Caboclo, então, faz de nada? Exagero, implicância: trabalha, sim senhor. Faz filho – conta certa, de dois em dois anos: três crias de sete meses. E negocia, trama, biscateia. A velhacada o caboclo começa a tecê-la de manhã, na hora do quenta-sol, capricha-a à

> fresca dum pau sombroso e a arremata à tardinha, passado o forte do calor.
> (...) Minha fama corre mesmo. Mas caboclo não leva vantagem comigo, não senhor (...) um dia me trouxeram a notícia, bacuri pelado e telhado novo no rancho de um tal de Fiúco (...) arreei a mula, botei o pinheiro-machado por debaixo da camisa e toquei para o rancho do desaforado(...) eu mesmo destelhei o rancho, quarenta e sete folhas, quarenta e sete contos.
> - E daí?
> - Seu Fiúco, mulher, meninada, cachorrinho, papagaio, a tralha toda do seu Fiúco se exalou. Ficou ninguém para contar a história.[123]

Talvez seja por isso que Botelho afirma: "Quem entende de caboclo é Mário Palmério, que disse verdades agudas em *Vila dos Confins*. Nunca se viu coisa tão bem descrita, ousada e autêntica[124]".

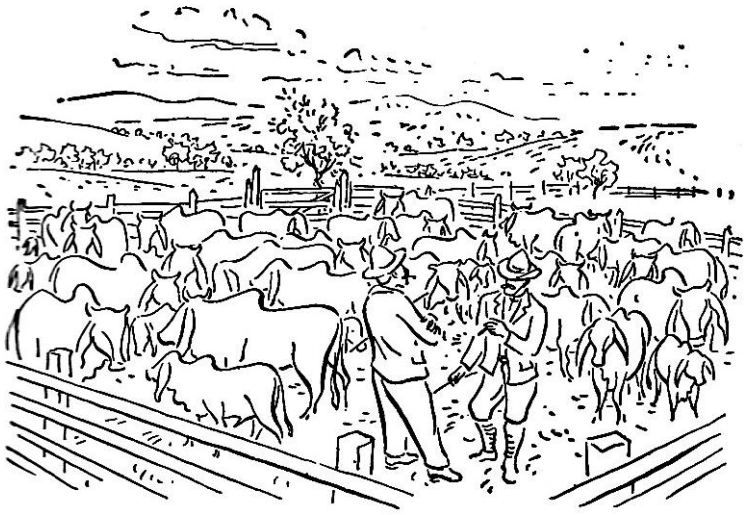


Fig.20 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*. 1956, p.93

O gado Zebu, que teve um significado muito especial na história da cidade de Uberaba, também tem destaque na narrativa de Palmério. Uberaba, no Triângulo Mineiro que no século XIX teve uma economia agropastoril, com a expansão do café passou por um período de crescimento comercial, incentivado pela extensão dos trilhos da estrada de ferro Mogiana até lá. Porém, também pela extensão dos trilhos para a região de Araguari e com a estrada de ferro Noroeste que ligava Bauru (SP) a Corumbá (MS), a cidade perdeu a hegemonia comercial que desfrutava e buscou então se

---

[123] PALMÉRIO, 2003, capítulo treze, passim.

[124] BOTELHO, Ivone Borges. **Vila dos Confins.** *Folha da Manhã* – 17 nov.1957. Recorte encontrado no acervo de Mário Palmério. Disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

transformar num centro pecuarista de qualidade pela criação seletiva do gado zebu.[125] O gado foi introduzido no Brasil aos poucos. Desde o período das capitanias, os primeiros exemplares vieram da África e não da Índia, mas tiveram seu sangue diluído por meio do cruzamento com o gado europeu. Num primeiro momento, a entrada desse gado no Brasil ocorreu de forma esporádica e ocasional; na segunda fase, já planejada, o zebu é introduzido na província do Rio de Janeiro, na última metade do século XIX. Três são as raças indianas que vieram para o Brasil: Cancre/Guzerá, Ongole/Nelore e a Gir. Segundo Lopes e Rezende, [126] a entrada do zebu no Triângulo Mineiro tem diferentes versões, no entanto o que se pode afirmar de certo é que vieram do estado do Rio de Janeiro, o como e por quem não há registro, somente história oral.

Palmério apresenta sua versão sobre o assunto em *Vila dos Confins*, versão essa reproduzida junto a outras versões no livro *ABCZ: História e Histórias* – que conta a saga da raça zebuina que ajudou a projetar nacionalmente o nome de Uberaba, que ficou conhecida como a "capital do zebu," em virtude do pioneirismo na criação do gado indiano e da sua exposição. Esta conta anualmente em sua abertura com a presença do Presidente da República em exercício, e criadores de várias regiões do Brasil e América Latina. A versão de Palmério:

> (...) -Boi famoso - boi de botar muita gente roxa de inveja do dono dele – esse tal foi o boi Lontra, guzerá puro-sangue, importado das Índias, ainda nos bons tempos do Império. Ou melhor, filho de mãe importada, que o bezerro nasceu a bordo do navio cargueiro. O importador chamava-se Acássio – dr Acássio Correia de Azevedo – criador no estado do Rio, um dos primeiros malucos que se encachaçaram pelo gado de giba e orelha grande – praga de raça mal-afamada, transmissora de terríveis pestes e dona de mal coração. Assim falavam, benzendo-se, os fazendeiros e criadores daquele tempo, que teimavam em aclimar aos nossos pastos – de capim rústico e empestados de carrapato – o dengoso e enjoado gado europeu, e em cruzá-lo com o criolo enfezado e tardio. Maluco, o dr Acássio; malucos, alguns outros criadores de então, do Triangulo Mineiro e do estado do Rio. Maluquice, porém, que rendeu dinheiro e fama a muita gente boa.
>
> Mas, para não espichar a história, o bezerro guzerá, nascido sem maiores novidades no porão do cargueiro, desembarcou já de umbigo curado e mamando que dava gosto, e , antes de largar de todo o leite da mãe, já fora dado de presente a um tal de dr Lontra: outro que gostava de zebu, mas gostava ainda mais de dinheiro, pois, com a maior sem-cerimônia, passou o bezerro nos cobres,

[125] LOPES, Maria Antonieta Borges; REZENDE, Eliane M. Marquez de. **ABCZ: história e histórias.** 2ª ed. São Paulo: Com destino Estúdio e Editora, 2001. p.19.
[126] Ibid, p.25.

> dois contos e quinhentos! – dinheiro para a época em oitenta e oito, já no reinado de Pedro II. Negócio feito e acabado, bezerro na cocheira, o seu Veloso – esse o nome do primeiro comprador do zebuzinho – informa da transação o uberabense coronel Antonio Borges de Araújo. Informa e propõe negócio, relacionadíssimo que era com o pessoal de Uberaba, gente fanática pelo boi de cupim e barbela e além do mais, endinheirada: estivesse o coronel disposto a lhe dar conto e quinhentos de lucro, e o garrote seria seu. Tempinho só de ir e vir a oferta e a resposta, e o zebuzinho muda outra vez de dono. Quatro contos de réis! Isso, para contas, que as faça – mil contos, o valor, hoje em dia, da transação, ao preço corrente de três contos por uma novilha solteira... E negócio no escuro feito em confiança, sem que o comprador visse o bezerro – exemplos de honestidade que o povo antigo vive lembrando à rapaziada sem miolo da época atual.
>
> O coronel Antonio Borges de Araújo convidou todo mundo, contratou banda de música, encomendou barbaridade de foguete. E, quando o bezerro guzerá chegou à estação da Mogiana, chegou de trem especial, importante que nem político do governo. E desceu a Rua do Comércio de a-pé, puxado pelo dono, banda na frente repicando o dobrado, e o foguetório enfumaçando a cidade.
>
> Um festão, a chegada a Uberaba, do guzerá orelhudo e azulego! A procissão desfilou pelas ruas, gente acompanhando, gente às janelas espiando e batendo palmas. E foguete e banda de música entusiasmam tanto que, quando o povo deu fé, todo aquele pessoalão tinha andado para mais de duas léguas na boiadeira de São Pedro de Uberabinha, e estava chegando à fazenda Caçu, enchendo os currais do coronel Antonio Borges de Araújo. Na fazenda, foi banquete, foi bebida, foi discurso; e foi, também, a escolha definitiva do nome do garrote guzerá: Lontra, em homenagem ao dr Lontra do estado do Rio, o tal amigo do dr Acássio.
>
> Esperançoso começo, como se vê. E tudo correu daí por diante, de acordo com o desejado pelo peitudo coronel Borges, que tivera a coragem de dar quatro contos de réis por um bezerro, numa época de bom dinheiro, em que uma nota de duzentos media um palmo de tamanho e sustentava um familião durante um ano, e tudo vivendo vida de lorde, na mais abençoada das farturas[127].

Conta-se que o boi Lontra espalhou filhos por todo o Brasil, foi motivo de várias tentativas de compra, sendo que uma inclusive resultou num grande baile que o Coronel Borges teve que dar, uma vez que perdeu uma aposta pela venda do zebu. Palmério relata essa transação e outras tantas, inclusive o caso das vinte vacas paridas enxertadas pelo Lontra.

[127] PALMÉRIO, 2003, capítulo dez, passim.

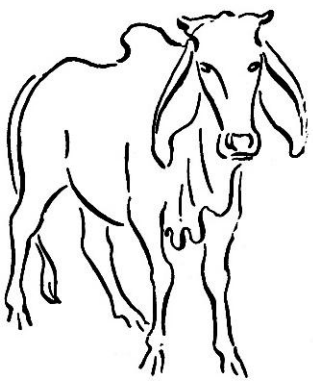


Fig. 21 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956 p.97

No capítulo dezessete, o autor dá uma guinada em sua narrativa e não mais alterna "causos" com a política, a partir daí trata da eleição e de tudo que a cerca. Assunto que iremos tratar no capítulo seguinte.

Capítulo 2

**Os caminhos da política no sertão: os confins no Brasil ou o Brasil nos confins?**

## 2.1 – Fazendo política na Vila dos Confins.

*Vila dos Confins* foi considerado pela crítica especializada um romance regionalista, cujo enredo trata da eleição para prefeito de uma cidade do interior do Brasil. O autor, Mário Palmério, desde o lançamento do livro, nas inúmeras entrevistas que concedeu, sempre afirmou que a história narrada era uma síntese de sua experiência eleitoral, que o levou a viajar e conhecer mais intimamente as regiões pelas quais circulou. As personagens seriam representações das pessoas com as quais conviveu em suas andanças. Na sua trama estão presentes um deputado, um cabo eleitoral, um dono de venda e um coronel, que representam equivalentes das inúmeras comunidades ao longo do país. Para compreender a relação que se estabelece entre ficção e verdade neste texto de Palmério, vale observar as palavras de Chartier, "nenhum texto, mesmo aparentemente mais documental, mais objetivo, mantém uma relação transparente com a realidade que apreende".[128] Neste viés, a representação não é o reflexo do real, mas a significação das práticas humanas e projeto de (res)significação e instituição ou justificação das mesmas ou de outras práticas.

Luis Delgado, em análise para o *Jornal do Comércio* de Recife, parece ter entendido a que se propôs o autor:

> (...) O autor é deputado e, portanto, político, não escreveu nem com os seus eventuais ressentimentos, nem com os seus júbilos, nem com os seus projetos ou desejos de reforma. Nem com os julgamentos que por acaso tenha feito sobre o que viu e o que fez. Justamente por isso, afirma-se romancista. E o romancista é poderoso. Por um lado, o acontecimento não é prejudicado em sua natureza e em sua totalidade pelas opiniões do observador; por outro, é apresentado sob uma luz e com um poder de sugestão que tornam indiscutíveis as virtudes estéticas do livro.
> Mereceria um estudo circunstanciado o modo como o Sr Mário Palmério transfigura em arte a realidade da eleição de Vila dos Confins. Emprego esses termos propositadamente, pois a transfiguração em arte não é nunca uma desconfiguração: a realidade permanece íntegra em todo o processo artístico. Seria um fracasso se se pudesse reconhecer no secretário Carvalhinho, este ou aquele indivíduo. Fulano ou beltrano: nele cabem, porém, centenas de administradores politiqueiros. (...) O romance do Sr Mário Palmério alcançou o grau de generalidade próprio da criação artística. E repito, sem deturpar coisa alguma. Tanto que a cada

[128] CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1985. p.62-63.

> passo pode levantar-se, dentro do leitor, o cidadão, o patriota, querendo saber aonde iremos parar, guiados por chefes assim, apoiados em eleitores daquela espécie...[129]

Conforme comenta Luis Delgado, Palmério escreveu o livro a partir de uma realidade tal como ela era à época, sem inserir julgamentos ou ideologias, de tal sorte que irritou vários críticos, dentre os quais Adolfo Casais Monteiro do jornal *Estado de São Paulo* que, em crítica publicada no dia 16 de março de 1957, comenta que a atmosfera de romance se volatiliza a partir do momento que entra em cena o deputado Paulo Santos, visto que com ele surgem a banalidade e a convenção. "Convenção levada a tal ponto que nunca chegamos a saber quem é Paulo Santos, (...) quais são as suas idéias políticas?(...) seria de se supor que um deputado representasse alguma coisa. Se o romance é de política, gostaríamos de saber como se formaram as idéias políticas do deputado". [130]

O livro aborda a política, constata-a, mas o autor não fez do livro um espaço para julgamentos e muito menos um palanque para o discurso político. Esse ele o fez na tribuna da Câmara:

> (...) Sr Presidente, Srs Deputados. Tem sido uma constante nas discussões desta Casa a necessidade de se procederem no País as chamadas "reformas de base". Sou dos que entendem que só poderemos enfrentar, com possibilidades reais, essas reformas de base, se realizarmos preferencialmente, a mais importante delas, a reforma eleitoral. (...) Entretanto, verificamos que, apesar de aprovada pela quase unanimidade da Câmara dos Deputados a tese da cédula única, indo a proposição ao Senado, lá dormiu um número inexplicável de dias e de meses e só agora, às vésperas das eleições, volta à Câmara dos Deputados com emendas.
> Não compreendo possam tais emendas ser aceitas por esta casa, que conta com representantes de todo país e que não aceitarão a discriminação que, além de inteiramente inconstitucional é odiosa, injusta e inexplicável. (...) Adotar a cédula única nos estados da Guanabara, São Paulo e diversas capitais do país, negando esse direito aos eleitores dos outros grandes estados e grandes cidades.
>
> *Sr. João Menezes*[131]*:* Nobre colega, (...) Tenho conversado com diversos colegas a respeito da adoção da cédula única em todo

---

[129] DELGADO, Luis. **Vila dos Confins**. Jornal do Comércio, Recife, 13 jan. 1957. Recorte do jornal, sem número de página ou caderno, encontrado no acervo de Mário Palmério, disponível no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.
[130] MONTEIRO, Adolfo. **Quando os deputados são personagens de romance.** *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 16 mar. 1957. Recorte do jornal sem número de página ou caderno, encontrado no acervo de Mário Palmério, disponível no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.
[131] Aparte feito pelo deputado João Menezes, ao discurso de Mário Palmério.

> território nacional e, parece-me ser essa aplicação necessária. Nas conversações, porém, que venho mantendo em plenário com companheiros de diversas facções partidárias, depara-se-nos sempre uma dificuldade tremenda. É que o nosso eleitor do interior do estado, que Vossa Exª tão bem conhece, vai enfrentar dificuldades numa eleição como a que se aproxima, em que teremos a cédula única para Senadores, Governadores, Deputados Federais, Prefeitos e Vereadores, isto é, quase um livro que o nosso caboclo do interior terá de compulsar.
>
> *Sr. Mário Palmério:* Responderei a Vossa Exª. Em primeiro lugar, com relação à dificuldade que Vossa Exª apresenta para a votação em cédula única, acredito que, em se tratando de uma reforma, de um novo processo eleitoral, haja efetivamente uma dificuldade. Mas eu prefiro essa dificuldade à impossibilidade em que se encontra o eleitor de votar em quem deseja, porque, isso sim, não é apenas uma dificuldade, mas absoluta impossibilidade, porque o cabo eleitoral, o presidente do diretório, o proprietário da fazenda, o chefe político, tiram do eleitor toda e qualquer possibilidade de votar em quem deseja. Ele sai da fazenda, dos currais eleitorais com os envelopes, com as cédulas que lhe deu o chefe político, chega à secção e, na fila é fiscalizado, policiado, não pode receber de ninguém outra cédula, porque a aproximação da fila é proibida por lei.[132]

Todavia, por meio dos seus personagens, não há como não perceber uma denúncia velada a todas as práticas que subvertiam as normas e as leis eleitorais da época. A conivência com as ações ilegais demonstrava que a República convivia com uma moral e uma ética questionáveis, próprias da imaturidade política da sociedade brasileira da época. O poder e as relações que o sustentavam refletiam os desmandos e os interesses das elites regionais em consonância com os nacionais. De fato, a ideologia da democracia liberal burguesa ainda era um simulacro no Brasil.

[132] Diário do Congresso Nacional – seção I (suplemento) – 03 jul. 1962, p. 3858.

Fig. 22 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos* Confins. 1956, p.235

Até então não havia cédula oficial para o voto, eram os candidatos que distribuíam suas cédulas. O eleitor usava, para votar, a quantidade de cédulas necessárias, cada uma com o nome de um candidato de sua escolha, de acordo com os cargos que estivessem em votação naquele momento. De posse dessas cédulas, que poderiam ter sido entregues nas sedes dos partidos ou individualmente, o eleitor se dirigia à cabine, que por determinação oficial deveria ser indevassável, e colocava as cédulas dentro de um envelope (sobrecarta), previamente rubricado pelo presidente da mesa receptora dos votos. Tais regras constam do Código Eleitoral de 1950:

> (...) CAPÍTULO II
> DO VOTO SECRETO
>
> Art. 54. O sigilo do voto é assegurado mediante as seguintes providências;
> 1 - uso de sobrecartas oficiais uniformes, opacas e rubricadas pelo presidente da mesa receptora à medida que forem entregues aos eleitores;
> 2 - isolamento do eleitor em gabinete indevassável para o só efeito de introduzir a cédula de sua escolha na sobrecarta e, em seguida, fechá-la;
> 3 - verificação de autenticidade da sobrecarta à vista da rubrica;
> 4 - emprego de urna que assegure a inviolabilidade do sufrágio e seja suficientemente ampla para que se não acumulem as sobrecartas na ordem em que forem introduzidas.[133]

[133] Código Eleitoral de 1950. Disponível em: <www.planalto.gov.br/legislação>. Acesso em 23 nov. 2006

Os cabos eleitorais, os coronéis ou os candidatos faziam a entrega das cédulas aos eleitores (já devidamente marcadas com o candidato em quem deveriam votar) dentro de um envelope que seria levado à cabine onde deveria ser retirada a "marmita" [134] e colocada dentro do envelope fornecido pela mesa, para que depois fosse depositada na urna. Também era facultado que os candidatos deixassem suas cédulas na cabine à disposição dos eleitores, no entanto essa prática foi abolida pelo desperdício de papel e prejuízos que causava, uma vez que os opositores jogavam as cédulas dos adversários fora, tirando ao eleitor o direito de escolha. Outro fato comum ocorria quando os eleitores vendiam seus votos por um valor maior do que o ofertado inicialmente e trocavam as cédulas que lhes foram fornecidas pelo coronel, por outras de quem lhes havia oferecido preço melhor. Poderia ocorrer, também, a anulação do voto, pois o eleitor na afobação, colocar a marmita e seu envelope dentro da sobrecarta oficial.

De acordo com José Murilo de Carvalho:

> (...) os cabos eleitorais entregavam aos eleitores envelopes fechados com as cédulas de seus candidatos, para evitar trocas. O pagamento podia ser em dinheiro, (...) metade da cédula era entregue antes da votação e a outra metade depois. O mesmo se fazia com sapatos: um pé antes e outro depois[135].

O código eleitoral instituído pela Lei Nº 1.164 - de 24 de julho de 1950 previa penas pela utilização de documentos eleitorais falsos, todavia essa lei não era seguida à risca, uma vez que o procedimento era comum. Vejamos as infrações e suas penas:

> Art. 175. São infrações penais:
> 18 - Trocar, arrebatar ou inutilizar cédula em poder do eleitor, ou oferecer cédula no local da mesa receptora ou nas imediações dentro de um raio de cem metros:
> Pena - detenção de quinze dias a dois meses.
> 19 - Violar ou tentar violar o sigilo do voto:
> Pena - detenção de seis meses a dois anos.
> 23 - Falsificar ou substituir atas ou documentos eleitorais:
> Pena - reclusão de dois a oito anos.
> 24 - Promover desordem que prejudique os trabalhos eleitorais:
> Pena - reclusão de um a quatro anos.
> 25 - Arrebatar, subtrair, destruir ou ocultar urna ou documentos eleitorais, violar o sigilo da urna ou dos invólucros:
> Pena - reclusão de três a oito anos[136].

---

[134] Forma popular como eram chamadas as cédulas de votação, pela forma como eram acondicionadas e pelo fato de serem portadas por eleitores, em sua maioria, pobres.
[135] CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 147.
[136] Código Eleitoral de 1950. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em 23 nov. 2006.

A partir do capítulo dezessete de *Vila dos Confins,* as lidas da política, que até então eram coadjuvantes da fauna, da flora, da geografia e dos ofícios, passam para o centro da cena e retomam o seu papel principal no livro.

Segundo Albertina Vicentini:

> A linguagem da região, a fauna, a flora, os ofícios, os espaços, os comportamentos, as roupas, as situações, os climas, o jeito de ser, o nível mental, os problemas regionais, as crenças, o universo ideológico são matéria pronta recolhida e apresentada para expressar identidade regional na literatura regionalista que se preocupa com as questões da verossimilhança do seu mundo representado[137].

As personagens, deputado Paulo Santos e o Coronel Chico Belo são os protagonistas de maior destaque no enredo, dividindo o palco da peleja eleitoral. Esse capítulo dá início à história da eleição que vinha sendo anunciada ao longo do livro, e começa com a narrativa da viagem do Coronel Chico Belo de Vila dos Confins à capital para entendimentos com os representantes da política estadual.

Os coronéis foram personagens importantes na história da Primeira República, e apesar de oficialmente serem considerados em decadência a partir de 1930, Palmério os configura no auge de sua atividade política em 1956, data do lançamento do livro. Líderes políticos e econômicos, os coronéis não necessitavam apenas da riqueza para exercer a liderança. Sua autoridade ou influência pode ser reconhecida pelo poder que dele emana. Para Raimundo Faoro, sua vinculação ao poder público vem "essencialmente do aliciamento e do preparo das eleições". Dessa forma, pode-se entender que quanto mais votos dispõe o coronel, mais força política apresenta.

> (...) A chave do controle político estará na compressão eleitoral, como sempre, não necessariamente sanguinária, mas com sacrifício da autonomia municipal. Inicialmente, o domínio se dará como obra de emergência, para a eleição fundamental, depois o expediente se torna consubstancial à manutenção no poder pelos grupos dirigentes. A qualificação dos eleitores, a tomada e a apuração dos votos seriam confiadas às autoridades municipais,

[137] VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e os sentidos do sertão.** Sociedade e Cultura, vol 10, n.2, Jul/Dez, 2007. p.188.

> com supremacia do presidente da Câmara ou Intendência Municipal[138].

Com a Guarda Nacional extinta, permaneceu o título de coronel aos chefes políticos que tinham seu poder medido pela quantidade de votos de que dispunham nas eleições. Os cabos-eleitorais exerciam importante papel na representação do coronel junto aos eleitores. Segundo Faoro[139] "o coronelismo se manifesta num 'compromisso', uma 'troca de proveitos' entre o chefe político e o governo estadual, com atendimento, por parte daquele, dos interesses e reivindicações do eleitorado rural". As despesas eleitorais seriam por conta do coronel e em troca os empregos públicos da região de seu domínio obedeceriam às suas indicações.

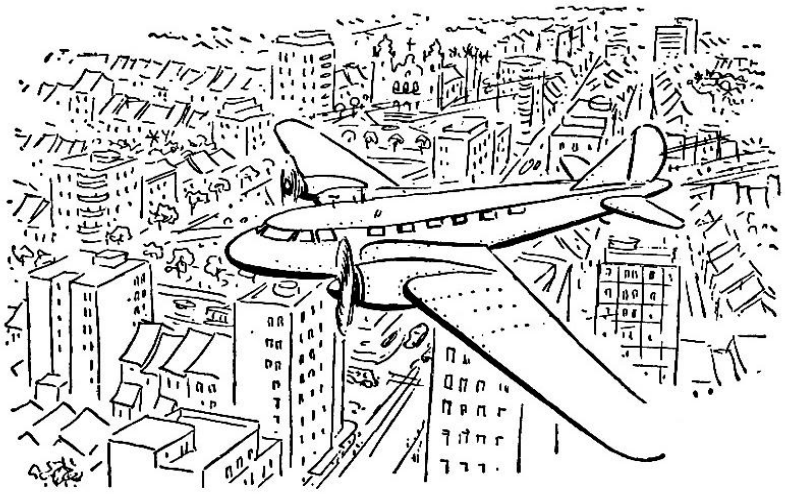


Fig. 23 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins,* 1956. p.160

O coronel Chico Belo de Vila dos Confins depois de uma desastrosa viagem de avião, para a qual seu estômago não havia se preparado, põe-se a pensar:

> (...) Uns boas vidas, os chefes liberais! Na hora da eleição eram os telegramas, recados, os portadores trazendo recomendação da executiva, ordens para descarregar toda votação em fulano e beltrano. Deputados que o povo não conhecia e que, depois, nem respondiam às cartas dos eleitores! E votação de graça: o peso da campanha, as despesas todas com a eleição, tudo ficava nas costas do pessoal do diretório, principalmente nas do chefe municipal. Os empregos, as facilidades, as honras – eram para a política de Santa Rita, O Rocha velho, o Osmírio... Esse, em todo caso, ajudava:

[138] FAORO, Raymundo. **Os donos do poder – Formação do patronato político brasileiro.** Vol. 2. 10 ed. São Paulo: Publifolha, 2000 – (Grandes nomes do pensamento brasileiro). p.245.
[139] Ibid, p.253.

> prontificara-se a vir com ele, a resolver com o governo os assuntos da Vila. Mas, agora, a cantiga era outra: Vila dos Confins emancipara-se, virara município; e o chefe, o presidente do diretório era ele. E o prefeito, também ia ser ele, coronel Francisco de Oliveira Belo. Os entendimentos com o governador e com os secretários, os pedidos de nomeações, os casos, enfim, da política da Vila, nada mais seria resolvido sem a presença dele, ou sem a assinatura dele nas cartas ou telegramas. Já não estava gostando do acordo com o Azambuja. A nomeação do delegado militar não saía, nem o contrato das professoras. E as eleições estavam perto, o pessoal reclamando...[140]

Na seqüência do livro, Palmério descreve as atitudes de Dr. Osmírio, candidato a deputado estadual e Chico Belo candidato à prefeitura de Vila dos Confins, adversários de Paulo Santos da União Cívica, que vão procurar auxílio com o alto escalão do governo na capital.

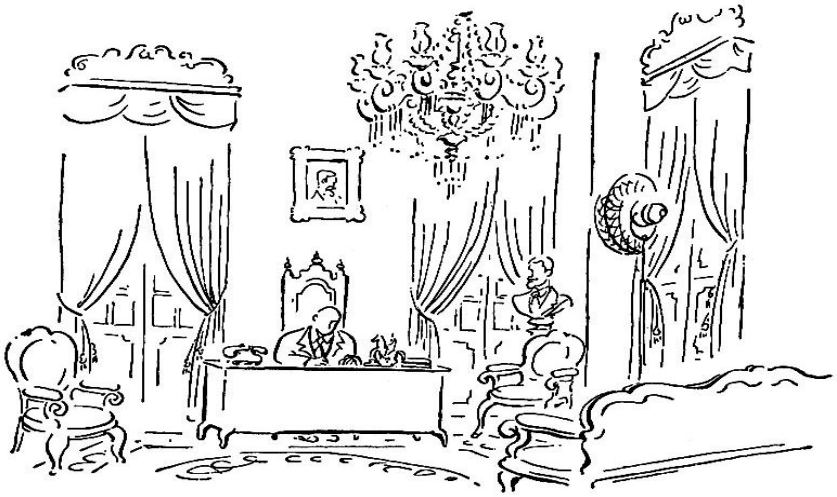


Fig. 24 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins,* 1956, p. 163

O deputado Cordovil de Azambuja foi o cicerone que se encarregou de levar os companheiros de partido para uma audiência na Secretaria dos Negócios do Interior. A intenção era solicitar maior presença do governo nas eleições de Vila dos Confins, por intermédio de nomeações para intendente e delegado militar.

> (...) - Mas é claro! Perfeitamente! E a oposição, vale alguma coisa?
> - Vai ficar falando sozinha, doutor... Meia dúzia de gente despeitada...
> - Não é tanto assim, dr.Carvalho. Otimismo do coronel... Está acostumado a ver tudo com olhos de ganhar... Os adversários são fortes, estão trabalhando...
> (...) Nosso problema, sr.secretário é um reforço final de prestígio (...)

[140] PALMÉRIO, 2003. p. 165.

> - Claro, claro! Perfeito!
> Tão fácil! O Osmírio continuava:
> - Agradecemos muito, dr Carvalho. A oposição, só com a notícia, vai se degringolar. O deputado Paulo Santos...
> - Que há com o Santos? Anda por lá também?
> - Se anda! Fundou a União Cívica na Vila do Ipê Guaçu, São Benevenuto... Lançou candidatos a prefeito em todos os municípios novos dos Confins. Mas não tem a menor brecha, se o governo nos der o apoio decisivo...
> (...) – Ah! De fato, de fato... Isso mesmo – recebi relatório a respeito. É o diabo! Ele é coligado nosso, o Santos – precisamos agir com certa calma, não podemos criar casos com ele. Temos que dar um jeito; delegado militar sem pretexto sério...[141]

Com a ponderação do secretário, o deputado Cordovil se aborrece e num repente de irritação sugere que caso não veja atendidas suas pretensões nos Confins deixará de comparecer na Assembléia onde deveria fazer um pronunciamento para defender uma reestruturação proposta pelo governo. Ao sair da reunião propõe: "vamos todos para a Assembléia. Mudei de idéia. Vou é modificar o meu discurso, solto umas indiretas. Sou capaz até de dar uma forcinha à oposição...".[142] Porém, o secretário, político ardiloso não se abala e baixinho, no ouvido do Coronel, convida-o a ir até sua casa à noite, e pede que não conte aos outros – vai mandar um carro para busca-lo. Segundo Raimundo Faoro, [143] o coronel se integra no poder estadual em que o governador é a espinha dorsal da vida política e representa uma forma peculiar de delegação de poder público no campo privado.

Fig. 25 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 170

[141] PALMÉRIO, 2003. p.171-172.
[142] Ibid, p.173
[143] FAORO, 1975, p.252.

Na capital, Chico Belo hospedou-se em um hotel, que segundo ele, era um luxo!

> Apartamento com rádio, telefone, barbeiro no quarto – era só pedir à telefonista – com massagens, cremes, toalhas quentes. Manicura também: moça conversadeira, velhaca. (...) não tivesse aquele encontro marcado com o Dr Carvalhinho, e iria convidá-la para um cinema. Mas tinha tempo – telefonava depois.[144]

Carvalho de Menezes, o secretário de Negócios do Interior, era, segundo Chico Belo, um caboclo[145] simpático, maneiroso, delicado, mas homem duro, que à investida do deputado Cordovil "só deu aquele andado de banda, sem tirar a risada e o charuto da boca. Maciota contra brabeza – e ainda prometeu telefonar!" [146]

Chico Belo, demonstrando sua admiração pelo secretário, continua: "Enquanto o Dr Osmírio falava difícil e o deputado bufava, ele, Chico Belo, e o secretário olhavam um para o outro, se afinavam. (...) No ouvido de quem o doutor falou na saída?"

A essência da obrigação assumida entre os coronéis, donos dos votos, e o poder estatal derivava, na maioria das vezes, da dificuldade que os municípios encontravam de que suas necessidades fossem atendidas pelo governo estadual. Também havia a dificuldade encontrada por esse mesmo poder, de comunicar-se diretamente com as comunidades rurais de seu estado. Desta forma verifica-se que havia uma interdependência na prática política exercida entre os representantes do interior e os políticos da capital.

> (...) Que falta fazia o estudo! Ele e o dr. Carvalho, o mesmo tipo de pessoa. O outro tivera mais sorte, freqüentara boas escolas, alisara o pêlo, virara doutor...Ele precisava mas era de viajar, conviver com os chefes da capital, desembaraçar-se mais. O Paiva, de Nova Esmeralda, não fizera, quando prefeito, quarenta e oito viagens à capital, e tudo à custa do município? Falavam dele, mas a verdade é que prefeito nenhum tinha mais prestígio com o pessoal do governo que o Paiva. Colocou os filhos todos, até gerência da Caixa Econômica arrumou para o genro... Hoje, era o boiadeiro mais forte da zona, com os bancos do governo escorando nos negócios dele...[147]

Nesta passagem, Palmério relata prática comum na política brasileira, que sobrevive até a atualidade. Segundo Hamilton Monteiro:

---

[144] PALMÉRIO, 2003, p. 174.
[145] Aqui utilizando um regionalismo, dando ao vocábulo "caboclo" o sentido de homem, pessoa.
[146] Ibid, p.174.
[147] Ibid, p.175.

> O nepotismo constituía-se um dos instrumentos mais eficazes para a reprodução do poder político local, não só por intermédio do emprego de familiares diretos, como através de apaniguados e clientes, o que de forma simultânea garantia a solidariedade pessoal e o controle eficaz sobre a máquina política.[148]

Fig.26 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 174

O convite do Secretário era para que Chico Belo comparecesse à sua residência a fim de terem uma conversa mais em particular acerca dos compromissos que Vila dos Confins tinha com o deputado Cordovil de Azambuja – tudo no mais absoluto sigilo e com o conhecimento do governador. Deixando bem claro para Osmírio (candidato pelo Partido Liberal para a zona dos Confins) que estava emancipando o coronel Chico Belo da tutela política de Santa Rita, acenando com o apoio direto sem a interferência dos Rocha. Para aumentar a "saia justa" em que colocou Osmírio, o Secretário ainda lhe propõe um acordo com um dos líderes de oposição da região.

> (...)- Não haveria possibilidade de um acordo com o dr Bernardino de Sousa? Ele já não deixou os democratas?
> - O dr Bernardino? – o Osmírio não escondia a estupefação – o dr. Bernardino de Sousa? Só se o governador estiver louco! O homem é o maior inimigo que o governo já teve!
> - O senhor é novo ainda, dr. Osmírio. Se a política municipal é cheia de surpresas, mais ainda o é a estadual... E estamos caminhando para uma solução de âmbito nacional, meu caro doutor. O governador é a chave, hoje, do problema sucessório. Pode ser que venha até a surgir como candidato à presidência...(...)[149]

---

[148] MONTEIRO. Hamilton de Mattos. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal**.** LINHARES, Maria Yedda (org) **História Geral do Brasil**. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 303.
[149] PALMÉRIO, 2003. p. 177.

A narrativa em literatura se define por um desenvolvimento de ações com o fim de tornar crível o desenrolar da trama, buscando uma conexão de relações entre os dados fornecidos pelo passado e o contexto que lhes quer dar o narrador. Essa organização imaginada, é que faz com que a obra – fictícia – apresente verossimilhança e exprima ser possível o imaginado pelo autor. De acordo com Ria Lemaire:

> (...) A construção de "mundos reais", de realidades possíveis, a sua plausibilidade, depende, também do contexto histórico real no qual eles são produzidos e reproduzidos aos leitores.(...) A literatura permite que o imaginário levante vôo mais livre e amplamente, que ele fuja, numa certa medida, aos condicionamentos impostos pela exigência da verificação das fontes. A literatura tenta incitar, antes de mais nada, à empatia, à identificação; ela visa criar uma proximidade entre o leitor e o passado[150].

Ao mesmo tempo em que Palmério discute, em plenário, a necessidade da mudança do Código Eleitoral, devido às fraudes e falcatruas políticas, reproduz em seu livro, hábitos políticos iniciados com a República, em decadência em muitas partes do país, mas muito presentes ainda no sertão brasileiro na época da escritura do livro. Em Confins ele revela: "O governador precisa saber efetivamente quem está com ele. Só por um acontecimento absolutamente imprevisível deixará ele de ser o candidato das forças nacionais à Presidência da República."[151]

Foi firmado acordo entre o Secretário, Coronel Chico Belo e Osmírio, pelo qual o governo se comprometia a baixar os atos de nomeação do Capitão Otávio, do auxiliar da Coletoria, os três contratos das professoras e cinqüenta contos adiantados para a Campanha eleitoral que seriam descontados na base de setenta e cinco mil réis por cabeça, mais mil votos para Osmírio como deputado estadual na região e Vila dos Confins estaria com o Secretário que era candidato a deputado federal.

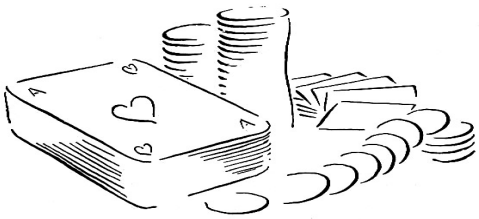


Fig.27 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 184

---

[150] LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. DECCA, Edgard Salvadori de LEMAIRE, Ria (orgs) **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura.** Campinas, São Paulo: Ed da Unicamp, 2000.
[151] PALMÉRIO, 2003. p.178.

Depois da conversa, o Coronel foi convidado a ficar na casa do Secretário para uma rodada de Pif-Paf – jogado a dinheiro graúdo por um grupo de políticos e pessoas da sociedade. Palmério descreve a noitada e a roda de jogo como se estivesse ali participando, enriquecendo a narrativa com detalhes sobre os convidados e sobre a forma de jogar. Tudo regado a uísque e política.

Fig.28 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 179

E não demorou para que o governo "desse as caras" em Confins. A agitação começou pouco depois da volta de Chico Belo. Chegou de Santa Rita uma patrola "amarelo tratorão de esteira", revirando o pasto do cemitério que seria improvisado como pista de pouso para o teco-teco vermelho que traria o dr. Carvalhinho:

> (...) Bicha valente! Lobeiras, pés de mangaba e de araticum, cupins, valetas, tudo isso a máquina derrubava e arrastava e nivelava, um homem só no volante! Ninguém deixava de, à tardinha, ir apreciar as façanhas do tratorista. Chico Belo determinava o serviço e não se esquecia da propaganda: "isto é só por enquanto! No dia em que eu for prefeito..." [152]

Palmério relata a típica festa cívica que acontece no interior do Brasil sempre que algum figurão do governo ali comparece. Banda de música, bandeirinhas verdes e amarelas, o batalhão local perfilado, as crianças do colégio, foguetes e um bando de gente para luxar o representante ilustre que veio demonstrar que "o governo estava presente agora na Vila dos Confins para manter a ordem e defender o Regime!" [153]

---

[152] PALMÉRIO. 2003, p. 195.
[153] Ibid, p. 195.

## 2.2 – No limiar das eleições

Nos capítulos referentes à política, tal como na vida política do Brasil das três primeiras décadas do século XX, o cidadão comum esteve ausente do livro. As poucas personagens citadas tiveram participação somente para compor o quadro político montado pelo autor. Segundo Monteiro:

> (...) No nível mais baixo da sociedade, o cidadão era o grande ausente da vida política, considerado como mero elemento legitimador das decisões da elite oligárquica. Assim, nas palavras de um especialista, Edgar Carone, o poder torna-se monopólio do grupo dominante, que possui suas raízes na posse da terra. Em suma 'o coronel é aquele que protege, socorre, homizia, e sustenta materialmente seus agregados: por sua vez exige deles a vida, a obediência e a fidelidade' [154].

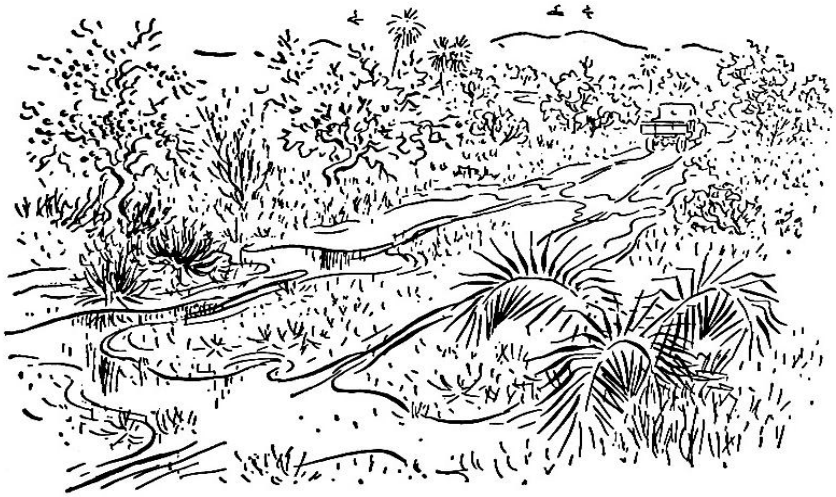


**Fig. 29** Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p.196.

O capítulo vinte e dois de *Vila dos Confins* inicia-se com Paulo Santos com água pelos joelhos, em virtude das chuvas que provocaram uma enchente e o atolamento do carro no lamaçal resultante. Quase duas semanas ausente tentando arrebanhar colaboradores e reerguer o moral dos correligionários e agora a estrada daquele jeito! Uma dúvida martelava-lhe o pensamento: teria sido realmente uma tocaia a pororoca cortada e derrubada no meio da estrada? "A batida de foice no mato, o amassado dos

[154]MONTEIRO. 1990, p.303

ramos onde o jagunço se amoitara, atrás do pé de ipê? Tocaia mesmo”[155]. Paulo conjectura ter de voltar a Santa Rita para falar com o Juiz Braga, ameaçá-lo com telegrama para o Tribunal, armar um escândalo. No entanto, provavelmente nada disso adiantaria, pois não tinha provas e a denúncia acabaria voltando depois da eleição acabada.

> (...) Mas Paulo sabia que era verdade! (...) Num sertão daqueles, lugar de criminoso fugido e gente ruim, o caso não era o primeiro. Botar a culpa em quem? Como responsabilizar os bandidos dos chefes liberais? A polícia, comandada pelo capitão Otávio, nomeado delegado militar pelo Chico Belo e, ainda por cima, irmão do Alcindo da Coletoria... O cínico do Carvalhinho montado na Secretaria dos Negócios do Interior, manobrando a justiça, comandando a força pública, fazendo e desfazendo...[156]

**Fig. 30** Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 213

A política regional apresentava um lado autoritário e violento quando não conseguia impedir o aparecimento de oposições locais. Tratavam de diminuir essas forças pela violência oficial, por crimes encomendados a capangas e fraudes eleitorais escancaradas.

> (...) O Chico Belo, por mais burro que seja, não ia ao ponto de cometer uma besteira dessas. Vocês já pensaram no barulhão que isso ia dar? Sou um deputado federal – que diabo! – e não se mata a gente assim sem mais nem menos...

[155] PALMÉRIO, 2003. p.198
[156] Ibid. p. 199.

> Pois eu continuo achando que é serviço dos Rochas, o senhor não conhece os Rochas. Precisava ver o ódio do Osmírio depois que fizemos o acordo com o dr. Bernardino, o tal trato de trocar a votação com ele para deputado estadual nas próximas...
> Provável mesmo! O Osmírio era candidato e andava em plena campanha, já que as eleições gerais seriam dentro de seis meses. (...) O outro era filho também de Santa Rita, médico estimado, e conhecia aquele sertão a palmo (...) O Osmírio desesperava-se: com a eleição do Bernardino, o prestígio dos Rocha cairia, o governo teria de mudar de orientação nos Confins, a música seria outra...[157]

Segundo Maria de Lourdes Janotti, "nem todos os coronéis tinham acesso ou participação nas decisões das oligarquias governantes. Os pequenos coronéis limitavam-se a gerir a política do lugarejo e a seguir sempre o situacionismo no plano estadual e federal".[158] As diversas áreas do governo no município agiam de forma articulada, manipulando os serviços sob sua responsabilidade, de forma a manter o *status quo* das gentes do coronel e dele próprio. Palmério destaca essa situação no trecho a seguir:

> O secretário agia às claras: hospedara-se na casa do Chico Belo, visitara o diretório do partido liberal, prometera mundos e fundos. O Alcindo da coletoria, de costas quentes, aumentava e diminuía os impostos como muito bem entendia...Buscas, o destacamento do capitão Otávio passara a dá-las ostensivamente, revistando os chefes unionistas em plena rua. O Juvêncio, esse então caprichava: mais de duzentas certidões e mais de cem títulos o ladrão extraviara de propósito, no seu cartório!
> E tudo isso acontecia na Vila, acontecia em Ipê-Guaçu, acontecia em São Benevenuto. Intendentes trocados pelo Carvalhinho, delegados militares no comando de destacamentos reforçados, coletores e juízes de paz a serviço da política situacionista[159].

A personagem Paulo Santos teve uma idéia de repente! "Plano maluco, um escândalo dos diabos, mas os liberais sairiam desmoralizados. E João Soares ganharia a eleição! Agora, era pôr de parte os escrúpulos, combinar tudo com o Aurélio – o tio toparia, se toparia!" [160]

E executar a coisa com rapidez era imprescindível. O deputado havia recebido de alguns de seus correligionários a informação de que haviam sido vítimas de uma tocaia que, provavelmente, teria sido armada para pegá-lo, visto que todos sabiam que

---

[157] PALMÉRIO, 2003. p. 198.
[158] JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **O coronelismo: uma política de compromissos**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.48.
[159] PALMÉRIO, 2003 p. 199.
[160] Ibid, p. 205.

ele retornaria de sua viagem nesse dia. A informação foi suficiente para provocar na Vila uma demonstração de força por parte da polícia militar que estava "do lado da situação" e, por sua vez, de Chico Belo. Homens armados de ambos os lados, a praça cheia de gente, provocações de toda a sorte:

> - O senhor é o dr. Paulo Santos?
> - Sim senhor.Que deseja?
> - O capitão Otávio mandou dizer para o senhor dar uma chegadinha até a delegacia...
> Num átimo, Paulo percebeu o desacato. À porta da Coletoria, o pessoal do Chico Belo espiava; gente nas janelas, o povo parado na rua olhando também para a cena. Incrível, aquilo! Ele, um deputado federal, protegido por tantas imunidades e prerrogativas – impossível ignorá-las o mais atrasado oficial de justiça – receber uma intimação daquelas, pública, a rua cheia de gente! E por quem? Pelo sargento acabritado, petulante...
> (...) Paulo estava armado, sem paletó e camisa, o revólver aparecia na cintura, à vista de todo o mundo. João Soares e Antero, esses chegavam da viagem, armados também, com toda certeza. Aurélio, Jeová, Jorge turco...o pessoal da venda...
> Sargento e cabo esperavam pela resposta. Paulo deu-a disposto a tudo:
> - Olhe aqui, sargento; diga lá ao seu capitão que não se meta a besta comigo. Não sou empregado dele e nem recebo ordens de polícia. E vão dando meia volta os dois, depressa que eu estou de pouca prosa hoje. Ande!
> - Cambada! Venha aquele cachorro aqui se for homem!O que vocês sabem fazer é armar tocaia à noite! [161]

A história da política brasileira apresenta alguns casos de simulação de atentados, cartas falsas, documentos forjados, *Vila dos Confins* não poderia deixar de ter o seu. O deputado fingiu que sofreu um atentado. Com ajuda de Aurélio, meteu-se na mata, calçou botinas novas de tamanho maior que o seu, derrubou uma árvore, jogando-a na estrada, a fim de impedir o caminho, estacionou a caminhonete, atirou várias vezes de carabina contra o vidro e a lataria. Os tiros foram tão bem dados, que seu tio comentou: "Puxa! Por um tiquinho que não pegam a gente!".[162] A idéia era essa, fazer de conta que haviam sido alvejados, porém sem que o jagunço os tivesse acertado. Preparada a cena, foi para Santa Rita, e chegando ao posto de gasolina da cidade, tratou de fazer um estardalhaço, para que todos por ali ficassem sabendo da tocaia que haviam lhe preparado. "O promotor de justiça fez questão de acompanhar pessoalmente o

[161] PALMÉRIO, 2003, p. 205.
[162] Ibid, p.214.

deputado à casa do radiotelegrafista do estado, pois ia também se comunicar com o chefe de polícia, dando-lhe ciência do ocorrido".[163]

Santa Rita inteira ficou sabendo do ocorrido e deplorou o atentado. Os Rocha caíram no conceito público por apadrinhar bandidos da marca de Chico Belo. Paulo Santos virou o herói do dia. Depois de prestar depoimento relatando detalhes do "atentado", Paulo e o tio se recolheram à casa do Dr Bernardino:

> (...) Pelos meus cálculos, Paulo, amanhã a força federal chega de avião...Deve vir um mundo de gente da capital: jornalistas, repórteres, fotógrafos. (...) A coisa ficou uma perfeição de bem feita (...) perigo pode haver se a polícia técnica cismar de conferir a bala enterrada na tábua da carroceria com o cano da nossa carabina. Se descobrirem que a arma é a mesma...[164]

E confirmando a pouca confiança da população em relação à solução de casos pela polícia, Paulo afastou as dúvidas de Aurélio:

> (...) Confere não tio. Isso é coisa de romance policial, de fita de cinema. Polícia técnica só existe em propaganda americana. Depois a coisa foi clara demais: o farelo de rapadura, as cápsulas vazias da quarenta-e-quatro, os tocos de cigarro, o malhadouro do jagunço atrás do jatobá, os passos do sujeito marcados no fundo da lama da estrada – pés de sujeitão graúdo...o precedente testemunhado pelo Clodoaldo e pelo Mingote...Tem perigo não, tio. Foi um crime perfeito![165]

E como seria de esperar a semana foi um alvoroço, visitas de todos os lados, telegramas aos montes. Primeira página em vários jornais da capital, deputados discursando indignados na tribuna da Câmara e, no Senado, líderes da União Cívica e da Aliança Democrática, governistas solidarizavam-se com as vítimas e sugeriam se o motivo não poderia ter sido outro que não a política, e a mesma solidariedade prudente dos demais oradores do partido liberal. Na sexta-feira, antevéspera do pleito, o trabalho foi imenso:

> (...) Eram muitas as providências: contratar caminhões para a condução e recondução do eleitorado; distribuir cabos para acompanhar as viagens; fornecer gasolina e óleo; nomear fiscais para as seções eleitorais; designar cabos especializados em trabalho

[163] PALMÉRIO, 2003. p. 221.
[164] PALMÉRIO, 2003, loc.cit.
[165] PALMÉRIO, 2003, loc.cit.

> de rua (no dia é que se ganham eleições!); organizar o quartel...(...) À medida que passava o tempo, mais e mais providências, mais e mais preocupações. E a falta de prática dos companheiros? Antero Ferreira de todos, o mais sabido e experiente perdia-se em afobações e nervosias, atrapalhando em vez de ajudar[166].

O pessoal do partido Liberal estava acabrunhado, suportando calado as provocações e o fato de o governo ter-se voltado contra eles – os unionistas afixaram o telegrama recebido do Governador do Estado na porta da venda do Jorge Turco, e em seguida, estouraram vários foguetes de três tiros. Do telegrama do governador constava o seguinte:

> Já ordenei viagem chefe polícia avião especial acompanhado melhores auxiliares serviço investigações pt designei, outrossim, oficial idôneo a fim de substituir imediatamente delegado de Vila dos Confins[167].

Chico Belo foi até a frente da venda do Jorge Turco e leu o telegrama, não dando o braço a torcer: "Eu bem sabia! Conheço muito esse oficial... Fui apresentado a ele no palacete do dr. Carvalhinho: homem de confiança do secretário. A troca foi *pró-forma.* Ora quem havia de ser – o Idôneo! Meu companheiro de pif-paf..."[168]

A vibração no dia da eleição tinha um sentido de ser, especialmente para os eleitores da zona rural. Para eles era feriado, portanto aquele dia não trabalhariam; muitos, pela primeira vez, andavam num veículo motorizado, vestiam suas melhores roupas, levavam a família inteira para a cidade. Mais do que isso era a vez de serem paparicados, alvos de atenção, ganhavam comida, peças de vestuário e distração. Contudo, para os organizadores do evento, muitos eram os afazeres. Tendo em vista a inexperiência do pessoal da Vila em eleições, tudo dependia da aprovação do deputado. A ele expunham todos os problemas que não tardaram a ocorrer, já com a chegada do primeiro caminhão do Brejal:[169]

> - Vieram trinta e dois, doutor. Mas só vinte e três com título; o resto é mulher[170] e menino. Deixei outro caminhão na venda do Fiico, esperando mais um lote de gente. Fora o caminhão do seu Nelson...

---

[166] PALMÉRIO, 2003, p.225.
[167] PALMÉRIO, 2003, loc. cit.
[168] PALMÉRIO, 2003, loc. cit
[169] PALMÉRIO,2003, p.226.
[170] Segundo o código eleitoral de 1950, as mulheres que não exercessem profissão lucrativa, não tinham o alistamento e votos obrigatórios.

> - Paulo interrompeu o retireiro:
> - Mas só vinte e três? Quantos você acha que ainda vêm nos caminhões?
> - Vai haver quebra, doutor. Me disseram que o Juquinha do seu Chico Belo andou por lá, de tarde, comprando título. Estava pagando a quinhentos...
> - O deputado explodiu:
> - Quinhentos mil-réis? Não é possível. Que eu sabia que eles iam tentar esse golpe baixo, sabia. Mas a quinhentos! Será que compraram muitos? Você soube de algum?

Para Carvalho, o voto tinha um sentido diferente para o eleitor do que para o legislador. Não se tratava de autogoverno, do direito de participar da vida política do país:

> O votante não agia como parte de uma sociedade política, de um partido político, mas como dependente de um chefe local, ao qual obedecia com maior ou menor fidelidade. O voto era um ato de lealdade e de gratidão. À medida que o votante de dava conta da importância do voto para os chefes políticos, ele começava a barganhar mais, a vendê-lo mais caro. Nas cidades, onde a dependência social do votante era menor, o preço do voto subia mais rápido[171].

Ainda segundo Carvalho, "o pagamento podia ser feito de várias formas, em dinheiro, roupa, alimentos, animais"[172]. Havia a necessidade da eterna vigilância, de preocupações adicionais para que o político não fosse enganado, desta forma ele "mantinha seus votantes reunidos e vigiados em barracões, ou currais, onde lhes dava farta comida e bebida, até a hora de votar".

> Tinoco esvaziara o paiol e levantara o ranchão de folha de coqueirinho-indaiá – praga no campo vermelho – junto ao telheiro do carro de boi. O conjunto – paiol, telheiro e rancho – dava para abrigar um mundo de gente. (...)
> O pagode não morrera apesar da hora. Pouca gente chegara de véspera (a boa técnica mandava trazer os eleitores da roça no dia mesmo da eleição, pois assim se evitaria o trabalho insidioso dos cabos adversários). Mas a dança se formara com o pessoal do povoado. Homem com Homem. Dança de canzil[173]
> Requebravam-se, soltando risadas, divertindo-se uns à custa dos outros[174].

---

[171] CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 35.
[172] CARVALHO, 2006, loc. cit
[173] Canzil: cada um dos dois paus existentes na canga, entre os quais é colocado o pescoço do boi.
[174] PALMÉRIO, 2003 p.227.

**Fig.31** Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 224

Para manter os votantes coesos em torno de uma candidatura, usava-se a estratégia da organização do pagode caipira, onde se dançavam diversos gêneros musicais, entre eles a dança ilustrada por Percy Lau, que se realizava dentro do espaço do curral eleitoral numa estrutura de festa, com comida e bebida.

O doutor Bernardino convocara o Pereirinha, chicanista eleitoral da região, rábula que havia trabalhado para os Rocha na época do bico-de-pena, das atas falsas, do tranqüilo reinado dos coronéis. "Braço direito do velho Rocha e responsável por todo o seu longo domínio nas urnas de Santa Rita, verdadeiro artífice da oligarquia rochista, firmemente consolidada e ainda no poder, apesar da revolução e do voto secreto".[175] A idéia era que ele desse uma "demão" no pleito municipal de Vila dos Confins.

> - Todas as seções em ordem dr. Pereirinha?
> -Perfeitas. Em cada seção pus um homem de confiança
> - Paulo lembrava das possíveis chicanas:
> - E os fósforos? Soube que o Osmírio é especialista...

Os fósforos eram parte da fraude eleitoral[176]. Eram pessoas que se faziam passar pelos eleitores que haviam morrido, mudado de cidade, votando várias vezes. Segundo

[175] PALMÉRIO, 2003. p.229.
[176] A denominação provavelmente foi dada a esse tipo de falcatrua, pensando na caixa de palitos idênticos revestidos de combinados químicos, que produzem fogo ao serem atritados com a parte de fora da caixa.

Carvalho[177]: "Se o alistado não podia comparecer, aparecia o fósforo e se fazia passar pelo verdadeiro votante. Bem falante, tendo ensaiado seu papel, o fósforo tentava convencer a mesa eleitoral de que era o votante legítimo. Podia acontecer de aparecerem dois fósforos para o mesmo votante. Vencia o mais hábil".

No capítulo vinte e cinco de *Vila dos Confins*, Palmério demonstra com muito mais ênfase a questão da fraude eleitoral, bem como sua preocupação com a mudança da lei, por intermédio de sua conversa com Pereirinha:

> - E os títulos de gente que já morreu?
> - Por via das dúvidas tirei certidão dos óbitos registrados no município. O Juiz mandou me dar. Impugnam-se na hora.
> - Quer dizer então que eles não podem cometer nenhuma fraude?
> - Dessas comuns, não senhor. Meu medo é o dinheiro. Soube que o Chico Belo pôs gente a correr o município, a ordem é pagar até quinhentos por cabeça...
> - (...) Esta lei eleitoral é uma beleza: quem pode comprar títulos inutiliza os que não podem. O sigilo também não existe. Aposto como o Osmírio mandou distribuir *marmitas* preparadas para o pessoal dele.
> - (...) Preparadas, como? Qualquer sinal, qualquer marca inutiliza as cédulas...
> - (...) Ovo de Colombo, deputado! A coisa mais fácil do mundo. Por exemplo: o senhor quer descobrir em quem votou fulano, empregado seu, pessoa que lhe deve obediência. Basta entregar-lhe a *marmita* com a cédula de um deputado qualquer, nome desconhecido. Na apuração aparece o envelope com aquele voto; se não aparecer...Ou senão, nestas eleições municipais, onde não se vai votar em deputados, o senhor prepara a *marmita,* colocando, por exemplo, duas cédulas iguais para prefeito, três iguais para vice, quatro iguais para juiz de paz...O senhor pode fazer tantas combinações quantos forem os eleitores cujos votos há interesse em descobrir. Na apuração aparece o truque. E não se perde um voto, que cédulas iguais não o inutilizam...Sigilo! Voto secreto!...Bobagens dr. Paulo, bobagens...
> - E na qualificação, será que falsificaram muitos requerimentos?
> - (...) Então seu Pereirinha, olho vivo, olho vivo! A fraude na qualificação é a mais perfeita de todas. Facílimo, se o cartório faz vista grossa. Um perigo!
> Pereirinha tinha razão. Sem radical reforma da lei eleitoral, as eleições continuariam sendo uma farsa. Bastava a conivência do escrivão eleitoral para se inundarem as seções de eleitores fantasmas(...) Nas cidades onde as seções eram muitas, avalie-se o estrago: um sujeito só a votar como Antonio, como Francisco, como José, como Venefredo...[178]

[177] CARVALHO, 2006. p. 24
[178] PALMÉRIO, 2003. Capítulo vinte e cinco, passim.

Prosseguindo com a eleição, Palmério descreve a situação diferenciada que viveu Vila dos Confins, em virtude da tocaia feita ao deputado federal. Foram proibidas de funcionar mesas de votação fora do povoado, faixas de propagandas foram retiradas dos postes, muros foram caiados às pressas. O Juiz determinou somente quatro seções eleitorais, duas para homens e duas para mulheres: - "O município vive dias anormais; não fui eu o culpado, seu dr. Osmírio... A nação está de olhos fitos em nós(...) Os tempos mudaram". [179]

O dia vai passando com a preparação das marmitas, o transporte dos eleitores, quase mil e cem! O deputado dando instruções aos eleitores:

> Coisa simples seu João, não se afobe, não me vá botar este envelope dentro do outro, pelo amor de Deus, se não a gente perde seu voto... Depois de votar, pode fazer as suas visitas, as suas compras, passear na Vila à vontade, na hora que quiser voltar para a chácara, passe por aqui, que há condução. [180]

O autor segue relatando mais casos de fraude, troca e venda de votos, os "fósforos", os votos tirados de João Soares e... Maria da Penha. Paulo saiu de seu posto e foi visitar os pontos de votação, especificamente a seção onde votavam as mulheres cujos nomes começavam com a letra M. "Chegou quando, Dona Penha? E seu pai? (...) Não posso nem falar com você hoje... Amanhã ou depois... Vou ficar na Vila mais dois ou três dias... Estou na casa da tia Isaura... Vá tomar um café com a gente...". [181]

Final do dia, urnas lacradas e sob proteção policial, Paulo vai descansar depois de dois dias e duas noites sem dormir. Na segunda feira, o deputado retoma as pescarias e ali, vigiando o caniço, rememora os acontecimentos e as pessoas da Vila com quem conviveu nesse período de campanha. Padre Sommer, companheiro na pescaria, desconfiado da falsa tocaia armada por Paulo, passa-lhe um sermão. A apuração das urnas começaria no dia seguinte ao meio dia. Eleição apertada essa de Vila dos Confins! Dos mil e cem alistados, somente oitocentos e setenta e nove compareceram.

---

[179] PALMÉRIO, 2003, p.233.
[180] Ibid, p.238.
[181] Ibid, p.246.

Fig.32 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 22.

A ilustração de Percy Lau apresenta a rua principal de Vila dos Confins, cidade sem grande movimento de carros, idêntica a tantas outras ruas sem calçamento de cidades do interior. Palmério vai acalmando o leitor e depois de tanta lida política, volta a falar de peixe, de rio, de caçada, a vida retoma seu ritmo lento em Vila dos Confins.

> (...) Dia comprido o dia de quem madruga. Eito rendoso de serviço para o povo da roça, acostumado a dormir com as galinhas. Depois vinha o hábito – todo mundo fora de casa e ainda com escurinho da madrugada, a zanzar pelas ruas do povoado, a esperar que as vendas se abrissem: as mesmas rodinhas ao quenta-sol, a prosinha preguiçosa ao cigarrar cheiroso do fumo capoeira. Diz-que-diz-que, futricas, novidades... As cidades cresciam, mas o costume ficava. [182]

O crítico Luis Delgado reputou que Palmério colocou o romance de volta nas monótonas estradas do sertão com extrema maestria. "A eleição tem que passar. E quando passa, o livro ganha, nos dois últimos capítulos, outro espaço, outro ar – o ar das largas tragédias humanas".[183]

---

[182] PALMÉRIO, 2003. p. 273.
[183] DELGADO, Luiz. **Vila dos Confins.** Jornal do Comércio – Recife – 13 jan.1957. Recorte de jornal, acervo Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

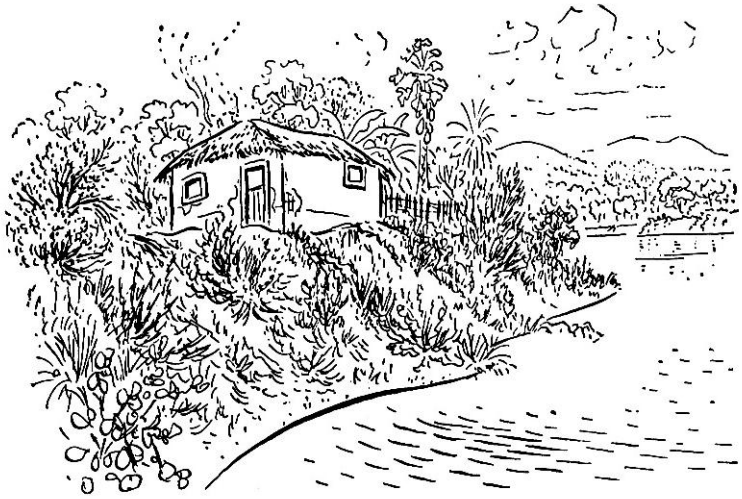


Fig. 33 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 40

O deputado foi para o barranco do Rio Urucanã, aguardar a hora de encontrar-se com Maria da Penha e ao mesmo tempo, ver o Nequinha Capador que estava com uma boiada de zebu das boas para atravessar para a outra margem. Esta era a última viagem, que custo! Padre Sommer e Aurélio iam também, Gerôncio já havia feito vinte e duas travessias com o gado e a correnteza estava aumentando, a chuva tinha sido forte à noite. Paulo falou com o padre: "Meu primeiro serviço no Rio vai ser a verba para a ponte aqui no rio Urucanã (...) Na força da cheia, a água espremida nestes barrancos arrebenta com qualquer cabo de aço. Um perigo, este porto!".[184] Só ficaram o deputado e Xixi Piriá no barranco, Ritinha, com seu vestido vermelho de chita, ia visitar dona Iaiá, na Vila.

> Lá se ia a balsa do Gerôncio, atopetada de gente e de gado, (...) a correnteza aumentava mesmo, o rio cantava grosso. Perigosa, aquela travessia. E se o cabo arrebentasse?O padre, o tio Aurélio, a Ritinha... O bezerro zebu do Nequinha (...) A balsa chegava ao barranco da Vila – trinta, quarenta metros, quando muito.[185]

[184] PALMÉRIO, 2003, p.279
[185] Ibid, p.280

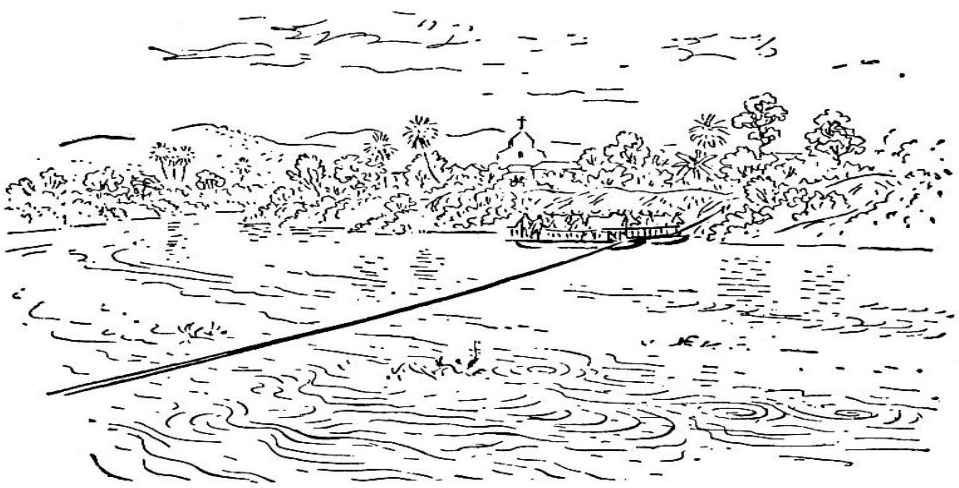


Fig. 34 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 279

A ilustração de Percy Lau mostra o rio caudaloso, à distância a balsa, as cordas de aço que apóiam a travessia e o povoado isolado, daí a necessidade da ponte como percebe Paulo Santos, que evitaria também a tragédia que aconteceu quando, de repente, o foguete estalou, longe, lá pelas bandas do cemitério, um após o outro, bombas cabeça-de-negro. Com o barulho, a confusão, um dos bois que estava na balsa, o azulego, precipitou-se no rio levando Ritinha em seu vestido vermelho presa nos seus chifres. As reses atiravam-se no rio, levando consigo a improvisada cerca. E cada foguete que espocava mais alucinação provocava na "zebuama em pânico." O touro com a menina nos chifres rolava arrastado na espuma afogando-se a sacudir o vestido como uma capinha de toureiro. As piranhas não tardaram a aparecer, velozes como flechas, atraídas pelo cheiro de sangue que encharcava a cabeça do zebu.

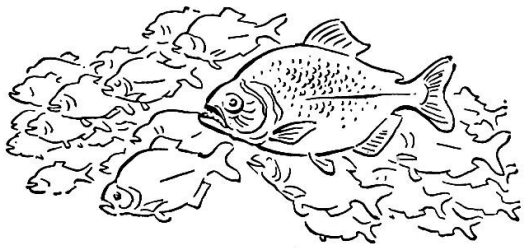


Fig. 35 Ilustração de Percy Lau para a 1ª edição de *Vila dos Confins*, 1956, p. 275

Os foguetes não cessavam, estavam anunciando a derrota de João Soares por uma diferença de oito votos, graças ao Pé-de-meia que se bandeara para o lado do

coronel, por conta de vinte contos de réis. Notas cortadas ao meio e só resgatadas se a política dos Belo fosse vitoriosa.

Palmério encerra o livro com a mesma personagem com que começou: Xixi-Piriá. Xixi vinha acabrunhado pelo caminho por conta de ter perdido a eleição. Parou na venda do seu Fiíco e teve o azar de que Filipão, jagunço dos Belo, chegasse na mesma hora, ainda vestido com a roupa usada na tocaia a Paulo Santos. O capanga, demonstrando violência e cantando vitória da eleição, obrigou Xixi-Piriá a tomar, contra a vontade, uma talagada de pinga.

> - O senhor, seu Xixi está me desfeitando?
> - É que eu não posso beber seu Filipão. Nunca nem pude com o cheiro, tenha paciência... sou fraco do fígado.
> - Tu é fraco mas é de tudo seu porqueira. Apanha o copo e beba logo...
> - Agora cachorrada! Viva o coronel Chico Belo!
> - Vão bebendo! A festa vai ser no Boi Solto seu Xixi Piriá! Vou dar uma sova no velho e dormir gostoso com a cadelinha da tua Maria da Penha...Sei que tu é apaixonado por ela, mas ela não te liga não seu bostinha de cachorro.
> Fogo vivo queimou a boca quando engoliu a primeira golada. Fogo misterioso, que explodiu dentro dele e lhe embaralhou a vista. Maria da Penha! Força esquisita aquela a sacudir-lhe a mão. O copo voou – cheio, pesado transbordando de pinga para se espatifar na testa do Filipão. E inteiramente atuado pelo capeta que tomara conta de seu corpinho magricela (...) o mascate saltou, uma das mãos no pescoço do bandido, a outra agarrada ao punhal de prata presente do seu doutor (...) Eduardão e Osorinho, a custo conseguiram despregar um do outro os dois corpos enlameados de sangue. [186]

Xixi Piriá encaminhou-se para a porta da venda, as botas chiando de sangue. "Pelos lados da serra, derradeiro aceno vermelho sangue do sol que acabava de descer o cupim achatado do morro da Bruaca. Xixi Piriá. Lá vai ele... E grande, corpulento – beleza mesmo de caboclão!".[187]

---

[186] PALMÉRIO, 2003. p. 286-287.
[187] Ibid, p.290.

## 2.3 – O político do sertão, nos confins.

Si insistes en saber lo que és saudade,
Tendrás que antes de todo conocer,
Sentir lo que es querer, lo que es ternura,
Tener por bien un puro amor, vivir!
Despues comprenderás lo que es saudade
Despues que hayas perdido aquel amor
Saudade es soledad melancolia,
És lejania, és recordar, sufrir!
(Saudade - guarânia de autoria de Mário Palmério)

De acordo com Lucien Goldmann,[188] há possibilidade de que o pensamento do escritor receba influências do meio com o qual está em contato imediato, que pode ser adaptado em forma de recusa ou revolta, ou ainda síntese das idéias adquiridas em seu meio com outras adquiridas em lugares diversos. A obra seria a expressão de uma visão de mundo que o escritor encontra para criar e expressar o universo concreto de seres e coisas. A biografia deve ser examinada cuidadosamente, pois se trata de um fator parcial e secundário, que numa análise mais aprofundada, requer que seja verificada a relação entre a obra e as visões do mundo que correspondem a certos grupos sociais. A biografia do autor não seria um elemento necessário para a explicação da obra, visto que conhecer o pensamento e as intenções do autor não são elementos essenciais para compreendê-la.

Todavia, Goldmann afirma que a maneira de viver e agir de diferentes grupos sociais em dada época determina, em grande medida, a sua vida intelectual e artística. Pensamento e ação agem um sobre o outro e se mantêm em limites bastante próximos.Segundo Adriana Facina:

> Há a tendência de se considerar dados biográficos do autor como a chave principal para a interpretação de suas obras. É claro que estudar as obras de um autor requer que se procure informações sobre sua trajetória pessoal, no entanto essas informações são apenas um elemento entre vários outros, que informa a investigação[189].

Não busquei na história de vida de Palmério a fonte privilegiada para a elucidação de suas obras. Procurei verificar o modo como a realidade foi transferida para a ficção, mas não há como negar que ele, de certa forma, chamou a atenção para as questões políticas e regionais de seu tempo. O historiador Thomas Skidmore, no livro

---

[188] GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura .** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p, 71-90
[189] FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p, 44-45

"Brasil: de Getúlio a Castelo", parece ter entendido *Vila dos Confins* como um testemunho inserido no processo histórico: "Sem dúvida uma das melhores maneiras de compreender a atmosfera do coronelismo é através de novelas de escritores oriundos dessas áreas da interlândia. Um dos conhecidos relatos ficcionais de um coronel é a novela de Mário Palmério, *Vila dos Confins* (Rio de Janeiro, 1956)".[190]

Mário Palmério nasceu em 1916, em Monte Carmelo, cidade situada no Triângulo Mineiro, filho de Francisco Palmério e de Maria da Glória Palmério, seu pai, italiano, engenheiro, advogado, jornalista, escrevia em jornal na cidade de Sacramento, no Triângulo Mineiro, exerceu, nos últimos anos de sua vida, o cargo de Juiz de Direito nas várias comarcas do estado de Minas Gerais. Mário Palmério cresceu em Uberaba, fez seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari, concluindo em 1933. Em 1935, com 19 anos, foi para o Rio de Janeiro estudar na Escola Militar de Realengo. Nessa época, deu aulas para pagar o cursinho preparatório para o exame de seleção, desligando-se da Escola no ano seguinte, por motivos de saúde. Foi para São Paulo tentar a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo que havia sido inaugurada há pouco tempo. Na Capital, lecionou Matemática no Colégio Universitário da Escola Politécnica e no Colégio Pan-Americano. Em 1936, ingressou no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, sendo designado para servir na sucursal de São Paulo.

Palmério, ao voltar a Uberaba que, segundo ele, "atravessava uma fase de grande progresso, com a alta do preço do gado zebu", fundou o Liceu do Triângulo. Em 1945, criou o Colégio Triângulo Mineiro e a Escola Técnica de Comércio. Em 1947, o governo autorizou o funcionamento da Faculdade de Odontologia. De acordo com Fonseca:

> (...) O ambicioso professor, entusiasmado com a abertura política pós-1945, passou a interessar-se por uma atividade que poderia conferir-lhe ainda mais prestígio social: o poder político. Na verdade, Palmério percebeu que, se conseguisse eleger-se deputado federal, seria muito mais fácil lidar com os trâmites legais para criar suas faculdades na região. Assim, entrou para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em Uberaba e, arrebanhando correligionários em seu próprio jipe, como reza a mitologia política regional, largou-se pelas estradas de terra da região, passou por dezenas de cidades recém-emancipadas, convenceu trabalhadores e proprietários rurais, fazendo deles "líderes políticos", e semeou, segundo seus próprios relatos, dezenas de diretórios da agremiação getulista. E eis que o jovem de 34 anos, na primeira vez em que

[190] SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 402.

> votou na vida, votou em si mesmo e elegeu-se Deputado Federal por Minas Gerais[191].

Palmério,[192] em entrevista na televisão, relatou que fundou diretórios do PTB em Uberaba e região. A legenda em sua narrativa era milagrosa, elegia quem conseguisse ingressar nela. Para fundar os diretórios, chegava nos municípios e procurava saber quem era o maior getulista do local e convidava-o para ser presidente do partido na cidade. Havia presidentes de todos os matizes, barbeiros, comerciantes, professores, etc.

Eleito, foi vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura, durante o primeiro mandato (1951-1954). Integrou a Comissão de Orçamento e a Mesa da Câmara, durante o mandato de 1955-1958. Por sugestão do Presidente da Câmara, Palmério matriculou-se, em 1955, na Escola Superior de Guerra: "Onde consolidou a receita nacionalista de interiorização do desenvolvimento e segurança nacional, expressa na sua monografia de conclusão de curso".[193]

Em 1951, Palmério fundou a Faculdade de Direito. Em 1956, fundou a Faculdade de Engenharia, ambas em Uberaba. Em 1954, foi um dos responsáveis pela criação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, também em Uberaba, sendo o único sócio-fundador não médico. Os entendimentos para a fundação da Faculdade de Medicina vinham se processando desde 1953 entre o deputado Mário Palmério e o Governador do Estado de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira, tendo em vista as determinações do governo federal para autorizar o funcionamento de novos cursos superiores de medicina no Brasil. O processo de autorização da faculdade foi elaborado pela Secretaria da Sociedade de Educação do Triângulo Mineiro (mantenedora das faculdades fundadas por Palmério) e encaminhado ao Conselho Nacional de Educação que o aprovou por unanimidade. Em menos de vinte dias, Palmério obteve a assinatura do Presidente Vargas, no Decreto Nº 35249, que autorizou o funcionamento da Faculdade, em solenidade no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, no dia 23 de março de 1954. O momento foi registrado, conforme podemos verificar pela fotografia abaixo:

---

[191] FONSECA, André Azevedo. **Ritos da Cultura Política do Triângulo Mineiro (1950) Na Campanha Eleitoral de Mário Palmério (PTB).** Monografia de conclusão de curso de pós-graduação (lato sensu) em Brasil: trajetórias e novas abordagens apresentadas à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - 2006.

[192] Entrevista. **Jô – Onze e meia** Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 31 jul.1992. Programa de Televisão.

[193] FONSECA, 2006. p. 5.

Fig. 36 – Fotografia Getúlio Vargas e Mário Palmério

Estampada em primeira página e em página inteira, a notícia foi divulgada pelo Jornal Lavoura e Comércio, em 1954, com o título "Rumo à Universidade. Faculdade de Medicina. Ainda no corrente ano o seu funcionamento. Lavoura e Comércio em entrevista exclusiva ouve o deputado Mário Palmério".[194]

O processo foi relembrado por Juscelino Kubitschek em bilhete escrito a Mário Palmério no verso do relatório sobre a faculdade:

> Lendo a exposição sucinta da criação da Escola de Medicina de Uberaba, revejo com emoção os lances audaciosos empreendidos por Mário Palmério que, além de ser uma glória da inteligência e da cultura do Brasil, revelou excepcional qualidade de comando e de ação, no sentido de dotar a princesa do Triângulo, Uberaba, de um notável instituto de ensino e a torna hoje célebre e famosa no seio da constelação urbana de escolas de medicina. Abraços companheiros pelo inestimável serviço prestado à civilização e a ciência de nosso país. Rio 22/10/1975 – Juscelino Kubitschek.[195]

Juscelino e Palmério mantiveram contato estreito, a ponto de *Vila dos Confins* ter sido considerado o primeiro livro lido em Brasília conforme se constata pelas notas publicadas nos jornais e abaixo citadas:

---

[194] A Faculdade Federal de Medicina foi inaugurada em 1954, porém a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, somente tornou-se realidade no ano de 2005, em Uberaba.

[195] Cf. no Memorial Mário Palmério, bilhete escrito em 22 out. 1975, no verso de um relatório feito pela Sociedade Educacional Uberabense sobre os esforços para implantar a Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro.

> O deputado Mário Palmério está exultante com o fato de ter sido o seu romance "Vila dos Confins" o primeiro livro a ser lido em Brasília. Mandou ele um exemplar para o Presidente da República, que na sua última visita a nova capital leu o volume inteirinho achando a obra muito boa. Deputados de oposição, entretanto, pensam em apresentar um requerimento de informações para saber se o Chefe do Executivo visita Brasília para trabalhar ou ler romance[196].
>
> O deputado Mário Palmério deu ao Sr Juscelino Kubitschek um exemplar do seu romance de estréia "Vila dos Confins". O presidente pôs o livro na maleta, quando foi a Maceió. Começou a ler no avião. Só acabou a leitura em Brasília. – Foi o primeiro livro lido na nova Capital da República – disseram ao autor. Há uma personagem em Vila dos Confins, por nome "governador", em que se encontram alguns traços do Dr Juscelino, segundo os que leram o romance[197].

Em dez de janeiro de 1951, o Jornal *O Triângulo,* editado em Uberaba, estampou a seguinte manchete: Firmado o "Eixo" Rio - Belo Horizonte – Uberaba, onde se destacava a "sadia" política de aproximação e estreita colaboração entre Getúlio, Juscelino e Próspero. Tratava-se de uma entrevista dada por Palmério a esse Jornal, já na condição de deputado eleito. Na matéria, Palmério destaca sua irrestrita solidariedade ao governo federal, tendo em vista que o Presidente da República fazia parte do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB[198], partido que "foi incansável batalhador pela candidatura de seu presidente o Dr.Getúlio Vargas". Com relação ao governo estadual, Palmério informou que entendimentos entre Vargas e Juscelino já estavam em andamento e que a bancada do PTB – terceira na Assembléia, apoiaria Juscelino. Homem de partido, o deputado recém-eleito, pela primeira vez, informa que sua atividade na Câmara Federal será pautada exclusivamente pelos interesses do partido e da região pela qual foi eleito: "Trabalharei incansavelmente pela realização do programa do Partido Trabalhista Brasileiro e procurarei beneficiar, grandemente, o Triângulo Mineiro". Seja por autopromoção, seja por sua formação, Palmério destacou ainda na entrevista:

---

[196] **Vila dos Confins** Jornal *Tribuna da Imprensa,* Rio de Janeiro, 12 dez. 1956. Recorte de jornal sem número de página, acervo Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[197]**O primeiro livro lido em Brasília.** Jornal *A Hora* Porto Alegre, 17 jan. 1957.

[198] O Partido Trabalhista Brasileiro havia sido criado em 1945, dentro do movimento de organização de partidos políticos nacionais, na volta do regime democrático.Voltado principalmente para os trabalhadores urbanos sindicalizados.

> (...) Não reputo uma eleição um prêmio concedido a quem quer que seja. Reputo-a, uma demonstração de simpatia pelo que fizemos até então e uma exigência para que continuemos trabalhando. O último pleito foi um exemplo vivo dessa afirmação. Venceram os capazes, aqueles que não decepcionaram o povo e aqueles em que o povo confia para o futuro. [199]

Na campanha política para a Câmara Federal, Palmério havia calcado sua candidatura na propaganda que enfatizava o ensino e em sua participação na fundação de escolas, além, é claro, do destaque dado a Getúlio Vargas e ao PTB. Algumas de suas propagandas se apresentavam assim:

Fig.37 – Propaganda política – Campanha para deputado federal pelo PTB -1950

[199]**Firmado o "eixo" Rio-Belo Horizonte-Uberaba.** Jornal *O Triângulo* – 10 jan.1951. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

Fig.38 – Propaganda política – Campanha para deputado federal pelo PTB -1950

Fig.39 – Propaganda política – Campanha para deputado federal pelo PTB -1950

Fig.40 – Propaganda política – Campanha para deputado federal pelo PTB -1950

Fig.41 – Propaganda política – Campanha para deputado federal pelo PTB -1950

Além da fotografia em que apareciam Getúlio e Palmério na fazenda do Senador no Rio Grande do Sul e que compunha um dos cartazes, Palmério também reproduziu milhares de fotografias em que aparece com Getúlio Vargas e que foram distribuídas como “santinhos” de campanha.

Fig.42 - Getúlio Vargas e Mário Palmério - 1950

Palmério fez parte do grupo político que pretendia a separação do Triângulo Mineiro do estado de Minas Gerais. Em março de 1950, apresentou a Carta aos Triangulinos[200] – documento no qual demonstra sua interpretação sobre os aspectos da realidade local, e a partir dele, lança as bases de sua candidatura a deputado. Segundo Fonseca[201]:

> Aparentemente distante da política local, a verdade é que Mário Palmério, recém chegado aos seus 34 anos, matutava secretamente uma entrada olímpica e triunfal ao universo dos jogos partidários. Jovem intelectual provinciano que já vivera nas capitais, realizador pragmático, ambicioso e ávido por farejar novas oportunidades, Palmério instintivamente percebeu que, se quisesse marcar sua entrada na campanha eleitoral com algum rito simbólico poderoso, precisaria surgir do nada trazendo alguma idéia nova cintilando nas mãos; deveria encarnar algum mito fundador capaz de magnetizar expectativas ainda mal-assentadas na alma da cidade; deveria, portanto, mostrar-se capaz de – usemos seus próprios termos – penetrar os corações e auscultar os mais legítimos anseios regionais para, após um diagnóstico preciso, receitar o documento fundador de uma nova ordem, um programa que traduzisse as simpatias e organizasse as aspirações populares que de alguma forma já emergiam, ainda que passionalmente, em um ou outro discurso improvisado dos tradicionais representantes políticos locais; em suma, Mário Palmério deveria, em uma cartada certeira, lançar à mesa uma idéia síntese objetiva que pudesse atrair a atenção do eleitorado, para em seguida apresentar o seu próprio plano de ações para orientar os sonhos e utopias desenvolvimentistas dos triangulinos.

Publicada no Jornal *O Triângulo*, a Carta aos Triangulinos, reforça a idéia separatista que o Triângulo Mineiro acalentava desde o tempo que integrava a capitania de São Paulo:

> Aproximando-se a época da larga e intensa campanha eleitoral a ser levada a cabo pelos diversos partidos políticos nacionais e com o fim de obter a preferência popular para a eleição de seus candidatos aos órgãos legislativos e executivos municipais, estaduais e federais é necessário e oportuno o início do trabalho de esclarecimento do povo do Triângulo Mineiro, trabalho esse que deve ser sistemático e persistente e visando a solução de alguns de nossos maiores e mais momentosos problemas. (...)
> Dentre estes, o separatismo do Triângulo Mineiro, por exemplo, será a bandeira que desfraldarão alguns partidos ou, melhor, alguns líderes políticos regionais, que, sem terem realizado até agora, nenhum trabalho positivo nesse sentido ou, pelo menos, sabido reconhecer as características próprias e as reais necessidades dos

[200]PALMÉRIO, Mário de Ascenção. Carta aos Triangulinos. **O Triângulo** n. 3050. Ano XXI. Uberaba, 13 mar.1950. p.4. A Carta aos Triangulinos consta nos anexos desta dissertação.
[201] FONSECA, 2006. p. 33.

> grandes e progressistas municípios que compõem esta região, irão, agora, explorar em benefício próprio um notável movimento que tanta repercussão sempre tem encontrado em nosso meio.
> Somos, no Triângulo Mineiro, um contingente eleitoral poderoso. Foi de cerca de 150.000 o número dos que votamos nas últimas eleições. E quantos representantes destinados às câmaras, estadual e federal, elegemos? Como ostentar força e prestígio se não conseguimos, até agora, eleger um grupo de parlamentares nossos, capazes de chamar sobre os nossos problemas a atenção necessária? Como impor à Nação uma vontade nossa, por mais legítima que seja, se, apesar dos meios de que dispomos, graças ao regime democrático em que vivemos, temo-nos revelado eleitores sem vontade política própria, definida, firme?
>
> Temos servido até agora apenas para votar, para ser caudatários, acompanhantes servis, meros fazedores de força, dóceis carregadores de pedra para o levantamento de obras alheias. Culpa dos governos? Não. Culpa nossa, culpa exclusivamente nossa que só temos sabido lamentar quando não nos esmolam minguadas sobras orçamentárias de utilidade local, sem dúvida, mas pouco, muito pouco representando, se se levam em conta os nossos justos anseios de progresso. Lamentamos, calamos, tornamos a lamentar, tornamos a calar e, chegadas as eleições, repetimos a mesmíssima história: escabrestamo-nos docilmente... Reclamar platonicamente do governo, eis o nosso procedimento até o presente. E no entanto, somos um conjunto de grandes, belas e altamente progressistas cidades, uma zona de populosos e fertilíssimos municípios, um povo trabalhador que já soube se impor em muitos setores de atividade, excluído, entre poucos outros, o mais importante, o mais vital para nós: o setor político! (...)

Segundo Fonseca, a repercussão à carta foi inexpressiva, não foram encontradas manifestações, no jornal ou nos anais da Câmara Municipal, referentes ao seu teor, o que deve ter causado um desapontamento ao político, até em virtude de que a Câmara havia sido palco, um mês antes, de manifestações a respeito da causa emancipacionista. Mário Palmério, na análise de Fonseca ainda era um "principiante no jogo duro da política regional e ainda não conquistara cacife para provocar qualquer abalo no sistema partidário local, ainda mais com um texto publicado na imprensa".[202] No entanto, mesmo concentrando sua campanha somente no Triângulo Mineiro, foi o segundo candidato mais votado do PTB, com 11.797 votos[203] e o único candidato de Uberaba a ser eleito para a Câmara Federal, contra todos os prognósticos, uma vez que era novato na política, lutando contra velhas raposas já estabelecidas no jogo político. Segundo o próprio escritor, em entrevista ao jornalista Aldo Teixeira, em 1995, documentada em vídeo, arquivado no Memorial Mário Palmério:

---

[202] FONSECA, 2006. p.45.
[203] Na eleição de 1950, segundo o Tribunal Superior Eleitoral.

> (...) Os comícios naquela época eram coisa violenta, a disputa municipal era muito aguerrida e eu fui um dos idiotas que desafiou os coronéis da região. De alguns eu ganhei, mas ficou um certo ressentimento. Os coronéis eram os donos da política da cidade, todos que os desafiavam sofriam. Eu era um desafiador, me elegi sem apoio. A primeira vez que me elegi, votei em mim mesmo...

O que teria então contribuído para o sucesso eleitoral de Palmério? Para Fonseca,[204] teria sido a habilidade de prosador, do mineiro típico que era o deputado. Quando viajava aos municípios hospedava-se sempre na casa dos políticos e recebia ali todos os eleitores e correligionários que o procuravam, numa prosa longa, regada a cafezinhos e cigarros. A popularidade vinha de sua capacidade de se relacionar com as pessoas simples do povo, com seu cotidiano. Palmério impressionava por seu tipo físico, filho de italiano, muito falante, era um homem de mais de 1m80, voz forte, bigodinho à la Clark Gable, usava gravatas borboleta, fazia discursos vigorosos, irônicos e provocativos.

Nas eleições de 1954, fosse pelo fato da assinatura do Decreto, que instituiu a Faculdade de Medicina, ou por sua atuação parlamentar, fato é que segundo o Tribunal Superior Eleitoral, Palmério obteve 18.854 votos. Em 1958, credita-se sua reeleição com 30.115 votos ao sucesso do livro *Vila dos Confins* e sua conseqüente propaganda.

Em setembro de 1962, interessado em afastar-se das lutas partidárias, foi nomeado pelo Presidente João Goulart para o cargo de Embaixador do Brasil junto ao Governo do Paraguai. Assumiu o posto em 10 de outubro do mesmo ano. Palmério recebeu do Presidente a missão de preparar terreno e atuar criando condições favoráveis para o intercâmbio comercial, a construção de uma ponte ligando os dois países e a aceitação do projeto de construção de uma grande hidrelétrica em sete quedas. Permaneceu nessa missão até abril de 1964, quando ocorreu o golpe militar; sua passagem pelo Paraguai, na condição de Embaixador do Brasil, foi marcada por intenso trabalho, destacando-se a reforma e reinstalação do edifício da Embaixada, a conclusão das obras do Colégio Experimental - doado ao Paraguai pelo Governo Brasileiro - e a instalação em novo edifício, amplo e central, do Serviço de Expansão e Propaganda, Missão Cultural e Consulado. Dando ênfase às atividades culturais e artísticas, Mário Palmério integrou-se muito bem com a intelectualidade paraguaia. De tal modo que fez

[204] FONSECA, 2006. p. 71.

parceria com o Presidente do Paraguai, General Stroessner, para pescar, caçar e compor guarânias e polcas. No Paraguai, Palmério compôs a guarânia Saudade[205], música bastante conhecida e gravada por cantores da MPB. Segundo Fontes:

> Não se pode esquecer a capacidade de Mário Palmério de se incorporar ao meio, de participar da vida do povo para partilhar de seus sonhos e problemas. Só assim se pode compreender a grandeza de sua produção artística quando, servindo como embaixador no Paraguai, compôs polcas e guarânias, tornando-se um dos mais admirados e queridos compositores daquele país vizinho. Por muito tempo, algumas de suas composições lideraram a lista das músicas mais ouvidas e seus discos e fitas foram os mais vendidos, como *Saudade, Noche de Assuncion, Vanidosa, Tarde de Carrera*, *No digas no*, etc.[206]

[205]HIGA, Evandro. **A assimilação dos gêneros polca paraguaia guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais.** Dissertação de Mestrado **a**presentada ao Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da USP em Julho de 2005. Analisa diversas músicas paraguaias, e entre elas encontramos Saudade de Mário Palmério, que segundo o autor: "embora o compositor Mário Palmério seja brasileiro, incluímos 'Saudade' neste bloco pois trata-se de guarânia bastante popular não só em Mato Grosso do Sul, mas também no próprio Paraguai".

[206] FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão**. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério. (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, no Curso de Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000. p. 126.

## 2.4 - A Legislação eleitoral – os confins no Brasil

A crítica literária de todo o Brasil surpreendeu-se com o deputado federal que se tornou escritor. Aparentemente política e literatura não combinavam, na avaliação de alguns críticos. Ascendino Leite, articulista do *Diário da Política*, informa:

> (...) O deputado trabalhista Mário Palmério foi projetado subitamente no mundo literário de forma surpreendente com a publicação do seu romance de estréia "Vila dos Confins". O livro está correndo de mão em mão, na Câmara, entre jornalistas e deputados, distribuído pelo próprio autor, do alto de sua cadeira na mesa do Palácio Tiradentes. O que espanta não é o romance ser realmente uma obra de excelente categoria literária, mas o fato de haver sido escrito por um deputado do PTB que usa gravatinha borboleta[207].

Adolfo Casais Monteiro do *Estado de São Paulo* escreveu a crítica intitulada: "Quando os deputados são personagens de romance" na qual alega não ter entendido onde, em *Vila dos Confins*, está o romance. Questiona se é isso que o povo chama de política. Para Monteiro, a personagem Paulo Santos só existe em relação à sua candidatura: "parece ter surgido por geração espontânea. Quais são suas idéias políticas? Não tem, senão o desejo de ganhar a eleição". O crítico, contrariamente às denúncias da época, não credita relevância às falcatruas do jogo político de então:

> (...) Pela minha parte acho que Mário Palmério devia optar pelos Confins. Porque é ali que está o Brasil, e não nas combinações, nas trapaças, na inautenticidade dos pobres títeres que se julgam senhores do mundo, mesmo quando a vida autêntica lhes passa diante dos olhos, como ao deputado Paulo Santos[208].

Delgado, relata que o ano literário fechou com a publicação de um grande livro. "Num homem que apenas se sabia deputado petebista, descobre-se de repente um romance notável".[209] No entender do crítico, *Vila dos Confins* está elaborado em três

---

[207] LEITE, Ascendino. **Diário da Política**, *Folha da Noite* – São Paulo, 30 nov.1956. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[208] MONTEIRO, Adolfo Casais. **Quando os deputados são personagens de romance.** Jornal *Estado de São Paulo*, 16 mar.1957. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[209] DELGADO, Luiz. **Idéias, livros e fatos – "Vila dos Confins".** *Jornal do Comércio,* Recife, 13 jan.1957. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

registros diferentes. O primeiro são as sucessões de quadros cheios de graça ou de força, mas um tanto desligadas entre si, ou somente ligadas pelo personagem. Considera o artista admirável, porém alega que o romancista ainda não apareceu. Somente vai surgir com o que o crítico considera o segundo registro que é o choque das práticas políticas de Paulo Santos e Chico Belo, acendendo as paixões, inspirando as astúcias. "Talvez tenhamos pela primeira vez em nossa literatura uma luta eleitoral desse gênero, colocada num plano verdadeiramente artístico. Tudo ali ganha intensidade e proporções de símbolo".[210] Delgado afirma que tudo no livro é vida. Uma vida em que se vê a política ser arrastada da esfera geral para o pessoalismo. Tudo ali é pessoal, inclusive o dramático empenho de vencer, e o horror de ser vencido. Segundo o crítico, mereceria um estudo circunstanciado o modo como o Sr Mário Palmério transfigura em arte a realidade da eleição em Vila dos Confins "A transfiguração em arte não é nunca uma desfiguração: a realidade permanece íntegra em todo o processo artístico". E por fim a retomada do idílico, das tragédias humanas no final do livro, vem demonstrar, na análise de Delgado, o quão habilidoso é o autor estreante.

Em reportagem de Paulo Mota Lima no Jornal *Para Todos,* intitulada: "O Parlamento e a Cultura – O Palácio Tiradentes não produz somente leis", o jornalista informa que *Vila dos Confins* foi uma das melhores produções literárias de 1956, e o aparecimento de Mário Palmério no terreno da ficção constitui surpresa, pois o representante petebista do Triângulo era estreante e desconhecia a própria vocação. Entende, ainda, que seria inadmissível que numa casa legislativa, numa colméia de políticos e de intelectuais não vivessem escritores. Lima fez um levantamento e aponta que dos trezentos e vinte e seis deputados, há cerca de vinte autores conhecidos, sendo admissível supor que, no meio dos desconhecidos, outros Palmérios ainda estejam "escondendo o leite".[211]

No Jornal *Diário de Minas*[212] de Belo Horizonte consta o Mural Literário, onde o articulista informa que Mário Palmério o surpreendeu, pois ele sequer imaginava que

---

[210] DELGADO, Luiz. **Vila dos Confins.** *Jornal do Commércio*. Recife: 13 jan. 1957. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[211] LIMA, Paulo Motta. **O Palácio Tiradentes não produz somente leis.** *Jornal Para Todos*. Recorte do jornal, sem data, encontrado no acervo documental de Mário Palmério, localizado no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[212] **Mural Literário.** Jornal *Diário de Minas***.** Belo Horizonte. Recorte do jornal, sem data e sem assinatura, encontrado no acervo documental de Mário Palmério, localizado no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

o deputado do PTB apresentasse um livro como *Vila dos Confins*: obra acabada, autêntica. Como jornalista, que conhecia o deputado de suas andanças pelos corredores da Câmara, sequer desconfiava do deputado trabalhando com literatura, de boa qualidade. Diferentemente dos políticos "do PTB de Minas onde os gatos se escondem na barra da calça e os ratos saltam dos bolsos do colete, e colete de trabalhistas tem de tudo".

Ao fim do Estado Novo foram fundados vários partidos nacionais, entre eles o PSD e o PTB, ambos idealizados por Getúlio Vargas e a UDN que reunia a oposição ao presidente. O PSD se formou a partir das forças dominantes locais, reunidas por Vargas e, em sua maioria, compostas pelos interventores dos estados. Em seu programa, o PSD defendia a legislação trabalhista e a intervenção do Estado na economia. Os políticos de tendência estadualista fixaram-se no PR (Partido Republicano) e o populismo teve seu espaço mais privilegiado no Partido Social Progressista – PSP. A lei eleitoral de maio de 1945, elaborada sob a supervisão do Ministro da Justiça, determinou a constituição de partidos de caráter nacional, o que rompia com a tradição regionalista da política partidária brasileira. A UDN foi fundada, em 1945, e reuniu correntes que haviam se colocado em oposição à ditadura do Estado Novo. Setores liberais, desde 1943, com o lançamento do Manifesto dos Mineiros, reivindicavam o fim do regime ditatorial. O PTB tinha como base o sindicalismo corporativo, foi fundado em 15 de maio de 1945. O programa do partido defendia a manutenção e a ampliação da legislação trabalhista consolidada durante o Estado Novo, a extensão dos benefícios dessa legislação aos trabalhadores rurais, a reforma agrária, o direito à greve pacífica e a conciliação entre as classes sociais[213]. Entende Fonseca que:

> (...) a escolha que Mário Palmério faria pelo PTB não seria um oportunismo eleitoreiro – como poderíamos, por má fé, inferir, tendo em vista que o PSD e a UDN locais já eram controlados pelas famílias tradicionais e os diretórios regionais pareciam inacessíveis a um principiante, já que estavam sob o domínio de políticos fortes como Vasconcelos Costa e Rondon Pacheco. Palmério jamais fora um "coronel" simpático ao PSD ou um anti-getulista de tendências udenistas (...) sua opção pelo trabalhismo parecia coerente com seu discurso usual. Assim, a química

[213] Sobre o tema da política cf. algumas obras clássicas: BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.** CARDOSO, Miriam Limoeiro**. Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. IANNI, Otávio.**Estado e planejamento econômico (1930 – 1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira.** Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1980. Entre outros.

> desenvolvimentista de Mário Palmério, que adicionava na fórmula trabalhista a emancipação do Triângulo como elemento imprescindível não apenas do crescimento regional, mas do progresso nacional, parecia reagir bem com as orientações gerais do PTB. A menção de Palmério à "Reforma Agrária" no manifesto talvez tenha mesmo acendido um sinal amarelo em um ou outro representante da poderosa elite agropecuária local; mas o hábil professor logo daria o seu aceno aos proprietários rurais no decorrer de seu manifesto[214].

O que se percebe, de acordo com levantamentos efetuados no Diário do Congresso Nacional – período 1951 a 1962, é que os assuntos levantados em plenário estavam vinculados à Educação, ao Triângulo Mineiro e Uberaba. Na área de Educação, votou favorável à lei que determinava às escolas privadas de ensino superior que aumentassem as vagas, de modo a matricular os alunos excedentes, aprovados nos exames vestibulares daquele ano.

> (...) Sr Presidente, Srs Deputados, preliminarmente, desejo expressar a minha satisfação, como educador que sou, por verificar que toda a Câmara se mostra interessada nos debates provocados pela discussão desse projeto. Isso demonstra que o ensino no país é realmente angustiante e merece do Congresso Nacional toda atenção[215].

> (...) Sr Presidente, Srs Deputados (...) Membro da Comissão de Educação e Cultura desta Casa, tenho-me dirigido aos senhores prefeitos municipais de meu estado, aos diretores de estabelecimento de ensino, professores e todas as pessoas ligadas de qualquer maneira ao ensino no estado, procurando recolher sugestões sobre tão importante questão nacional que é o ensino rural, para fixação do homem ao campo.[216]

Fiel a sua plataforma política, Palmério discursou na Câmara em algumas ocasiões a favor da emancipação do Triângulo Mineiro, quando demonstrou seu descontentamento com os rumos tomados pelo governo do estado de Minas Gerais em relação aos impostos cobrados. Sobre esse assunto, destaco os seguintes discursos feitos ainda na primeira legislatura:

> (...) Sr Presidente, a imprensa do país, notadamente a da capital de São Paulo e de Belo Horizonte, tem noticiado, com destaque

[214] FONSECA, 2006. p. 42.
[215] Diário do Congresso Nacional – jun. 1951. p.4107
[216] Diário do Congresso Nacional – jul. 1953. p.7044

> invulgar, um acontecimento que vem tendo lugar numa das regiões de Minas Gerais, conhecida como Triangulo Mineiro. (...) Esse movimento é conhecido impropriamente como "movimento separatista". Na sua edição de sábado passado, o correio da manhã, tradicional órgão de nossa imprensa publicou um tópico sobre a questão[217].

Palmério lê na tribuna a notícia estampada no Correio da Manhã, que faz críticas ferozes ao movimento de emancipação, deturpando o que propunham seus filiados. Entre outros apontamentos, o jornal opina, segundo Palmério, que:

> A linguagem utilizada pelos "separatistas" foi utilizada por revolucionários do século XIX e revivificada em 1951 no país escravizado em que se adora o zebu (...) O movimento é ridículo (...) é perigoso do ponto de vista econômico: o Estado de Minas Gerais ficaria mutilado, talvez mortalmente ferido: por outro lado, o novo estado da federação seria apenas um apêndice de certo setor da economia paulista (...). [218]

Após a leitura da notícia, Mário Palmério as rebate dizendo entre outras coisas não se tratar de um movimento "separatista" e sim emancipacionista, que tem raízes históricas e está amparado em dispositivos constitucionais que permitem aos estados se desmembrarem, se anexarem e criarem novos territórios, além de haver estudos do IBGE de 1938, que defendem a emancipação por força de uma redivisão necessária do Brasil.

Em outra ocasião, Mário Palmério, Rondon Pacheco e Vasconcelos Costa, representantes do Triângulo Mineiro na Câmara Federal, apresentam, pela voz de Palmério, um protesto sobre o que ocorreu em Uberlândia e Uberaba contra a abusiva cobrança de impostos pelo governo de Minas, o que gerou depredação de vários prédios públicos, inclusive da Coletoria Estadual.

> (...) Sr Vasconcelos Costa – permita-me um aparte. Temos verificado pela imprensa a tendência do governo de Minas para atribuir aos comunistas a responsabilidade dessas greves.
> (...) Sr Mário Palmério – fato ainda mais grave porém é que há verdadeira tentativa de desmoralizar o governo de S.Exª o Presidente da República. Os fiscais do estado declaram abertamente 'votaram em Getúlio, agora paguem o imposto'. (...) deixo a tribuna reiterando nosso protesto contra a violência do atual governo do estado. O povo quer trabalhar, quer produzir, quer progredir. Não foge ao pagamento de impostos justos e razoáveis.

---

[217] Diário do Congresso Nacional – sexta feira, 29 jun.1951. p.4568
[218] Diário do Congresso Nacional – sexta feira, 29 jun.1951 p. 4568.

> Sempre os pagou. (...) Não quer é ver seu dinheiro arrancado e levado para longe. Devolvam-nos o dinheiro em benefícios: construam estradas... dêem-nos água, luz esgoto, escolas, hospitais e pagaremos impostos com prazer. Saibam, porém cobrá-los com dignidade.[219]

Ainda em junho de 1952, Palmério ocupou demoradamente a tribuna para defender a emancipação do Triângulo. Baseando-se em sua *Carta aos Triangulinos* e em levantamento feito por seu irmão Félix Renato Palmério, engenheiro agrimensor, denominado: Emancipação do Triângulo no Plano da Redivisão territorial do Brasil: Fundamentos Históricos, geográficos e constitucionais, do qual destaco os seguintes fragmentos:

> (...) Sente-se o Triângulo como uma árvore que cresce torta para Belo Horizonte, onde a corrente da dependência administrativa e política a amarra e prende. Anseia cortá-la para aprumar-se no seu crescimento vertical.
> (...) Minas quando nasceu, nasceu de São Paulo e nasceu sem o Triângulo. Para que o Triângulo fosse mineiro, ipso facto mineiros os triangulinos, era preciso que tivesse nascido no mesmo corpo geográfico de Minas Gerais.
> (...) Quando o Triângulo se tornar um estado nascido de Goiás porque deixando de ser paulista, o território goiano foi transformado numa capitania autônoma e seus habitantes em goianos legítimos.
> (...) O governo de Belo Horizonte não vê, porém, com bons olhos, esta pretensão. O tutelado é rico, trabalha, produz, despeja largas somas nos seus cofres sem o menor trabalho para o dito governo.[220]

Demonstrando fidelidade à região que o elegeu e aos assuntos afetos ao campo e às cidades do Triângulo, encontramos discursos de defesa aos trabalhadores rurais, onde o deputado enfoca, entre outras, a questão do arrendamento, da distribuição injusta de terras, inclusive com empresas estrangeiras proprietárias de grandes extensões de terra e que pretendiam concorrer com os fazendeiros tradicionais da região, importando diretamente da Índia. Palmério registra a preocupação dos produtores rurais sobre a falta de controle genético que tal situação poderá acarretar.

Um levantamento realizado na Câmara Federal permite apontar os interesses imediatos de Palmério que eram muito diversificados, tendo em comum o interesse pela

---

[219] Diário do Congresso Nacional – sábado, 25 abr.1952. p. 3244.
[220] Diário do Congresso Nacional, quinta feira, 05 de jun.1952, p. 4746.

região. Tratou, ainda, na Tribuna, da ocorrência de febre amarela no município de Uberaba; de sua indignação com as agressões sofridas por torcedores e cronistas esportivos provocadas por policiais militares em jogo de futebol em Uberaba; em 1958, leu artigo de jornalista de Uberlândia sobre a mudança da capital do País para o sertão de Goiás, que frustrou os anseios de Uberlandenses e Uberabenses; apresentou projetos para liberação de verbas para pesquisas paleontológicas e escavações em Peirópolis; para construção de hidroelétrica em Paracatu; construção de um prédio para abrigar o correio em sua cidade natal, Monte Carmelo; crédito extraordinário para socorrer vítimas e cobrir prejuízos decorrentes de tromba d'água no município de Camanducaia; verba para comemoração dos cem anos de Uberaba.

Em maio de 1960, informa do "inenarrável júbilo pela construção de Brasília", visto que, segundo Palmério, "todos os problemas fundamentais de minha região, quase todos, no tocante a transporte, aproveitamento de potencial hidrelétrico, ligações de ferrovias, rodovias e aéreas estão resolvidos. E para isto, bastou a realização de Brasília".

> Quando aluno da Escola Superior de Guerra, e ali se discutia muitas e muitas vezes esse problema da interiorização da nossa capital, tive oportunidade de aprender que metade do Brasil é povoada e metade desocupada. E estamos vendo que Brasília está começando a resolver seu problema fundamental: o da ocupação territorial brasileira[221].

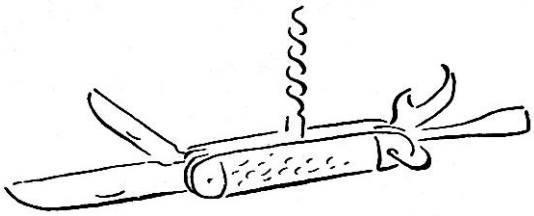
Durante os três mandatos de Mário Palmério na Câmara, mais especificamente entre 1954 e 1962, vários pronunciamentos foram feitos sobre a necessidade da alteração da lei eleitoral, sobre fraudes e corrupção, instituição da cédula oficial de votação - projetos pelos quais se debatiam; não somente Mário Palmério, mas também nomes expressivos da política brasileira, como Ulisses Guimarães, Carlos Lacerda, Armando Falcão e Afonso Arinos, dentre outros. Palmério coerente com o que relata em *Vila dos Confins*, votou a favor da emenda 77 ao Código Eleitoral vigente e que solicitava a nova cédula oficial. Foi voto vencido. Porém, após muitos debates, a cédula foi implantada para eleições majoritárias. Votou também pela manutenção do artigo que determinava tingir o dedo mínimo do eleitor com tinta fornecida pelo Tribunal eleitoral, de modo a que ele não pudesse votar novamente. Foi favorável à emenda que instituía o título de eleitor com retrato.

---

[221] Diário do Congresso Nacional – seção I – segunda feira, 2 maio 1960, p. 2719

Capítulo 3

# Os Confins, a crítica literária e a recepção: caminhos entrecruzados.



## 3.1 – O Brasil dos Confins sob a mira da crítica

A década de 1950 no Brasil foi de grandes expectativas, a política fervia com as questões de sucessão presidencial[222] e o Programa do Petróleo Nacional[223]. Pela primeira vez o Brasil sediaria a Copa do Mundo de futebol, no entanto o esquadrão brasileiro, para grande desespero da população, acabou perdendo as duas primeiras copas jogadas naquela década, conquistando a cobiçada Taça Jules Rimet somente em 1958[224].

Símbolo do que havia de mais moderno em comunicação, até o final dos anos 50 o rádio[225] criou modas, ídolos e novas práticas cotidianas, e se manteve como tal apesar do início das transmissões da televisão, visto que ainda não eram todas as residências que possuíam o novo aparelho, que mudaria o tipo de sociabilidade adotado até então. Abria-se o mundo para os ouvintes, promovia-se grande integração, trazendo novidades, curiosidades, música, propaganda. Além de formador de opinião, embalava os sonhos romanceados pela voz dos atores nas radionovelas e cantores nos programas de auditório. Apesar do crescimento da televisão[226], o rádio ainda era um veículo que movimentava um grande público. Fabricando reis e rainhas, era espaço democrático

---

[222] Com o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, as pressões e tentativas de golpes e contra-golpes não arrefeceram. No entanto, Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República, em 1956, em condições democráticas, dando continuidade ao processo de modernização e urbanização do país, iniciando o período de otimismo e desenvolvimentismo, os "cinqüenta anos em cinco". Cf. GOMES, Ângela de Castro. **Brasil de JK.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1991; CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK-JQ.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

[223] A dependência brasileira do petróleo internacional causava grande incômodo ao país, no entanto não possuíamos a tecnologia necessária para a exploração e refino. As empresas estrangeiras desse modo tentavam monopolizar o processo e deter a maioria das ações das refinarias. Grupos nacionalistas lançaram a campanha "O Petróleo é nosso" que adotava a tese do monopólio, em oposição a outros grupos que acreditavam que a nacionalização era impossível por total falta de infra-estrutura do país para lidar com a questão. Depois de muitos debates, em 03/10/1953, foi promulgada a lei 2004, que criava a Petrobrás e previa que prospecção e produção eram atribuições de Estado.

[224] Desde 1934, o Brasil perseguia a conquista da Copa de futebol, esporte que se estruturou ao mesmo tempo que o processo de urbanização pelo qual passou a sociedade brasileira . A maturidade foi alcançada na década de 1950 com a especialização da seleção, a construção do Maracanã, "maior estádio do mundo," e a vitória sobre a Argentina, em 1949, no Campeonato Sul-Americano, terminando com a hegemonia platina no futebol da América do Sul.

[225] Cf. MOREIRA, Sonia Virginia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro. Ed. Rio Fundo, 1991; CALABRE, Lia. **A era do rádio.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002; LENHARO, Alcir. Cantores do rádio. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. DÂNGELO, N. **Aquele povo feliz. que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana** - Uberlândia 1900/1940. Uberlândia - MG: EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

[226] Cf. SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da TV no Brasil e no mundo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984**;** ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. SP: Brasiliense, 1991; HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org) **História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

que acolhia analfabetos e letrados, ricos e pobres, chegando a maioria dos lares brasileiros.

Ainda sem a concorrência efetiva da televisão, passaram pelas 2411 salas de exibição de cinema de todo país, cerca de cento e oitenta e um milhões de espectadores. Hollywood adotava uma política mais agressiva de exportação, conquistando o mercado latino-americano. A indústria brasileira de cinema[227], com os estúdios Atlântida e Vera Cruz, inaugurados na década de 1940, alcança nos cinco primeiros anos da década de 1950, uma média de 27 filmes por ano. Amácio Mazzaroppi criou a personagem do caipira paulista no filme *Sai da frente*. O filme *O cangaceiro* foi premiado no Festival de Cannes, na França. O cinema novo despontou com o filme *Rio, 40 graus* de Nelson Pereira dos Santos, tendência cinematográfica mais realista que as antigas produções brasileiras e que se propunha a filmar com baixo orçamento e mais conteúdo, abordando temas da realidade subdesenvolvida do Brasil.

A televisão foi lançada em 1950, em São Paulo, em 1951, no Rio, em 1955, em Belo Horizonte, no entanto, em 1959, apesar da população brasileira ser de 71 milhões de habitantes, somente 434 mil lares possuíam um aparelho de TV[228].

A revista *O Cruzeiro*, pertencente ao grupo dos Associados de Assis Chateaubriand, atingiu em 1956 uma tiragem semanal de 570 mil exemplares. A revista em quadrinhos *O Pato Donald* popularizou no Brasil as personagens de Walt Disney. Em 1952, havia sido lançada a revista *Manchete*, de circulação nacional, pelos irmãos Bloch, concorrente direta de *O Cruzeiro.*

Na música, além das famosas marchinhas de carnaval gravadas pela turma do rádio, surge a Bossa Nova, movimento de música popular que teve como seus principais nomes João Gilberto, Tom Jobim, Roberto Menescal, Chico Feitosa e Nara Leão. Nessa década também estreou, no Teatro de Arena, a peça *Eles não usam Black-Tie* de Gianfranchesco Guarnieri e Revolução na América do Sul, de Augusto Boal[229].

A literatura, por sua vez, parecia acompanhar a meta do Presidente Juscelino Kubistchek de cinqüenta anos em cinco. Foram lançados pela Editora José Olympio ao longo da década: as obras completas de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e

---

[227] Sobre cinema Cf. GOMES, Paulo Emílio Salles. **70 anos de cinema brasileiro**. São Paulo: Expressão Cultural, 1967; BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro: propostas para uma história.** São Paulo: Paz e Terra, 1991.

[228] ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. PINHEIRO, Paulo Sérgio; Wilheim, Jorge; Sachs, Ignacy (orgs).**Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

[229] Sobre esse contexto Cf. HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

Gilberto Freyre, *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, *Sagarana, Corpo de Baile, Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, Ledo Ivo, João Cabral de Melo Neto, Autran Dourado, Antonio Callado, Fernando Sabino. Outras Editoras lançaram Geraldo Ferraz com *Doramundo,* Campos de Carvalho com a *Lua vem da Ásia, O cão sem Plumas* de João Cabral de Melo Neto. Os poetas concretistas divulgam seu Manifesto, em 1957, entre outros lançamentos da década[230].

Também são publicados *Geopolítica da Fome* de Josué de Castro e *Aspectos geopolíticos* de Golbery do Couto e Silva. Raimundo Faoro lança Os *Donos do Poder*, no qual analisava a formação do patronato político no Brasil; também é publicado *Formação Econômica do Brasil* do economista Celso Furtado, responsável pela criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste[231], *Formação Histórica da Literatura Brasileira* de Antonio Candido, *História da Literatura Ocidental* de Otto Maria Carpeaux, *Visão do Paraíso* de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso.

Segundo dados do IBGE, ainda na década de 1950, o Brasil era um país predominantemente rural. Mais da metade da população estava no campo. Em 1940, havia 12,9 milhões de pessoas na área urbana e 28,3 milhões no meio rural e, em 1950, 18,8 milhões residiam na área urbana e 33,2 milhões no meio rural[232]. Com a industrialização promovida no governo de Juscelino, o cenário começou a mudar e, na década de 1960, houve aumento acentuado da população urbana. Na década de 1970, o número de residentes no perímetro urbano ultrapassou o rural. A quantidade de empregos nas grandes cidades aumentou e a economia cresceu. O crescimento veio acompanhado de investimento governamental em estradas, visando a interiorização do "progresso" – principalmente após a construção de Brasília. Segundo Schwarz, [233]com a migração rural, a cultura tradicional afastada de suas condições antigas, posta em situações novas e mais ou menos urbanas, não desapareceria, mas passaria a fazer parte de um processo de outra natureza. Para ele: "A sua presença sistemática no ambiente moderno configurava um desajuste extravagante, cheio de dimensões enigmáticas, que

---

[230]Constantino Paleólogo, Moreira Campos, Lúcia Benedetti, Vasconcelos Maia, Otto Lara Resende,Samuel Rawet, Ricardo Ramos, Jorge Medauar, José Louzeiro, Lígia Fagundes Teles, Dalton Trevisan,Érico Veríssimo, Jorge Amado, Osman Lins, Ligia Fagundes Teles, Carlos Heitor Cony, Antonio Calado e Clarice Lispector que tendo lançado seu livro Cidade Sitiada em 1949, fez grande sucesso na década de 1950.

[231] Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, criada no governo de Juscelino Kubistchek.

[232] Fonte: Tendências Demográficas 2000, IBGE 2001.

[233]SCHWARZ, Roberto. **Fim de Século**. Caderno Mais – Jornal Folha de São Paulo – 04 dez.1994. p.6-9.

expressava e simbolizava em certa medida o caráter pouco ortodoxo do esforço desenvolvimentista".

E é nesse Brasil que aos poucos vai mudando, deixando de ser rural e passando a ser urbano que alguns escritores, antes denominados regionalistas ou que haviam escrito obras regionalistas, tentam se adequar aos novos tempos. José Lins do Rego escreveu Eurídice – romance de efeito psicológico. Jorge Amado lançou, em 1952, *Os subterrâneos da liberdade e, em* 1958, *Gabriela, cravo e canela*.

Os anos 1950 foram também a década da crítica, visto que se propagaram as publicações periódicas especializadas, que editavam suplementos literários[234]. No mercado editorial surgiram obras de análises, ensaios e estudos aprofundados em Literatura Brasileira. Os críticos faziam balanços de nossa produção cultural e trabalhos de divulgação de autores e obras nacionais, tratando das novas problemáticas apresentadas pela literatura. Os profissionais especialistas, intelectuais, acadêmicos, compuseram a equipe das redações dos jornais. Aurélio Buarque de Holanda em entrevista a Ruth Silver, comentava:

> (...) jornais como Jornal do Brasil, O Globo, O Estado de São Paulo, Tribuna da Imprensa, que anteriormente se limitavam apenas a divulgar de passagem as últimas obras literárias, cedem agora suas páginas para publicação de suplementos bastante extensos de literatura. Que interesse teriam seus diretores de fazê-lo , se não fora a grande procura por parte do público, a atenção e o interesse despertados? [235]

Neste cenário, foi possível que se visualizasse com mais facilidade a recepção ao livro de Palmério e as críticas aos livros lançados na década de 1950. Holanda apontava ainda que estava havendo uma renovação no processo literário e que a tendência de fazer literatura "epidermicamente pitoresca" estava cedendo espaço para o conhecimento da terra em profundidade, visto que proliferaram estudos sobre o Brasil, sua história, sociologia, folclore, etnografia e arte. Os críticos faziam balanço da produção cultural e divulgavam autores e obras. Afrânio Coutinho publicou, em 1957, o livro: *Da Crítica à Nova Crítica,* e defendia a idéia de que a crítica literária deveria ser função de especialista e não de jornalista. Antonio Candido de Melo e Souza publicou,

---

[234] Folha da Manhã, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil, Diário de Notícias, Correio Paulistano e A Noite, entre outros.

[235] SILVER, Ruth. **Valores consagrados da Literatura Brasileira, Aurélio Buarque de Holanda: Creio firmemente na cultura brasileira.** Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. 20 jan.1957.

em 1959, *Formação da Literatura Brasileira* em que analisa os períodos decisivos de nossa literatura e as vinculações entre vida social e obra de arte.

Os escritores são produtos de sua época e de sua sociedade, indivíduos sujeitos ao condicionamento que seu pertencimento de classe, sua origem étnica, seu gênero e o processo histórico, do qual são parte, lhes impõe.[236] Situar panorâmicamente o contexto brasileiro em que o livro *Vila dos Confins* foi lançado, muito bem vendido e bem recebido pela crítica literária, que na época do lançamento do livro havia se profissionalizado, facilita o entendimento de que as obras literárias são produtos históricos, e seus autores, inseridos numa sociedade específica, vinculados a múltiplos pertencimentos, desenvolvem sua liberdade de escolha num campo de possibilidades da dinâmica social. Vicentini nos alerta que:

> (...) É preciso verificar que, desde que o sertão ganha cultura, as cidades vêm se apossando dele, até porque muito do que constitui a cultura do sertão foi apropriado dos homens citadinos que o desbravaram, que construíram e vem construindo o seu espaço historicamente. E muito do que constitui a cidade hoje tem a ver com o modo de vida dos habitantes desses locais construídos, seja historicamente, seja pelas condições sociais das migrações campo-cidade, por exemplo. Ou seja, com menos pureza e romantismo, essas situações de alteridade têm levado a construções de identidades numa totalidade e não em partes radicalmente separadas[237].

O livro de Palmério, provavelmente agradou aos leitores por falar de coisas que lhes eram conhecidas, afinal, o Brasil ainda era predominantemente rural e as pessoas das cidades ainda guardavam vivas recordações a respeito da vida no campo[238]. Sem contar que o livro de Palmério trazia o atrativo da trama política que chamava bastante atenção num país que vivera, em período bem próximo, o suicídio de um presidente, intrigas de oposição, a possibilidade de o novo presidente eleito não tomar posse e no qual a imprensa participava ativamente de todas as questões políticas, apesar de muitos jornais terem sua credibilidade comprometida por interesses políticos e econômicos. Segundo Ribeiro:

---

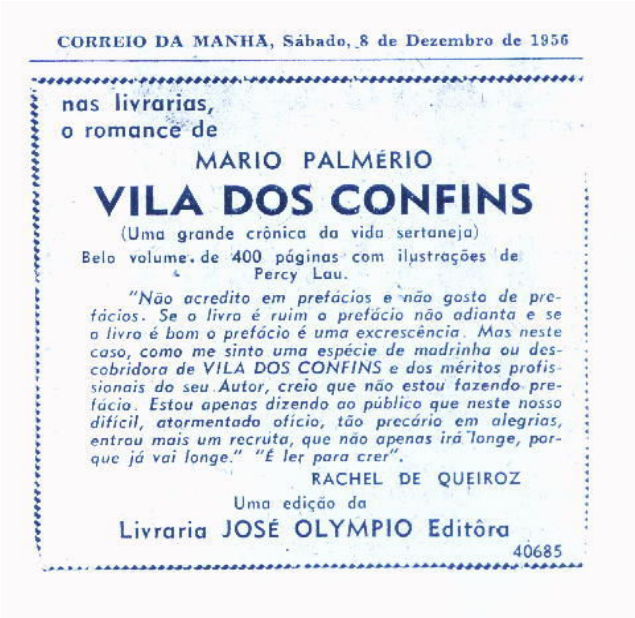
[236] Cf. FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p, 9

[237] VICENTINI, Albertina. **Regionalismo literário e sentidos do sertão.** Sociedade e Cultura, v.10, n.2 JUL/DEZ, 2007. p. 187-196.

[238]Willians no seu livro *O campo e a cidade* afirma a necessidade de se compreender a recorrente evocação nostálgica de um passado rural de abundância e felicidade, especialmente contextualizado pela literatura. Cf: WILLIANS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Cia das Letras, 1969.

> (...) A nova orientação do jornalismo brasileiro não impediu que os jornais continuassem a exercer uma função nitidamente política, marcada aqui por renitente tensão entre modernidade e arcaísmo. Como todo período de transição, os anos 50 foram marcados por ambigüidades. Também nas empresas jornalísticas conviviam, ao lado de um modelo de gestão e administração mais racional, outro mais personalista. Além disso, devido às características do mercado interno, o apoio a determinados grupos ou ao Estado ainda era essencial para garantir a sobrevivência de algumas empresas, através de créditos, empréstimos, incentivos fiscal ou mesmo publicidade[239].

Se esta foi uma das poucas épocas em que o Brasil viveu plenamente a democracia com liberdade de expressão, a ilustração a seguir demonstra como a propaganda na imprensa não deixava de criar um vínculo econômico com as editoras. Por isso não se sabe até que ponto também as críticas das obras produzidas pelos jornais podiam ser independentes. A Livraria José Olympio Editora era, à época, uma respeitada editora e provavelmente cliente importante. Nesse sentido, é possível que interesses comerciais e de crítica literária se cruzassem.


CORREIO DA MANHÃ, Sábado, 8 de Dezembro de 1956

nas livrarias,
o romance de
MARIO PALMÉRIO
VILA DOS CONFINS
(Uma grande crônica da vida sertaneja)
Belo volume de 400 páginas com ilustrações de Percy Lau.

"Não acredito em prefácios e não gosto de prefácios. Se o livro é ruim o prefácio não adianta e se o livro é bom o prefácio é uma excrescência. Mas neste caso, como me sinto uma espécie de madrinha ou descobridora de VILA DOS CONFINS e dos méritos profissionais do seu Autor, creio que não estou fazendo prefácio. Estou apenas dizendo ao público que neste nosso difícil, atormentado ofício, tão precário em alegrias, entrou mais um recruta, que não apenas irá longe, porque já vai longe." "É ler para crer".

RACHEL DE QUEIROZ

Uma edição da
Livraria JOSÉ OLYMPIO Editôra
40685

Fig.43 - Propaganda do livro *Vila dos Confins*, estampada no Jornal Correio da Manhã de 08. dez.1956

O jornal *O Globo* publicava uma coluna de Antonio Olinto, denominada *Porta de Livraria,* que entre outros assuntos relativos à literatura, editava uma lista dos livros mais vendidos na quinzena. Entre os livros nacionais estava *Vila dos Confins*, que foi

[239] RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro, Editora e-Papers, 2007.

lançado em 1956, e figurava em 17 de abril de 1957 em 1º lugar, estando por oito quinzenas na lista do Rio de Janeiro, São Paulo e de mais 15 capitais de estados. Seguiam-se a ele, do segundo ao quinto lugar, respectivamente: *Um sertanejo e o Sertão* de Ulisses Lins, *Os Urupês* de Monteiro Lobato, *Boca do Inferno* de Oto Lara Resende e *O Encontro Marcado* de Fernando Sabino. Além dos cinco primeiros colocados, encontravam-se *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo e *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, na lista dos mais vendidos. Interessante notar que o livro de Rosa, apesar de ter se tornado um clássico da Literatura Brasileira, na época de seu lançamento em 1956, dividiu a crítica em rosistas e anti-rosistas. Discutia-se a questão da linguagem culta *versus* a linguagem popular. Os críticos faziam levantamentos dos recursos formais utilizados por Rosa: regionalismos, neologismos, arcaísmos, etc. Alguns chegaram a dizer que o livro não agradava nem ao povo e nem ao erudito[240].

Segundo Guinzburg, um crítico, sob o pseudônimo de Philo-Milton, salientou que as obras de invenção são muito mais perigosas do que os ensaios e livros de história, porque são vendidas muito mais barato e são acessíveis a um público mais vasto[241]. Para ele, "A ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante".[242] *Vila dos Confins* não nos apresenta dados históricos concretos, mas lança luzes sobre o pensar do autor, sobre testemunhos históricos involuntários a respeito dos aspectos culturais e políticos de uma região do Brasil e de sua época, é um texto entranhado de história.

A campanha para prefeito de Vila dos Confins e região é um relato baseado em personagens e acontecimentos[243] inventados, mas que apresentam uma verdade histórica muito importante acerca do Brasil da metade do século XX, tanto política quanto culturalmente. Tal afirmação nos aproxima de Goldmann,[244] quando afirma que a arte não perde seu rigor e pureza ao se aproximar da vida real e das lutas sociais, bem como seu conteúdo não pode ser julgado em nome de doutrinas ou normas conceituais. Nesta vertente o artista não copia a realidade, cria seres e coisas que constituem um universo mais ou menos vasto e unificado semelhante ao de nossa vida cotidiana.

---

[240] Documentação da imprensa, disponível para consulta no Memorial Mário Palmério, na Universidade de Uberaba.
[241] GUINZBURG, Carlo. **O fio e os Rastros – verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 162.
[242] Ibid, p.11.
[243] O autor confirma que os personagens são inventados em entrevista concedida a Ary Quintella, publicada no Jornal do Comercio do Rio de Janeiro e reproduzida no livro - *Mário Palmério, Seleta*. Organizado por Ivan Cavalcanti Proença e editado pela Livraria José Olympio Editora, em 1974.
[244] GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 71-90.

José Lins do Rego, em sua coluna, apresenta o livro de Palmério, em um texto do qual destaco a passagem em que ficção e realidade se aproximam por meio da sensibilidade e da memória do autor:

> (...) Mário Palmério escreveu um livro importante. Homem vivido e corrido trouxe para as letras, experiência de quem sabe o que faz. (...) A força de Palmério está na sua maneira de escrever, de sentir na sua memória com a máxima fidelidade. È um homem de sentires como Euclides, dá o nome de suas impressões sem transformar em exaustivo. As suas histórias crescem de tamanho e chegam ao maravilhoso (...) nos parecem qualquer episódio de Goya, pelo trágico da cena que se mistura de sangue e de morte.(...) E o que se sente pelo sertão florido, do rio cheio da chuva torrencial, dos bichos, dos urubus, é a realidade sem mentira. A realidade de Palmério é nua e crua. Às vezes não lhe ficava mal aquela mentira de que falava Delacroix, à ficção para ser menos rude. Palmério é um sertanejo veraz, apesar de caçador e pescador, não furta no peso. Para seu romance não ficaria mal um pouco de deformação, conforme usam os pintores de gênio.(...) O Brasil de sua região não se esconde atrás das matas e dos rios. Há um escritor que o ligou ao resto do Brasil e que nos obriga a olhá-lo na sua fisionomia áspera e contraditória[245].

A maioria das pessoas, quando lê adequadamente um texto, e compreende sua essência pode tirar proveito dela. O leitor não é necessariamente sujeito a uma única interpretação, não se submete ao mecanismo textual como poderia pensar o autor ou editor. Na verdade, ao ler, o leitor dá novos significados e conteúdos singulares, diferentes, às vezes, do pensamento do autor ao escrever o texto[246].

*Vila dos Confins* foi extremamente bem recebido pela crítica. O autor colecionou recortes de jornais de norte a sul do País, e por intermédio deles, pude constatar que os críticos algumas vezes não focalizavam a história como um todo, mas somente capítulos isolados, destacando principalmente a narrativa do episódio da onça preta caçada pelo padre Sommer, e as questões lingüísticas do texto.

É possível encontrar vários tipos de vocabulários em *Vila dos Confins*, para descrever as diversas situações do livro. Palmério apresenta dois tipos de unidade lexicais: os já existentes e dicionarizados, dentre eles os brasileirismos e os elementos lexicais neológicos, alguns deles posteriormente dicionarizados. Utilizou além dos

---

[245] REGO, José Lins. **Vila dos Confins.** *O Globo* 22 dez.1956. Recorte do jornal, indicação de página ou caderno, acervo de Mário Palmério, disponível no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[246]CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p, 211-238.

regionalismos de Minas Gerais, termos regionais de outros estados brasileiros, tais como:

> - Escovas de dente, unto para o cabelo, grampinho *ramona* (Goiás);
> - Paulo fazia o foco de luz amarela ir varrendo a galhaça das *coivaras* do barranco
> (Maranhão);
> - Bicho caiu no rio, seu doutor, o *caboclo-d'água* só faz desta: mete o dedo na boca, dá o assobio, e ajunta a piranhama (Bahia);
> - Mantê-la em pé, *embodocada,* as mãos destreinadas de Paulo já quase não o conseguiam - (Rio Grande do Sul);
> - Eu mesmo o tirei, e já o trouxe salgado com sal e *pedra-ume* (Amazonas);
> - Raças, como se vê, tinham os dois cachorros. Raça e exemplo, que *zagaieiro* assim como o Vasco nunca houve. (Mato Grosso);
> - (...) e nos planos para a apresentação retumbante do garrote azulego aos *zebuzeiros* de Uberaba - (Triângulo Mineiro)[247].

Da mesma forma que a utilização do léxico regionalista despertou grande euforia, causou também um certo desconforto em pessoas que não tinham raízes no sertão brasileiro. O texto causou divergência entre seus leitores de acordo com seu gosto e vivências pessoais. As recepções contraditórias dizem respeito às diversas aptidões e expectativas dos leitores. Como exemplo, a crítica ao livro feita por Ivan Vasconcelos em recorte de jornal, encontrada nos guardados de Palmério.

> (...) A nosso ver sua força de autor autêntico está na descritiva, quando aparece com uma terminologia peculiar, muitas vezes desconhecida, mas que não escapa à significação dentro do texto. Pareceu-nos que Mário Palmério poderia ter incluído um glossário em Vila dos Confins. Seria uma contribuição acertada para melhor integração do leitor no verdadeiro espírito das cenas descritas, se bem que essa condição não seja essencial para a compreensão de sua arte literária[248].

Homero Silveira faz uma crítica favorável a *Vila dos Confins*, na questão do léxico:

> Há vários pontos que merecem consideração no livro de Mário Palmério. Em primeiro lugar a língua. Palmério faz em menor escala uma experiência à Guimarães Rosa. Transpõe para as letras

---

[247] PALMÉRIO, 2003. passim.

[248] VASCONCELOS, Ivan. **Mural literário.** *Diário de Minas.* 10 fev.1957. Recorte do jornal sem número de página ou caderno. Acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> o linguajar caboclo de certa região mineira. E o faz com felicidade[249].

Algumas passagens do livro foram especialmente citadas por críticos:

José Lins do Rego:

> (...) As suas histórias crescem de tamanho e chegam ao maravilhoso como no caso do Padre Sommer com a onça negra. Os lances da caçada da fera na furna, com a fedentina do jumento em decomposição e a luz da lanterna que se apaga nos parecem qualquer episódio de Goya, pelo trágico da cena que se mistura de sangue e de morte.[250]

Adolfo Casais Monteiro:

> (...) Um dos mais belos contos que já li é a caçada à onça preta descrita por Mário Palmério em Vila dos Confins. Dois personagens admiráveis, o padre e a onça é um conto que tem 'suspense' do melhor, admiravelmente escrito.[251]

Diário da Noite:

> (...) Encontram-se no livro verdadeiras páginas antológicas sobre outros aspectos da vida sertaneja: a da caça à onça, feita pelo padre Sommer, a da pesca no rio Urucanã, a da garimpagem , a do caboclo, a do galo velho que canta fora de hora, a do urubu, do melhor humorismo[252].

Adonias Filho:

> (...) São verdadeiros quadros animados e autônomos que, na desarticulação, constituem os grandes e definitivos episódios.(...)A luta do homem com a onça, por exemplo, transmitida em técnica coloquial, reflete poder tão impressivo que a leitura se transforma em descarga de imagens, é antológica a aparição da sucuri e seu salto sobre o boi[253]

---

[249] SILVEIRA, Homero. **Quase um romance.** *Diário de São Paulo,* São Paulo, 17 fev.1957. Recorte do Jornal sem indicação de página, localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[250]REGO, José Lins.**Vila Dos Confins.** *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jan.1957. Recorte do Jornal sem indicação de página, localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[251]MONTEIRO, Adolfo Casais. **Quando os deputados são personagens de romance.** *Correio da Manhã.* Rio de Janeiro, 08 mar.1957. Recorte do Jornal sem indicação de página, localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[252] **Vila dos Confins.** *Diário da Noite*. Recife, 09 jan.1957. Recorte do Jornal sem indicação de página, localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[253] FILHO, Adonias. **Vila dos Confins.** *O semanário.* Recorte do Jornal sem indicação de página ou data, localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

Menotti del Píchia apresentou *Vila dos Confins* à Academia Brasileira de Letras, e em seu discurso informa:

> (...) A prosa de Vila dos Confins é seivosa, germinando da terra como planta e da fala do homem como emoção e força comunicativa. Como quem se embrenhasse numa floresta tropical, o leitor emerge-se na narrativa nutrida por uma linguagem cheia de frescura e viço e, sobretudo, de verdade. (...) Geralmente o escritor transpõe seu mundo para sua língua literária como instrumento específico de comunicação que se caracteriza com seu estilo. Em Palmério quem lhe dá o estilo é nossa própria gente. (...) A linguagem sai assim dessas páginas impregnada de cheiros agrestes, de forma doméstica carregada de cor e de sol.[254]

Nestas críticas o elo comum se localiza naquilo que é de específico do cotidiano popular do interior do país, ou seja, o enfrentamento com a natureza, o duelo entre o homem e o animal, as atividades prosaicas como a caça, a pesca, o garimpo. O "cheiro do agreste", as relações dos homens com o mundo ainda ruralizado germina do contato com o real e se traveste em romance, criando um contexto que localiza a ação e a vida das personagens de Palmério.

Além dos comentários elogiosos sobre a obra, Menotti del Pichia faz menção a uma questão interessante: "é que sendo colega de Câmara de Mário Palmério, posso testemunhar como se operou o estalo literário no parlamentar ilustre. Palmério tem na família a veia literária. Já conhecia em São Paulo outro Palmério, irmão deste, realizando obra brilhante como um dos bons escritores humoristas que o Brasil possui[255]".

A propósito, o irmão de Mário Palmério foi também escritor, Eduardo Palmério, dentista por formação, tornou-se jornalista desde a década de 1940, escrevendo crônicas na imprensa paulista sob vários pseudônimos, entre eles, o mais famoso era *Camarada Lorotoff,* do qual se valia para fazer comentários satíricos sobre a política, os empresários e a granfinagem da época. Publicou vários livros, entre eles uma antologia *100 comentários*, *Solteiros no civil e no religioso*, *A noite é nossa* e *A grande mamata*[256].

---

[254] Jornal *Correio Católico* 26 dez.1956, página 5. Recorte do Jornal sem indicação de autoria, ou título localizado no acervo de Mário Palmério a disposição para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[255] Ibid, página 5

[256] FONSECA, André Azevedo. **O centenário do Camarada Lorotoff** publicado em <www.overmundo.com.br> em 09 jul.2006. Acesso em 23 jun. 2007

Os inimigos políticos de Mário Palmério, logo ao ser publicado *Vila dos Confins*, lançaram um boato de que não teria sido ele a escrever o livro, mas sim seu irmão, a quem teria pago por tal trabalho. Segundo Fonseca[257], "essa difamação é fruto de ardileza política, pois era muito difícil para os feudos partidários locais engolirem o sucesso literário nacional de um triangulino imbatível nas urnas. Assim, para desmerecê-lo, inventou-se a maledicência que ganhou livre curso entre aqueles que por algum motivo não gostavam de Mário Palmério".

Além de Mário e de seu irmão, seu pai também se dedicou às palavras. Engenheiro, advogado e juiz de direito, Francisco Palmério foi diretor e redator do "Cidade do Sacramento – Órgão dos interesses municipaes", jornal de circulação bi-semanal do início do século. Pela leitura dos jornais, percebemos que existiam várias "pendengas" entre o jornal escrito por Francisco Palmério e a Gazeta de Sacramento, ao longo dos anos de 1902 e 1904, a ponto de haver acusações mútuas, tais como de que o diretor do *Cidade de Sacramento* não possuía o diploma anunciado de engenheiro, o que resultou em uma audiência pública, na qual Francisco Palmério exibiu para a cúpula política da cidade o seu diploma, registrado em 20 de março de 1893. Além disso, houve denúncias de empastelamento, de jagunços contratados pela Gazeta para demonstração de força armada com tiros de carabina para o alto, o que provocou a emissão de telegramas para o governo estadual, solicitando a nomeação de um delegado militar para a cidade.

O autor de *Vila dos Confins* foi articulista do jornal uberabense "Lavoura e Comércio" desde a década de 1940, e em seus artigos demonstrava o interesse pelos mesmos assuntos que trataria em suas campanhas políticas, no plenário da Câmara e em seus livros. Confirma, assim, a teoria de que os temas, motivos, valores são fornecidos ou sugeridos pela sociedade e seu tempo. Para Sevcenko, o escritor é "o ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade". [258]

Alguns trechos de seus artigos permitem vislumbrar essa conexão do autor Palmério com o político de seu tempo:

---

[257] FONSECA, André Azevedo. **Todos contra Mário Palmério.** Disponível em <www.sacrahome.net> . Acesso em 23 jun.2007.

[258] SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1999. p,246

> *Senhora da Abadia.*
> "Boa, milagrosa e misericordiosa Senhora da Abadia, faz anos hoje, meu tempo feliz de menino. Tempo em que, junto à minha mãe, levantava-me cedinho, ainda na hora de poder ver a estrela d'alva, bonita e grande, ir sumindo bem devagarinho e bem longe, no céu (...)"
>
> *Rumo ao campo.*
> "Sud Menucci, o grande batalhador pró Ensino Rural no Brasil, moveu vibrante e memorável campanha em torno da necessidade de enquanto se alfabetizassem as populações dos nossos campos, serem ministradas as mesmas noções elementares, mas eficazes dos problemas e assuntos agro-pecuários(...)"
>
> *O Indubrasil e a célebre história dos ovos de ouro...*
> "Quem, como nós, teve oportunidade de, assistindo à Exposição de Animais e produtos derivados realizada em São Paulo, conviver bem de perto, com a grande maioria dos criadores bandeirantes, pode calcular o interesse bem vivo que as raças de zebu têm despertado (...)"
>
> *Com o queijo e a faca na mão...*
> "Apesar de não mais original, continua oportuno e necessário um convite aos moços do Triângulo Mineiro para que se dirijam às Escolas de Veterinária e Agronomia. Pelo menos aos que, com o desaparecimento futuro de seus progenitores, se verão à testa da administração de suas fazendas (...)"

Para Antonio Candido a arte é eminentemente comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos. Haveria um movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências, em que a função social da obra decorreria de sua própria natureza, de sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão. Desta forma, para esse autor, a obra só viveria na medida em que os leitores a vivessem, "decifrando-a, aceitando-a, deformando-a", visto que o público não é "passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito".[259]

Na já citada entrevista a Ary Quintella, Palmério informa que naquela data (1974), talvez não mais escrevesse *Vila dos Confins*, pois o considerava cheio de defeitos e que se saiu melhor escrevendo *Chapadão do Bugre*, apesar dos leitores não concordarem com ele: "já que este não pega a batida do primeiro. Não há meio. Enquanto tiro uma edição de *Chapadão do Bugre*, saem quatro, cinco de *Vila dos*

[259] CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 8ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 20.

*Confins*, embora as edições do segundo tenham tiragem maior". [260] Segundo Candido,[261] a obra é mediadora entre o autor e o público e este é mediador entre o autor e a obra, "na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros", ou seja, o público é condição do autor conhecer a si próprio, pois "sem o público não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta".[262] O significado do texto literário é percebido pela análise do processo de recepção em que a obra se mostra na multiplicidade de seus aspectos e não somente por sua análise isolada, ou por sua relação com a realidade. Para Stierle:

> A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até a diversidade de reações por elas provocadas – que incluem o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, copiá-lo, presenteá-lo, de escrever uma crítica, ou ainda transformá-lo em viseira e montar a cavalo...[263]

No universo da crítica *Vila dos Confins* não passou ileso como se observa nas análises a seguir:

> Outro defeito que Vila dos Confins possui em sua urdidura, está no acúmulo de coincidências desastrosas no final do romance. O que pode acontecer na vida, em que muitas vezes vemos uma falta de equilíbrio imediato, (embora no longo curso dos acontecimentos a balança volte à posição normal) não pode ocorrer na obra de arte, em que o equilíbrio é dentro do mundo delimitado em que ela se concentra absolutamente necessário[264].
>
> É verdade que na obra do Sr Mário Palmério o social se sobrepõe ao estético. Mas sobre o tema, sobre a ação, sobre o argumento e até sobre os personagens se caracteriza nitidamente o evidente propósito de utilizar estes elementos para a realização de uma obra um surpreendente rigor no tratamento da expressão verbal. [265]

---

[260] PROENÇA, Ivan Cavalcanti.(org.) **Seleta de Mário Palmério.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974. p. xiii
[261] CANDIDO. 2000, p.69.
[262] CANDIDO. 2000, loc. cit.
[263] STIERLE, Karlheinz. O que significa a recepção dos textos ficcionais? LIMA, Luis Costa (org) **A literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
[264]OLINTO, Antonio. **Vila dos Confins.** *O Globo, Rio de Janeiro,* 05 jan. 1957. Recorte do jornal sem indicação de página, acervo Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.
[265]PORTELLA, Eduardo. **Vila dos Confins ou a ficção livre.** *Jornal do Comércio* – 30 jun.1957. Recorte do jornal sem indicação de página, acervo Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> O documentário da vida política no interior brasileiro que dá vida à parte final do livro, já se tornou sediço nas denúncias que os partidos costumam fazer uns aos outros, acusando-se conforme estão no poder, ou fora dele. E seria matéria para quinze páginas de panfleto, não para um longo romance. [266]

*Vila dos Confins* não é arte sem fim ou "arte pela arte" como perceberam os críticos Antonio Olinto, Eduardo Portela e Magalhães Júnior. No entanto, apesar de estar de alguma forma a serviço da denúncia política e da divulgação de sua região, Palmério não descuidou da dimensão estética, da expressão verbal, mesmo que em menor grau do que seria o esperado na elaboração de um livro. Segundo Facina:

> Um dos grandes debates que marcam o campo artístico intelectual contemporâneo, desde pelo menos o século XIX, opõe os que defendem a "arte pela arte" e os que advogam a idéia de que a arte e a literatura devem ser atividades politicamente engajadas. Ambas as correntes desse debate são bastante heterogêneas, mas, de modo geral, podemos dizer que os primeiros acreditam que a arte é um fim em si e que a principal tarefa dos artistas e intelectuais é produzir idéias e obras no âmbito de sua competência específica, o que exclui a intervenção nos assuntos públicos. Já os que defendem o engajamento crêem que artistas e intelectuais têm a responsabilidade de assumir compromissos em relação à coletividade, ou, em outros termos, de descobrir no coração da intenção estética um imperativo ético[267].

---

[266] JÚNIOR. Magalhães R. **Um romance político.**Diário de Notícias – 05 dez.1956. Recorte do jornal sem indicação de página, acervo Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.
[267] FACINA, 2004, p. 37.

### 3.2 – A recepção de norte a sul: elogios e críticas aos confins

Bem se sabe que quando um autor escreve o faz do seu mundo interior. O leitor que o lê também o faz a partir do seu mundo interior. E esses dois mundos compõem o imaginário social na medida em que são verbalizados e representados nas mais diversas formas de linguagens e representações. Todavia, entre o autor e o leitor existe a crítica que nunca é isenta, mas sempre permeada por intenções e interesses, porque o crítico não só faz parte do mercado editorial, mas é também um homem de seu tempo.

Assim, de acordo com Chartier,[268] a história oferece abordagens que ajudam a esclarecer as contradições da teoria literária, sendo possível identificar estratégias pelas quais autoridades e editores tentaram tornar indispensável uma leitura autorizada do texto. Algumas delas explícitas e fundamentadas no discurso, em prefácios, prólogos, comentários e notas, impondo uma compreensão considerada legítima. A Livraria Editora José Olympio, na orelha da edição número um de *Vila dos Confins*, define o livro como um romance de costumes que se passa às vésperas de eleições em uma "cidadezinha" imaginária e informa ainda que embora "avulte" no livro a fixação de costumes políticos do interior, o livro seria também "repositório" de outros costumes típicos da região, como a caça e a pesca. Salienta que o autor, apaixonado pela natureza e pelos animais, evocou-os com vigor e graça poucas vezes observados em outros regionalistas. Enfatiza também que Palmério é a revelação de um notável prosador, sendo sua estréia a mais importante do ano, visto que é dono de uma prosa saborosa, espontânea, colorida, cheia de vida e flexibilidade, contribuindo para a fixação de um "futuro estilo brasileiro", que representa um novo passo num *revival* da ficção brasileira, marcada pela presença de nomes que vieram para perdurar.

De fato, observando as críticas a que tivemos acesso, percebemos uma certa uniformidade na análise, como uma orquestra, tocando conforme a música, cuja partitura foi fornecida pela editora em sua apresentação. Seria essa uma possibilidade para entender o sucesso da obra ou poder-se-ia pensar que certas editoras só apostam no que tem o mínimo de qualidade.

---

[268] CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001. p. 215.

Segundo Zilberman[269], a possibilidade da obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo. Na contracapa de uma edição de *Vila dos Confins* pela editora EDIOURO, em 1994, consta:

> Esquecido pelas geografias, esquecido pelos governos, o Sertão dos Confins não carece de piedade. Ele aparece inteiro, vibrante, quase uma luxúria de fauna e flora, nas páginas amorosas de Mário Palmério. No centro de tudo, a Vila dos Confins, uma rua comprida que começa na Igreja e termina no cemitério, por onde passam beatas, caixeiros viajantes, jagunços, moçoilas casadoiras, coronéis da política, heróis e vilões; por onde passa um Brasil que, quando você conhecer, também vai amar. Pelo cheiro da terra, pela fidelidade aos costumes e à linguagem do homem interiorano, esta crônica de uma eleição num lugarejo perdido nos confins brasileiros poderia ser definida como o canto do povo de um lugar, mas a complexidade das relações afetivas, sociais e políticas de seus inesquecíveis personagens, tecidas com a mão de mestre por Mário Palmério, lhe confere um caráter universal e a condição de obra-prima. Isso talvez explique por que a romance Vila dos Confins é, ao mesmo tempo, um *bestseller* absoluto e um clássico da literatura brasileira. [270]

Percebe-se nessa apresentação da edição de 1994 que o livro já não era direcionado para um Brasil de raízes rurais, que guardava na memória suas origens, tendo em vista a frase "por onde passa um Brasil que quando você conhecer vai amar", ou seja, trata-se de um lugar desconhecido dos leitores urbanos, para os quais estava sendo apresentada a obra. A impressão que se tem é a de que a Editora não encomendou a redação da apresentação do livro a alguém que o tenha lido, tendo em vista a frase: "na complexidade das relações afetivas, sociais e políticas de seus inesquecíveis personagens". Esta foi uma das maiores críticas efetuadas ao livro na época de seu lançamento: Justamente a falta de complexidade, de aprofundamento psicológico e de personagens com maior densidade.

Sabemos também que na contracapa do livro o texto tem a intenção de apresentar a obra de uma forma sintética que é, antes de tudo, uma estratégia de marketing empresarial. Todavia, o que num primeiro momento parece simples estratégia pode se complexificar quando se somam as próprias conquistas do livro no mercado.

---

[269] ZILBERMAN. Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989.p, 33.

[270] PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins.** Rio de Janeiro: EDIOURO, 1994. Contra Capa – apresentação do livro.

Daí a acrescentar nas futuras edições os sucessos de público e do próprio autor. Tal fato abre o apetite de outros editores e o livro tem seu valor de mercado aumentado. E, no final das contas, tudo isso pode inclusive afetar a indicação para a Academia Brasileira e vice-versa. As capas vão se modificando, as cores, as formas se transformam.

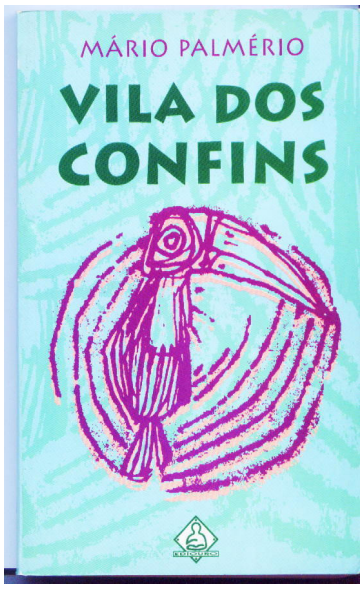



Fig. 44 - Capa de *Vila dos Confins* - Ediouro - Sem créditos para o desenho - 1994

*Vila dos Confins,* lançado pela Editora Abril, na Coleção Grandes Sucessos de 1983, tem a seguinte apresentação:

> Uma eleição num pequeno lugarejo perdido no sertão de Minas Gerais, as lutas político-partidárias, os interesses em jogo, os hábitos e o cotidiano da população. Obra de denúncia de uma realidade, desnuda toda a estrutura esclerosada da vida política de um município interiorano. A estória é entremeada com flashes pitorescos como, por exemplo, a caçada de uma onça e o ataque a um boi por uma sucuri.

Também aqui se percebe o distanciamento que "a estrutura esclerosada da vida política de um município interiorano" tem do Brasil de 1983, que não demonstra saber que tal estrutura se apresentava no Brasil como um todo, tanto que a legislação eleitoral foi modificada em função da quantidade de fraudes em todo País e não apenas no interior. Outro apontamento a ser fazer refere-se à frase: "a estória é entremeada de flashes pitorescos", na qual o (a) apresentador (a) reduz ao pitoresco, situações comuns do cotidiano do sertão. Pitoresco, de fato, tem a ver com um País que, nos anos de 1980,

se democratiza, vive o "rescaldo do milagre brasileiro"; consolida sua industrialização e cuja urbanização torna o Brasil de 1950 uma alegoria, especialmente para a geração de jovens leitores que não têm a história do País na ponta da língua ou mesmo no coração. Esse distanciamento e, talvez, o descuido das editoras se revelam na versão de 1983, cuja capa tem muito mais a ver com a história de Chapadão do Bugre do que com os Confins.

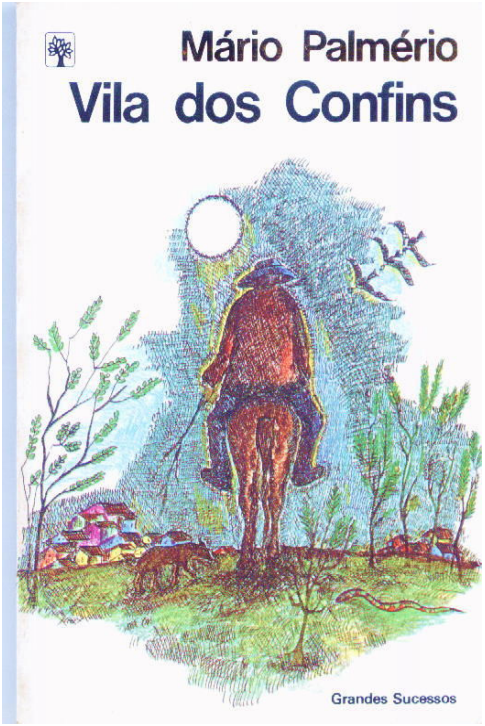



Fig.45 – Ilustração de Lydia Russo Forte. Capa de *Vila dos Confins* - Coleção Grandes Sucessos, Editora Abril – 1983.

O jornal *Estado de Minas,* em sua edição de domingo, quinze de setembro de 1963, apresenta uma matéria intitulada "*Aspectos Gerais de Vila dos Confins*" de Olívio Tavares de Araújo, na qual o autor analisa a atitude de dois diferentes críticos com relação ao livro. Em seu texto, relata que o romance de Mário Palmério lançado "há uns cinco anos, é um atestado vivo de o quanto existe ainda de subjetivo e inseguro na crítica às letras nacionais".[271] Os críticos, apesar de partirem de pontos semelhantes,

[271] ARAÚJO, Olívio Tavares de. **Aspectos Gerais de Vila dos Confins**. Jornal Estado de Minas – 15.set.1963. Recorte do jornal sem número de página ou caderno, acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

chegam a conclusões opostas. Araújo trata das críticas feitas por Antonio Olinto[272] e Franklin de Oliveira[273], publicadas, respectivamente, em *O Globo* e *Correio da Manhã,* em que Antonio Olinto afirma: "Nossa literatura de ficção está passando por seguro amadurecimento", ao passo que para Franklin Oliveira o romance representa bem o atraso técnico da ficção brasileira. Deste modo, a análise de Oliveira invalidaria em grande parte a de Olinto, pois não é possível que uma obra amadureça enquanto se mantém presa a uma técnica atrasada. Apesar de Araújo concordar com Oliveira no tocante ao texto de Palmério não apresentar a estrutura formal de um romance, não se pode considerá-lo "arte em estado larval", pois apesar de:

> Determinado objeto não ter preenchido satisfatoriamente sua missão, sua dimensão comunicativa como arte, não sendo simples opção do autor em favor de formas ou esquemas tradicionais de expressão, a pesquisa técnica, a tentativa de descobrir novos meios expressivos, novas sendas na floresta da arte, é sem dúvida um valor, mas, um valor em si mesmo, não de natureza estética, que nada acrescenta ou retira do objeto. [274]

Araújo ainda acrescenta que os críticos não deveriam analisar à luz de critérios arbitrariamente escolhidos a priori, mas tentar demonstrar, na medida do possível, que determinado objeto foi capaz de cumprir seu papel de iniciador de uma comunicação entre dois seres, o artista e o contemplador, num diálogo correspondente a um feixe de valores possíveis e reconhecíveis. Segundo Araújo, diante da "fragmentariedade" da estrutura do texto, Araújo propõe dividir *Vila dos Confins* em três tipos de capítulos: "os que se prendem ao *plot* (enredo geral) propriamente dito, os que constituem episódios isolados, autônomos, por si só precisas crônicas sobre hábitos e costumes do interior, e os que reúnem os dois traços: enredo e descrição". Não seria isso um desvalor, pelo contrário, um de seus pontos fortes?

Na verdade, nas palavras de Mário Palmério, em princípio as notas recolhidas seriam para um relatório, que acabaram transformando-se em livro, ou seja, a obra não foi concebida como um todo, mas na soma de elementos narrativos de enredo e cartões

---

[272] OLINTO, Antonio. **Cadernos de Críticas.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959. p.36. Publicada no Jornal *Correio da Manhã* de dez. 1956. Recorte sem data completa, sem número de página ou caderno, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba

[273] OLIVEIRA, Franklin. **Fantasia Exata**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959. p.183.

[274] ARAÚJO, 1963.

postais, que lhe pareceram oportuno introduzir para espaçar alguns momentos da narrativa, que de outro modo tornar-se-ia enfadonha.

Deste modo, Palmério forneceu uma visão do mundo interiorano, nas facetas humana, física, social, ética, dentre outras. O livro trata da eleição, e os capítulos que entremeiam a narrativa, apesar de alguns críticos alegarem que foram introduzidos porque o autor não havia feito realmente um romance, em nada destoam da trama, visto que o que Palmério apresenta é a vida do interior. Todavia os críticos, "comunidades interpretativas" cujos membros compartilham os mesmos estilos de leituras e as mesmas estratégias de interpretação[275], acostumados com a estrutura tradicional dos romances, consideraram que a forma diferenciada da estrutura de *Vila dos Confins* era indevida.

No capítulo vinte da primeira parte de *Don Quixote*, Sancho Pança, para passar o tempo em uma noite que está de guarda, começa a contar, a seu modo, uma história a seu amo. No entanto, sua forma de contar histórias era totalmente diferente da forma a que estava acostumado o fidalgo, que por esse motivo se irritou, dizendo-lhe que se não fosse para contar a história na seqüência, como um homem normal, era melhor que se calasse. Em contrapartida, Sancho lhe responde que em sua terra todas as histórias são contadas assim e ele nem sabe contá-las de outro modo, ao que Don Quixote resigna-se em ouvir histórias relatadas de forma tão diferente daquelas que se encontram em seus livros[276]. Assim eram alguns críticos de Palmério. Reclamaram muito do fato de *Vila dos Confins* não ter a estrutura de um romance tradicional.

> (...) Livro Curioso, rico de atributos, admirável até, como antes acentuamos, Vila dos Confins receberá sérias restrições se examinado como romance. Para que merecesse essa classificação era necessário preencher as condições mínimas exigidas pelo gênero. Numa conceituação ampla, talvez se colocasse sob a órbita do romance de costumes. (...) Falta igualmente à Vila dos Confins a contenção e precisão de linguagem que o artista da ficção somente se apodera pelo esforço contínuo do aprendizado formal.(...) Encarado ou não como romance, o certo é que este é um livro inestimável e que o escritor nele revelado trouxe com seu talento contribuição sobremaneira significativa à reestruturação temática que se opera em nossa literatura[277].

---

[275] CHARTIER, 2001. p.216.

[276] CERVANTES, Miguel de Saavedra. **Don Quixote de la Mancha.** São Paulo: Ed Abril Cultural, 1978. p. 109-110.

[277] ÁVILA, Afonso. **Os limites de Vila dos Confins.** Jornal *A Gazeta* – recorte sem data, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

O leitor de um romance, conduzido ou não, encontra-se inscrito no texto, que por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores. Segundo Chartier:

> Assim torna-se necessário reunir duas perspectivas que em geral não se articulam: por um lado, o estudo de como os textos e as obras impressas que os comunicam organizam a leitura autorizada; e, por outro lado, a compilação de leituras concretas, costuradas em declarações individuais ou reconstruídas no nível das comunidades de leitores – aquelas "comunidades interpretativas" cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação.[278]

Zilberman afirma que as obras não se apresentam num vazio informativo, visto que alertam seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas reconhecidas. Elas correspondem "a necessidades do público com o qual dialoga, sem o que a sua presença não se justifica[279]". O leitor se sente à vontade com livros que incluam contextos já conhecidos por ele, um entendimento previamente construído conduz a uma compreensão do que se lê, que nem sempre é o que pretendia o autor.

Reconstituir o horizonte de expectativas, diante do qual foi criada e recebida uma obra, possibilita chegar às perguntas às quais essa mesma obra respondeu, o que significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação.

"Os indicadores explícitos pelos quais os textos são designados e classificados criam expectativas de leitura e perspectivas de entendimento".[280] . As indicações de gênero ligam o texto a outros textos que já foram lidos e assinala ao leitor o pré-entendimento apropriado no qual situar o texto. Os leitores ao lerem *Vila dos Confins*, apresentavam um pré-entendimento, pois residiam em um país predominantemente rural, com políticos que ainda mantinham práticas da República oligárquica, e é esse o enredo do livro, daí seu sucesso. Não importava se ele reproduz fielmente o universo real do interior ou da política.

Nelson Ráfia, em crítica denominada "Sertão", publicada no Estado de Minas, assim se manifesta:

> (...) Palmério como Guimarães Rosa e uns outros poucos iniciados na difícil arte de escrever e convencer sabe o lugar que os

---

[278] CHARTIER, 2001. p. 215/216.
[279] ZILBERMAN.Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989. p.100
[280] CHARTIER, 2001., p. 228.

> dicionaristas chamam de ermo, despovoado – de acesso difícil – sertão. (...) Palmério retrata com a precisão de um fotógrafo, o meio físico em que labutam os personagens de seus romances. É tão fiel nisso que a gente fica em dúvida se os personagens foram apanhados para viver as histórias que ele nos conta ou, ao revés, foram eles que saíram de seus livros para viver cá fora a vida de todo o dia. Lendo-se os seus romances, a impressão que se tem é a de que o escritor não inventou os causos que conta. (...) Quem criou a história foi a vida política sertaneja, quem a reescreveu com a mão de mestre foi Mário Palmério.[281]

José Lins do Rego:

> Palmério escreveu um livro que conta, que revela, que descobre. O Brasil de sua região não se esconde atrás da mataria e dos rios que não dão passagem. Há um escritor que o ligou ao resto do Brasil e que nos obriga a olhá-lo na sua fisionomia áspera e contraditória. Quando aparece um escritor assim, podemos estar seguros que o Brasil terá mesmo consistência de país.[282]

Em setembro de 1955, Palmério diplomou-se pela Escola Superior de Guerra, [283] apresentando a Monografia intitulada: *Núcleo Central Brasileiro* (Região Centro-Leste). Um trabalho de 158 páginas que detalha a região dos Estados do Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, sul da Bahia, nordeste de São Paulo e leste de Minas Gerais, tratando minuciosamente da *fisiografia* (região, relevo, geologia, hidrografia, clima, vegetação, solo); *zoneamento regional* (litoral, encosta, planalto, depressão sanfranciscana, oeste mineiro, regiões naturais de São Paulo, planalto ocidental, planalto cristalino, sedimentar paleozóico); *população* (efetivos humanos, densidade e povoamento, estrutura segundo sexo, idade e cor); m*igrações (*exteriores e interiores); *atividades primárias, secundárias, terciárias; aspectos culturais, instrução, religião; estado sanitário; produção extrativa: mineral, vegetal e animal; produção*

---

[281] RAFIA, Nelson. **Sertão**. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 12 dez.1965. Recorte de Jornal sem número de página ou caderno, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[282] REGO, José Lins do. **Vila dos Confins**. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 27 jan. 1957. Recorte de Jornal sem número de página ou caderno, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[283] A Lei 785/1949 criou a Escola Superior de Guerra, um Instituto de altos estudos de política, estratégia e defesa, vinculada ao Ministério da Defesa e destinada a desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários ao exercício de funções de direção e assessoramento superior para o planejamento da defesa nacional, incluídos aí os aspectos de segurança e desenvolvimento. A escola foi idealizada para ministrar o curso de alto comando, apenas para militares, no entanto acabou organizada para também receber civis. Seus cursos de especialização abrangiam assuntos militares, problemas sócio-econômicos e geopolíticos, criando teorias próprias à respeito das questões brasileiras. Na turma de Palmério, além de jornalistas, advogados, engenheiros, médicos, economistas e zoólogos, estudaram: outro deputado federal, um deputado estadual e dois senadores.

*manufatureira (I*ndústrias de base, leves e pesadas); *distribuição: comércio e transportes (*ferroviário, rodoviário, marítimo, fluvial e aéreo).

Esse trabalho, somado às suas andanças pelo interior do Brasil desde 1950, por força da política e de seu espírito aventureiro que o levou até a morar no Amazonas, em um barco durante algum tempo[284], credenciaram-no a falar com "naturalidade" sobre a fauna, a flora, os costumes e geografia do interior brasileiro. De acordo com Fontes[285], talvez esse trabalho tenha sido a referência para muitas passagens do livro "pela quantidade de dados levantados, pela qualidade das estatísticas compulsadas, pela imensa bibliografia trabalhada (...) e pelos vários ângulos abordados, como a população, a produção e a distribuição". Ainda segundo Fontes "o trabalho lembra em tudo a descrição feita por Euclides da Cunha na primeira parte de *Os Sertões".*[286] Os elementos em destaque para comprovação talvez estejam nas avaliações a seguir:

> Valorizando todos os elementos originários da área em que a ação do livro se desenrola, conseguiu conduzir a narrativa num estilo que singulariza pela fidelidade ao espírito da língua e pela absoluta integração ao meio que está descrevendo. (...) A prosa desperta toda a nossa atenção pela sua absoluta identificação com o ambiente, sem que essa circunstância constitua obstáculo a um leitor de outra região[287].
>
> (...) Nada impede, contudo que, num gênero literário tão flexível e tão amplo, assuma a paisagem a importância de seus melhores personagens, quando o entrelaçamento deste com aquela é uma contingência reveladora da própria natureza humana, como acontece em Vila dos Confins. (...) A esmagadora paisagem sertaneja, que tanto reduz o homem à insignificância pela sua extensão territorial, pela sua monotonia às vezes, apresenta-se humanizada. (...) Pelas suas idéias, sentimentos e ações, vive o homem, na aventura de suas caçadas e pescarias[288].

---

[284] Morou no Amazonas de 04/1969 a 02/1970 e de 01/1978 a início de 1986. No segundo período, o barco construído por ele (Frey Gaspar de Carvajal) foi visitado por políticos, cientistas e naturalistas de quase todo o mundo. Sua estada foi acompanhada de perto pela imprensa brasileira que publicou inúmeras reportagens sobre a experiência de Palmério nas matas e rios brasileiros. Os Jornais: *O Globo, Tribuna da Bahia, Correio Brasiliense, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo,Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, e a revista Manchete* foram alguns dos que divulgaram e acompanharam a aventura de Palmério à bordo de seu barco.

[285] FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do Chapadão – leitura e análise dos romances de Mário Palmério.** Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, no Curso de Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000.

[286] Ibid.p. 40.

[287]**Vila dos Confins**. *Jornal do Comércio* – mar.1957. Recorte de Jornal sem identificação.

[288] *O Jornal* – 01dez.1957. Recorte de Jornal sem identificação.

Ao analisarmos uma obra literária, observa-se que o seu significado não é apreendido somente por sua relação com a realidade, ou pela obra em si, mas também pelo processo de recepção, pelo qual a obra se "expõe na multiplicidade de seus aspectos".[289]

> Essa estréia de um deputado mineiro no romance reúne dois aspectos não raro dissociados no terreno da criação artística: fama e qualidade. A acolhida franca que o público e a crítica vêm dispensando à obra, desde os primeiros momentos, precedeu desusado rebuliço entre nossos *experts* em matéria de ficção. As bodas do autor com o romance tiveram mais paraninfos que certos casamentos aparatosos[290].
>
> O êxito sem precedentes que vem obtendo o romance de estréia de Mário Palmério – Vila dos Confins – saudado como revelação, sobretudo de um grande escritor, reflete-se sem dificuldade nos numerosos artigos aparecidos na imprensa, assinados indistintamente por novos e veteranos da literatura[291].
>
> Muito de bom se tem reconhecido e algumas coisas têm sido negadas no escritor Mário Palmério de Vila dos Confins, cujas edições se sucedem, afirmando-se um dos mais constantes "best-sellers" destes últimos tempos. De qualquer forma, consegue Mário Palmério a difícil conjugação dos aplausos da crítica com invulgar acolhimento dos leitores brasileiros de literatura[292].
>
> Ainda me lembro do ginasiano Mário Palmério, no Diocesano de Uberaba. Afetivo, popular, sujeito igual, sem as mesquinhas presunções aristocráticas tão ao sabor daqueles meio e época. (...) Vila dos Confins, um grande livro! Romance viril em que os fatores naturais, gigantes e agressivos sangram retalhados, ao impacto duelístico da humana masculinidade sertaneja. (...) Livro de se ler, para aprender e meditar. Tanto de suave e ilustrativo, quanto de satírico e sancionador. Forte, esquentado sem queimar. Delicioso, sem flor de laranjeira nem baganas de sarjeta[293].

---

[289]STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? LIMA, Luiz Costa (org.) **A literatura e o leitor – Textos de Estética da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

[290] **FICÇÃO BRASILEIRA 56 III**. *Jornal do Brasil*. 20 jan.1957. Recorte de jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[291] **Existem os Palmérios para os processos da unidade.** *Folha de Minas* – 09 fev.1957. Recorte de jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba. Recorte de jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[292] **Vila dos Confins.** *A Província do Pará* – 22 dez.1957. Recorte de jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[293] QUEIRÓZ, Jerônimo Geraldo de. **Vila dos Confins**. *Jornal Oió* – Goiânia /fev. de 1957. Recorte de jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério. Disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> Mário palmério acaba de publicar seu livro de estréia e em face da obra que realizou, pode-se afirmar que conseguiu excelente resultado, porque não se limitou apenas a narração de costumes e fixação de tipos regionais, distinguindo-se antes de tudo pelo seu estilo pessoal e pelos dons de observação psicológica que o levaram a ultrapassar o estreito documentário[294].

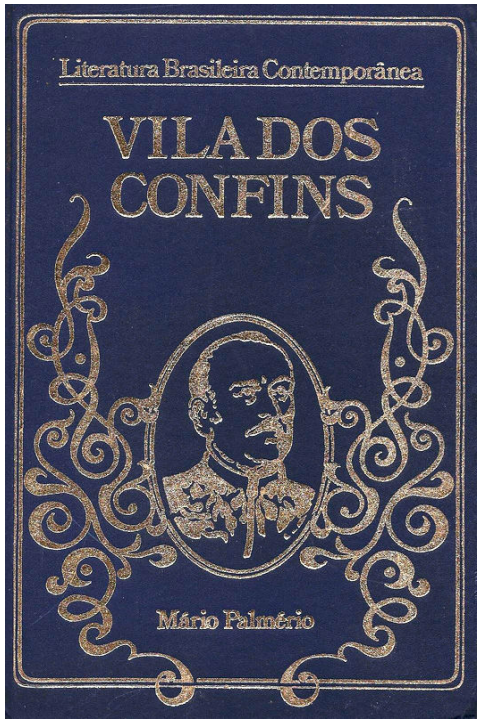



Fig. 46 – Capa de *Vila dos Confins* editada em Coedição Livraria José Olímpio Editora, Editora Civilização Brasileira e Editora Três – *Coleção Literatura Brasileira Contemporânea.* (1972 -1976)

*Vila dos Confins* continua sendo editado sem interrupções desde seu lançamento, e a respeito da recepção à literatura ao longo do tempo, Zilberman nos esclarece que há sempre uma assimetria entre escritor e audiência, o que provoca simultaneamente diálogo e controvérsia. Desse modo, mantém-se um intervalo "a ser preenchido por novos leitores que, mesmo em outras épocas e contextos, voltam à ficção para ali reconhecerem uma realidade a ser questionada ou a questioná-los". Assim, a obra se atualiza pelas novas leituras, (re)interpretações, e a capacidade que ela tem de desprender-se de seu tempo original e responder às exigências dos novos leitores é reveladora de sua historicidade. Porém, segundo essa autora:

---

[294]MONTEIRO, Adolfo Casais. **Quando deputados são personagens de romance.** *Estado de São Paulo* – 16 mar.1957. Recorte de Jornal sem número de página. Acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> Para ocorrer esse desdobramento futuro é preciso que, desde o começo ela estabeleça algum tipo de comunicação com os primeiros destinatários. O vínculo com a época de aparecimento antecipa aquela historicidade, que se propaga para o futuro desde as modalidades iniciais de recepção[295].

Ainda, segundo Zilberman, a historicidade da obra fica registrada pela crítica literária que não apenas documenta a circulação da obra ao longo de sua trajetória, como também tem um caráter formador que repercute na leitura contemporânea e influencia a valorização do texto perante o público e a sua localização no fluxo cronológico. Para ela, "se a crítica documenta a história dos efeitos da obra, responsabiliza-se igualmente por esses últimos, sob este aspecto correspondendo com mais nitidez ao papel ativo que a estética da recepção espera conferir ao leitor".

Talvez, o sucesso de público, a carreira política, a indicação para a Academia Brasileira de Letras tenham preparado o caminho para o sucesso das sucessivas edições, tornando a obra uma das mais vendidas e lidas do Brasil. A crítica à obra deixa de ser interessante, passa da análise para a informação, perde-se o caráter novidadeiro que um livro novo suscita, seja da perspectiva do tema regional, seja do enfrentamento com as novas propostas, novos temas e as novas linguagens em pauta. Se o livro é bom vira clássico e daí as subseqüentes (re)visitações. Todavia, sobra para o autor e para os editores a busca pelo reconhecimento do mercado editorial internacional. É o que se observa nas seguintes enunciações:

*Jornal do Brasil*:

> O escritor Mário Palmério recebeu do seu colega, o diplomata colombiano Eduardo Caballero Calderon, uma carta pedindo que enviasse os livros que escreveu até agora, a fim de incluí-los na coleção *Cimas de América*, que vai ser publicada em 25 volumes e editada pela *Revista Del Ocidente*. (...).[296]

*Vila dos Confins* foi lançado, em Portugal, em *1971*. Alguns destaques na imprensa portuguesa:

O escritor Mário Palmério dá uma sessão de autógrafos:

> Mário Palmério, ex-deputado federal e embaixador do seu país no Paraguai estreou-se como escritor com a obra que agora surge em Portugal e que já vai para a 12 ª edição no Brasil, tem merecido

---

[295] ZILBERMAN, 1989. p.100.

[296] **Mário Palmério terá seus livros editados em coleção com os grandes da América**. *Jornal do Brasil* Rio de Janeiro, *20 dez.1967*. Recorte de jornal sem número de página, acervo Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> elogios unânimes da crítica brasileira que considera que o seu trabalho tem como primeira qualidade o cheiro de terra...[297]

Século – Lisboa *05 mar.1971* – Mário Palmério em Lisboa.

Jornal do Comércio – Lisboa *22 fev1971* – O escritor brasileiro Mário Palmério estará no Porto para uma sessão de autógrafos.

Época – Lisboa *05 mar.1971* – O escritor Mário Palmério está em Portugal.

Jornal do Comércio – Lisboa *05 mar.1971* – Mário Palmério na Sá da Costa

Jornal de Notícias – Porto *16 mar.1971* – Novidades Literárias (Edições do Mês)

> Vila dos Confins por Mário Palmério – O drama da vida brasileira, em toda a sua grandeza, descrito em termos vigorosos e de grande intensidade literária, por um grande romancista brasileiro contemporâneo. – Coleção Livros do Brasil BR 60$[298]

As reedições nacionais merecem crédito, todavia o caráter é mais noticioso do que analítico, vejamos:

> (...) Todas as situações dos dois livros já publicados e do romance em elaboração são reais, ao menos em suas linhas mestras. A partir de Vila dos Confins Mário Palmério passou a adotar a técnica que o caracteriza, dos fatos encadeados de maneira a fornecer uma imagem permanente que permita associar a narrativa a um evento verdadeiro. (...) "Ninguém escreve sem ter vivido, se bem que em geral a gente aproveite coisas diferentes para enriquecer a obra – explica Palmério".[299]

> Por decisão da Comissão Coordenadora do Vestibular da UFC, neste vestibular de julho os estudantes deverão abordar questões ligadas a uma das seguintes obras literárias: "Quincas Borba, de Machado de Assis"; "O sertanejo" de José de Alencar; "Vila dos Confins" de Mário Palmério e "Contos Escolhidos" de Moreira Campos. Há nessas obras, um vasto potencial para estudos literários e seus autores, pela riqueza e pela beleza estilística com que se apresentam, foram os preferidos numa relação de nomes famosos.[300]

> Uma sensação incômoda e extraordinária toma qualquer um que se disponha a reler, hoje, os dois únicos romances de Mário Palmério,

---

[297] Jornal de Notícias – Porto, 15 mar.1971. Recorte sem número de páginas, acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[298] Recortes de Jornais de Portugal, sem número de páginas. Acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[299] Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* – 08 out.1972. Recorte sem número de páginas, acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[300] Jornal *O Povo – Fortaleza, Ceará* – 06 jul.1974 – **Os autores do vestibular**. Recorte sem número de página, acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> Vila dos Confins, de 1956 e Chapadão do Bugre, de 1965. Eles tratam de um Brasil arcaico, que a industrialização e o processo civilizatório deveriam ter soterrado, mas não soterraram. A paisagem mudou, é claro. Os costumes, não. (...) [301]

Menotti Del Pichia, em sua apresentação do livro *Vila dos Confins* na Academia Brasileira de Letras, em dezembro de 1956, pergunta sobre a força criadora de tipos que possui Mário Palmério: "(...) Mal se acaba a leitura, logo saltam dessas páginas para viver sua vida autônoma alguns dos personagens. (...) Qual a magia dessa força? A profunda brasilidade do luso. Quem imprime o selo do telúrico na narrativa de Palmério? Estilo (...)". E continua dizendo que os homens de 22 e sua revolução literária libertaram a língua, alforriando-a da tirania do vernaculismo ditatorial que a agrilhoava. E as coisas mudaram, pois num setor de alta inteligência Guimarães Rosa leva aos limites do super possível suas experiências. Mário Palmério, atual e intuitivo, tira de Rosa a receita ousada, mas se mantém intangível e espontâneo no campo da língua viva.

A propósito de Rosa, Palmério em entrevista ao Suplemento Literário do Jornal *O Estado de São Paulo,* busca na comparação o seu êxito:

> (...) nós temos a mesma origem, isto é, somos meninos do interior, prestamos muita atenção nessa vida de sertão de fazenda exploramos o mesmo material com uma variação técnica ou seja, ele era mais um criador do que propriamente um registrador de coisas. Toda obra de Rosa depois de *Sagarana* é uma linguagem nova. Ele aproveitou as permissões da língua que conhecia muito bem e fez disso um instrumento próprio de expressão. A linguagem dele é *Roseana*, uma gama de expressões certas, baseadas em recursos que não foram utilizados por outros escritores. Eu, por meu lado conto as histórias aproveitando aquilo que conheço. O meu palavreado é mais captado que propriamente inventado ou criado. Como Guimarães Rosa foi lançado muito antes de mim (ele publicou o primeiro livro em 1945, eu saí com a *Vila* em 55, dez anos depois) foi mais ou menos na mesma época que os dois surgiram no cenário literário com muita força, ele, Rosa, com muito mais do que eu, mas apareceu meu nome e desde então ficou aquela coisa: não se escreve sobre Guimarães Rosa, sem que me citem. E isso me honra muito, mesmo (...). [302]

Segundo Goldmann, a arte cria seres concretos e reais no interior de seu universo e seu valor artístico deve ser julgado de acordo com a riqueza e com a unidade do universo que ela cria. As grandes obras de arte podem manter eternamente seu valor,

---

[301] Recorte de Jornal sem identificação, 1988 – Luiz Fernando Emediato. Acervo de Mário Palmério, disponível no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

[302] GODOY, Roberto.**Mário Palmério.** *Suplemento Literário*. Jornal *O Estado de São Paulo* . São Paulo, 08 out. 1972. Número 793 Ano XVII

tendo apenas uma eficácia maior ou menor e sendo lidas e amadas de acordo com as épocas e grupos sociais. [303] Sobre a obra em análise, talvez seja prematuro fazer tal julgamento. Entretanto, dela o mínimo que se pode dizer é que ela nos auxilia a compreender um lugar (o interior), uma época e uma forma de fazer política.

[303] GOLDMANN, 1979. p. 84

## 3.3 – Os confins de Palmério substituem os sertões e veredas de Rosa na Academia: mera coincidência?

> Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:
> Graças ao vosso sufrágio, aqui me encontro para tomar posse da cadeira que Guimarães Rosa ocupou durante horas tão diminutas. Regimento e tradição desta Academia pedem, da parte de quem sucede, oração de homenagem e louvor ao sucedido. No meu caso, o panegírico não é só obediente, protocolar: é superior mandamento de afeição e consciência[304].

No dia três de abril, dia anterior a seu falecimento, Assis Chateaubriand pediu que o médico José de Souza Fortes fosse ao Rio de Janeiro como portador de seu voto para a eleição do membro da cadeira número dois da Academia Brasileira de Letras, vaga com a morte de Guimarães Rosa[305]. "Disputavam a indicação Celso Cunha, Antonio Olinto e Mário Palmério e seu voto foi para o mineiro Palmério, que se elegeu com vinte e três votos, no terceiro escrutínio."[306]

Vestindo o fardão presenteado pela prefeitura de sua cidade natal, Monte Carmelo, no Triângulo Mineiro, Mário Palmério tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Aos cinqüenta e dois anos, um dos mais jovens dos imortais, visto que no ano de sua posse a faixa etária média era de sessenta e cinco anos. Não precisou fazer a campanha tradicional em busca de votos dos acadêmicos. Apesar de pequena, sua produção literária foi avalista de sua candidatura. Na verdade, concorreram à vaga da cadeira de número dois, fundada por Coelho Neto com Álvares de Azevedo como patrono, além dos já citados, o Desembargador Faustino Nascimento, Paulo Magalhães. Estes dois sequer foram votados, por terem sido considerados sem gabarito para o chá das quintas-feiras na Casa fundada por Machado de Assis. Antonio Olinto, o mais próximo concorrente que tinha como apoio os acadêmicos de São Paulo liderados por Cassiano Ricardo, não foi páreo para Palmério, que também foi apoiado inclusive pela família de Rosa.

Monteiro Lobato já havia ridicularizado a situação de pedido de votos em um capítulo do Sítio do Pica-pau Amarelo, em que a boneca Emília para garantir a entrada do Visconde de Sabugosa na ABL, trocava votos dos "imortais" por quitutes preparados por Dona Benta. Não foi esta a primeira manifestação contra a Academia, que recebia

---

[304] Trecho do discurso da posse de Mário Palmério na Academia Brasileira de Letras, em 1968.

[305] Os imortais são escolhidos mediante eleição secreta. Quando um acadêmico falece sua cadeira é declarada vaga na Sessão da Saudade e a partir de então os interessados têm um mês para se candidatarem através de carta ao Presidente. A eleição transcorre três meses após a declaração de vaga.

[306] Cf. MORAIS, Fernando. **Chatô – o rei do Brasil – A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 693.

em seus quadros, acadêmicos de origens profissionais diversas: médicos como Guimarães Rosa, educadores, diplomatas ministros, e políticos (sessenta e um). Uma das manifestações mais veementes foi justamente por força da indicação e posse de Getúlio Vargas como acadêmico, justamente quando a ditadura extinguia a liberdade de expressão, mas e o medo de represálias? Monteiro Lobato e Graciliano Ramos já haviam sido presos. Getúlio não preenchia os requisitos necessários para o ingresso na ABL por não ter publicado qualquer dos gêneros de literatura, todavia seus discursos foram considerados porque já haviam sido publicados, em 1941, oito volumes sob o título *A nova política do Brasil.* O Regimento Interno prescrevia que o candidato se inscrevesse, porém esse obstáculo foi contornado com a mudança do Regimento que passou a ter a possibilidade de que uma candidatura fosse apresentada por cinco acadêmicos. Segundo Soares, [307] Getúlio obteve dez indicações, conseguiu trinta e três votos em quarenta, um desempenho raro na história da ABL. "E em visita à Academia agradeceu a espontaneidade de sua eleição".

Os jovens literatos editados pela José Olympio, que já nutriam uma antipatia pela ABL em virtude da instituição não ter reconhecido o Modernismo, a partir da eleição de Vargas, desenvolveram ojeriza pela instituição. "Alguns escritores chegaram a firmar um pacto de não-entrada na Academia".[308] Faziam parte dessa turma, Sérgio Buarque de Holanda, Octávio Tarquínio de Sousa, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Dinah Silveira de Queiroz, Marques Rebelo, entre outros. Dos autores da José Olympio, muitos ingressaram na ABL, inclusive alguns que de início desdenharam o posto, entre eles: Magalhães Júnior, Afonso Arinos, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge Amado, Afrânio Coutinho, Guimarães Rosa, Mário Palmério e as primeiras mulheres acadêmicas – Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz.

A posse de Palmério na Academia foi bastante divulgada pela imprensa nacional, fosse por sua importância como literato, fosse por estar substituindo Guimarães Rosa[309], dentre as manifestações, salientamos:

> (...) Envergando seu fardão de imortal, que lhe foi doado pelos habitantes de Monte Carmelo sua cidade natal, lendo um discurso de 40 laudas e citando João Guimarães Rosa seu antecessor, Mário

[307] SOARES, 2006. p. 115-118.
[308] SOARES, loc.cit.
[309] Tendo adiado sua posse por mais de três anos depois de sua eleição em 08/08/1963, Rosa faleceu, vítima de enfare, três dias após ter assumido, em 16/07/1967, a cadeira de número dois na ABL.

Palmério tomou posse ontem à noite de sua cadeira na Academia Brasileira de Letras.[310]

(...) O escritor mineiro Mário Palmério vestiu ontem, pela primeira vez, o fardão da Academia Brasileira de Letras, pronunciando discurso de 39 laudas sobre seu antecessor na cadeira de número 2, Guimarães Rosa, que morreu 72 horas depois de empossado como imortal. Mário Palmério foi saudado pelo paulista Candido Mota Filho e recebeu o colar acadêmico de Múcio Leão. Estavam presentes a maioria dos acadêmicos, convidados, familiares, representantes da Presidência da República e dos governos dos estados de Minas e Guanabara.[311]

(...) Hoje ganha Mário Palmério, grande mineiro e grande escritor, a primeira nota do "Diário de João Cândido de Carvalho". E com razões para ganhar. Porque Palmério já era imortal antes de entrar para a Academia Brasileira de Letras, o que ontem aconteceu em solenidade brilhantíssima[312].

(...) No discurso que é na verdade uma reportagem em grande estilo sobre Guimarães Rosa, Mário Palmério conta as primeiras experiências literárias do escritor, (..) Mário Palmério levou seis meses na preparação de seu discurso, pois nesse período procurou reconstituir o itinerário da vida de Rosa.[313]

(...) Ao contrário do que se anunciou, Palmério não consumiu seis meses escrevendo sua oração de ingresso na casa de Machado de Assis. Tempo e vôo em seu avião particular ele os gastou percorrendo toda área do noroeste mineiro, os chapadões, o rio Urucuia – os grandes cenários da epopéia roseana e as cidades em que Rosa viveu da infância até o momento em que surgiu para a literatura brasileira, com *Sagarana*.[314]

(...) Um flagrante colhido por ocasião da posse do escritor Mário Palmério na Academia Brasileira de Letras, que viveu uma de suas noites mais gloriosas ao receber o autor de Chapadão do Bugre. O novo imortal aparece ao lado da delegação uberabense que compareceu a sua posse: Dr João Fatureto Jr, presidente da Câmara Municipal de Uberaba; Dr Hélio Angotti, professor da Faculdade Federal de Medicina do Triângulo Mineiro; José Pepe, professor da Faculdade de Engenharia do Triângulo Mineiro; Deputado José Marcus Cherem e Dr Ivo Monte professor da Faculdade de Odontologia[315].

O mais recente acadêmico é o romancista Mário Palmério de 52 anos de idade, empossado na semana retrasada na vaga de

---

[310] Mário Palmério já é imortal . *O Estado de São Paulo* - 22 nov.1968
[311] Palmério recebe o fardão. *Correio da Manhã* – 22 nov.1968
[312] Mário Imortal - Hora e vez de Palmério. *O Jornal.* 22 nov.1968
[313] Palmério tomará posse falando de Rosa *Jornal do Brasil* – 21 nov. 1968.
[314] Hoje, na Academia, com Palmério, Rosa faz sua viagem encantada. O *Globo 22 nov.1968*.
[315] Palmério é Imortal. *Lavoura e Comércio* – 26 nov 1968.

> Guimarães Rosa, não teve que recorrer a prática de implorar votos. Seus dois livros Vila dos Confins e Chapadão do Bugre substituíram a munição de boca, o palavreado convincente que os candidatos usam nas visitas a seus futuros "pares", solicitados um a um na caça de votos[316].

Fig. 47 – Mário Palmério 22 nov.1968 - Posse na ABL

Doze anos depois da publicação do livro Vila dos Confins e de sua apresentação e comentário elogioso na Academia Brasileira de Letras por Menotti del Pichia, o mineiro Palmério assumiu a sua vaga. Por essa época era um personagem reconhecido nacionalmente, não só pelas suas atividades políticas, mas também como literato e homem de negócios no ramo da educação. Tanto é assim que não precisou buscar votos. Na cerimônia, foi saudado pelo paulista Cândido da Mota Filho e recebeu o colar acadêmico de Múcio Leão. Foi escudado por familiares, representantes dos Poderes Executivo Federal e Estadual de Minas e da Guanabara, além de seus convidados da cidade de Uberaba. Conjetura-se que teria corroborado para sua indicação o fato de estar substituindo um outro mineiro, considerado regionalista e, nesse sentido, a sua eleição poderia ser também uma forma de homenagear Rosa.

O Regimento e a tradição da Academia Brasileira de Letras solicitam a quem sucede, um discurso de homenagem e louvor ao sucedido:

---

[316] Revista *Veja – Os Imortais* – 04 dez.1968. Recorte da Revista. Acervo de Mário Palmério, disponível para consulta no memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

> João Guimarães Rosa não foi apenas um querido amigo: foi-me o Mestre maior, dia a dia mais e mais admirado e respeitado. Bastava o afeto, pois, para que redobrasse de esforço no levantar-lhe as pisadas, no desvelar-lhe o ainda mal conhecido de sua predestinação, pode-se dizer monástica, de estudioso sem fadiga, trazer demão em suma, tanto quanto possível vera e proveitosa, aos especialistas que já lhe estão a investigar e especular vida e obra mais acurada e competentemente. Outra razão, sem embargo, é o estímulo, inseparável e instante, da minha convicção da grandeza de Guimarães Rosa, convencimento que apenas se modifica para crescer: toda vez em que se assina novo e sério e inteligente laudo crítico sobre a obra de Guimarães Rosa - e não somente aqui, mas, em consagrador crescendo, também fora daqui - é para lhe categorizar o nome e emoldurá-lo na galeria dos grandes vultos das letras universais. (Trecho do Discurso de Palmério na ABL – Anexo)

Mário Palmério quase sempre teve seu nome vinculado ao de João Guimarães Rosa, e nem sempre com a balança pendendo para seu lado. Segundo o crítico Wilson Martins[317]: "Na ficção, claro está, 1956 é o ano de Mário Palmério -Vila dos Confins - e de Guimarães Rosa - Corpo de Baile e Grande Sertão Veredas". Contudo, tais textos não foram obras isoladas que surgiram por milagre em um deserto literário como boa parte da crítica acreditava, principalmente em relação a Rosa. Martins acreditava que havia um passado literário que os sustentava, bem como uma atmosfera de excitação inventiva que a vida intelectual brasileira havia atingido, não representando, dessa forma, o extraordinário que admiradores tentavam fazer crer. Para Martins:[318]

> (...) Guimarães Rosa tem e continua tendo a glória literária que realmente merece. É inegável, entretanto, que tem sido superestimado, no Brasil e fora do Brasil, justamente por falta das necessárias coordenadas e perspectivas da parte dos comentaristas – e, na medida em que Guimarães Rosa tem sido superestimado, Mário Palmério tem sido subestimado.

Sobre a questão de ser ou não subestimado, Raduy lembra que, em 2006, comemorou-se o cinqüentenário de *Grande Sertão: Veredas e Corpo de Baile*, quando ocorreram eventos em todo País, enquanto:

> Outras obras importantes não recebem a mesma atenção, ofuscadas pelo alvoroço com que se comemora e efeméride rosiana. Obras como *Vila dos Confins*, de Mário Palmério; *Encontro Marcado*, de

[317] MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira.** São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, vol VII, 1978. p. 368.
[318] Ibid, p. 375.

> Fernando Sabino; *Doramundo,* de Geraldo Ferraz e *Morte e Vida Severina,* de João Cabral de Melo Neto raramente são mencionadas.[319]

Também pela análise de Fontes: [320]

> O surgimento de *Vila dos Confins*, em 1956, foi um acontecimento celebrado pelos meios culturais. Mas Palmério tomara a estrada da literatura em momento pouco propício, exatamente quando Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas* é do mesmo ano), que já desfrutava de nome nos meios intelectuais, começava a deslumbrar o mundo inteiro, galgando todos os degraus do sucesso, até irmanar-se aos maiores, como Machado de Assis, Alencar, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, etc. Assim, o sucesso de *Vila dos Confins* foi meteórico: brilhou muito forte, para ser logo ofuscado. E Mário Palmério só voltou a ser destaque em 1965, com o grande êxito de *Chapadão do Bugre*.

Além da vinculação do nome de Palmério ao de Guimarães Rosa, é possível ainda apontar associações com outros literatos. É o caso de Bernardo Élis, escritor goiano[321]. Carlos Nejar em sua *História da Literatura Brasileira*[322]*, afirma que:*

> Bernardo Elis surgiu com o livro *Ermos e Gerais* (1944), que iniciou o ciclo do sertanismo goiano-mineiro, oeste, recebendo de Mário de Andrade as boas vindas, por narrar uma realidade mais real do que o real. Depois Guimarães Rosa editou *Sagarana* (1946); Mário Palmério lançou seu romance *Vila dos Confins* (l956) e José J. Veiga publicou *Os cavalinhos de platiplanto* (1959), trazendo uma nova visão para a literatura brasileira.

Analisa Nejar que *ver* é a raiz que identifica Palmério, e que embora Bernardo e ele não partilhem do mesmo diapasão ideológico, há piedade humana em ambos, sendo críticos sociais e trabalhando na aliteração vocabular e sintática, com um linguajar correspondente a Minas Gerais e Goiás, respectivamente. Em sua avaliação, Palmério

---

[319] RADUY, Ygor. Apontamentos sobre Guimarães Rosa e a Prática Historiográfica: Desenraizamento e Sacralização. Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários volume 7,** (2006). Disponível em <www.uel.br/ cch/pos/letras/terraroxa>. Acesso em 15/01/2008.

[320] FONTES, Joaquim Rubens. ***Pelos caminhos e vilas do chapadão*. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério.** (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, no Curso de Letras Vernáculas) Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2000.

[321] Nasceu em 1915, faleceu em 1996, mesmo ano de Palmério, pertenceu à Academia Brasileira de Letras e foi autor de: Ermos e Gerais (1944); Primeira Chuva (1955); O Tronco (1956), ano de Vila dos Confins; Veranico de Janeiro (1965), ano de Chapadão do Bugre; Caminhos dos Gerais (1975); Goiás (1977) e André Louco (1978).

[322] NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p.438 - 444.

foi um romancista de forte recurso ótico e fonético. Em *Vila dos Confins* o leitor seria seduzido pela visualidade hipnótica de uma natureza que as geografias não lembram.

> Vez ou outra, algum crítico comparou Palmério a Euclides da Cunha de *Os Sertões,* em virtude de suas descrições geográficas minuciosas. Mas o que aproximava os três autores, de acordo com a crítica, seria, além do léxico e da geografia, o sertão.

Vicentini[323] destaca que:

> O recorte temático principal em torno do qual a literatura regionalista tem trabalhado seus temas e seus conteúdos identitários é, especialmente, o *mundo rural*, mundo dentro do qual se encontra o *sertão.*

O sertão é apresentado como elemento de um todo que "se situa num outro lugar propriamente falando, distanciado de tudo (o contraponto ainda é feito por oposição) e em todos os sentidos possíveis",[324] além disso é muito longe e quase não tem habitantes, os poucos moradores são uma raça mestiça. Sua economia difere da economia da cidade e do litoral. Apresenta uma associação mais comunitária, outro tipo de usos e costumes, o poder dos coronéis, o desvalimento dos camaradas, a luta social dos estados periféricos. Possui um universo psíquico que apresenta formas de pensamentos mais míticas; detém a chave de nossa origem histórica típica, o sertão avulta como local de vida heróica ou trágica, de vida salutar e genuína. "E outros tantos, que salientam uma perspectiva romântica, ou realista, ou conservadora, ou de denúncia social, ou determista, etc".[325] No entender de Vicentini, a temática do sertão como terra a conquistar, se firmou especialmente pelo cenário "extraliterário da política que a marcha para o oeste[326] de Getúlio Vargas vem reforçar"

A incorporação do interior e a difusão do progresso a partir de um ponto central do território já vinha sendo tema de debates políticos desde o século XIX, tanto que na

---

[323] VICENTINI, Albertina**.** Regionalismo literário e os sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, vol.10. n.2, Julho/Dezembro, 2007. p.187-196.
[324] VICENTINI, 2007, loc.cit.
[325] VICENTINI, 2007, loc.cit.
[326] A noção de vazio territorial atualizava o conceito de "sertão", entendido como um espaço abandonado que desde as denúncias de Euclides da Cunha vinha preocupando as elites brasileiras interessadas em construir uma nação. Em 1937, foi criado o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), considerando as estradas como instrumentos de comunicação e, em 1940, foi lançada por Getúlio Vargas a Marcha para o Oeste, como uma diretriz de integração territorial para o País (Cf. CPDOC – FGV).

Constituinte de 1823, José Bonifácio já apresentara a questão da necessidade de ser edificada no interior do Brasil uma nova capital e, no governo Floriano Peixoto, foi nomeada a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo astrônomo Louis Cruls, com a finalidade de demarcar terras e fazer um diagnóstico científico da região, resultando em avaliações positivas das terras, e enfatizando a necessidade de interiorizar a nação.[327] Talvez a interiorização do País, levada a cabo pelos governos militares, tenha empurrado as fronteiras agrícolas para bem longe dos sertões de Palmério. A região, tema e inspiração de seus romances, se transformou especialmente a partir da década de 1970. Os cerrados do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba se tornaram áreas prioritárias no Projeto Pólo Centro, tornando suas terras produtivas em grãos (soja, café, milho) para exportação. Ao contrário do que pressupunha tal projeto, as terras se concentraram mais ainda em mãos das elites agrárias e aqueles que produziam em economia de subsistência imigraram como mão-de- obra desqualificada para os centros urbanos.[328]

Assim, sem o sertão inspirador, Palmério, como um grande viajante que foi, construiu um barco e viajou pela Amazônia, desvelando-a para os brasileiros nas inúmeras entrevistas concedidas à mídia e nas diversas palestras que proferiu sobre o tema. Talvez fosse essa uma nova etapa de sua vida, em que desiludido do mundo civilizado ou da política, estaria se (re) inventando ou (re) inventando uma nova forma de fazer política.

O *Jornal do Brasil* de 14.Dez.1968, no caderno B, traz estampada uma reportagem de Maria Ignez Corrêa da Costa: "O escritor, agora acadêmico, ocupando a vaga aberta com a morte de João Guimarães Rosa, tem novo livro em andamento. *Confissões de um assassino perfeito* é o título provável e segundo o autor":

> Virá escrito na primeira pessoa. Todo o personagem é a gente. O romance contará os crimes perfeitos realizados numa cidade do interior, em que um diário encontrado 20 ou 30 anos depois, entrega o autor. (...) Se é importante ser herói? Todo o mundo gostaria de ser herói de alguma coisa. É natural no homem a vontade de se afirmar[329].

---

[327] Cf. LIMA, Nisia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional.** Rio de Janeiro: Revan : IUPERJ, UCAM, 1999 p.66

[328] Cf. MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimentismo em MG: caminhos cruzados de um mesmo tempo.** Tese de Doutorado em História Social, apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.

[329] Jornal do Brasil, Caderno B, 14 dez.1968.

Palmério nunca chegou a acabar esse livro, não passando de uns poucos capítulos. E nem tampouco o divulgado *Morro das sete voltas.* Desde a quinta edição de *Vila dos Confins,* editada em agosto de 1958, anunciavam-se como "os próximos livros do autor": *Chapadão do Bugre* e o *Morro das Sete Voltas,* portanto dez anos antes do lançamento de Chapadão e trinta e oito anos da morte de Mário Palmério sem a escrita do "Morro". No primeiro livro, portanto, estava implícita a intenção de que o autor deveria ter uma "carreira literária."

Na televisão, em entrevista a Jô Soares, [330] ao ser indagado sobre não ter escrito mais nenhum livro, informou que não se considerava escritor, os críticos é que lhe contaram o que ele teria feito em matéria de literatura. Desse modo, não sendo escritor, só poderia escrever quando tivesse algo a dizer, ou muita vontade de fazê-lo.

Em outra entrevista, concedida ao apresentador de TV Clodovil Hernandez, no dia 23 abr.1993[331], confirma que não se considerava escritor. "Escrevi dois livros e no segundo quase me estrepo".

Encontrei na revista *Convergência*[332] da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, [333] os dois capítulos iniciais do livro *Confissões de um assassino perfeito*:

> Dormi, afinal, longo e impertubado sono. Havia de propósito, deixado abertas as venezianas do sótão, para que o sol pudesse entrar livremente, e também o já previsto tropel e alarido de gente aglomerada. Mas a claridade e o vozerio não me acordaram mais cedo. Já andava alta a manhã, quando me pus à janela(...)
> (...) Estreito e torto, praguejado de rabo-de-foguete e mamonal, servido apenas de duvidosa pinguela enviesada sobre o ribeirão, assim conheci e freqüentei, durante muitos anos, o Beco do Cotovelo. Naquele tempo, ainda era o caminho mais curto para o Largo de Santa Rita, onde se localizavam algumas das necessidades dos moradores da Rua Grande e das travessas que desciam do Morro do Carretel " . (...)

---

[330]Arquivado no Memorial Mário Palmério – organizado em sua homenagem, pela Universidade de Uberaba, onde estão catalogados documentos de sua vida.
[331] Arquivada em fita cassete no Memorial Mário Palmério, na Universidade de Uberaba.
[332] Cf: Convergência – Revista da Academia Brasileira de Letras do Triângulo Mineiro – Ano II, nº 2 – 1º quadrimestre de 1972. p. 7.
[333] Palmério foi membro fundador da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, ocupando a cadeira de número vinte, desde 1962.

Fig. 48 – Capa da Revista Convergência - Ano II nº 2 - 1972

Segundo o próprio autor, em entrevista ao Jornal *O Globo*, o livro *Confissões de um assassino perfeito* tem características que o diferem de seus livros anteriores e talvez tenha sido esse o motivo de não ter conseguido terminá-lo. Justamente a tentativa de fazer um romance que atendesse a critica e não a seu estilo pessoal:

> Trata-se de um romance psicológico, todo escrito na primeira pessoa, e estabelece um divórcio com minha obra anterior, na medida que Vila dos Confins é uma crônica da vida política e Chapadão do Bugre conta a história de uma chacina. O meu atual personagem, Atanásio, é totalmente imaginário, no cenário recriado de minha infância e adolescência em Uberaba, onde morei numa mesma casa, numa mesma rua. Assim, o então garoto e rapaz tornou-se intimo das pessoas e via que a cidade, tida a quarenta anos como a Princesa do Sertão, não se modificava. Somente agora, com o diário de Atanásio, que será terminado até o fim do ano, fica-se sabendo de que muitas mortes naturais ocorridas naquela rua eram, na verdade, crimes perfeitos[334].

Entre os longos períodos de permanência no Amazonas, Palmério administrava suas faculdades. Voltou definitivamente para Uberaba em 1986, e em outubro de 1988, esteve pessoalmente no gabinete do Ministro da Educação para participar do ato de

[334] Jornal *O Globo* de 14 jan.1983. Recorte sem identificação de autoria e sem número de página, acervo de Mário Palmério, disponível para pesquisa no Memorial em sua homenagem na Universidade de Uberaba.

assinatura da criação da Universidade de Uberaba. Passou pelo menos dois anos depois de sua volta fazendo palestras em diversos locais sobre a Amazônia. Dessa forma, não foi possível iniciar um livro sobre a experiência vivida no norte do País, pois segundo informa em entrevista[335] ao jornal *Tribuna da Bahia,* trouxe vários baús tão recheados de fotos, escritos e "casos" para contar que não sabe por onde começar:

> (...) O material que tenho em mãos é de uma fartura de embasbacar. Sinceramente, ainda não faço idéia do fim que vou dar a ele. Pode ser que eu venha a escrever um longo relato de viagem, pode ser que tudo isto resulte numa obra memorialistica, num romance, ou numa série de contos. Ainda não sei o que fazer, o futuro é que vai estabelecer.

Em outra entrevista, [336] Palmério relata que é perfeccionista e que para escrever sobre a Amazônia precisaria conhecê-la bem, pois quando lançou *Vila dos Confins* já possuía experiência de quase quarenta anos de vida e quando escreveu Chapadão do Bugre havia passado uns tempos em Mato Grosso. Sobre o novo romance informa:

> (...) A "Vila" saiu mais espontâneo, mais rápido. No Chapadão é que fiquei numa tortura danada. Tenho sempre de checar a exatidão dos termos, fazer pesquisa da linguagem, se aquela árvore cresce mesmo em tal lugar...E também tenho medo de querer aproveitar o êxito do livro anterior. Prefiro esperar a hora, mesmo correndo o risco de essa hora não chegar. Escrever, só quando tiver o que escrever e quando tiver disposição para isso.

Como produto de sua época e de sua sociedade, Palmério chamou a atenção para as questões políticas e regionais de seu tempo, sua criação literária se tornou um produto histórico. Não era um homem de letras como Euclides, que foi jornalista e escritor,e nem como Guimarães Rosa, que escreveu uma grande obra. O autor de *Vila dos Confins* e de *Chapadão do Bugre* era o que se chama hoje de "multimídia" ou como antigamente "o homem dos sete instrumentos". Dedicou-se à política, à educação, à literatura, à ecologia, à música e às suas fazendas. Era sem dúvida um intelectual que se interessava pelas coisas de seu tempo, do dia a dia de sua região e do Brasil, talvez por esse motivo sua obra restringiu-se aos dois livros. Pura falta de tempo.

---

[335] Jornal *Tribuna da Bahia* de 13 nov.1984.Recorte de jornal sem número de página, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta na Universidade Uberaba.

[336] Jornal *O globo* de 14 jan.1983. Jornal de jornal sem número de página, acervo de Mário Palmério, disponível para consulta na Universidade de Uberaba.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.
João Ubaldo Ribeiro. *Viva o povo brasileiro*.

Desde menina, os presentes mais queridos que recebi de familiares foram os livrinhos de histórias, alguns guardo até hoje. Na juventude li muitos clássicos da Literatura Brasileira e Portuguesa, tornei-me fã incondicional de Machado de Assis. Os livros de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa apresentavam uma realidade fascinante, misteriosa, para uma carioca que acabara de mudar-se para Minas Gerais. Conhecendo os mineiros, li Fernando Sabino e Drummond, entre outros. Chorei com Camilo Castelo Branco e seu Amor de Perdição, Érico Veríssimo foi minha companhia em muitas tardes de final de semana. A paixão pela literatura aumentou quando li *O Velho e o Mar* de Hemingway, verdadeira maravilha. As aventuras dos detetives de Arthur Conan Doyle e Agatha Christie me prendiam da primeira a última página. Shakespeare, Dante, Zola, Flaubert, Stendhal, Cervantes foram lidos na maturidade.

Quando ingressei na Faculdade de Comunicação Social das Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE), li *Vila dos Confins e Chapadão do Bugre,* movida pela curiosidade sobre o autor uberabense e dono da Faculdade onde estudava. Gostei muito de ambos, mas foram se juntar aos demais livros lidos por mim. Na graduação em História, o curso teve ênfase no eixo temático Política e Cultura, desse modo as discussões acerca da escrita da História e de suas fronteiras, levaram-me ao diálogo com a Literatura. Interessada pela História Regional e pela a política local o livro de Mário Palmério, *Vila dos Confins,* foi opção natural. Segundo Chartier: *uma vez escrito e saído das prensas, o livro está suscetível a uma multiplicidade de usos*. E *as modalidades do ler são diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes.*[337] A releitura do livro me abriu novos horizontes, novas perspectivas, pois como disse Chartier, o impresso é tomado dentro de uma rede de práticas culturais e sociais que lhe dá sentido. *A leitura não é uma invariante histórica, mas um gesto, individual ou*

[337] CHARTIER, Roger.**Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.173.

*coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer.*[338]

Ao utilizar *Vila dos Confins* como objeto de pesquisa, quis entender as condições em que foi escrito, o contexto histórico em que se inseria, qual foi a recepção ao livro de um deputado, que tratava de política de forma ficcional. Percebi que a matéria que Palmério nos mostrava era historicamente formada e registrou de algum modo o processo social de sua existência. O processo literário de *Vila dos Confins* foi abordado em dois momentos, o da escrita e o da leitura. O primeiro em relação ao momento da criação, que recebeu influências do contexto da época e da sociedade em que vivia Mário Palmério; o segundo em relação à recepção e à vitalidade da obra, o processo de leitura e interpretação de seus leitores e críticos.

Na época da publicação de *Vila dos Confins* havia um clima desenvolvimentista. O Brasil aos poucos deixava de ser rural, para vestir-se do urbano e, desse modo, muita coisa no País precisava ser repensada. A política era uma delas. Os debates no Congresso Nacional pela mudança na lei eleitoral eram intensos. O novo prevalecia sobre o antigo. Produções literárias, arquitetônicas, tecnológicas e artísticas encontravam terreno fértil para se reproduzir. Política e cultura eram vivenciadas de forma ativa. O livro transitou pelo regional e o político, ambos os discursos se fundiram com o discurso de valorização da cultura do sertão. Palmério apresentava essa cultura, a fauna e a flora da região com orgulho e distinção. O país estava se modificando, as pessoas mudavam do campo para a cidade e, embora estivessem com os olhos voltados para o futuro, seu passado no campo suscitava a nostalgia, a identificação com o narrado no livro, as questões políticas presentes na narrativa eram a "realidade" política do Brasil, em que influências e favores políticos ainda prevaleciam.

Palmério escreveu um livro de seu tempo, considerado por alguns críticos literários como um livro testemunho. Coerente com seu lugar social expôs, em forma de ficção, a política como os brasileiros conheciam. Escancarou a beleza da vida simples do interior para um Brasil que se achava em desenvolvimento, mas que possuía suas raízes e memória no campo. No entanto, apesar de a política ter sido tratada com verossimilhança, não houve envolvimento, não foi apresentada ideologia.

---

[338] CHARTIER, 2004, p. 173.

Os leitores e críticos literários deram o sentido, atribuíram significados ao sistema de signos depois de decifrá-los. Leram o Brasil à sua volta e vislumbraram o que eram e onde estavam.

Provavelmente *Vila dos Confins* teve mais de trezentos mil exemplares vendidos, as estatísticas são imprecisas. O ano de lançamento do livro foi o ano da profissionalização da crítica literária em jornais e revistas e isso ajudou, a meu ver, a grande vendagem do livro, foi grande a divulgação indireta. A presença das análises críticas nos jornais, o advento dos suplementos literários foi altamente benéfico para a literatura como um todo nesse final de década.

Em relação à materialidade do livro, *Vila dos Confins* se apresentou em relação às suas inúmeras edições, em diferentes formatos, adaptados de acordo com os diferentes momentos em que foi editado. Suas primeiras edições eram grandes e pesadas, na década de 1960 seu tamanho foi reduzido a quase um livro de bolso, foi editado em brochura e capa dura, as ilustrações de Percy Lau não acompanharam todas edições, foi editado por quatro editoras diferentes. Além das críticas literárias encontradas no acervo de Mário Palmério, pudemos constatar a vendagem do livro para todo o Brasil, por sitio na Internet, que agrega mais de mil sebos de todo o País, e, nele, encontramos exemplares de *Vila dos Confins* de segunda mão para vender em lojas de norte a sul em quase todos os estados da federação.

Desde 1958, eram anunciados dois outros livros. Apesar de todo o sucesso, Mário Palmério não foi além de seu segundo livro *Chapadão do Bugre*. *Confissões de um assassino perfeito* ficou incompleto. As análises críticas cobravam dele e de sua criação literária padrões estéticos e de estilo que não lhe eram possíveis adotar, e de certa forma, tolheram sua criatividade. A profissão de escritor não foi sua atividade principal, Palmério ocupou outros lugares sociais no Brasil.

Enfim, o que me propus a pesquisar sobre o livro *Vila dos Confins*, foi apresentado ao longo desta Dissertação, alongar-me seria iniciar uma nova pesquisa. Assunto teria, pois como disse Benjamin[339]: *um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.*

---

[339] BENJAMIN, 1994, p.37.

**REFERÊNCIAS:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política:** literaturas de língua portuguesa no Século XX. 2ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História:** a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ALEIXO, Adriana Cristina Venturoso. Imagem literária de um sertão chamado Brasil. **Revista da UFG**. Tema Brasil Rural. Ano 7, n. 1, jun. 2005. Disponível em <http://www.proec.ufg.br//revista_ufg/agro/sumario.html> Acesso em 04 ago. 2007.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

ALENCAR, Chico. **História da sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1996.

ALMEIDA. José Mauricio Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ALVAREZ, Alfred. **A voz do escritor.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, n. 15, 1995.

ARANTES, Antonio Augusto. **O Que é cultura popular.** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: **_____. O rumor da língua.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek:** desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro:** propostas para uma história. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: uma relação de troca e Cumplicidade. **História e perspectivas**, Uberlândia, n. 9, 1993.

_____. Tristes fins no alvorecer da República: representações da ditadura florianista. **História e cultura:** espaços plurais. Uberlândia: Asppectus/NEHAC, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Jogos da política:** imagens, representações e práticas. São Paulo: ANPUH: Marco Zero: Fapesp, 1992.

BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) **Memória e (res) sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** Grandes nomes do pensamento brasileiro. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. **A personagem de ficção.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção Debates Literatura).

_____. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**. São Paulo, n. 24, set. 1972.

CARDOSO, Miriam Limoeiro**. Ideologia do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. **Pontos e bordados, escritos de história e política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Cidadania no Brasil.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASTORÍADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERVANTES, Miguel de Saavedra. **Don Quixote de la Mancha.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CHALHOUB,Sidney;PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org).**A Historia Contada**: capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1985, 1990.

_____**.** O mundo como representação. **Estudos avançados,** São Paulo, v.11**,** 1991.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____. **À beira da falésia.** A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia.** O discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982.

_____ História hoje: dúvidas, desafios, propostas**. Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 7, n.13, 1994.

CHIAPPINI, Ligia. Relações entre história e literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades. **Simpósio Nacional da Associação Nacional de História.** Florianópolis. História: fronteiras/ Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: ANPUH, 1999.

_____. **O foco narrativo:** ou a polêmica em torno da ilusão. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 08, n. 15, 1995.

_____, BRESCIANI, Maria Stella (Org). **Literatura e Cultura no Brasil:** identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2002.

COUTINHO, Afrânio. **A tradição afortunada:** o espírito de nacionalidade na crítica brasileira. Rio de Janeiro: J. Olympio. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968.

_____. **Introdução à literatura no Brasil.** 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CRUZ, Claudia Helena da. O romance engajado na década de 60: Quarup de Antônio Callado. In: **História e cultura:** espaços plurais. Uberlândia: Asppectus:NEHAC, 2002. p. 211.

DALCASTAGNÉ, Regina. Da Senzala ao Cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro**. Espaços da política.** Revista brasileira de história. São Paulo, v. 21, n. 42, 2001.

DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Um desafio Irrecusável: A Contribuição da Literatura para os estudos da história. **Projeto história:** sentidos da comemoração. São Paulo, n. 20 p.227-237, abr./2000.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder.** 2. ed. São Paulo: Globo, 1975, v. 2.

FAUSTO, Boris (Dir.) **História geral da civilização brasileira.** O Brasil republicano. São Paulo: DIFEL, 1975.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

FREITAS, Maria Teresa de. Ficção e histórias: Malraux e a guerra civil espanhola. Cultura e linguagens. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 137-152, set 86/fev 87.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **A micro-história e outros ensaios.** São Paulo: Bertrand: Difel, 1991.

_____. **Relações de força:** história, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Dialética e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Ângela de Castro. **Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV: CPDOC, 1991.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **70 anos de cinema brasileiro**. São Paulo: Expressão Cultural, 1967.

HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

HARTOG, F. A arte da narrativa histórica. **Passados recompostos:** campos e canteiros da história. BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org). Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1998.

HOLANDA, Sergio B. **Raízes do Brasil.** 13. ed. Rio de Janeiro: J. Olimpio, 1979.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HOUAISS, Antonio. Sobre a linguagem de "Vila dos Confins". **Revista do Livro,** Rio de Janeiro ano 3, n. 9, mar. 1958.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 1982, p. 417-481

IANNI, Otávio. **Estado e planejamento econômico (1930 – 1970)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **O coronelismo:** uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** São Paulo: M. Fontes, 1998.

_____. **O Imaginário Medieval.** 3. ed. Lisboa: Estampa, 1989.

_____. **História: memória.** Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto.** 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro:** história de uma ideologia. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. In: DECCA, Edgard Salvadori de; LEMAIRE, Ria (Org). **Pelas margens:** outros caminhos da história e da literatura. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

LIMA, Luis Costa (Org). **A Literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luiz Costa. **História-ficção-literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Nisia Trindade. **Um sertão chamado Brasil:** intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ: UCAM, 1999.

LOPES, Maria Antonieta Borges; REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **ABCZ**: história e histórias. 2. ed. São Paulo: Com desenho Estúdio e Editora, 2001.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. **História e cultura: espaços plurais.** PATRIOTA, Rosangela; RAMOS Alcides Freire (Org). Uberlândia: Asppectus: NEHAC, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Na rota da (des) fortuna: a mineração tardia do diamante no sertão das Minas Gerais. **História**: narrativas plurais, múltiplas linguagens. Uberlândia: EDUFU, 2005.

MANGEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira.** São Paulo: Cultrix: Universidade de São Paulo, 1978. v. 7.

MENDONÇA, Carlos Vinicius Costa de; ALVES, Gabriela Santos. Os desafios teóricos da história e a literatura. **História hoje**, v. 1, n. 2. Disponível em: <www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/historialiterat.htm>. Acesso em 22 ago. 2004.

MENDONÇA, José. **A História de Uberaba.** Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

MONTEIRO.Hamilton de Mattos. O aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal**.** In: LINHARES, Maria Yedda (Org). **História geral do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NEJAR, Carlos. **História da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; Wilheim, Jorge; Sachs, Ignacy (Org). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos confins**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura. **XX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 1999, Florianópolis. Anais do XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteira - programa e resumos. Florianópolis : Editora da UFSC, 1999.

_____. Indagações sobre a história cultural. **ArtCultura- Revista do NEHAC/UFU**, Uberlândia, v. 3 n.3, 2001.

**_____. História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIZARRO, Ana (Org). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Emancipação do Discurso. São Paulo: Memorial. Campinas, SP: Edunicamp, 1994. v. 2.

PONTES, Antonio Barroso. **O mundo dos coronéis.** Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1970.

PONTES, Hildebrando Antonio. **História de Uberaba e a civilização do Brasil central.** Uberaba: Academia de Letras do Triangulo Mineiro, 1970.

POPPER, Karl Raimund. **A miséria do historicismo.** São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1980.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti (Org). **Seleta de Mário Palmério.** Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1974.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org). **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, 1975. t. 3, v. 1.

_____. **O mandonismo local na vida política brasileira.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1979.

RADUY, Ygor. Apontamentos sobre Guimarães Rosa e a prática historiográfica: desenraizamento e sacralização. Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos**

**Literários**, Londrina, vol. 7, 2006. Disponível em: <www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa> – Acesso em 15 jan 2008.

REGO, José Lins do. Tendências do romance brasileiro**.** In: FREYRE, Gilberto. **Temas Brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1968.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil.** De Varnhagen a FHC. São Paulo: FGV, 2000.

RÉMOND, René. Uma História Presente In: RÉMOND, René (Org). **Por uma história política.** 2. ed. São Paulo:FGV, 2003.

REZENDE, Eliane Marquez de. **Uberaba:** uma trajetória sócio-econômica (1811-1910). Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 1994. t. 1.

_____. **Tempo e Narrativa.** Campinas: Papirus, 1995. t. 2.

_____. **Tempo e Narrativa.** Campinas: Pairus, 1997. t. 3.

RONCARI, Luiz. Ficção e História: o Espelho transparente de Machado de Assis. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. 1999, Florianópolis. Anais do XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteira - programa e resumos. Florianópolis : Editora da UFSC, 1999.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da TV no Brasil e no mundo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SARLO, Beatriz. Clio Revisitada. In: _____**. Paisagens Imaginárias:** intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARZ, Roberto. Fim de século. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 dez.1994.

_____. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Editora Duas Cidades, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1934-1964). 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110:** uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006.

STIERLE, Karlheinz. O que significa a recepção dos textos ficcionais? In: LIMA, Luis Costa (Org). **A literatura e o leitor** – textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: Sonia Lacerda et al. **História no plural**. Organizado por Tânia Navarro Swain. Brasília, DF: UNB, 1994.

TANG, Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquia.** A Bahia na Primeira República (1989 – 1934) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1973.

TIBAJI, Alberto. Arthur Azevedo: as fronteiras flutuantes. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA.** 1999, Florianópolis. Anais do XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteira - programa e resumos. Florianópolis : Editora da UFSC, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: **_____. (Org). Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** São Paulo: EDUSP, 1975.

VICENTINI, Albertina, Regionalismo literário e os sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n.2, Jul./ dez., 2007.

ZILBERMAN.Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo:Ática, 1989.

_____. O diabo e a terra de Santa Cruz; ou: quando a história se faz na voz de seus agentes. DECCA, Edgard de LEMAIRE, Ria (org) **Pelas margens: outros caminhos da História e da Literatura.** Campinas, Porto Alegre: Ed. Da UNICAMP, Ed. Da Universidade UFRGS, 2000,

WEFFORT, Francisco**. O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 1975.

_____. **Meta-história.** São Paulo: EDUSP: 1992.

_____. Teoria literária e escrita da história. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro v. 7, n. 13, p. 21-48, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura.** Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

**FONTES:**

**1.Periódicos**

**1.1 – Jornais:**

**1.2 Recorte do ano de 1950 e 1951**

O Triângulo

**1.3 Recortes dos anos de 1956 e 1957 – Acervo pessoal de Mário Palmério.**

O Globo (RJ)

O Estado de São Paulo (SP)

Jornal do Brasil (RJ)

Folha de Minas (MG)

Correio da Manhã (RJ)

Estado de Minas (MG)

O Diário (MG)

Jornal do Comércio (RJ )

Gazeta de São Paulo (SP)

Diário de Notícias (RJ)

O Jornal (RJ)

A Hora (RS)

Diário de São Paulo (SP)

Folha da Noite (SP)

Jornal do Comércio de Recife (PE)

Diário da Noite (PE)

Tribuna da Imprensa (RJ)

Jornal Oió (GO)

Jornal Lavoura e Comércio (MG)

Jornal Correio Católico (MG)

Jornal da Manhã (MG)

A Província do Pará (PA)

Diário de Minas (MG)

Tribuna dos Livros (RJ)

O Povo (CE)

**1.4 – Recorte de 1963**

Estado de Minas (MG)

**1.5 Recorte de 1965**

Jornal do Comércio (RJ)

**1.6 – Recortes de 1968**

Diário de Notícias(RJ)

Lavoura e Comércio (MG)

O Globo (RJ)

O Jornal (RJ)

Folha do Norte (PA)

Correio da Manhã (MG)

Jornal do Brasil (RJ)

O Estado de São Paulo(SP)

Estado de Minas (MG)

**1.7 – Recortes de 1972**

O Estado de São Paulo(SP)

O Globo(RJ)

Estado de Minas(MG)

**1.8 – Recorte de 1988**

Jornal da Manhã (MG)

**1.9 – Recorte de 2000**

Jornal de Uberaba (MG)

**1.10 – Recorte de 2008**

Estado de Minas (MG)

**2.0 – Revistas:**

O Cruzeiro

Manchete

Veja

Convergência (ALTM)

Revista do Livro – nº 09 e 10 (março e junho 1958)

Revista Eletrônica do IBGE

**3.0 – Diversos**

Propagandas Eleitorais das Campanhas de Mário Palmério

Folder da Exposição sobre Percy Lau: Itaú Cultural e Justiça Federal RJ

Fotografias de Mário Palmério – Acervo Memorial Mário Palmério

Diários de Viagens de Mário Palmério.

Mapas de Minas Gerais e do Brasil

Fita de vídeo – Entrevista a Jô Soares – Programa Jô onze e meia 31/07/1992

**4.0 – Livros**

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 1982, p. 417-481

LOPES, Maria Antonieta Borges; REZENDE, Eliane Mendonça Márquez de. **ABCZ**: história e histórias. 2. ed. São Paulo: Com desenho Estúdio e Editora, 2001.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti (Org). **Seleta de Mário Palmério.** Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1974.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110:** uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006.

**5.0 – Teses e Dissertações**

FONSECA, André Azevedo. **Ritos da cultura política do Triângulo Mineiro (1950) na campanha eleitoral de Mário Palmério (PTB).** 2006. Monografia (Graduação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FONTES, Joaquim Rubens. **Pelos caminhos e vilas do chapadão. Leitura e análise dos romances de Mário Palmério.** 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

HIGA, Evandro. **A assimilação dos gêneros polca paraguaia guarânia e chamamé no Brasil e suas transformações estruturais,** Dissertação (Mestrado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimentismo em MG**: caminhos cruzados de um mesmo tempo. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

**6.0 – Edições de Vila dos Confins**

**Edições pela Livraria José Olympio Editora**

1ª Edição – 1956

2ª Edição - 1957

3ª Edição – 1957

4ª Edição – 1958

7ª Edição – 1963

8ª Edição – 1965

9ª Edição – 1966

11ª Edição – 1968

12ª Edição – 1969

17ª Edição – 1976

18ª Edição – 1978

20ª Edição – 1981

22ª Edição – 1984

Edição em Coedição Livraria José Olympio Editora e Editora Três – 1974 e 1976

Edição da Editora Abril - 1983

Edição da EDIOURO - 1994

Edição da José Olympio/Record – 2003

**7.0 - Documentos Impressos**

Diário do Congresso Nacional – 1950 a 1962

**7.1 - Legislação Eleitoral**

Código Eleitoral 1932

Decreto Lei nº 7586 - 28/05/1945

Constituição Federal de 1946

Lei nº 1164 – 24/07/1950

Resolução 3564 de 21/08/1950

Lei 2.084 de 12 de novembro de 1953

Lei 2194 de 19/03/1954

Lei 2550 de 25/07/1955

Lei 2582 de 30/08/1955

Lei 2982 de 30/11/1956

Lei 3338 de 14/12/1957

Resolução 5874 de 03/10/1958

**7.2 – Sítios na Internet:**

Academia Brasileira de Letras

IBGE

Governo Estado de Minas Gerais

Sacrahome.net

Overmundo.com

# Anexos

## Carta aos triangulinos[340]

Professor Mário de Ascenção Palmério[341]

***As notas de rodapé foram inseridas pela equipe do Memorial Mário Palmério, a fim de orientar a leitura dos que ali pesquisam.**

Aproximando-se a época da larga e intensa campanha eleitoral a ser levada a cabo pelos diversos partidos políticos nacionais e com o fim de obter a preferência popular para a eleição de seus candidatos aos órgãos legislativos e executivos municipais, estaduais e federais[342], é necessário e oportuno o início do trabalho de esclarecimento do povo do Triângulo Mineiro, trabalho esse que deve ser sistemático e persistente e visando a solução de alguns de nossos maiores e mais momentosos problemas.

É absolutamente necessário tal empreendimento e, sobretudo, oportuno, porque é facilmente previsível a demagogia que presidirá àquela campanha, dado, não somente o descontentamento geral do povo em face da ausência de um ideário objetivo norteando as atitudes da maioria dos dirigentes políticos do país, como também o revivescimento de sentidas reivindicações regionais. Dentre estas, o separatismo do Triângulo Mineiro, por exemplo, será a bandeira que desfraldarão alguns partidos ou, melhor, alguns líderes políticos regionais, que, sem terem realizado até agora, nenhum trabalho positivo nesse sentido ou, pelo menos, sabido reconhecer as características próprias e as reais necessidades dos grandes e progressistas municípios que compõem esta região, irão, agora, explorar em benefício próprio um notável movimento que tanta repercussão sempre tem encontrado em nosso meio.

Não somos contrários ao separatismo do Triângulo Mineiro. Reconhecemos, opostamente, que a emancipação de nossa vasta e rica zona territorial, integrada num plano nacional, sério e profundo, de redistribuição e recomposição das unidades federativas brasileiras, melhor adequado às nossas atuais realidades, é, sem dúvida, uma idéia sócio-política que merece a mais detida consideração. Devemos, portanto, estudar o nosso movimento separatista sob esse prisma elevado, de interesse nacional. Nunca, como um problema local, isolado, particular, apenas "nosso".

---

340 O manifesto *Carta aos triagulinos* foi publicado no dia 13 de março de 1950 no jornal uberabense *O Triângulo,* antes de Mário Palmério assumir publicamente sua primeira candidatura à Câmara Federal. O texto surgiu em um contexto político efervescente, pouco depois de duas grandes manifestações de políticos regionais à favor da separação do Triângulo. Uma delas ocorreu em vários discursos durante o *I Convênio dos Prefeitos do Pontal do Triângulo*, ocorrido em janeiro de 1950, na cidade de Ituiutaba. O outro fora um ressentido discurso na Câmara dos Vereadores de Uberaba em fevereiro, ocasião em que o vereador Antônio Alberto de Oliveira afirmara perceber um propósito deliberado do governo mineiro de "amesquinhar Uberaba, de aniquilar Uberaba, de enxovalhar Uberaba". Movimentos emancipacionsitas tornaram-se parte da história da região desde meados do século XIX, e a partir de 1946, com a promulgação da nova Constituição democrática, passou a ser um assunto ainda mais presente na política regional.

341 Màrio de Ascenção Palmério, nascido em 1916 na cidade de Monte Carmelo, fez seus estudos em Uberaba e Araguari até que, aos 19 anos, matriculou-se na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Mais tarde foi professor em São Paulo e, regressando a Uberaba, fundou o Liceu do Triângulo na década de 1940. Em 1945, construiu um conjunto de edifícios para instalar o Colégio do Triângulo Mineiro e a Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro. Em 1947, fundara a Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro. Até então, Mário Palmério não havia manifestado publicamente seu interesse em disputar um cargo público. Ele conquistara distinção social precisamente pela sua atuação como professor e diretor de instituições de ensino.

342 Em 1950 seriam realizadas, no dia 3 de outubro, eleições municipais, estaduais, legislativas estaduais, federais e a presidencial. Os principais partidos políticos nacionais eram o Partido Social Progressista (PSP); a União Democrática Nacional (UDN); o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Progressista (PSP); e em menor escala, o Partido Republicano (PR). É importante observar que as eleições aos governos estaduais ocorreriam em apenas algumas unidades da federação, pois a legislação da época permitia que cada Estado determinasse diferentes períodos de vigência do mandato do governador (normalmente, de 4 ou 5 anos).

É uma questão que, pela sua magnitude e pelas suas relações de ordem social, econômica e política com as demais unidades da federação, deve merecer um debate ressonante, em câmaras esclarecidas, por parte de parlamentares capazes, mesmo porque o pronunciamento das nossas câmaras é indispensável relativamente à assuntos de tão magna importância. Luta elevada, com a participação de representantes de todas as outras zonas territoriais brasileiras interessadas em nova e mais racional divisão político-administrativa do País e à luz dos vários estudos já realizados, entre os quais deve ser citado o atual e desapaixonado trabalho empreendido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Debater este problema, porém, como mera represália ou espalhafatosa ameaça contra o indiferentismo – real ou inexistente – dos governos estaduais com relação às nossas necessidades, ou contra a sua negativa em corresponder às pretenções de pessoas ou grupos partidários, é praticar demagogia extremamente nociva aos nossos interesses. Os governos mineiros, tanto o atual[343] como os anteriores, contam e já contaram com homens honestos e dignos, patriotas sinceros e bem intencionados, que muito procuram ou procuraram fazer em benefício de todo o nosso Estado, despidos de elementares preocupações regionalistas e que, por isso mesmo, aceitariam a Reforma Territorial desde que esta viesse promover o bem geral da Nação. Não há de ser a ocasional permanência, ao lado desses homens, de alguns políticos e administradores inúteis e facciosos, que justifique um movimento precipitado, cheio de complexidades, podendo gerar, se não for devidamente orientado e conduzido, más consequências de toda a sorte.

Triangulinos:

Examinadas as nossas possibilidades eleitorais, feita com honestidade a auto-crítica de nosso procedimento até hoje, verificamos que vimos desprezando a nossa própria força, enfraquecendo, lamentavelmente, a nossa própria posição e, consequentemente, não podemos culpar estranhos pelo nosso desprestígio. Somos, no Triângulo Mineiro, um contingente eleitoral poderoso. Foi de cerca de 150.000 o número dos que votamos nas últimas eleições. E quantos representantes destinados às câmaras, estadual e federal, elegemos?[344] Como ostentar força e prestígio se não conseguimos, até agora, eleger um grupo de parlamentares nossos, capazes de chamar sobre os nossos problemas a atenção necessária? Como impor à Nação uma vontade nossa, por mais legítima que seja, se, apesar dos meios de que dispomos, graças ao regime democrático em que vivemos[345], temo-nos revelado eleitores sem vontade política própria, definida, firme? A realidade, infelizmente, é essa: temos eleito, "de graça", alguns afilhados e protegidos para nossos representantes – salvo raríssimas excepções – e políticos destituídos de programas realistas, sem visão econômico-administrativa e sem força intelectual, despidos de recursos pessoais outros mercê dos quais possam se impor aos demais legisladores, quando procuram fazer-se ouvir no interesse de nossa gente. Temos distribuído, sem critério algum, os nossos votos; temos entregue, de mão beijada, dezenas e dezenas de milhares desses preciosos votos aos

---

[343] Em1950 Minas Gerais era governada por Milton Campos (UDN).

344 Evidentemente, tratava-se de uma pergunta retórica, pois os notórios representantes triangulinos na Câmara Federal eram José Antônio de Vasconcelos Costa e João Henrique Sampaio Vieira da Silva, ambos do PSD; e na Assembléia Estadual eram Whady Nassif (PTB) e Carlos Martins Prates (PSD), ambos ex-prefeitos de Uberaba.

[345] Vargas fora deposto em outubro de 1945. As eleições livres realizadas em dezembro do mesmo ano levaram seu ex-ministro, Eurico Gaspar Dutra (PSD), ao palácio do Catete. Nessas eleições foram eleitos, além do presidente, os senadores e deputados federais que comporiam, em 1946, a Assembléia Nacional Constituinte, responsável pela elaboração da nova Constituição democrática do Brasil, promulgada neste mesmo ano. Em 1947 o registro do Partido Comunista Brasileiro foi novamente cassado, e novas eleições legislativas federais suplementares foram convocadas. No entanto, a proibição do voto dos analfabetos restringiu bastante a experiência democrática, impedindo que cerca de 48% da população exercessem esses direitos. Em 1945, por exemplo, houve um comparecimento de apenas 13,4% da população nas urnas.

chefes de partidos que os disputam para o engrossamento de legendas e a consequente eleição de políticos que nem sequer nos conhecem e muito menos nos prezam; temos permitido, ingenuamente, o esbanjamento de nossa força, obedecendo a uma mistificadora disciplina partidária, às ordens de longe e de cima para votar em tal candidato, em prejuízo dos que poderiam ser os nossos candidatos. E, por isso, nunca fomos capazes de exigir. Temos servido até agora apenas para votar, para ser caudatários, acompanhantes servir, meros fazedores de força, dóceis carregadores de pedra para o alevantamento de obras alheias. Culpa dos governos? Não. Culpa nossa, culpa exclusivamente nossa que só temos sabido lamentar quando não nos esmolam minguadas sobras orçamentárias de utilidade local, sem dúvida, mas pouco, muito pouco representando, se se levam em conta os nossos justos anseios de progresso. Lamentamos, calamos, tornamos a lamentar, tornamos a calar e, chegadas as eleições, repetimos a mesmíssima história: escabrestamo-nos docilmente... Reclamar platonicamente do governo, eis o nosso procedimento até o presente. E no entanto, somos um conjunto de grandes, belas e altamente progressistas cidades, uma zona de populosos e fertilíssimos municípios, um povo trabalhador que já soube se impor em muitos setores de atividade, excluído, entre poucos outros, o mais importante, o mais vital para nós: o setor político!

Triangulinos:

Passemos, doravante, a raciocinar com mais clareza e a agir com menos infantilidade quando fizermos política. Convençamo-nos de que o regime democrático em que vivemos, hoje nos dá as armas necessárias e suficientes para a consecução dos nossos objetivos e que esse regime não corre perigo, apesar da onda de insinuações provocada pelos que temem a livre manifestação da vontade popular. Acreditemos na palavra de honra dos que juraram respeitar a Constituição, e que, por isso mesmo, receberam a alta investidura de seus fiadores. Saibamos que a consciência nacional repudiará qualquer tentativa, parta de onde partir, no sentido de impedir a livre escolha dos nossos futuros dirigentes. Aproveitemo-nos desta "chance" proporcionada pelo nosso regime e usemo-la inteligentemente, em nosso próprio benefício.

Propomos, nesta carta aberta a todos os triangulinos, a todos os homens e mulheres adultos que vivem e trabalham em nossos campos e cidades e que aqui exercemos nossas atividades as mais diversas e que, em virtude dos direitos que nos assegura a Constituição Federal, podemos usar do voto e o fazemos como modesta e despretenciosa contribuição para a mobilização político-administrativa do Triângulo Mineiro, as seguintes medidas a serem consideradas pelos nossos políticos:

1 – Alistamento eleitoral intenso[346].

Que cada eleitor se transforme num propagandista e militante do alistamento e ensine aos que ainda não se qualificaram como proceder. Fazer novos eleitores sem a preocupação de serem, estes, possíveis e futuros adversários políticos locais. Intensificar o alistamento numa verdadeira campanha cívica, sem preconceitos primários, sem curteza de vista. Mais eleitores, maior força, lembremo-nos disto.

2 – VETO sistemático, porém leal e honesto:

a) – a candidatos oriundos de outras zonas do Estado, que não o Triângulo Mineiro, abrindo-se excepção apenas para aqueles cuja soma de bons serviços ao país e ao povo seja publicamente reconhecida ou que, apesar de não terem tido oportunidade

[346] O novo Código Eleitoral de 1950 extinguira o alistamento *ex-officio* – uma modalidade de inscrição eleitoral automática, pois a lei obrigava que os próprios chefes de empresas e repartições públicas inscrevessem seus subordinados. Ou seja, a partir desta data, o alistamento deveria ocorrer exclusivamente por iniciativa do eleitor. Assim, todo cidadão alfabetizado e maior de 18 anos era obrigado a comparecer ao cartório eleitoral para tirar o título. O código determinava também que ausência no dias das votações implicava no pagamento de uma multa.

de fazer política, possam apresentar contribuições e realizações úteis ao progresso das comunidades em que vivem.

b) – a candidatos que, já tendo tido oportunidade de exercer o mandato popular, tanto em funções legislativas como executivas, fracassaram, deixando de pleitear, obter ou executar medidas que visem o progresso e o bem estar do povo.

c) – a candidatos que se apresentem desacompanhados de pontos de vista bem definidos, programas com particularizações concretas e que se reconheçam como simples beneficiários de indicações partidárias pouco justificáveis.

3 – Votar, somente, em candidatos que assumam, publicamente, o compromisso de trabalhar decididamente pela concretização dos programas de seus partidos[347], programas esses que devem ser claros, largamente difundidos em manifestos, comícios, etc. Em candidatos que tenham a franqueza e coragem de se manifestar favoravelmente, ou não, relativamente às teses e ideários da atualidade, principalmente as questões seguintes: Reforma Agrária e Trabalhismo (leis protetoras do trabalhador, salário mínimo, férias remuneradas, participação nos lucros das empresas, higiene do trabalho, etc. etc.).

4 – Exigir dos candidatos, pertencentes a quaisquer partidos políticos e que venham solicitar os votos da população do Triângulo Mineiro, que se comprometam, publicamente, a lutar pela obtenção de medidas de caráter regional, além das de caráter geral e definidas nos programas de seus partidos. Sugerimos algumas dessas medidas que, dentre muitas outras que podem estar aqui omitidas, poderão beneficiar grandemente nossa região, caso obtidas pelos nossos futuros parlamentares e dirigentes.

a) Participação no Governo.

Temos, no Triângulo Mineiro, homens capazes de integrar, com brilhantismo, os quadros administrativos do Estado. Sua convocação para a participação ativa no Governo Estadual é reinvidicação justíssima, dada a importância política e econômica de nossa região. Ninguém melhor do que nós para conhecer de nossas necessidades e, consequentemente, para procurar atendê-las.

b) Assistência Sanitária.

Ampliação e melhor aparelhamento dos serviços de Saúde Pública; criação de serviços volantes de assistência médica e dentária às populações da zona rural; serviços fixos e volantes especialmente destinados ao combate à malária e ao Mal de Chagas, moléstias que enfestam grandes e ricas zonas do Triângulo Mineiro; subvenções definitivas e satisfatórias aos hospitais, asilos, casas de caridade e aos outros estabelecimentos de assistência social já em existência e promoção de auxílio financeiro eficaz às prefeituras e às associações particulares que se fundem para tal fim, beneficiando-se, principalmente, as cidades e povoações que não contam com esses recursos.

c) Assistência Educacional.

Instalação e manutenção, nas nossas cidades, de Grupos Escolares, obedecida, no mínimo, a seguinte proporção: um estabelecimento, com capacidade nos turnos diurnos, de 500 alunos, para cada parcela de 5.000 habitantes e dispondo de um serviço médico-dentário anexo; planejamento para a instalação e manutenção de Escolas Rurais, de modo a se atender às necessidades das famílias dos nossos trabalhadores rurais;

---

[347] Nos anos 1950 observamos que os partidos políticos eram substancialmente fracos e significavam relativamente pouco no Brasil pós-1945, sobretudo em virtude de grandes variações regionais dentro de cada partido. Essa fragilidade partidária favoreceu as condições históricas para o surgimento de líderes carismáticos e personalistas, chamados por muitos historiadores como *populistas*, que dominaram os espaços de representação popular na década de 1950. No entanto, ao enunciar o termo "trabalhismo", Mário Palmério oferecera a pista do programa partidário que considerava eficiente para resolver as questões que colocava. E evidentemente, soprava nos ouvidos do leitor a sigla que notoriamente representava esses ideais: o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, liderado por Getúlio Vargas.

instalação de um grande estabelecimento de ensino secundário, sob regime de inspeção federal, nas cidades de mais de 10.000 habitantes, ministrando-se ensino gratuito; auxílio financeiro aos particulares que desejarem instalar estabelecimentos secundários nas cidades de menos de 10.000 habitantes. Criação de cursos técnicos para atender às prementes necessidades de nossa agricultura, pecuária e indústria. Criação, pelos governos, ou por sociedades de ensino e particulares subvencionados, de, pelo menos, escolas técnicas e superiores de Medicina[348], Engenharia[349], Agricultura, Veterinária, Química Industrial e Ciências Econômicas, preparando-se, assim, a organização da Universidade do Triângulo Mineiro[350], integrando os diversos estabelecimentos de ensino técnico ou superior que devem ser instalados em diversas cidades do Triângulo Mineiro, obedecidas as condições culturais e a necessidade do curso de cada uma dessas cidades. Aproveitamento das instalações dos estabelecimentos de ensino primário, secundário, técnico ou superior já existentes ou a serem criados, para o funcionamento de cursos noturnos de alfabetização de adultos e, mesmo, de classes normais, no período de noite, para o ensino primário, secundário e técnico, permitindo-se a frequência dos filhos dos trabalhadores, impossibilitados, por suas ocupações diárias, de frequentar os cursos diurnos.

Subvenções aos estabelecimentos de ensino primário, secundário, técnico ou superior, mantidos por particulares e que possibilitem a matrícula, sob regime de absoluta gratuidade, de, pelo menos, 20% de sua matrícula total. Subvenções às associações de classe, culturais, clubes, associações esportivas, etc. etc. que cuidem do desenvolvimento cultural ou esportivo da mocidade e que permitam o acesso, nos seus recintos, dos jovens filhos dos trabalhadores, sem preconceito de cor, nacionalidade, ou de qualquer outra ordem. Criação, por meio de convênio especiais com as municipalidades, de um Estádio Municipal nas cidades de mais de 20.000 habitantes.

Apoio decidido à nossa Pecuária, traduzido em medidas reais e que proporcionem crédito fácil, a juros baixos, e a longo prazo aos criadores; financiamento da criação de gado, em bases realmente vantajosas e encorajadoras. Estímulo ao pequeno pecuarista. Máximo apoio para a instalação de, pelo menos, um grande Frigorífico em zona apropriada do Triângulo Mineiro. Incremento das cooperativas rurais. Incremento dos congressos de agricultura e pecuária. Facilidades para a aquisição de maquinário agrícola. Assistência efetiva ao criador e ao lavrador, com o fornecimento fácil e abundante de sementes, mudas, adubos e fertilizantes. Assistência técnica, material e, principalmente, financeira real e eficaz aos lavradores; interferência dos governos no sentido de libertar o agricultor das mãos dos intermediários inescrupulosos, garantindo-se preços-tetos compensadores por ocasião das colheitas. Proteção ao trabalhador do campo, estendendo-se-lhe os benefícios das leis trabalhistas.

e) Elaboração de um plano rodoviário racional atentendo às necessidades dos municípios triangulinos. Construção e conservação das estradas inter-municipais por parte dos governos estadual e federal[351].

---

[348] A Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro seria inaugurada em Uberaba em 1954, com a participação de Màrio Palmério.

[349] Mário Palmério criaria a Faculdadede Engenharia, instituição de ensino superior de caráter privado, em 1956.

[350] A Universidade Federal do Triângulo Mineiro só viria a ser de fato concretizada em 2005. Mas não deixa de ser espantoso perceber que a criação desta instituição já era um projeto expresso em um manifesto político há 55 anos.

[351] Uma das persistentes reclamações da região era a secular deficiência de estradas para promover melhor fluxo de trocas comerciais com mercados nacionais. Em 1950, em um discurso na Câmara Municipal, o vereador Antonio Alberto de Oliveira reclamara da rodovia Uberaba-Delta – a estrada que ligava a região do Triângulo a Goiás, São Paulo e Distrito Federal – dizendo que a estrada estava "em condições lastimáveis, cheia de buracos e atoleiros". A má distribuição da malha viária regional foi um dos mais presentes pretextos nos movimentos emancipacionsitas no Triângulo.

f) Prolongamento dos trilhos da Rede Mineira de Viação, passando pelas cidades de Veríssimo, Prata e Ituiutaba. Penetração, no Triângulo Mineiro, da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, obedecido um planejamento atualizado e amplamente debatido pelos municípios triangulinos, desprezando-se definitivamente o tacanho conceito de que tal medida venha trazer prejuízos às economia mineira.

g) Aproveitamento do nosso potencial hidro-elétrico fornecido pela Cachoeira Dourada, Canal de S. Simão, Cachoeiras dos Patos, do Marimbondo, dos Índios, etc. etc. mediante amplo e definitivo estudo de suas possibilidades, com o fim de se produzir e de se distribuir energia elétrica abundante e barata aos nossos municípios e nos moldes do que vem fazendo o Governo Federal em benefício das zonas adjacentes à Cachoeira de Paulo Afonso no nordeste brasileiro[352].

Estas, triangulinos, apenas algumas das medidas que já deviam ter merecido debates e estudos parlamentares intensos. E se tal ainda não aconteceu, responsabilizemos a nossa quase ausência nas câmaras legislativas e a não participação nossa na administração governamental. Responsabilizemos o nosso próprio procedimento político e a nossa falta de confiança em nós mesmos. Responsabilizemos o nosso pouco critério no votar.

Triangulinos:

Pode parecer exagerada e pretenciosa esta carta aberta. Não o é, porém. Outras zonas de nosso e de outros estados brasileiros têm sido beneficiadas com a execução total ou parcial de providências do gênero das que aqui expomos. Nós próprios, do Triângulo Mineiro, reconheçamo-lo honestamente, alguma coisa de concreto temos obtido graças à iniciativa no nosso atual governo, ou ao trabalho isolado de prefeitos e outras pessoas de espírito progressista que sabem pleitear medidas de utilidade coletiva. O trabalho isolado, por sua vez, de um ou outro deputado, consegue algum bom resultado. Tudo isso, entretanto, tem sido pouco, muito pouco. Com a nossa força eleitoral elegeremos – e para isso basta decisão – uma boa dezena de deputados estaduais e a metade desse número de deputados federais! Teremos uma autêntica bancada parlamentar em nossas câmaras e não nos faltam elementos para que ela seja respeitável. Se já tivéssemos este grupo de parlamentares triangulinos, estariam eles, hoje, falando, pleiteando, levantando questões de nosso interesse e obtendo atenção para os nossos urgentes e vitais problemas. Estariam eles, prestando contas de suas atividades, já que seriam homens vivendo e dependendo de nosso meio e eleitos com os nossos votos. Poderiam eles ser os porta-vozes de nossas reivindicações, os únicos capazes e verdadeiramente credenciados para chamar a atenção de todo o país sobre a conveniência ou inexequibilidade da grande e momentosa causa dos triangulinos: a criação do Estado do Triângulo!

Parlamentares nossos e numerosos, honestos, inteligentes e idealistas, legítimos representantes de nossa gente, autênticos solicitadores de nossos desejos, eis o caminho, eis a nossa conquista primeira! Abandonemos, de vez, os queixumes inexpressivos, as lamentações infantis, as ameaças ridículas.

Deputados nossos e muitos, esta, sim, deve ser a nossa bandeira de luta democrática, digna e eficiente. Levemo-los para as câmaras, depois de avaliadas a sua capacidade de luta, a sinceridade de seus propósitos, e a firmeza de seu idealismo. Aproxima-se a campanha eleitoral. Venham para as ruas, junto ao povo, os nossos candidatos! Assomem às tribunas! Lancem os seus manifestos!

---

[352] Em 1950, um dos problemas mais discutidos em editoriais dos jornais era a instabilidade crônica no fornecimento de energia elétrica para Uberaba. O órgão estadual responsável pela eletricidade no município era o *Serviço de Força, Luz e Águas de Uberaba.*

Nós saberemos dar apoio decidido, entusiástico, eficiente e vitorioso àqueles que souberem penetrar os nossos corações, auscultar os nossos mais legítimos anseios, nossas mais sentidas reivindicações e levá-las para o debate parlamentar, aceso, empolgante e patriótico!

Triangulinos:

Tudo pela solidariedade de nossos municípios!

Tudo pelo progresso e bem estar do nosso povo!

Tudo pela Nova Divisão Territorial Brasileira!

Tudo pela criação do Estado do Triângulo!

PALMÉRIO, Mário de Ascenção. Carta aos triangulinos. **O Triângulo**. n. 3050. Ano XXI. Uberaba, 13 mar. 1950. p.4.

**Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, pronunciado a 22 de novembro de 1968.**

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

FAZ UM ANO que, neste mesmo salão da Academia Brasileira de Letras, João Guimarães Rosa vinha ocupar assento entre vós. E, em seu discurso, as palavras iniciais foram igualmente para rememorar o pé-de-serra natal:

> Cordisburgo era pequenina terra sertaneja, trás montanha, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se desencerra a Gruta de Maquiné, milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sobre o demais das estrelas, falava-se antes: "os pastos da Vista Alegre".

Bastava que o ficcionista, tão de início, não desse velas à imaginação, não transportasse Miguilim para o Mutum sozinho e remoto - cabeceira chuvosa de buritizal, vereda entre as mil veredas dos gerais são-franciscanos - bastava que relembrasse, o acadêmico que esta Casa recepcionava em tão saudosa noite, algo mais de sua infância e de sua terra montesinha... e, talvez, nessa evocação se encontrasse resposta, se não para todas, pelo menos para muitas importantes perguntas da curiosidade, hoje universal, em torno da vida e da arte do grande escritor brasileiro.

A casa, morada da família e armazém ao mesmo tempo, de concorrido balcão a esvaziar o sortido tem-de-tudo do negócio sertanejo... O carro-de-boi ou o cargueiro-de-burro a trazer o produto fazendeiro, e a retornar com o sal e o arame chegados pelo vagão da Central do Brasil... A vaqueirama espalhafatosa e novidadeira, acamaradada a beber sua pinga e a gabolar suas peripécias, à espera de que encostasse o trem para o desembarque do chifrudo e brabo gado urucuiano, ou para entupir as gaiolas de boiada enxuta, erada e invernada no sustancioso catingueiro das fazendas do Coronel Tonico Bastos... E havia ainda, ali na Rua de São José - Rua de Cima, mais comumente conhecida - na mesma esquina do beco em frente da Estação, congênere casa de comércio, de propriedade de Seu Geraldino Rocha, respeitável cidadão, capitalista, de casa e loja sempre abertas para o desempenho do movimentado afazer de negociante, emprestador de dinheiro e chefe político. E também, tudo na influência do beco com a Rua de São José: o Argentina Hotel, o hotel de Dona Argentina do Seu Olímpio - o Hotel da Nhatinha - ponto de almoço e janta, razão de ser da parada obrigatória, duas vezes por dia, dos trens passageiros e cargueiros da Estrada de Ferro.

O menino João... João? Pois quase que Ladislau, que tal era o nome pensado pelo pai, em homenagem a um sete-lagoano de antigas e mui amigas relações. Sim, João - Joãozinho, Joãozito... - que o primogênito de Dona Chiquitinha e Seu Florduardo nascera em fins de junho, e mais valera a força do padroeiro junino e joanino, de ainda não apagadas fogueiras, mastros de pindaíba ainda de pé, a efígie de algodãozinho embandeirada e espetada de ordinária laranja azeda, espécie de ex-voto preventivo, na fiúza de que o santo as adoçasse e afarturasse para a outra safra. Os primeiros anos do menino João... A Central do Brasil já esticava trilhos para além de Corinto, inaugurando as estações de Pirapora e Diamantina, e principiava a abrir picada em demanda de

Montes Claros. E o avançar da ferrovia era um sem-fim de mundo que começava a desbravar-se, lado e outro dos caminhos novos que subiam a escampada chã mineira, para o norte, nordeste e noroeste, para as caatingas do sul baiano e as empedernidas encostas do planalto de Goiás - toda a desmarcada capitania do coronelato barranqueiro do rio São Francisco, palco do guinhol jagunço, desabusado e perpétuo.

Da única janela ou de uma das cinco portas da venda do pai Florduardo, sobranceira de dois lanços de pedra, dava para o menino assistir, ali embaixo, no pátio da estação, ao encher ou descarregar das gaiolas de boi. O corre-corre do povo, a molecada incendida a embarafustar por entre as pernas dos mais velhos, os sustos do mulherio janeleiro, o paciente porque perigoso espremer da boiada na seringazinha do curral... João Guimarães Rosa averbará para a imortalidade, anos depois, em seu "O Burrinho Pedrês", a divertida cena do embarque de uma boiada gorda na estaçãozinha da Central:

*Com um último trompejo do berrante, engarrafam no curral da estrada de ferro o rebanho, que rola para dentro e se espalha, como um balaio de laranjas despejado no chão...*

E prossegue, em trecho catado mais acolá:

> E começou o embarque, rico de sortes, peripécias e aplausos que durou mais de hora e meia, até a boiada inteira, lote a lote, desaparecer no bojo dos carros-jaula dos dois trens especiais. E pois, logo depois, encharcados, enlameados, cansadíssimos e famintos, os vaqueiros saíram para comer, e beber, principalmente, porque força há na que custa dinheiro da gente. E com isso deixaram todos de caber no dia, que rodou e se foi, redondo e repleto, com a tarde a cair rente, uma tarde triste de tempo frio.

Mas Cordisburgo não produzia, de matéria a ser utilizada pelo futuro novelista, apenas esses espetáculos de todo dia, comuns em arraial boiadeiro crescido à roda do curral-de-embarque de uma estação de trem-de-ferro. Boa parte de sua ficção, construiu-a Guimarães Rosa com os tipos humanos que ele conheceu em seu burgo de nascimento e com as histórias ouvidas aos fazendeiros e peões que paravam, para o mata-bicho e a prosa, na Venda do Florduardo e na do vizinho e manda-chuva municipal, Geraldino Rocha. O pai - mineiro de Caeté, de instrução razoável, imaginoso, caçador, seu tanto ou quanto acaipirado e bonachão - esse tinha seu particular repertório, ajuntado pelos lugarejos em que vivera, antes de vir firmar pé ali na Vista Alegre; assunto, pois, e de primeira, foi mercadoria que nunca lhe faltou na venda. O compulsar da comprida correspondência que Florduardo manteve com o filho, mesmo quando andava este pelo exterior a fazer carreira no Itamarati, há de fornecer, aos interessados em acurar o estudo de Guimarães Rosa, útil e farta informação, não só no tocante à tipologia e temática de sua obra literária, mas no relativo, também, ao copioso e colorido vocabulário roceiro que tanto a aformoseia e autentica. As pessoas que privaram com Florduardo Pinto Rosa confirmam-lhe o rico sortimento de anedotas, casos e observações, e a essa atulhada bruaca de velhos guardados do pai é que o escritor principalmente recorria, quando carecido de um refresco de memória ou de novas inspirações para sua fábula opulenta E o povo itinerante, a correição de passageiros descidos do comboio emboaba para o almoço ou o jantar no Hotel da Nhatina, parede-

meia com a venda, de calçada e quintal quase em comum? Por ali transitava de tudo: boiadeiros, caixeiros-viajantes, mascates, garimpeiros, graduados e praças da polícia destacada no calcanhar geralista, e, não raro, os pelotões da Captura, os famigerados *volantes* da temida - pois tal e qual facinorosa - tropa militar daqueles tempos. Foi mais tarde, fardado de capitão-médico da Força Pública de Minas Gerais, que Guimarães Rosa, na convivência de velhos milicianos, camaradas do 9.º Batalhão de Barbacena, e na papelada dos porões de outros quartéis, pôde dar-se à paciente investigação dos figurantes da variada comparsaria de *Grande Sertão: Veredas*. Muitos desses personagens, porém, e muitas das suas façanhas, já eram - gente e coisa - assunto conhecido, aprendido com os pensionistas do Hotel da Nhatina pelo menino perguntador de Cordisburgo.

Duas pessoas da família de João Guimarães Rosa merecem ser de especial lembradas, porque de sobremarcada influência na formação do escritor: o avô materno e também padrinho Luís Guimarães, e o Tio Cândido. O primeiro, em motivo da pronta percepção que teve dos dons de inteligência do neto e afilhado, levando-o consigo logo-logo pôde mudar-se para Belo Horizonte, buscando-lhe descortino mais aberto que o perfil montanhoso do arraial; o segundo, afetuosamente citado em um dos quatro prefácios explicativos do livro *Tutaméia*:

*Meu Mestre foi, em certo sentido, o Tio Cândido.*

E Rosa esclarece:

> Era ele pequeno fazendeiro, suave trabalhador, capiau comum, aninhado em meios-termos, acocorado. Mas também parente meu em espírito e misteriousanças. De fato, aceitava Deus-como ideal, afetividade e protoprincípio-pio, inabalável. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-as em seus limites, segundo Anaximandro [...] Tio Cândido era curtido homem, transurucuiano, de palavras descontadas.

Nesse rol de boa gente caseira há de incluir-se o pároco de Cordisburgo, ao tempo do menino João: Frei Esteves, frade franciscano, talvez quem primeiro adivinhasse a inclinação do pequeno por tudo quanto era "estrangeiro", tudo quanto ele já percebia existir além dos morros e dos pastos adjacentes, das pontas de trilho da estrada de ferro e do Sertão dos Gerais. É que João aprendera a ler sozinho, não entrando ainda nos quatro anos - testemunham-no a família e mais conviventes de meninice - servindo-lhe de cartilha as letras gaúchas dos rótulos dos caixões e mais volumes de mercadoria, cabeçalhos de jornal, e impressos em caixa-alta de toda sorte. Brincar com elas havia virado ocupaçãozinha favorita: desenhá-las, recortá-las à tesourinha, juntá-las e arrumá-las de vário modo, eis o passatempo em que se absorvia o menino quieto, ensimesmado, misterioso e sonhador - desinteressado do pique e da bola-de-meia, e de outras distrações mais naturais à infância. Vindo-lhe um dia ao alcance pequenino atlas cartográfico, enamorou-se de imediato pelo livro, passando a copiar os mapas e a soletrar os esquisitos nomes encontrados naquela mina encantada. debruçava-se demasiadamente, porém, sobre as páginas, quase que as tendo de encostar aos olhos, para distinguir a tipografia de composição miúda. Atinam-lhe, então, com a miopia, e tratam de impor-lhe os óculos. Daí por diante é que se junta fome com vontade de

comer, e nada mais fugiria à voraz curiosice da singularíssima criança. O jeito foi metê-la, sem delongar idade, na apertada escola primária de Mestre Candinho, logo ali atrás da venda, de grito da Estação.

Corria o tempo. Frei Esteves vigiava, feitorando o progresso do pequeno, admirado de sua docilidade e, mais que isso, da ligeireza com que se adiantava nas primeiras letras. O frade dava também a sua ajuda: fazia o menino ler os jornais que chegavam a Cordisburgo - na época o que vogava eram as notícias da Primeira Grande Guerra - e punha-o a alfinetar na geografia os pontos onde mais lavrava o fogo do conflito, mandando-o escrever e pronunciar corretamente os ásperos nomes dos generais e cidades em evidência. Sim, Frei Esteves entusiasmava-se. Sabia, o arguto ovelheiro do rebanho vilarengo, que lidava com excepcional inteligência, superiormente poderosa em imaginação e avidez de aprender, e ia carregando a mão, carregando... - sabe lá Deus se não esperançado de tanger o meigo cordeirinho para o redil da Ordem. Quando dão fé, olha o frade a lecionar, ao borrego peticego, francês, e até mesmo um contagotado e paciencioso principiozinho de latim!

Avesso a falar de si mesmo, Guimarães Rosa legou escasso subsídio autobiográfico. Notório seu desinteresse por depoimentos públicos, reportagens de imprensa, e outras formas de divulgação e propaganda pessoal. Sem embargo, assinava cartas, nem um nada esquivo em preencher questionários - hoje tão em moda na pedagogia das letras - que lhe enviavam estudantes de cursos secundário e superior. Referem companheiros seus de Itamarati a passagem acontecida pouco antes de sua morte, já desde muito alçado às grimpas da glória literária. Acabava ele de negar-se, a pés juntos, a conceder uma entrevista - era estrangeiro o repórter, e, entre outras alegações, declarava ter-se deslocado ao Brasil com essa exclusiva finalidade - quando se apresenta à Divisão de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores, sem protocolar aviso - muito à simpática maneira dos dias atuais - uma pencazinha de meninotas, alunas de um curso clássico das imediações. As colegiais invadem o gabinete e mostram ao embaixador trabalho escolar sobre um dos livros dele. A obstinada e até que impiedosa resistência ao assédio do jornalista transmudou-se, então, de instantâneo, na mais aberta e sorridente acolhida. Rosa conversou largo tempo com as mocinhas, deu-lhes corda, divertiu-se a valer, e acabou respondendo a todos os pontos da encomenda do professor, passando até a ditar, bondosamente, os quesitos que entendia conveniente relevar.

A propósito de suas cartas - certo de muita valia para a análise da obra rosiana - andam elas por aí, espalhadas não se sabe se em poucas, se em muitas mãos. Em uma delas, pode-se ajuizar o apreço do escritor por esse tipo de correspondência, e encontrar um autodepoimento do temporão pendor romanesco, revelado ainda a tempo de criança aldeã. Diz Guimarães Rosa a uma aluna de Belo Horizonte:

> Assim, tenho de responder depressa, depressa, para não deixar sem matéria Você e suas Coleguinhas. [...] Não repare, pois, se os quesitos vão preenchidos de modo curto e fosco. Mas faço-o com vivo carinho e sincera alegria. Assim: 1) — Desde menino, muito pequeno, eu brincava de imaginar intermináveis estórias, verdadeiros romances; quando comecei a estudar geografia-matéria de que sempre gostei-colocava as personagens e cenas nas mais variadas cidades e países: um faroleiro, na Grécia, que namorava uma

> moça no Japão, fugiam para a Noruega, depois iam passear no México... coisas desse jeito, quase surrealistas.

A resposta a outro item descobre as feridas que o formão da infância lhe insculpira na alma:

> IV — É difícil dizer qual o livro (da gente) preferido. A gente sempre gosta mais de um livro futuro, que se pensa ainda escrever. De qualquer modo, entretanto, posso dizer sinceramente que, de tudo o que escrevi, gosto mais é da história de Miguilim (o título é "Campo Geral", do livro Corpo de Baile. Por quê? Porque ela é mais forte que o autor, sempre me emociona; eu choro, cada vez que a releio, mesmo para rever as provas tipográficas. Mas o porquê mesmo a gente não sabe, são mistérios do mundo afetivo.

Quando o artista chega a emocionar-se tão estranhada e incontidamente assim, é porque logrou a perfeita projeção de si mesmo. Acertado será, pois, admitir seja a "estória de Miguilim", isto é, a novela "Campo Geral", o marco mestre das muitas outras referências que a extensão da obra de Guimarães Rosa permite sugerir.

Os dois volumes da primeira edição do *Corpo de Baile*, harmonioso encadeamento de sete novelas, cujo primeiro elo é a já muito referida "Campo Geral", vieram à estampa em janeiro de 1956. Fixado aí o ponto de partida, a trena do tempo medirá, então, em contagem regressiva, quarenta anos redondos, da publicação do livro até a remota época em que o menino João, com oito anos, se despedia, em Cordisburgo, da escola primária de Mestre Candinho e das aulas particulares do atilado Frei Esteves.

Agora, com o zero da fita cronológica no mesmo marco mestre inicial, e adotado igual critério retrocessivo de medida, afinquem-se mais umas poucas estacas intermediárias nas referências seguintes:

1952 - quatro anos, portanto, antes do lançamento de *Corpo de Baile*, viagem de Guimarães Rosa, a cavalo, na culatra de uma boiada sertaneja de trezentas e poucas reses, do arraial de Andrequicé a Araçaí, tudo nos gerais são-franciscanos; estirão de cinqüenta léguas, e dez esticadas marchas de sol a sol;

1946 - dez anos de distância, à ré do tempo: publicação, pela Editora Universal, de *Sagarana;*

1937 - dezenove anos: Prêmio Humberto de Campos, instituído pela Livraria José Olympio Editora, ao qual Guimarães Rosa concorreu, obtendo o segundo lugar, com as histórias que, totalmente revistas e depuradas, dariam depois o livro *Sagarana;*

1936 - vinte anos, sempre na direção do passado: Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, outorgado a Guimarães Rosa pelo seu livro *Magma;*

1929/1930 - vinte e seis anos, lido em última mediação retrospectiva: aparecimento, na revista *O Cruzeiro*, de três contos assinados por João Guimarães Rosa - sua estréia, portanto, na literatura brasileira de ficção.

Somadas a estas cinco as estacas inicial e final da contagem - saída de João Guimarães Rosa de Cordisburgo e publicação da "estória de Miguilim" - serão sete os pontos de informação que balizam, num dilatado trecho de vida de quarenta anos, os

acontecimentos mais significativos do processo de aprendizagem, acumulamento de cultura e aprimoramento do escritor, desde a hora em que o alfabetizaram e lhe deixaram à mão papel e lápis, até o momento em que pôde - coração aos solavancos e olhos mareados - contemplar plenamente realizada a sua vocação artística.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

Graças ao vosso sufrágio, aqui me encontro para tomar posse da cadeira que Guimarães Rosa ocupou durante horas tão diminutas. Regimento e tradição desta Academia pedem, da parte de quem sucede, oração de homenagem e louvor ao sucedido. No meu caso, o panegírico não é só obediente, protocolar: é superior mandamento de afeição e consciência.

João Guimarães Rosa não foi apenas um querido amigo: foi-me o mestre maior, dia a dia mais e mais admirado e respeitado. Bastava o afeto, pois, para que redobrasse de esforço no levantar-lhe as pisadas, no desvelar-lhe o ainda mal conhecido de sua predestinação, pode-se dizer monástica, de estudioso sem fadiga, trazer demão em suma, tanto quanto possível vera e proveitosa, aos especialistas que já lhe estão a investigar e especular vida e obra mais acurada e competentemente. Outra razão, sem embargo, é o estímulo, inseparável e instante, da minha convicção da grandeza de Guimarães Rosa, convencimento que apenas se modifica para crescer: toda vez em que se assina novo e sério e inteligente laudo crítico sobre a obra de Guimarães Rosa - e não somente aqui, mas, em consagrador crescendo, também fora daqui - é para lhe categorizar o nome e emoldurá-lo na galeria dos grandes vultos das letras universais.

Rastrear-lhe as veredas... Voltar a Cordisburgo, seria agora só para visitar de novo, e com mais prazo, a Gruta de Maquiné, onde os tesouros de muitos Ali-Babás mal-e-mal ocupariam uma de suas prodigiosas naves sem conta, em cujas trevosas entranhas - é o que por lá se diz - morou um sábio, o Dr. Lund regressado a troglodita, enlurado na profundura de um oco subtérreo, a exumar seus fósseis e a quebrar cabeça com os rabiscos bugres das paredes; chegar, mais uma vez, à Fazenda Saco-dos-Cochos, do José Saturnino, gozar-lhe o convívio e o farturento pomar; rever a boa gente cidadã, que ainda bem se recorda do sossegadinho menino de óculos, o filhote prodígio de Dona Chiquitinha e Seu Florduardo; reabrir a casa da venda, onde Rosa nasceu e morou nos seus primeiros oito anos - agora abandonada e a desabar, infestada da ardida inhaca de fecundíssima tribo de morcegos - varar pelos alçapões do assoalho podre e ir reconferir, no quintal, as jabuticabeiras e os abacateiros, se ainda e milagrosamente de pé; ao fim e ao cabo, reviver, em tudo e em todos, o cenário serrano e as figuras da infância e das histórias de Guimarães Rosa. É principalmente em "Recado do Morro", a quarta novela de *Corpo de Baile*, que ressurge, fiel e quase inteira de passagem e gente, a terrinha sertaneja do menino João. Eis como a descreve, em parte apenas e em curto golpe de pincel, a mão amorosa e correta do grande artista:

> Serras e serras, por prolongação. Sempre um apique bruto de pedreiras, enormes pedras violáceas, com matagal ou lavadas. Tudo calcário. E elas se roem, não raro, em formas-que nem pontes, torres, colunas, alpendres, chaminés, guaritas, grades, campanários, parados animais, destroços de estátuas ou vultos de criaturas. Por lá, qualquer voz volta em belo eco, e qualquer chuva suspende, no ar de cristal, todo tinto arco-íris, cor por cor, vivente longo ao solsim, feito um pavão. Uma redondas chuvas ácidas, de grande

> diâmetro, chuvas cavadoras, recalcantes, que caem fumegando com vapor e empurram enxurradas mão de rios, se engolfam descendo por funis e furnas, antros e grotas, com tardo gorgolo musical.

E Guimarães Rosa, para repovoar este cenário, vai buscar, um por um, os moradores da aldeola: Seu Alquiste, Frei Sinfrão, Seu Jujuca do Açude, o Ivo da Tia Merência...

Depois de Cordisburgo, Belo Horizonte. Aí, para tirar prova da passagem de João Guimarães Rosa pelo Grupo Escolar Afonso Pena e suas idas à Biblioteca Pública. Em seguida, o internato em São João del-Rei, para onde acorria - como se fora sucursal leiga do Caraça - a criançada mineira mais bem dotada de cabeça ou mais carecida de aperto. Dirigia o colégio de São João del-Rei, dando-lhe o renome que chegou a discorrer por todo o Estado, o Professor Lara Resende. Foi lá que Rosa tirou os primeiros preparatórios, e - ao que parece - continuou bravamente o latim de Frei Esteves.

Voltou, todavia, por motivos de saúde, ano e pouco depois, para Belo Horizonte, ingresando no Colégio Arnaldo, dos padres alemães da Congregação do Verbo Divino. Encontra-se nos arquivos da secretaria do estabelecimento, no ano de 1923, o nome do interno João Guimarães Rosa, apontado no registro de matrícula da terceira série ginasial. Vive ainda - e de sadia, conservada e útil memória, em despeito dos seus entre setenta e oitenta e muitos anos - o Padre Wilhelm Gross, que integrava, já àquele tempo, o corpo docente do colégio. Lembra-se ele muito bem do rapaz espigadote, de óculos de grossas lentes, silencioso e macio de passo, em extremo arredio - o seu melhor aluno de inglês e alemão. Em meio de outros depoimentos relativos ao trânsito de Rosa pelo Colégio Arnaldo, há o narrado por antigo colega de classe, o Dr. Lívio Renault, médico ilustre de Belo Horizonte. Era ele, Lívio, o aluno que obtinha o melhor grau nos trabalhos de redação dados pelo mestre de português. Certo dia, Rosa oborda-o modestamente, curioso de saber aonde ia o colega garimpar o vocabulário e floreios outros que lhe faziam as composições tão elogiadas pelo professor, merecedoras de nota sempre e sempre distinta. E Lívio, não obstante o risco da competição que iria correr de então por diante, não sonega a receita: Camilo... - cuja obra completa, sem falta de um único volume, alumiava as prateleiras da biblioteca do pai. Os padres do Colégio, duros de disciplina, mais rijos ainda em matéria de religião, só permitiam no internato - que aí seria menos difícil a vigilância - livro por eles previamente examinado e aprovado. Camilo Castelo Branco... - pois sim! O destabocado é que não vazaria pelos apertados furos da peneira! Mas vazou - de contrabando, mas passou... - por debaixo do paletó do camarada externo. Foi então que Guimarães Rosa pôde ler - e note-se: aos quinze anos de idade - toda a vasta obra camiliana. Sim, toda, todinha - garante o Dr. Lívio - baldeado tomo a tomo das estantes do erudito e saudoso educador mineiro Pofessor Leon Renault. O que e o quanto de influência terá entalhado e marcado, na esculturação da personalidade artística de Guimarães Rosa, a acerada garra do velho e dominador leão de São Miguel de Seide, cabe aos técnicos da investigação literária esmiuçar e discernir.

É no Ginásio Mineiro, oficial, famoso pela seriedade das bancas examinadoras, que Rosa vai concluir preparatórios. Deixa marca, ali também, ao enfrentar o rigor dos rigores, o Professor Valadares, catedrático de Geografia. Raríssimos, na longa tradição do Ginásio Mineiro, os alunos que alcançaram a nota máxima com o austero examinador. Ao perceber que alguém estava a pico de merecê-la, o lente prolongava o exame e alteava a voz, para chamar atenção da sala. Dava o *dez*, dava, mas após

esvaziar a algibeira de todo um escolhido estoque de perguntas, bem encaixadas dentro do ponto sorteado - para que, assim, lhe atestassem a correção do proceder e o merecido do grau, e, também, palmeassem o saber do examinado. Foi um duelo, demorado e sensacional de lances, aquele exame. Mas foi um *dez*, o *dez* fora do comum do Professor Valadares, anota que Rosa obteve em Geografia.

Aos dezessete anos incompletos, João Guimarães Rosa prestou vestibular e matriculou-se na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Duas de suas aptidões, já agora mais notavelmente aperfeiçoadas e percebidas, destacam-no, desde logo: a memória em verdade milagrosa, e a facilidade com que aprende idiomas estrangeiros, aventurando-se até aos ainda praticamente incogitados. Relativamente à primeira, afora os muitos testemunhos das espantosas proezas praticadas no picadeiro da anatomia de Testut, os contemporâneos de curso médico contam como ele, devotadíssimo às cadeiras básicas, mormente Botânica e Zoologia - às quais se dava esmerada e apaixonadamente - livrava-se, entretanto, de outras que lhe não acendiam o interesse; limitava-se a assistir às provas orais dos colegas, afastando-se da sala ao chegar sua vez, para não ter de responder à chamada em ordem alfabética, mas tornando logo após, pulado o seu nome, para continuar a ouvir as perguntas dos examinadores e as respostas dos examinandos; e era o último em apresentar-se à banca, já senhor do resumo da matéria, suficiente para boa nota de aprovação. Do segundo pendor - a queda para o estudo de línguas - diz, mais objetivamente que o entusiasmo de seus admiradores, a tradução por ela feita de um trabalho do Professor Quelle, da Universidade de Bonn, sob o título *A Organização Científica em Minas Gerais*, reproduzida no órgão oficial do Estado, o *Minas Gerais*, em 5 de outubro de 1928, quando o tradutor contava apenas vinte anos de idade. E já ia bem avançado no russo, estudado com Miguel Theodorovich Chiquiloff, intelectual muito conhecido nos meios mineiros, que assina valioso depoimento vindo a lume em edição do Suplemento Literário do *Minas Gerais*.

É ainda o Professor Chiquiloff quem fala dos habilidosos métodos mnemônicos inventados pelo seu aluno de russo. Extraordinariamente bem servido de retentiva, nem por isso deixava Rosa de obstinar-se em tê-la cada vez mais disciplinada e ágil, afirmando freqüentemente ao professor ainda acabar por descobrir o segredo e as misteriosas regras do processo mental de memorização. Tantas e tão maravilhosas demonstrações deu Guimarães Rosa de sua quase sobre-humana memória - e mais convincentemente depõem a extensão e profundidade dos seus conhecimentos idiomáticos - que não é de todo exagerado supor-se haja, afinal, atingido a ambiciosa meta, ou, pelo menos, dela se abeirado, e bastante.

Ainda estudante de Medicina é que veio Rosa a exercer seu primeiro emprego público, o de funcionário do Serviço de Estatística de Minas Gerais, onde passa a trabalhar com Teixeira de Freitas. Àquela altura, era moda o esperanto; e Rosa matricula-se em curso especializado aberto de recém em Belo Horizonte. Diplomou-se em vinte e sete dias. A uma das moças da repartição que, simploriamente, lhe observa nunca imaginar fosse o esperanto coisinha assim maneira, Rosa deu o risonho troco:

-"É muito fácil sim, meu bem. Desde que se saiba um pouco de espanhol, de francês, inglês, italiano, do alemão, do russo..."

Demais do estudo de línguas e Estatística, organização de herbários e coleções de insetos - e até de cobras -, Rosa fascina-se pelo xadrez, aprende-o a fundo, e acaba por sobressair-se também aí, e brilhantemente. *Tempo e Destino*, com o título em grego, *Chronos Kai Anagke* - tradução e pronúncia do nosso eminente Paulo Rónai - o segundo conto publicado em *O Cruzeiro*, ainda quando o autor cursava o quinto ano da

Faculdade de Medicna de Belo Horizonte, é fantástica história de um jogador de xadrez, ucraniano. E, em "Minha Gente", um dos contos em primeira pessoa de *Sagarana*, é ao xadrez que Guimarães Rosa pede ajuda para compor as páginas da viagem que faz, a cavalo, da estaçãozinha de trem-de-ferro do povoado à fazenda de Tio Emílio. Arranja, de companheiro, por coincidência de trajeto, um inspetor escolar itinerante - o Santana - "cujo fraco e também o seu forte é o 'nobre jogo' do xadrez"... Fazem o percurso, de carteirinha de bolso, onde as peças se atarraxam, passadas de um a outro para os lances da partida.

Multifário de inteligência, preciso e competente - assim definem Guimarães Rosa, à casa dos vinte anos, professores e colegas de curso, chefes e companheiros do Serviço de Estatística, e mais pessoas que o conhecem. Mas reservadíssimo, deveras impenetrável, mesmo com os mais chegados. Rosa morou quase sempre em pensão de estudantes, desde que deixou o internato do Colégio Arnaldo até pouco antes de formar-se em Medicina; mantiveram essas pensões, a princípio o avô Luís Guimarães, em seguida os pais, Dona Chiquitinha e Florduardo - mudados de Cordisburgo à época em que o filho se matriculava na faculdade - e, por último, uma tia-avó, ainda viva, Dona Petrina Guimarães. Pois mesmo aos companheiros de pensão, alguns até de quarto, não confidenciava Rosa seus pensamentos e intenções, muito menos seus primeiros titubeios literários.

Por isso que um fato vem surpreendê-los, a todos. Foi quando, na muito circulada revista *O Cruzeiro*, precedido da declaração "selecionado em concurso", com ilustrações em três inteiras páginas de texto, surge estampado *O Mistério de Highmore Hall*, conto de autoria de um João Guimarães Rosa. Por certo pseudônimo coincidente, talvez algum homônimo integral, da primeira letra à última... Seria o preparado e modesto rapaz, o estudioso quintanista de Medicina... O poliglota e problemista de xadrez, o capaz funcionário tão gabado pelo grande Teixeira de Freitas, o precoce ledor e tradutor de sábios alemães?!... Logo-logo, porém, desapareceriam as dúvidas, que o autor se confessa. Era mesmo o talentoso e discreto estudante de Cordisburgo: era o Guimarães Rosa, sim.

*O Mistério de Highmore Hall* foi publicado a 7 de dezembro de 1929. Seis meses depois, traz a revista outro conto de Rosa, também ilustrado, desta vez com o anúncio: "A MAIS EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DO XADREZ JÁ EXPLICADA A ADEPTOS E NÃO ADEPTOS DO TABULEIRO." A data é 21 de junho de 1930, e o título, já se disse, vem em grego: *"Chronos Kai Anagke"*. Três semanas após o segundo, na mesma revista, um terceiro: *Caçadores de Camurças*. Foi este o derradeiro fogo de artifício a espocar e luzir naquela curta festa de estréia. Com exceção dos discursos de orador de turma dos médicos de 1930 e de agradecimento, na Academia Brasileira, pelo prêmio de poesia concedido ao volume de poemas *Magma* - livro que, não se sabe bem a razão, o autor jamais desejou ver nas livraria - só muito mais tarde é que Guimarães Rosa iria ler o seu nome, em letra de forma, autenticando trabalho literário de lavra própria: foi dezesseis anos ao diante, em 1946, ao vir à luz *Sagarana*.

Paga a pena ler esses três contos de Guimarães Rosa saídos ao seu tempo de estudante de Medicina. Aqui, mal-e-mal pode caber pequena amostra da sua prosa dos vinte e um anos. Ouçamo-lo em *O Mistério de Highmore Hall*:

> O vento batia de rijo o castelo, guinchava, zunia, assoviava, musicando tons macabros, como se as ruínas fossem órgão enorme a ressoar em meio ao

> fragor da tempestade. O relampejar repetido de mil coriscos tigrava a escuridão de rajas e ziguezagues cor de fogo. E a chuva caía em bátegas violentas.

Em *Tempo e Destino*:

> Em torno da mesa, único móvel ali existente, erguiam-se candelabros de bronze, sustentando tochas. E essa iluminação funérea, derramando-se pelo vasto aposento, caricaturava sombrias esguias, como aventesmas. Na circunferência muito negra da parede decifravam-se pentáculos e símbolos cabalísticos e abracadabrantes. Odores intensos de styrax, incenso e mirra misturavam-se no silêncio subterrâneo da sala.

E em *Caçadores de Camurças*:

*Toda a noite a tempestade chicoteou a montanha. A neve derramou-se, não em flocos leves, mas em turbilhão, aos bulcões, rebocando de gelo as trilhas e desfiladeiros, vestindo de branco o cone dos pinheiros, enquanto o vendaval esfuziava em rajadas frias, regougando nas cúspides do fragal.*

Ficaram nos três os contos de *O Cruzeiro*. Na citada carta de outubro de 1966, escrita à moça estudante de Minas Gerais, Guimarães Rosa não nega paternizá-los, mas faz questão de os definir: *"Mas, escrever, mesmo, só comecei foi em 1929, com alguns contos, que, naturalmente, não valem nada."*

Novidade não seja que um escritor, ao alcançar madureza e fama, repudie, assim categórico, o resultado do seu verde esforço inaugural. O pouco habitual e muito estranho, isso sim, é que o tenha feito na hora mesma de recolher os louros, vencedor de anunciado concurso público, ao qual hão de ter corrido não poucos postulantes à glória do nome impresso e, também, à nota de cem mil-réis arvorada ao tope do pau-de-sebo. E ainda: quando crescido de conceito junto aos professores e colegas de faculdade, que lhe tributam a homenagem da escolha para orador da festa de formatura.

O mais extraordinário, porém, foi ter Guimarães Rosa encostado a ferramenta, mesmo sabendo não se lhe ter exaurido a grupiara. Parou com as histórias inventadas à força de geografia, gente e fala exótica, porque convencido de que minerava em errado veio, certamente já bem desconfiado de que precisava libertar-se dos cânones muito rígidos, do termo bateado nos dicionários, da frase-feita e do raso lugar-comum. Mas ainda ignorante ou indeciso do jeito de proceder: anos depois é que lhe empenaria a asa e ganharia alforriar-se desse cativeiro.

Vem a talho, como exemplo desse desnorteamento que tanto demorou seu retorno às luzes do palco, o discurso lido por Guimarães Rosa, orador de sua turma na solenidade de colação de grau, paraninfada pelo Professor Samuel Libânio, e realizada na antiga Câmara dos Deputados, em Belo Horizonte, a 21 de dezembro de 1930. Transcreve-o, na íntegra, o *Minas Gerais* de 22/23 do mesmo mês e ano. Basta a peroração para que se avalie a peça inteira:

*E quanto a vós, caro Padrinho, ao apresentar-vos os agradecimentos e as despedidas dos meus colegas, eu lamento não poderem falar-vos todos eles a um tempo, para que sentísseis, na prata das suas vozes, o oiro de seus corações.*

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:

Careço de tudo - da queda à aptidão - para aventurar-me à análise, ainda que por alto, da psique e da arte de um mestre do porte de João Guimarães Rosa. Posso, quando muito, manifestar a minha incompreensão e ignorância - e, por isso mesmo, a minha inexplicação - ao topar tão singularíssimo caso de transmudamento de inspiração e expressão artística, arrisco-me a dizer de tão espantoso exemplo de metempsicose. Com todas as veras, não sei de nada semelhante ou sequer parecido. Os primeiros contos do estudante de Medicina não estão mal feitos - pelo contrário, são até que muito bem trabalhados, perfeitamente ao jeito do rigorismo gramatical e do estilo abundante e vistoso, ainda em muita moda na época; não resultaram de pueril fantasia, precipitado desejo de aparecer e brilhar, tampouco aceitos a poder de pistolão ou de facilidades irmãs, de igual e feia ordem. Produziu-os, às vésperas de doutorar-se, um moço de vinte e um anos, idade em que não é tão de admirar assim o revelar-se alguém artista, e artista de apurado timbre. Um jovem, mas jovem intelectualmente adulto, respeitado pela assiduidade ao livro, escorado de nada frágil calço humanístico, e abastecido de boa provisão científica - roceiro já acostumado de braço, mesmo para lavourar em culturas estrangeiras. Sua literatura - e, agora, a indagação: - como deu conta de refazê-la assim, primeiro começando por desaprender o aprendido em anos de aturada porfia, para, depois, reiniciar e reconstituir tudo, e de modo totalmente irreconhecível, como se fora labor de outra alma e de outras mãos?

Não monta a resposta: o incontrastável é que Guimarães Rosa saiu um e voltou outro à ribalta. E o que de princípio fez, durante o entreato, foi trocar de ambiente e de vida, na hora favorável em que se habilitava em Medicina. Meteu na mala o Chernoviz e outros competentes guias da esculápia pau-de-toda-obra, encaixotou os clássicos, dicionários e gramáticas, a tralhazinha de recruta na profissão em que acabara de licenciar-se, o diploma e também o tabuleiro e os trebelhos do xadrez. Largou o emprego no Departamento de Estatística, largou o professor de russo, e partiu de Belo Horizonte para a cidade do interior onde - alguém lho disse - não havia médico. Nem trem-de-ferro, tampouco estrada de rodagem que prestasse. Mas limpo céu, ares sãos, alegre gente. Itaguara, esse o nome do lugar.

Hoje, vai-se a Itaguara pelo macio e veloz asfalto da Fernão Dias, que liga a capital mineira a São Paulo. Quem sai de Belo Horizonte, a cerca de duas horas de viagem, pode enxergar bem lá embaixo - isso à mão esquerda e se forçar a vista - ponta-de-rua ou outra da cidadezainha branca, afundada e meio sumida na paisagem de redondos morros. Há coisa de quarenta anos, quando Rosa ali chegou, o caminho era de terra, muito mais comprido, custoso e lerdo, e o lugarejo não passava de distrito - apesar de bem dotado, com grupo escolar, bonitinha igreja, padre local, e afamada festa na Semana Santa.

Essa distante fase da vida de João Guimarães Rosa durou até ao meado de 1932, quando do levante constitucionalista de São Paulo. Atendendo à convocação de voluntários para o Corpo de Saúde da Polícia de Minas Gerais, Rosa apresenta-se, serve em várias frentes, e, terminada a revolução, efetiva-se na milícia. Voltou a Itaguara apenas para despachar a mudança: fora destacado, já com divisas de capitão-médico, para integrar a oficialidade do recém-criado 9.º Batalhão da Força Pública de Minas Gerais, a instalar-se em Barbacena.

Não há de ser fácil condensar a vida de médico de roça levada por Guimarães Rosa em Itaguara. Não lhe pegou, aí, a tísica intelectual de um lugar pobre de fatos susceptíveis de lhe virem quebrar, vez por outra que fosse, a pachorrenta atoíce do dia-a-dia. As novenas e leilões da Semana Santa eram apenas de ano em ano... E a política, a essa a Revolução de 1930 havia posto fim; ah, se pelo menos a beleza de uma eleiçãozinha de

arraial, bem tocada a futrica, cacetada e foguete!... Mas, no caso de Guimarães Rosa, foi esse período o mais proveitoso, sem dúvida, para a sua vocação: o que mais subsidiou, em matéria e forma, a reconceituação, reestruturação e refazimento de sua nova arte literária - essa, sim, original e independente, humosa e robusta, capaz de se definir e afirmar em transcedência e perpetuidade. Sua saleta de atendimento clínico virara consultório e confessionário ao mesmo tempo, que, a par de lamurioso romaneio das mazelas, sempre historiazinha ou outra haveria de render o cliente. As viagens - de infalível a cavalo - às fazendas e corrutelas de sua paróquia médica, aproveitava-as Rosa como rendoso campo de observação: gente, bichos, plantas - um novo mundo ainda muito mal explorado pela vasqueira e medrosa literatura daquela época, desestudado em sua essência e pormenor. A própria povoação, que opulência de humanidade, quanta malícia e graça no diz-que-diz do comadrio, quanta novidade e variedade de temas haveria o psicólogo de então recolher, e o escritor de amanhã universalizar com sua caprichada pena?! Guimarães Rosa anotava tudo, não só de memória, mas, e principalmente, nas suas famosas cadernetas. Antigos vizinhos e freqüentadores de sua casa - muitos ainda moradores em Itaguara - contam como ficava ele, noite fora, a lidar com seus misteriosos apontamentos, ou a estudar - o que de mais estranho se lhes afigurava - em seus grossos e demorados dicionários. As anotações resultaram em abastado glossário sertanejo, verdadeiro léxico enciclopédico de todo um novo vocabulário e gramática, de uma nova história natural e antropologia, e tudo rigorosamente autêntico, fiel ao visto e ouvido. Não tivesse Guimarães Rosa acumulado esse minucioso e exato pé-de-meia, ser-lhe-ia impossível levar a cabo a estendida e densa obra de arte que foi o seu importantíssimo legado.

Um pesquisador de gosto, sem preguiça nem pressa, muito irá descobrir, na cidade mineira de Itaguara, de curiosa informação a respeito do que Guimarães Rosa fez e também recolheu em experiência e em aquisição de conhecimentos de vária ordem.

Atualmente, Itaguara é bem outra. Emancipou-se, passando de distrito a município, calçou-se de liso e limpo paralelepípedo, construiu muita casa nova, erigiu vistosa igreja em centro de jardim - jardim zelado a mão de moça, as moças que tanto ajudam o vigário no pastoreio da criançada local - fundou mais escolas e seu ginásio noturno, o ai-jesus da cidade. Itaguara de hoje é uma simpatia de terrazinha, e o povo, afetuoso e prestadio, continua sendo do melhor; e duro de envelhecer, e agudo de memória, que são numerosas as pessoas que se recordam, perfeitamente, do seu doutorzinho amável, dia a dia pior da vista, mas risonho sempre, pronto sempre para acudir aos chamados de socorro médico, andasse bom ou andasse mau o tempo, fosse lá a que horas fosse. Porém manhoso, perguntador, especula por demais da conta - essa a voz geral dos informantes - infalivelmente armado da terrível cadernetinha, a querer saber de tudo, para de tudo aprender e registrar.

Dessa mania dos apontamentos e do estudo já se falou e refalou; de como saía à cata de cogumelos e caramujos para ele mesmo temperar e comer, seria aqui ociosa, se não inadequada, a referência - o mesmo ocorrendo com respeito à criação de abelhas e de toda espécie de aves de quintal; da prosa na botica em frente e das primeiras lições de xadrez ao padre e ao farmacêutico - isso nos curtos momentos de folga que lhe concediam o consultório, as viagens a cavalo e os livros - há de ser, por óbvia, desnecessária a menção. O que de mais substancial e mais estimável convém investigar será a copiosa contribuição que Itaguara ofereceu ao escritor - em assunto, linguagem, em figuras humanas e outras criações da natureza, em rústico cenário e tudo o mais - em resumo e afinal, o complexo de recursos com os quais pôde Guimarães Rosa edificar, à sua maneira, um mundo todo seu, o universo de sua ficção personalíssima.

"Traços Biográficos de Lalino Salãthiel ou A Volta do Marido Pródigo", por ordem o segundo conto de *Sagarana*, assim Guimarães Rosa titula uma história, cuja principal personagem ele conheceu pessoalmente - o mulatinho descaradíssimo, ágil de andar, sestroso e falante, peão de picareta em trecho de construção da rodovia Belo Horizonte-São Paulo, nas imediações de Itaguara, na ocasião em que o doutorzinho de óculos e comedor de caramujo lá clinicava. Ambiência, tema, e demais figurantes além do vivo Lalino Salãthiel - tudo, também, material ali recolhido. Seu Marra - o bondoso Seu Marrinha da história - Seu Marra, feitor real, de carne e osso, do grupo de picareteiros a que pertence o maneiroso Lalino - nem o nome dele, a condição de fiscal na construção da rodageira, tampouco a paixão por teatrinhos e pantominas Guimarães Rosa deixou de utilizar. Seu Marrinha, que mora hoje em dia em Belo Horizonte - o nome completo é José Benjamin Marra - relata como o doutor ia, em horas livres, assistir ao vaivém das carrocinhas de burro do aterro e puxar conversa com os braçais da estrada. A tentação é muito forte para que se possa a ela resistir; ouçamos Guimarães Rosa:

*Nove horas e trinta. Um cincerro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção. Patas em marcha matemática, andar consciencioso e macio, ele chega, de sobremão.*

"Sarapalha", o terceiro e comovente conto de *Sagarana*, origina-se de uma visita médica de Guimarães Rosa a um comerciozinho das margens do Pará, rio que nasce nas imediações de Itaguara. Assim é aquarelado, com tristonhas tintas, o moribundo lugarejo:

> Tapera de arraial. Ali, na beira do rio Pará, deixaram largado um povo inteiro: três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu. Ao redor, bons pastos, boa gente, terra boa para o arroz. E o lugar já esteve nos mapas, muito antes da malária chegar.

Popularíssimo tipo de Itaguara, engraçado poeta de rua, brigão e permanente glosador da vidinha caiçara do povoado - "Aretino de arraial", como Guimarães Rosa o apelida e imortaliza - reaparece com o literal nome e a veia bocagiana, no belo conto de feitiçaria "São Marcos". Rosa copia-lhe uma das quadras:

> Essa história de phonética
> eu nunca pude entendê!
> É tão feio se assiná
> Manuel Baptista sem P!

Ainda em *Sagarana*, no conto "Duelo", trágico equívoco - um desinfeliz, morto a tocaia por causa da grande semelhança com o irmão, esse, sim, a jurada vítima - fato ocorrido e ainda não esquecido em Itaguara, é o que inspira o escritor na intriga dos motivos, na reinvenção da espera homicida e na bem construída busca do vingador atrás do assassino em fuga, obsessão que termina em imprevisto e emocionante desfecho.

Basta de referências e transcrições: seriam intermináveis, mesmo que se usasse, por fonte única, o livro de contos *Sagarana*. Um fato marcadamente de tragicomédia merece, todavia, ser aqui lembrado. Foi o súbito aparecimento, em Itaguara, de um

pobre louco, esfarrapado, de cabeleira e barba desgrenhadamente crescidas, olhos alucinados, a carregar e a sacudir, aos brados, pesada cruz feita de dois galhos de pau atados a cipó. O fantasma - provavelmente um padre ou ex-seminarista endoidecido, porque temperava de algum latim a imprecação inconseqüente - pregava o fim do mundo, invectivando as mulheres e mais gente aterrorada, e chegou a invadir a igreja, investindo com a perigosa cruz e pondo a correr o cura e quem mais se encontrava lá por dentro. Pois bem: o Dr. Rosa não se despregou um instante do profeta maltrapilho - e de caderneta e lápis! - a anotar-lhe a furiosa fala todo o tempo em que ficou a espaventar o povo do arraial, acompanhando-o até bem fora dele, quando a assombração se dispôs a ir anunciar o apocalipse mais ao diante. É em "Recado do Morro", a quarta novela de *Corpo de Baile*, que reaparece o orate, rebatizado várias vezes pelo escritor: Nominedômine, ou Nomemdome, ou Santos-Óleos, ou ainda Jubileu... Escreve Guimarães Rosa, em uma das cenas em que entra o desmiolado peregrino:

> Estafermo mesmo assim, arava o passo, pernas tantas, até cada fim de rua, e retornava, estroso, ardente, cachorro caçado, sete fôlegos. Abria o peito:-É a Voz e o Verbo... É a Voz e o Verbo... Arreúnam, todos, e me escutem, que o fim do mundo está pendurando! Siso, que minha prédica é curta, tenho que muito ir e converter...

Alguém que alcança abordar o desatinado e merecer dele atenção e resposta - quem sabe se não o próprio Dr. Rosa, quando o seguia, fascinado, pelas ruas de Itaguara? - escuta o seguinte:

> - Sua pergunta é do rogo da fé, e não da carne, não moço. O senhor é homem gentil, tem galardão! Tem galardão... Mas eu sou o zerinho zero, mal-e-mal uma humilde criatura do Senhor: eu nem sou a Voz... Vinde, povo: senvergonhas, pecadores, homens e mulheres, todos. Todos eu amo, vim por vosso serviço, Deus enviou por mim, ele requer o vosso remimento. Dele tenho o praz-me. Olha o aviso; evém o fim do mundo em fogo, fogo, fogo! O mundo já começou a se acabar, e vós semprando na safadeza, na goiosa! Contraforma! Contraforma! Olha enquanto-é-tempo... Vamos, vamos: pra igreja! Todos me acompanhem. Aqui-del-papa! Aqui-del-presidente!" Desabalou de vez, olho na rua a longe, quase correndo, feito pulando rego, tinha de alargar também as pernas-aqueles rolos de pano nos pés dele foiçavam porção de poeira.

*Corpo de Baile, Grande Sertão: Veredas, Primeiras Estórias e Tutaméia* - os livros de Guimarães Rosa que se seguiram a *Sagarana* - estão povoados de gente assim, a mor parte escolhida no rol de criaturas conhecidas, pessoalmente ou por informação, durante a temporada que passou em seu arruadozinho de médico noviço. Os curiosos de saber de que pele Guimarães Rosa vestiu a inesquecível figura do compadre Quelemém, de *Grande Sertão: Veredas* - "Quelemém de Góis, da Jijuã, Vereda do Buriti Pardo..." - talvez encontrem resposta em Itaguara. Mas é preciso que se vá a um grotão enfurnado entre morros, lugar conhecido por Sarandi, de muitas fazendas parentes. Uma delas chama-se O Mambre - "morada, seio de Abrão", o dono explica. A graça do fazendeiro

é Manuel Rodrigues de Carvalho, de todos conhecido por Seu Nequinha. Espírita, estimado e ótimo remedista, foi ele - o próprio é quem diz - quem bastante acompanhou e bastante adjutorou o Dr. Rosa em seus primeiros chamados e aflições médicas. Anda o Nequinha, coitado, é mas é meio perrengue, de cama; tira ânimo e proveito, porém, da forçada permanência no catre, lendo Allan Kardec e o Chico Xavier, afora romances que manda comprar ou lhe levam de presente. A professora Maria Geralda Costa, simpaticíssima, encantadora hospedeira e cicerone de Itaguara - amável, expedita e danada de inteligente - Maria Geralda pôr-se-á pronta, como de igual há de fazê-lo relativamente às outras pessoas que se lembram do Dr. João Guimarães Rosa, para acompanhar ao Sarandi e à Fazenda do Mambre os desejosos de conversar, ouvir o repertório, e - por que não fazer render a visita? - tirar também excelente receita e muito bons conselhos com o velho, lido e suave Seu Nequinha.

O que se não pode mais, lamentavelmente, é ver a casa onde morou e clinicou o escritor, porque já de muito a desmancharam. Casa de quintal e porão, onde - dizem lá por Itaguara - Rosa hospedava bandos de ciganos que, àquela época, tanto percorriam as cidadezinhas rurais: "sempre gostei de estrangeiro"... - confessa Guimarães Rosa, por boca de Riobaldo, em passo de *Grande Sertão: Veredas*. O conhecimento que exibe da vida errática e do linguajar cigano - fielmente fixado no conto "Corpo Fechado", em relato autobiográfico do pulha mas artimanhoso Mané Fulô - e mais aqui e ali no restante da obra literária de Guimarães Rosa, deve-o o novelista às pacientes horas passadas na convivência com os *calões* acampados no porão e quintal da casa de Itaguara, aprendendo com eles a gíria arrevesada, as histórias de um viagear aventureiro e sem parada, as tretas no consertar e mercar tachos de cobre, e, especialmente, no pândego passar a perna à caipirada, invencíveis que sempre foram, os finórios dos ciganos, em tramas de cavalos e quejandas malas-artes.

O capitão-médico João Guimarães Rosa chegou a Barbacena no dia 3 de abril de 1933. Data de grande festa: todo o povo comparecera à estação da Central do Brasil a assistir ao desembarque do 9.º Batalhão de Infantaria da Força Pública de Minas Gerais, que vinha para aquartelar-se em definitivo.

O frescor do clima, os diversos trens diários da Central do Brasil, a proximidade com o Rio de Janeiro e Belo Horizonte - essas vantagens, facilidades e recursos, faziam de Barbacena, já àquele tempo, uma das mais populosas e adiantadas cidades mineiras. O quartel pouco exigia de Guimarães Rosa - quase que somente a revista médica rotineira, sem mais as dificultosas viagens a cavalo que eram o pão-nosso da clínica em Itaguara, e solenidade ou outra, em dia cívico, quando o escolhiam para orador da corporação - sobrando-lhe prazo para a ocupação a que, desde rapazinho, se vinha dando fervorosamente: o aprendizado de idiomas estrangeiros.

Escreveu a Chiquiloff - seu amigo professor de Belo Horizonte - pedindo livros e mais material de estudo em língua russa; descobriu e passou a cultivar amizade com famílias alemãs para o treinamento de conversação, e iniciou-se em japonês com um Sr. Númia, floricultor local. O francês, aperfeiçoava-o com o poeta barbacenense Honório Armond, e com o Dr. Doux, presidente do Clube Comercial, ponto de reunião de boa sociedade dada às letras, freqüentado por Rosa, que ali fora encontrar, além de inteligentes serões, alguns parceiros de xadrez.

A exata notícia que se tem de uma próxima e total mudança de vida - não se sabe se plano secreto e pacientemente preparado, se fortuita inspiração - transmite-a Guimarães Rosa a um ex-companheiro de pensão e de faculdade ficado em Belo Horizonte - um quase-irmão com quem carteia assíduo e muito íntimo - o Dr. Pedro Moreira Barbosa.

Em bilhete dirigido a esse amigo diletíssimo, datado de 10 de março de 1934 - menos de um ano, portanto, de permanência no quartel de Barbacena - Rosa prepara-lhe o espírito para séria revelação. Escreve:

*Como nunca é bom ficar-se estacionário, já concebi novos planos, desta vez bem mais grandiosos que os de costume, e que surpreenderão muito a você, quando lhos revelar. Por enquanto, só digo que pretendo deslocar-me, muito brevemente, para o Rio de Janeiro...*

Dez dias depois, a 20 de março, em agora longa e pormenorizada carta:

*...se você puder, procure obter para mim, ou com os empregados da Faculdade de Direito ou com algum aluno da mesma, a coleção ou série completa dos Pontos de Direito Internacional Público, síntese das aulas do Professor Alberto Deodato, prelecionadas para o 3.º ano...*

E, mais adiante, abre o coração:

> Lembro-me de ter dito a você, parece-me que em Itaguara, que me achava decepcionado com a realidade da Medicina, sentindo até algum arrependimento por não ter estudado Direito, carreira que então já me aparecia como mais compatível com o meu temperamento e com as minhas fracas aptidões...

Em outro tópico da carta, prossegue Guimarães Rosa:

> Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre "aprés avoir couché avec..." Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho material-só posso agir satisfeito no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. Sou um jogador de xadrez-nunca pude, por exemplo, com o bilhar ou com o futebol...

Mas adiante, após o desabafo, confessa a aspiração que o empolgava:

*Talvez eu esteja exagerando nas cores, mas o que é certo é que hoje toda a minha admiração, fervente, entusiástica, irrestrita, se voltou para outra carreira, a mais nobre e distinta de todas, a mais selecionada, a de mais difícil acesso, talvez-a* DIPLOMACIA.

Pedro Moreira Barbosa manda o que Rosa quer - as aulas do Professor Alberto Deodato - e, cinco meses depois, a 13 de agosto, recebe a comunicação do êxito do amigo no concurso a que se submeteu no Itamarati para ingresso na carreira diplomática. A importância que dá Guimarães Rosa ao fato leva-o a escrever:

*Terminei o primeiro capítulo do 2.º volume da minha vida...*

E acrescenta, no final da carta:

*Penso que encontrei ainda o tempo a minha verdadeira vocação. Pretendo seguir o curso de Direito, especializar-me em Direito Internacional e em línguas eslavas, escrever alguns livros de literatura e ver o mundo lá fora.*

É a primeira vez, após quatro anos da publicação de "Caçadores de Camurças", terceiro e último conto de Guimarães Rosa na revista *O Cruzeiro*, que volta ele a manifestar interesse pela ficção, anunciando o propósito de "escrever alguns livros de literatura". Vê-se - apesar da corrida menção que deixa escapar desse objetivo, misturado com aspirações outras e bem diversas - que as cadernetas de Itaguara mais as informações colhidas no quartel de Barbacena sobre o jaguncismo barranqueiro do rio São Francisco, tudo era material armazenado para consciente e perseguido fim. Mas, nenhuma precipitação: dois anos depois é que resolveria pôr-se à prova, concorrendo ao Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras com *Magma*, o volumezinho de versos. Conquista o primeiro lugar, mêrce de elogioso parecer de Guilherme de Almeida - não apenas entusiástico relativamente ao candidato vencedor, mas bastante pessimista e até que severo com respeito aos mais concorrentes, pois nem um "aproximador segundo prêmio" admite o relator seja concedido... - e, entretanto, a vitória ainda não satisfaz a Guimarães Rosa. Recebe o prêmio, discursa nesta Casa quando lho entregam em sessão solene, mas não manda à estampa *Magma*. Um ano depois, por ocasião do lançamento do Prêmio Humberto de Campos pela Livraria José Olympio Editora, Rosa põe novamente de fora a garra, para ver como ele andava: inscreve-se candidato ao prêmio, agora com o pseudônimo de "Viator", apresentando livro de contos. Alcança o segundo lugar, provoca os protestos de Marques Rebelo, um dos membros da comissão julgadora, porque este considerava o trabalho de "Viator" merecedor da primeira classificação, e... desaparece, inidentificado!

O que acaba de dizer-se principia a repetir história conhecida, como já e mais conhecido passa a ser Guimarães Rosa, a partir de sua entrada, mediante brilhantíssimo concurso, no Ministério das Relações Exteriores. Quanto à vida diplomática, hão de ser muitas e bem explícitas as informações do Itamarati, arquivadas em pasta funcionária, e nada difíceis de obter, igualmente, abundantes depoimentos com os colegas de carreira. Depois da atoarda produzida por *Sagarana*, publicado nove anos após o julgamento do Prêmio Humberto de Campos, aí é que, posto em foco pelo entusiasmo da crítica e interesse dos leitores, bem mais fácil se tornará a tarefa perquisidora dos biógrafos de Guimarães Rosa.

De ajuda a esses estudiosos, pouco, ou quase nada, posso a mais oferecer - se de alguma valia tem sido, até aqui, meu empenho colaborador. Creio, entretanto, ser de vantagem a indicação das cartas escritas por Guimarães Rosa ao amigo Dr. Pedro Moreira Barbosa, hoje importante homem de indústria tecelã, residente em Belo Horizonte. Assinadas pelo primeiro, guarda o segundo cerca de cem cartas, a mais antiga datada de 10 de março de 1934, a mais recente escrita em 11 de julho de 1967, quatro meses antes do desaparecimento do escritor. Extremada afeição ou milagrosa presciência da culminância a que se altearia o ex-colega de pensão e de faculdade, o que importa é o haver o Dr. Barbosa conservado consigo, trancado no cofre, o precioso pecúlio, amealhado em trinta e três anos de amizade e confiança.

Para que se tenha idéia da fartura de subsídios extraíveis dessa correspondência, vai aqui a transcrição de um pedido de Guimarães Rosa ao amigo de Belo Horizonte, em carta remetida de Paris em 19 de julho de 1949. Antes, porém, curta explicação: havia,

nas Pindaíbas, fazenda dos pais de Pedro Barbosa, em Paraopeba - lugar a que Rosa, ao tempo de estudante, costumava ir com o colega de faculdade - vivia lá um empregado, de nome Hermenegildo, alcunhado de Mechéu, cujo serviço era cuidar do quintal e dos porcos, rachar lenha, ajudar na cozinha, levar comida para as turmas da lavoura...: o perfeito modelo do tradicional e indefectível peão caseiro e quintaleiro - típica personagem de qualquer história campestre. De Paris, vinte anos depois de o ter conhecido, Guimarães Rosa lembra-se do Mechéu, precisado dele para um de seus contos - e é em *Tumatéia*, o último livro de Rosa, que irá aparecer o zelador de porcos das Pindaíbas - e manda buscar-lhe a ficha completa. Eis o que pede Rosa ao Dr. Pedro:

> ... Mas, meu velho, antes que eu me esqueça, acuda aqui ao seu parente. Estou, afinal, pondo em papel a biografia romanceada do grande MECHÉU, e preciso, sem falta, de mais alguns dados. Por amor-de-Deus, mande-me, pois, o seguinte:
> "I — Como era, mais ou menos, a fisionomia dele?
> A expressão?
> O aspecto?
> (Sei que era alto e magro, mas gostaria de saber também o formato da cabeça, cabelos, se tinha pescoço fino ou grosso, cor e tamanho dos olhos, barba ou não barba, cor da pele, formato das orelhas, e outras peculiaridades que ocorram.)
> "II — Que fazia ele, em geral, à tarde, acabado seu serviço?
> "III — Além de tratar dos porcos, preparar a bóia suína na masseira, levar comida à roça, para as camaradas, tinha ele mais algum serviço?
> "IV — E aos domingos, que fazia?
> "V — Era religioso? Supersticioso?
> "VI — Andava descalço?
> "VII — E em matéria de vestir-se?
> Que chapéu usava, por exemplo?
> Gostaria de vestir roupa velha que vocês lhe dessem?
> "VIII — Tinha algum modo especial de caminhar?
> *"IX — Dedicava alguma especial inimizade aos cachorros? Maltratava os animais?*
> *"X — Que coisas gostava mais de comer?*
> *Gostava de cachaça?*
> *"XI — Na fala: gaguejava? Ria muito ou pouco?*
> *Que é que lhe dava mais raiva?*
> *"Nada de preguiça, oh Peréra! Forneça-me isto e mais alguma coisa marcante ou engraçada, que lhe vier à lembrança sobre o inolvidável Hermenegildo. Recorra também ao nosso Américo. E eu bendirei mais uma vez o pronto e eficaz auxílio (que dá sorte). Você está lembrado do questionário sobre as 'vozes de comando' do carreiro, com o qual você me espanou a memória, para o* Sagarana?"

Assim trabalhava Guimarães Rosa. Não lhe bastava a memória pronta, tampouco a recheada capanga das suas cadernetinhas de apontamentos. Gostava de conferir e reconferir tudo, distribuindo questionários - escrevendo ao pai, parentes e amigos, em

permanente e preocupada busca: as figuras que decidia admitir em seu mundo novelesco, e o cenário onde as colocar - nada podia carecer de ser exato.

Quando se dispõe a partir para a estupenda aventura de *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa não o faz sem antecipada e até que exagerada preparação. Material sobrava-lhe - a colheita de Itaguara e do quartel de Barbacena, e mais os questionários respondidos por informantes de confiança. A pena de escrever, essa, Rosa, já a tinha afiadíssima. Mas sabia faltar-lhe, ainda, o essencial: o reconvívio com seu pago e sua gente, de tudo apartado pelos muitos anos de exercício diplomático no exterior. E precisava também de ver, com olhos próprios, nem que fosse o começozinho do sertão de suas fantasias de criança, os descampados sem fim que principiavam além, muito além - tombada dos morros de Cordisburgo - lá onde iam e de onde vinham os forasteiros apeados do trem para o almoço ou o jantar no Hotel da Nhatina: a terra das sangrentas correrias de Indalécio, Rotílio Manduca e Antonio Dó, o palco em que sonhava encenar a epopéia do amor de Riobaldo e Diadorim, e da eterna e terrível batalha de Deus e do Demônio.

Chico Moreira, velho amigo e meio-parente seu, de Cordisburgo, programa-lhe a viagem. Por terra, a cavalo, coisa de uns dez ou doze dias, cinqüenta léguas de estrada boiadeira, em trecho bem escolhido do antigo caminho por onde descia o gado curraleiro dos campos gerais - do São Francisco. Isso, em 1952. Chegado havia pouco de Paris, com quarenta e quatro anos de idade, ministro-conselheiro e chefe de gabinete do Ministro de Estado, Guimarães Rosa enfia o gibão de couro, calça espora, e, tal e qual um peão-de-gado comum, inclusive na comitiva que o aguardava na Fazenda da Sirga - camaradagem, tropa e trezentas e poucas reses - no lugarejo de Andrequicé, às margens do rio São Francisco.

Zito - João Henrique Ribeiro é seu nome de batismo - cozinheiro da comitiva, passa horas contando casos e mais casos dessa viagem. É ainda moço, e muito esperto e muito falador. Zito pode ser encontrado em uma furna enfeitada de bonita vereda de buritis, fresco lugar chamado Barroca, pertinho da recente represa de Três Marias. Não se esquece do novato que lhe arranjara o patrão Chico Moreira, do camarada de caderneta pendurada ao pescoço por alçazinha de barbante, a caçar assunto, ora com um, ora com outro cavaleiro... O doutor acaba por arrancar - refere Zito - de todos os companheiros de viagem, o que muito bem quer: do Manuelzão, o capataz, desde meninote a tanger boiada pelo sertão do São Francisco, anota-lhe, tintim por tintim, a aventurosa vida - tão bem aproveitada em "Uma Estória de Amor", de *Corpo de Baile*; do Bindóia, cantador de modas, o inteirinho repertório; do Santana, do Gregório, do Sebastião de Jesus...

Zito fala com saudade do Dr. Rosa. Conta como o pobre suportou, sem queixa, a dura peripécia: à noite - a viagem ocorreu em friíssima quadra do mês de maio! - era o derradeiro a ir dormir, ocupado em pôr ordem nas anotações do dia, óculos muito chegados ao papel, à luz ruim da lamparina. Foi assim nas Toldas, no Catatau, Riacho das Vacas, Fazenda Santa Catarina, Meleiro, Retiro dos Brabos, Barreiro do Mato, nas Tabocas, na Taboquinha... Dez pousos, em rebaixas de chiqueiro, em devassados paióis, até de simples pelego estendido ao pé do apaga-não-apaga foguinho do acampamento.

De Araçaí, onde Manuelzão entregou a boiada ao Chico Moreira, Guimarães Rosa seguir para Cordisburgo.

A estaçãozinha é a mesma, o mesmo é o letreiro do oitão achalezado: "DISTÂNCIA: 743.467 — ALTITUDE: 664.000". Os morros, muitos já pelados do mato, mas acolá

estava, acaçapado entre eles, o telhadão enferrujado da Fazenda do Brito Velho. A casa da esquina da Rua de Cima com o beco... - ah, haviam-lhe tirado o alpendrezinho da esquerda da fachada, trocado por uma segunda janela uma das cinco portas da venda!... E tinham mexido no acrescente da cozinha e no muro de pedra solta, derrubado o jenipapeiro...

Como poderia Guimarães Rosa escrever "Campo Geral" se não houvesse regressado àquele tempo? Se, ao deixar a casa, que já não era a sua, não tivesse vivido de novo, olhos fechados para sofrê-la fundamente, a cena da despedida, menino outra vez, agarrado à mão do avô, na hora de tomar o trem para ir estudar na escola de Belo Horizonte?

Frei Esteves, Mestre Candinho, os vizinhos e fregueses da Venda do Florduardo, o inseparável amigo de infância Juca Bananeira. A Mãe, Tio Cândido, a criançadazinha, os cachorros, o papagaio. O Pai, esse precisava de disfarçar as lágrimas: " - Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim..." Trinta e seis anos, e tudo reponta, inteiro e latejante, na página final da "estória de Miguilim":

*Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.*

Senhoras e senhores:

Confesso-vos que me sinto, agora, ao ter de cerrar-me, tal como me sentia, não faz muito tempo, ao dar por findo o improvisado serviço de peão alongador, saído a bater os passos do grande Mestre. Convencido do muito que tentei, mas certo, por outra parte, do pouco que logrei. A esperança de algum proveito são as marcas que ficaram à borda dos trilheiros: esses galhos quebrados de árvore e esses talhos a facão que é costume fazer nos troncos mais à vista. Ao menos de referência, hão de servir para alheias e mais úteis caminhadas.

À minha despedida, permiti-me manifestar a orgulhosa satisfação de minha cidade, em-antes sertaneja como o era a cidadezinha serrana de João Guimarães Rosa: Monte Carmelo, minha terra, que, aqui, veio alinhar-se ao lado de Cordisburgo, ao lado da gaúcha Cachoeira, de João Neves da Fontoura, ao lado também da maranhense Caxias, de Coelho Netto. É o Brasil interiorano - genuíno de nascença e vibração - a ocupar, sem quebra de continuidade, a cadeira de Álvares de Azevedo, tradição que esta Casa houve por bem manter.
São Paulo é quem virá saudar, por procuração desta Academia, o quarto ocupante da cadeira cujo patrono é também um paulista. Nós, os mineiros do Triângulo, gratamente cultivamos as boas relações de vizinhança e convivência com São Paulo, filhos de quem já fomos, no passado. Cândido Mota Filho, amigo muito querido, falar-me-á ao coração de forma especialíssima. Das mãos de Múcio Leão - prestigiosas mãos que tanto me ajudaram a chegar até a esta Casa - receberei o Colar Acadêmico, o que, também, sobremaneira, me comove.

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos:
Uma vez - já faz muito tempo - Guimarães Rosa ajustou comigo uma viagem de avião ao sertão urucuiano. Declarou-me, então, precisar de conhecer, de pelo menos sobrevoar baixinho, seguindo-o volta por volta, croa por croa, o seu sonhado Urucuia: comprido e calado de águas - o verde, o azul rio de suas histórias. Bom seria se pudéssemos aterrisar - pediu Rosa - nem que fosse apenas para "molhar as mãos, o rosto, beber um gole de água..." Eu costumava ir a uma fazenda urucuiana, bem à beira do rio, onde a gente podia descer de teco-teco. Levá-lo-ia até lá, sim, à hora em que o desejasse...

Ao ler, recentemente, as cartas por ele escritas ao seu amigo Dr. Pedro Moreira Barbosa, em uma delas, datada de 8 de agosto de 1956, encontrei a seguinte referência ao passeio concertado:

*E, para agora, estou tentado por uma excursão ao sertão, ao Alto Urucuia, com o Deputado Mário Palmério; mas será via Uberaba, ainda dessa vez Belo Horizonte ficará ao largo e ao longe...*

Mas o tempo foi-se escoando, escoou-se, e Rosa ficou sem ter ido ver o seu rio.

Fui eu, então, pois algo dentro de mim teimava em garantir haver ainda jeito de cumprir o combinado. Levantei vôo, e, sozinha, a bússola procurou o norte exato, o justo rumo de Cordisburgo... Sim Rosa estava ao meu lado, viajava comigo. Passei-lhe os comandos - o mancho e os pedais - e foi ele quem dirigiu o avião o tempo todo. E sempre e sempre para o norte: Curvelo, Corinto, Pirapora, o rio São Francisco. Vila de Paracatu, São Romão, depois - Vila Risonha de São Romão -, logo em seguida a barra do Urucuia. "É verde, é azul... é azul, é verde..." - eu o ouvi, então, a ele, Rosa, cantar o refrão das araras do seu *Grande Sertão: Veredas*. É verde, é azul, é azul, é verde... - sim, foi uma bela viagem: a viagem de pausa, de maravilha e de saudade.

MEU CARO GUIMARÃES ROSA:

Deus nos permitiu, a ambos, realizássemos o velho desejo: você pôde matar a vontade, pude eu pagar a promessa. E muito, muito obrigado, por me haver acompanhado até aqui.

**Biografia – Academia Brasileira de Letras**

Quarto ocupante da Cadeira 2, eleito em 4 de abril de 1968, na sucessão de Guimarães Rosa e recebido pelo Acadêmico Cândido Mota Filho em 22 de novembro de 1968.

Mário Palmério (M. de Ascenção P.), político e romancista, nasceu em Monte Carmelo, MG, em 1º de março de 1916, e faleceu em Uberaba, MG, em 24 de setembro de 1996.
Filho de Dr. Francisco Palmério e de D. Maria da Glória Palmério. Engenheiro civil e advogado, o Dr. Francisco Palmério foi homem de cultura e de largo prestígio em toda a região triangulina, exercendo, nos últimos anos de sua vida, o cargo de Juiz de Direito nas várias comarcas do Estado, tendo falecido em Uberaba aos oitenta anos de idade.
Mário Palmério fez seus estudos secundários no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Regina Pacis, de Araguari, licenciando-se em 1933. Em 1935, matriculou-se na Escola Militar de Realengo, no Rio, de onde se desligou, no ano seguinte, por motivos de saúde. Em 1936, ingressou no Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, sendo designado para servir na sucursal de São Paulo.
Na capital paulista, iniciou-se no magistério secundário, como professor de Matemática no Colégio Pan-Americano, estabelecimento de ensino então mantido pela Escola Paulista de Medicina. Passando a lecionar em outros estabelecimentos, pouco tempo depois Mário Palmério dedicava-se exclusivamente ao magistério. Em 1939, matriculou-se na seção de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, época em que passou a lecionar também no Colégio Universitário da Escola Politécnica, por nomeação do Governo daquele Estado.
Seu destino seria realizar obra educacional de maiores proporções e, atraído pelo extraordinário progresso que alcançava Uberaba e toda a região triangulina, em virtude do desenvolvimento de sua pecuária de gado indiano, Mário Palmério deixou São Paulo para abrir naquela cidade mineira o Liceu do Triângulo Mineiro.
Em 1945, construiu imponente conjunto de edifícios, na cidade de Uberaba, para sede do Colégio do Triângulo Mineiro e da Escola Técnica de Comércio do Triângulo Mineiro, e visava já à criação da primeira escola superior a instalar-se na região. Em 1947, o Governo Federal autorizou o funcionamento da Faculdade de Odontologia do Triângulo Mineiro, fundada por Mário Palmério, primeiro passo para a transformação de Uberaba em cidade universitária.

No Triângulo Mineiro, Mário Palmério fundou, em 1950, a Faculdade de Direito e, em 1953, a Faculdade de Medicina. Por essa época exercia o mandato de deputado federal por Minas Gerais, tendo sido eleito em 1950 na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro. Suas atividades desdobraram-se assim em dois setores importantes, o educacional e o da representação parlamentar.

Na Câmara dos Deputados exerceu a Vice-Presidência da Comissão de Educação e Cultura durante todo o seu primeiro mandato (1950-1954). Reeleito em 1954, passou a integrar a Comissão de Orçamento e a Mesa da Câmara. O exercício do mandato e suas outras atividades no Rio de Janeiro não impediram, entretanto, seu trabalho educacional em Uberaba, e Mário Palmério fundou, em 1956, a Escola de Engenharia do Triângulo Mineiro.

Estréia na vida literária não propriamente tarde, mas a meio caminho: só aos 40 anos aparece seu primeiro livro, fruto de aventura intelectual cujo propósito era bem outro, isto é, a política. "Vila dos confins nasceu relatório, cresceu crônica e acabou romance...", segundo confessa o próprio autor.

Todo o trabalho nos campos de atividade ele realizou inspirado pelo amor à sua terra e à sua gente. A mesma inspiração levou-o a prosseguir, a tentar novas e fecundas iniciativas. Construiu em Uberaba a Cidade Universitária em terreno de área superior a 300.000 metros quadrados, e o Hospital "Mário Palmério", da Associação de Combate ao Câncer do Brasil Central, maior nosocômio em todo o interior do Brasil.

Candidatando-se novamente, em 1958, Mário Palmério reelegeu-se, pela terceira vez - e agora com expressiva votação - deputado federal por Minas Gerais. Em setembro de 1962, desejoso de afastar-se das lides partidárias, foi nomeado pelo Presidente João Goulart para o cargo de Embaixador do Brasil junto ao Governo do Paraguai. Assumiu o posto em 10 de outubro do mesmo ano. Permaneceu nessa missão até abril de 1964; sua passagem pelo Paraguai, na condição de Embaixador do Brasil, foi marcada por intenso trabalho, destacando-se a reforma e reinstalação do edifício da Embaixada, a conclusão das obras do Colégio Experimental - doado ao Paraguai pelo Governo Brasileiro - e da Ponte Internacional de Foz do Iguaçu, e a instalação em novo edifício, amplo e central, do Serviço de Expansão e Propaganda, Missão Cultural e Consulado. Dando ênfase às atividades culturais e artísticas, Mário Palmério integrou-se no seio da intelectualidade paraguaia, estreitando-se assim, os laços de compreensão e amizade entre os dois países.

De regresso ao Brasil, Mário Palmério reencetou suas atividades literárias. Isolando-se em fazenda de sua propriedade, no sertão sudoeste de Mato Grosso - a Fazenda São José do Cangalha - escreveu Chapadão do Bugre, romance para o qual vinha colhendo, desde o êxito de Vila dos confins, abundante material lingüístico e de costumes regionais, e que recebeu de toda crítica os mais rasgados elogios. Lançado em outubro de 1966, o romance teve inúmeras edições.

Durante vários anos viajou de barco pelo rio Amazonas e seus afluentes, levantando dados sobre a realidade física, social e cultural da Região Amazônica. Em 1987, deixou de vez o Amazonas e voltou a morar em Uberaba, como Presidente das Faculdades Integradas daquela cidade. Em 1988, recebeu a medalha Santos Dumont, conferida pelo Ministério da Aeronáutica.
Mário Palmério era casado com D. Cecília Arantes Palmério. Teve dois filhos: Marcelo e Marília.

# Livros Grátis

( http://www.livrosgratis.com.br )

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo